



PRÉMIO DE LITERATURA DA UNIÃO EUROPEIA

O FIM DA SOLIDÃO

“Uma infância difícil é como um inimigo invisível.
Nunca se sabe quando nos vai atingir.”

BENEDICT WELLS

ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Ficha Técnica

Título: O FIM DA SOLIDÃO

Título original: VOM ENDE DER EINSAMKEIT

Autor: Benedict Wells

Edição: Carmen Serrano

Tradução: Paulo Rêgo

Revisão: Rita Almeida Simões

Capa: Carlos Miranda

Imagem da capa: Nicola Smith/Trevillion Images

Fotografia do autor: Roger Eberhard

ISBN: 9789892344409

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2016, Diogenes Verlag AG Zürich

Licença de edição e comercialização em todo o mundo,
exceto no Brasil.

© 2019, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt



Este livro recebeu o apoio para a tradução do Goethe-Institut.

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

BENEDICT WELLS

O FIM DA SOLIDÃO

Para a minha irmã

Traz a cadeira até à beira do abismo
e eu conto-te uma história.

F. Scott Fitzgerald

PRIMEIRA PARTE

Há muito que conheço a morte. Agora, porém, também ela me conhece.

Abro os olhos com cuidado, pestanejo um par de vezes. Pouco a pouco, a escuridão vai cedendo. Um quarto despido, iluminado apenas pela débil incandescência verde e vermelha de pequenos aparelhos e pelo raio de luz que incide através da porta apenas encostada. O silêncio noturno de um hospital.

Tenho a sensação de ter acordado de um sonho que durou vários dias. Uma dor quente e indistinta na perna direita, no abdómen, no peito. Na cabeça, uma suave trepidação, que se vai intensificando. Paulatinamente, vou-me apercebendo do que terá acontecido.

Sobrevivi.

As imagens vão emergindo. Eu a sair da cidade, na moto, acelero, diante de mim a curva. Na estrada, as rodas a perder aderência, vejo a árvore vir na minha direção, tento em vão desviar-me e evitá-la, fecho os olhos...

Que foi que me salvou?

Lanço um olhar de soslaio para o corpo. Colar cervical, a perna direita imobilizada, provavelmente com gesso, a clavícula ligada. Antes do acidente, estava em boa forma, bastante boa até, para a minha idade. Talvez isso me tenha ajudado.

Antes do acidente... Não havia mais qualquer coisa, bem diferente do comum? Porém, não quero sequer recordá-lo, prefiro pensar no dia em que ensinei os meus filhos a fazer um seixo ressaltar na superfície da água. Nas mãos do meu irmão, a gesticular, quando discute comigo. Na viagem a Itália que fiz com a minha mulher e como, de manhã bem cedo, passeámos em redor de uma baía na costa de Amalfi, enquanto o dia nascia e o mar embatia suavemente nos rochedos e formava espuma...

Dormito. No sonho, estamos de pé na varanda. Ela lança-me um olhar penetrante, como se conseguisse ver através de mim. Com o queixo aponta

para o pátio interior, onde as nossas crianças estão a brincar com os rapazes do vizinho. Enquanto a nossa filha trepa corajosamente a um muro, o nosso filho é mais contido e limita-se a observar os outros.

– Nisto, ele é como tu – diz ela.

Ouço-a rir e alcanço-lhe a mão...

Apitos contínuos. Um enfermeiro instala um novo saco de soro. Ainda é de noite. *Setembro 2014*, diz um calendário afixado na parede. Tento sentar-me direito.

– Que dia é hoje?

A minha voz soa-me estranha.

– Quarta-feira – responde o enfermeiro. – Esteve dois dias em coma.

É como se ele falasse de outra pessoa.

– Como se sente?

Volto a recostar-me.

– Um pouco tonto.

– É perfeitamente normal.

– Quando posso ver os meus filhos?

– Avisarei a sua família logo de manhã, bem cedo. – O enfermeiro dirige-se à porta, detendo-se aí por breves instantes. – Qualquer coisa, toque a campainha. A médica especialista não tardará a vir ver de si.

Como não respondo, ele deixa o quarto.

O que faz uma vida tornar-se aquilo que é?

Em pleno silêncio, escuto cada pensamento e, às tantas, estou já perfeitamente acordado. Começo a reviver certas etapas do meu passado. Rostos que julgava ter esquecido vêm ao meu encontro, vejo-me ainda jovem no campo de desportos do internato, vejo a luz vermelha da minha câmara escura em Hamburgo. De início, as recordações são pouco nítidas, mas no decurso das horas seguintes vão-se tornando mais precisas. Os pensamentos vão fluindo e progredindo cada vez mais rumo ao passado, até por fim desaguiarem na catástrofe que ensombrou a minha infância.

Correntes
(1980)

Quanto eu tinha sete anos, a minha família passou férias no Sul de França. O meu pai, Stéphane Moreau, era originário de Berdillac, uma aldeia próxima de Montpellier. Mil e oitocentos habitantes, uma *boulangerie*, uma *brasserie*, duas quintas vinícolas, uma marcenaria e uma equipa de futebol. Fomos visitar a nossa avó, que nos últimos anos não saíria dali.

Como em todas as viagens de automóvel longas, o meu pai usava um velho blusão de cabedal castanho-claro. No canto da boca, sempre o cachimbo. A nossa mãe, que dormitara a maior parte da viagem, pôs a tocar uma cassette com canções dos Beatles. Virou-se para mim.

– Para ti, Jules.

«Paperback Writer», então a minha canção favorita. Ia sentado atrás dela e cantarolava. À música sobrepunha-se o barulho que os meus irmãos faziam. A minha irmã beliscara a orelha do meu irmão. O Martin, a quem chamávamos apenas Marty, deu um grito e queixou-se aos nossos pais.

– Seu queixinhas parvalhão – disse a Liz, voltando a beliscar-lhe a orelha.

A briga intensificou-se, até que a nossa mãe se virou e lhes lançou um olhar. Um olhar que era uma obra-prima. Demonstrava compreensão não só pelo Marty, face às maldades da irmã, como também pela Liz, face ao irmão que a enervava; demonstrava sobretudo que qualquer briga era perfeitamente absurda. Além disso, dava a entender que talvez houvesse um gelado na estação de serviço seguinte, para as crianças bem-comportadas.

Cada um deles tratou logo de deixar o outro em paz.

– Afinal, porque é que temos de vir ver a avó todos os anos? – questionou o Marty. – Porque é que não vamos uma vez a Itália?

– Porque é assim que deve ser. E porque a vossa *mamie* fica toda contente com a vossa visita – respondeu o nosso pai em francês, sem desviar os olhos da estrada.

– Não é verdade. Ela não gosta de nós.

– Além disso, ela tem um cheiro esquisito – comentou a Liz. – A móveis velhos estofados.

– Não, ela cheira é a cave bolorenta – sugeriu o meu irmão.

– Não estejam sempre a dizer essas coisas da vossa *mamie*! – ordenou o nosso pai, enquanto conduzia o carro por uma rotunda.

Espreitei pela janela. Havia arbustos de tomilho, extensões de garrigue e carvalhos retorcidos a perder de vista. No Sul de França, o ar era mais aromático, as cores mais intensas do que em casa. Levei a mão ao bolso e pus-me a brincar com as moedas prateadas, os francos que haviam sobrado do ano anterior.

Ao fim da tarde, chegámos a Berdillac. Em retrospectiva, aquele lugar parecia-me sempre um velho ancião, resmungão mas no fundo adorável, que passava o dia inteiro a dormir. Tal como em muitos outros lugares do Languedoc, as casas eram construídas à base de arenito, tinham portadas simples e telhas vermelhas e envelhecidas pelo tempo, banhadas pela luz suave do Sol já baixo.

A gravilha rangeu sob as rodas, quando a carrinha se deteve diante da casa no fim da rue Le Goff. Emanava algo de sinistro do edifício, a fachada exterior apresentava-se coberta de hera, o telhado parecia degradado. Exalava um cheiro a passado.

O nosso pai foi o primeiro a sair e, com passos apressados, elásticos, encaminhou-se para a porta. Naquela altura, estaria no seu auge, como se costuma dizer. Com trinta e poucos anos, mantinha o seu cabelo negro e farto e dirigia-se a toda a gente com uma cortesia afável. Eu próprio via muitas vezes vizinhos e colegas reunidos em redor dele, escutando-o como que fascinados, enquanto ele falava. O segredo estava na voz: suave, não demasiado grave, nem demasiado aguda, a pronúncia apenas insinuante, cingia e acercava o ouvinte, como uma laçada invisível. Era bastante prezado na sua profissão de auditor externo, mas para ele nada mais contava a não ser a família. Cozinhava para todos nós aos domingos, tinha sempre tempo para nós, as crianças, e o seu sorriso arrapazado conferia-lhe uma imagem otimista. No entanto, ao olhar para fotografias posteriores dele, apercebi-me de que já então havia qualquer coisa que não estava bem. Os olhos. Havia neles uma centelha de dor, porventura também de medo.

A nossa avó surgiu à porta. Tinha a boca torta, e quase não olhava diretamente o próprio filho, como se sentisse vergonha de qualquer coisa. Abraçaram-se.

Nós, as crianças, ficámos a observar a cena ainda sentadas no carro. Constava que, na juventude, a nossa avó fora uma excelente nadadora e estimada por toda a gente da aldeia. Teria sido uns cem anos antes. Os seus braços tinham um aspeto frágil, a cabeça era pequena e enrugada como a de uma tartaruga, e já mal parecia suportar o ruído que os netos faziam. Tínhamos medo dela e daquela casa escassamente mobilada, com camas de ferro e papel de parede antiquados. Era um mistério, o nosso pai querer ali voltar todos os verões. «Era como se, ano após ano, ele tivesse de regressar ao lugar onde sofrera as suas maiores humilhações», disse o Marty certa vez, mais tarde.

No entanto, havia também o cheiro do café pela manhã. Os raios de sol nos ladrilhos do pavimento da sala. O suave tilintar que vinha da cozinha, quando os meus irmãos iam buscar os talheres para o pequeno-almoço. O meu pai, absorto na leitura do seu jornal, a minha mãe, a fazer planos para o dia. A seguir, visitas a grutas, passeios de bicicleta ou uma partida de petanca no parque.

Finalmente, com agosto a acabar, a festa anual das vindimas de Berdillac. À noite tocava a banda, as casas eram adornadas com lampiões e grinaldas e o cheiro de carne grelhada alastrava-se a todas as ruas. Ficávamos sentados, os meus irmãos e eu, na escadaria diante da câmara municipal, a ver os adultos dançarem na praça da aldeia.

Tinha na mão a máquina fotográfica que o meu pai me confiara. Uma *Mamiya* pesada e dispendiosa. Fora incumbido de tirar fotografias da festa. Entendi isso como uma honra, pois, de resto, o nosso pai nunca confiava as suas câmaras fosse a quem fosse. Orgulhoso, fiz umas quantas fotografias enquanto ele, com toda a elegância, ia percorrendo a praça a dançar com a nossa mãe.

– O papá é um bom dançarino – comentou a Liz, como se fosse uma entendida.

A minha irmã tinha onze anos, rapariga alta com caracóis louros. Já então sofria daquilo a que eu e o meu irmão chamávamos a «doença do teatro»; a todo o momento, a Liz comportava-se como se pisasse um palco. Resplandecia, como se lhe tivessem apontado vários holofotes, e falava

com tal volume e clareza que até as pessoas nas filas mais recuadas conseguiam ouvi-la sem problemas. Diante de desconhecidos, gostava de fingir uma maturidade precoce, mas na verdade só há pouco deixara para trás a sua fase das princesas. A minha irmã gostava de desenhar e cantar, de brincar na rua com os filhos dos vizinhos, passava frequentemente vários dias sem tomar duche, queria ser inventora num dia e no outro sonhava ser fada, e pareciam estar sempre a acontecer mil e uma coisas em simultâneo na sua cabeça.

Na altura, a maioria das raparigas fazia troça da Liz. Eu via com frequência a minha mãe sentada junto dela, no quarto, a conversar e a tentar acalmá-la, depois de as colegas a terem novamente irritado ou lhe terem escondido a pasta da escola. A seguir, também eu podia entrar no quarto da Liz. Então, ela abraçava-me impetuosamente, eu sentia o sopro quente da sua respiração na pele e ela contava-me tudo o que já contara à nossa mãe, porventura até mais. Eu amava a minha irmã acima de tudo, e isso não se alterou quando, anos mais tarde, ela me abandonou.

Depois da meia-noite, a aldeia mantinha-se envolta num calor húmido e abafado. Os homens e as mulheres que continuavam a dançar na praça, entre os quais os nossos pais, iam mudando de par a cada música. Ainda tirei mais uma fotografia, embora já quase não tivesse forças para segurar a *Mamiya*.

– Dá-me aí a máquina – disse o meu irmão.

– Não, o papá entregou-ma a mim. Sou eu que tenho de tomar conta dela.

– É um instante, quero só fazer uma foto. Tu já nem consegues segurá-la.

O Marty arrancou-me a máquina da mão.

– Não sejas antipático – disse a Liz. – O Jules ficou todo contente por poder ser ele a pegar na máquina.

– Sim, mas as fotos dele são uma trampa, não sabe regular a exposição.

– Tens mania que és sabichão, não admira que não tenhas amigos.

O Marty tirou umas quantas fotografias. Era o irmão do meio. Dez anos, usava óculos, cabelo moreno e rosto pálido, que nada tinha de invulgar. Enquanto na Liz e em mim se podiam encontrar claramente traços dos nossos pais, a aparência do Marty nada tinha de comum com eles. Parecia vindo de um qualquer nenhures, um forasteiro instalado no meio de nós. Eu

não gostava dele nem um bocadinho. Nos filmes que eu via, os irmãos mais velhos eram sempre rapazes heroicos que tomavam o partido dos irmãos mais novos. O meu irmão, porém, era um solitário que passava o dia inteiro metido no quarto, a brincar com a sua colónia de formigas ou a analisar amostras de sangue recolhidas de ratos ou salamandras que dissecava; na verdade, as suas reservas de pequenos animais mortos pareciam inesgotáveis. Havia não muito tempo, a Liz chamara-lhe «esquisitoide repugnante» e acertara em cheio.

Daquelas férias em França, para além do incidente dramático já perto do fim, restam-me apenas alguns fragmentos. No entanto, ainda me lembro bem de como, durante a festa, eu e os meus irmãos nos pusemos a observar as crianças francesas, que jogavam futebol na praça da aldeia, e da sensação de sermos forasteiros que nos sobreveio. Tínhamos nascido os três em Munique e sentíamos-nos alemães. Além de alguns pratos especiais, pouco mais havia em nossa casa que remetesse para as nossas raízes francesas, e só raramente falávamos francês. E, no entanto, os nossos pais tinham-se conhecido em Montpellier. O meu pai mudara-se para lá depois de acabar a escola, porque queria fugir da família. A minha mãe mudara-se para lá porque adorava França. (E porque queria fugir da família.) Quando falavam desses tempos, os meus pais contavam os serões em que iam ao cinema e em que a minha mãe tocava guitarra, o seu primeiro encontro numa pequena festa entre estudantes organizada por um amigo comum, ou como os dois – a nossa mãe já grávida – tinham ido viver para Munique. Depois de tais relatos, eu e os meus irmãos ficávamos sempre com a sensação de conhecermos bem os nossos pais. Mais tarde, depois de terem partido, fomos obrigados a constatar que nada sabíamos a respeito deles, absolutamente nada.

Fomos dar um passeio a pé, se bem que, ao sairmos de casa, o nosso pai não tenha revelado onde íamos e quase não tenha falado durante a caminhada. Subimos, os cinco, por uma encosta e alcançámos um pequeno bosque. Nessa colina, o meu pai deteve-se diante de um portentoso carvalho.

– Estão a ver o que está aqui gravado? – perguntou, num tom que no entanto soou ausente.

– *L’arbre d’Eric* – leu a Liz. – A árvore do Eric.

Observámos o carvalho.

– Alguém decepou um ramo aqui – comentou o Marty, apontando para uma zona da árvore que formava uma protuberância arredondada.

– Sim, é verdade – murmurou o pai.

Os meus irmãos e eu nunca conhecemos o nosso tio Eric. Fora-nos dito que ele morrera havia já muitos anos.

– Porque é que a árvore tem este nome? – perguntou a Liz.

A expressão do meu pai iluminou-se.

– Porque era junto desta árvore que o meu irmão seduzia as namoradas. Trazia-as aqui, sentavam-se no banco, olhavam para o vale lá em baixo, ele lia-lhes poemas e depois beijava-as.

– Poemas? – perguntou o Marty. – E funcionava?

– Sempre. E foi por isso que houve depois um galhofeiro qualquer que resolveu usar um canivete e gravar estas palavras na casca.

Naquela manhã ainda fresca, o meu pai fitou o azul do céu e a nossa mãe encostou-se a ele. Olhei para a árvore e, em silêncio, repeti:

– *L’arbre d’Eric*.

Chegou então o fim das férias, um último passeio. Durante a noite, voltara a chover, gotas grossas de orvalho pendiam das folhas, a frescura do ar matinal assentava sobre a minha pele. Como sempre acontecia quando me levantava cedo, tinha aquela sensação magnífica de que o dia me pertencia. Dias antes, conhecera uma rapariga da aldeia, chamada Ludivine, e falara dela à minha mãe. Sempre que as férias em França chegavam ao fim, o meu pai sentia alívio por saber que o assunto estava resolvido até ao ano seguinte. Por vezes, detinha-se, para fotografar, mas ia sempre assobiando, sem cessar. A Liz caminhava mais adiante, enquanto o Marty fechava o grupo e se arrastava com passos lentos e pesados. Quase sempre tínhamos de esperar por ele.

No meio do bosque, deparou-se-nos um rio repleto de cascalho, atravessado por um tronco de árvore. Uma vez que, assim como assim, teríamos de chegar ao lado de lá, eu e os meus irmãos perguntámos se podíamos passar por ali, tentando o equilíbrio.

O pai subiu para o tronco e testou-o.

– Pode ser perigoso – declarou. – Eu não atravesso aqui, isso é certo.

Também nós tratámos de saltar para o tronco da árvore. Só então nos apercebemos de todo o comprimento do tronco, de como a casca era escorregadia e o rio, largo e pedregoso. Teríamos de caminhar quase uns dez metros pelo tronco, e quem escorregasse e caísse à água iria quase de certeza ferir-se.

– Há uma ponte ali mais adiante – informou a Liz.

Embora estivesse sempre disposta a experimentar tudo e mais alguma coisa, a Liz esquivou-se desta vez e seguiu em frente, tendo o meu irmão seguido atrás. Só eu ali fiquei. Naquela altura, eu era estranho ao medo. Não muitos meses antes, fora o único da minha turma que se atrevera a descer de bicicleta um declive bem íngreme. Ao fim de uns metros, perdi o controlo, dei um trambolhão e acabei por partir o braço. No entanto, mal me vi livre do gesso e a fratura sarou, parti em busca de nova aventura perigosa.

Continuei de olhos cravados no tronco diante de mim e, sem refletir muito, avancei, colocando um pé após o outro.

– És maluco! – exclamou o Marty, mas nem o ouvi.

Houve uma vez que quase escorreguei. Olhar para o rio pedregoso que corria mais abaixo dava-me vertigens, mas entretanto já percorrera metade da travessia. O meu coração batia mais depressa, fiz os dois últimos metros a correr e cheguei ao outro lado, são e salvo. Ergui os braços, tal o alívio. A minha família seguiu pela margem esquerda do rio, até à ponte, enquanto eu caminhei sozinho, à direita. De vez em quando, olhava para eles e esboçava um sorriso. Nunca sentira tamanho orgulho.

O rio seguia o seu curso e deixava o bosque. Tornava-se mais largo, a corrente mais rápida; a chuva dos dias anteriores fizera aumentar o caudal. A margem estava lamacenta e mole, havia uma placa a avisar quem por ali passeasse de que não devia aproximar-se muito do rio.

– Quem ali cair, morre afogado – comentou o Marty, fitando a água torrentosa.

– Oxalá sejas tu a lá cair, para finalmente nos vermos livres de ti – disse a Liz.

Ele tentou dar-lhe um pontapé, mas ela esquivou-se habilmente e foi dar o braço à nossa mãe, daquele modo tão natural e indiferente que só ela conseguia.

– Portaste-te outra vez mal? – perguntou a mãe. – Parece que vamos ter de te deixar cá, com a avó.

– Não – respondeu a Liz, num tom horrorizado, meio verdadeiro, meio a fingir. – Por favor, não.

– Infelizmente, não me deixas outra escolha. A avó vai tomar bem conta de ti.

Imitou o olhar de admoestação da nossa avó e a Liz desatou a rir.

A nossa mãe era evidentemente a estrela da família, pelo menos para nós, os filhos. Atraente e graciosa, tinha amigos em toda a cidade de Munique e organizava jantares e festas para os quais também convidava artistas, músicos ou atores de teatro, que conhecera sabe-se lá onde. De resto, quando a descrevo como «atraente» e «graciosa», não estou de todo a exagerar, bem pelo contrário. São palavras miseráveis, incapazes de chegar perto de descrever a sensação que tínhamos de, por mero acaso, nos ter calhado como mãe uma mistura da Grace Kelly e da Ingrid Bergman. Em criança, parecia-me incompreensível que a vida dela não fosse a de uma atriz famosa, mas antes a de uma simples professora. Ela mesma costumava encarar os seus deveres domésticos com um sorriso ao mesmo tempo divertido e afetuoso, e só mais tarde tomei consciência de como ela se terá sentido tolhida.

Estávamos a descansar num relvado junto à margem do rio. O nosso pai ia enchendo o cachimbo, enquanto nós comíamos as baguetes com presunto que tínhamos trazido. Mais tarde, a mãe pôs-se a tocar umas quantas *chansons* do Gilbert Bécaud na guitarra.

Quando ela e o pai começaram a cantar, o Marty revirou os olhos.

– Por favor parem com isso. É tão embaraçoso.

– Mas não está aqui ninguém... – argumentou a nossa mãe.

– Está sim, ali!

O meu irmão apontou para a outra margem do rio, onde outra família acabara de se instalar. Os filhos eram da nossa idade e tinham consigo um jovem cão rafeiro, que não parava de correr de um lado para o outro.

Era meio-dia, o Sol ia já bem alto no céu. Com o calor que estava, o Marty e eu decidimos despir as *T-shirts* e deitámo-nos sobre uma manta. A

Liz garatujava num bloco; pequenos desenhos e o seu nome, uma e outra vez. Na altura, costumava pôr-se a experimentar que tipo de letra parecia mais bonito e escrevia-o por todo o lado, em papel, na mesa, em dossiês ou em guardanapos. *Liz, Liz, Liz.*

Os nossos pais foram dar um passeio e desapareceram para longe, agarradinhos um ao outro; ficámos nós, os três irmãos, ali no relvado. Toda a paisagem estava saturada de sol. O Marty e a Liz jogavam às cartas e eu entretinha-me a dedilhar a guitarra e observar a família do outro lado do rio. Estava sempre a ouvir as gargalhadas, entrecortadas com os latidos do cão. De vez em quando, um rapaz lançava um pau, que o rafeiro logo tratava de ir buscar, até o rapaz ficar claramente farto daquilo e esconder o pau sob uma manta. Porém, o cão queria continuar a brincar e ia correndo para junto de cada membro da família, até que, por fim, avançou pouco mais para jusante. Um galho maior ficara preso num arbusto denso junto à margem. O cão ia tentando arrancá-lo com a boca, mas não conseguia. A corrente do rio era forte e impetuosa ali. Eu era o único que observava aquela cena e senti os cabelos da nuca arrepiar-se.

O jovem cão puxava o galho e, naquele seu entusiasmo, foi-se aproximando cada vez mais das águas turbulentas. No momento em que decidi chamar a atenção da família diante de nós, ouvi um ganido. Um pedaço de terra da margem desagregara-se e o cão caíra à água. Ainda se agarrava ao galho, mas já só com as patas dianteiras e os dentes. Continuou a ganir e debater-se, a tentar regressar à margem que desmoronara, só que a corrente era demasiado forte. Os ganidos aumentaram de volume.

– Oh, meu Deus! – exclamou a Liz.

– Ele não vai conseguir – disse o Marty. Soou certo do que dizia, como um juiz que decidisse o desfecho da cena.

A família do outro lado correu para o cão. Mal ali havia chegado, logo o galho se soltou do arbusto e foi arrastado pela corrente juntamente com o rafeiro.

Durante alguns instantes, ainda se manteve à tona, mas depois desapareceu nas águas do rio. Enquanto do outro lado as crianças gritavam e choravam, virei-me e olhei para os rostos dos meus irmãos. Nunca mais esqueci a expressão dos seus olhares.

À noite, deitado na cama, ainda conseguia ouvir o cão a ganir. A Liz ficou deprimida o dia inteiro; o Marty não disse praticamente nada. O mais estranho de tudo foi que os nossos pais nem sequer estiveram presentes aquando do sucedido. É claro que, depois de regressarem, tentaram consolar-nos, mas isso em nada alterou o facto de eu e os meus irmãos termos vivenciado algo que nos abalara apenas a nós.

Passei metade da noite às voltas na cama, sem conseguir dormir. Não era capaz de deixar de pensar no modo como, no espaço de segundos, a felicidade despreocupada da família da outra margem do rio fora destruída. Ocorreu-me novamente o meu tio Eric e o facto de nos terem dito que ele «morrera». Até então, a minha vida sempre decorrera num ambiente protegido, mas era evidente que existiam forças e correntes invisíveis, capazes de mudar tudo num abrir e fechar de olhos. Parecia haver famílias poupadas pelo destino e outras que atraíam infortúnios, e nessa noite questioneimei-me se a minha família também seria uma dessas.

Mudança de via
(1983-1984)

Três anos e meio mais tarde, em dezembro de 1983, foi a última festa de Natal com os meus pais. Ao início da noite, estava de pé diante da janela do meu quarto, enquanto os outros decoravam a sala de estar. Tal como todos os anos, só me chamavam quando já tudo estava pronto, mas quanto tempo mais iria demorar? Ouvia o meu irmão resmungar, o riso límpido e conciliador da minha mãe. Ouvia a minha irmã e o meu pai a discutirem sobre qual a toalha que deviam pôr na mesa. Para me distrair, observava o pátio interior, as árvores despidas pelo inverno, o baloiço e a casa na árvore. Muita coisa mudara nos últimos anos, mas nunca a vista para o prezado pátio.

Alguém bateu à porta. O meu pai entrou no quarto; trazia um pulôver de caxemira azul-marinha e o cachimbo na boca. Estava a aproximar-se dos quarenta. Os cabelos negros começavam a rarear, à frente, o sorriso arrapazado havia desaparecido. Que lhe acontecera? Poucos anos antes, a impressão que transmitia era ainda a de alguém bem-disposto e confiante, mas, entretanto, era uma figura curvada que ali estava no quarto.

Já só raramente ele e a mãe faziam qualquer coisa como casal; em vez disso, era frequente o meu pai desaparecer durante horas para fotografar. No entanto, nunca nos mostrava as suas fotos, e, mesmo quando eu brincava com amigos, era capaz de sentir o desalento do seu olhar, nas minhas costas. A seu ver, o mundo era um local de perigos constantes. Por exemplo, quando andávamos de carro e era a minha mãe a conduzir. («Vais demasiado depressa, Lena, ainda nos matas a todos.») Ou quando eu, verão após verão, pretendia atravessar o rio próximo de Berdillac caminhando sobre o tronco daquela árvore. («Jules, já não sou *mesmo* capaz de ficar a assistir a isto. Se caíres, partes o pescoço!») Ou quando a Liz queria ir com as colegas da escola a um concerto. («Proíbo-te de ires. Sabe-se lá que tipo

de gente por ali anda!») Tivesse o meu pai escrito um manual de autoajuda e talvez o título fosse *O Melhor É nem Tentares*.

Só se sentia livre de preocupações quando jogava à bola no parque com amigos e, nessas alturas, admirava-o pelo modo como pairava sobre o campo com a bola no pé, interrompendo a meio as jogadas dos adversários. Em França, ainda jovem, jogara num clube desportivo e continuava a ter uma infalível capacidade de leitura do espaço, era capaz de adivinhar os passes de bola do adversário e aproveitava rapidamente quaisquer oportunidades que surgissem. Como se fosse ele o único que entendesse verdadeiramente o jogo.

O meu pai pôs-se junto de mim, diante da janela. Cheirava a tabaco e ao seu *after-shave* de notas acres e musgosas.

– Feliz por ser Natal, Jules?

Quando disse que sim com a cabeça, deu-me umas palmadinhas no ombro. Antes, quando o meu pai chegava do trabalho ao fim da tarde, costumávamos passear por Schwabing¹. Ainda lá havia as velhas tascas de esquina e aqueles cafés em que se fica em pé, cabinas telefónicas de aspeto sujo e pequenas lojas de conveniência, onde se podia comprar chocolates e meias de lã ou certificados de propriedade de parcelas da Lua, o meu artigo favorito. O bairro dava a impressão de ser uma aldeia que crescera demasiado, onde o tempo passava um pouco mais devagar. Por vezes comíamos um gelado no parque e o meu pai contava-me sobre quando, ainda jovem, passara meio ano em Southampton, a trabalhar no porto, para financiar o curso superior e aprender inglês; falava-me também das partidas que o seu irmão Eric pregava, quando eram crianças, e eram essas as histórias de que eu mais gostava.

Recordo, no entanto, com particular intensidade o conselho que me deu aquando do nosso último passeio. De início, pouco consegui entender das suas palavras, mas com o decorrer dos anos tornaram-se uma espécie de legado.

«O mais importante é que encontres o teu *verdadeiro* amigo, Jules», dissera o meu pai então. Percebeu que eu não tinha entendido e fitou-me com um olhar penetrante. – O teu verdadeiro amigo é alguém que está lá sempre, que te acompanha a vida inteira. Terás de o encontrar, e isso é mais importante do que tudo o resto, até mesmo do que o amor. Porque o amor pode acabar. – Agarrou-me no ombro e insistiu: – Estás a ouvir?

Eu tinha estado a brincar com um pau que encontrara no chão, mas lancei-o para longe.

– Quem é o teu verdadeiro amigo? – perguntei-lhe.

O meu pai limitou-se a abanar a cabeça.

– Perdi-o – respondeu, com o cachimbo entre os lábios. – Não é estranho? Perdi-o, simplesmente.

Não sabia que fazer do que ele me dissera, e talvez até tenha suspeitado de que as suas palavras bem-intencionadas resultavam da experiência de uma desilusão. Não obstante, gravei na memória aquele seu conselho. Oxalá não o tivesse feito.

– Ouvi dizer que daqui a pouco vais receber um presente bestial – disse o meu pai em francês, prestes a deixar o quarto.

– A sério? O que é?

Sorriu.

– Vais ter de ter paciência mais alguns minutos.

Não foi fácil. Já conseguia ouvir música de piano, vinda da sala: «Noite Feliz» e «À la venue de Noël». E depois, por fim, lá vieram a Liz e o Marty apressados pelo corredor e escancararam a porta.

– Anda, vem daí!

A árvore na sala chegava ao teto e estava adornada com bolas coloridas, figurinhas de madeira e velas; mais abaixo, havia presentes amontoados, cheirava a cera e a ramagem de abeto. Em cima da mesa, um peru bem grande rodeado de batatas gratinadas, ragu de borrego, rosbife, doce de arando, um bolo com creme de manteiga e empadas. Era sempre demasiado, para que os restos fossem consumidos nos dias seguintes, como *snacks* frios que se iam buscar ao frigorífico, o que me agradava particularmente.

Depois de comermos, entoávamos canções de Natal, a que se seguia o último ritual antes da grandiosa sessão de abertura de prendas: a nossa mãe tocava «Moon River» na guitarra. Era um momento que ela saboreava de modo especial.

– Querem mesmo ouvir a canção? – perguntava.

– Sim! – exclamávamos todos.

– Ah, não sei. Acho que estão só a ser simpáticos.

– Sim, claro que queremos ouvir! – voltávamos a exclamar, mais alto.

– Arranjem-me outro público... – gemia a minha mãe com expressão desapontada. – Este já está farto e não quer nada comigo.

Berrávamos ainda mais alto, até por fim ela pegar na guitarra.

A nossa mãe ainda era o centro da família. Estivesse ela por perto e as querelas dos meus irmãos mais não eram que disputas ridículas das quais nos ríamos, e as crises na vida escolar transformavam-se em reveses menores, facilmente ultrapassados. Fazia de modelo dos desenhos da Liz ou assistia às demonstrações das descobertas que o Marty fazia no seu microscópio. A mim, ensinou-me a cozinhar e chegou a revelar-me a receita secreta do seu «Bolo Irresistível», uma papa de chocolate pegajosa na qual se ficava imediatamente viciado. E embora fosse um pouco preguiçosa (uma cena clássica consistia nela deitada no sofá a mandar-nos ir ao frigorífico buscar-lhe qualquer coisa) e fumasse às escondidas, queríamos todos ser como ela.

Por fim, começava a tocar, e a sua voz preenchia a sala.

Moon River, wider than a mile,
I'm crossing you in style some day.
Oh, dream maker, you heart breaker,
wherever you're going I'm going your way.

Era a altura do ano em que tudo estava bem. A Liz ouvia-a de boca aberta, o meu irmão, comovido, punha-se a mexer nos óculos, e o meu pai escutava, com olhar triste mas uma expressão de enlevo no rosto. Ao lado dele estava sentada a tia Helene, irmã mais velha da nossa mãe, uma mulher alegre e corpulenta que morava sozinha no seu apartamento no bairro de Glockenbach e nos dava sempre presentes enormes. Não contando com a distante avó que tínhamos em França, era a família que nos restava: um galho estreito da árvore genealógica dos Moreau.

Aquando da distribuição dos presentes, agarrei em primeiro lugar no presente do meu pai; era grande e volumoso. Rasguei o papel de embrulho: era uma velha *Mamiya*. O meu pai olhou para mim com ar expectante. A máquina pareceu-me familiar, embora eu não tivesse feito fotografias desde a festa em Berdillac. Além disso, a *Mamiya* estava usada e cheia de riscos, a lente parecia o olho sobredimensionado de um ciclope, os botões estalavam ao rodarem. Desapontado, pu-la de lado e abri os outros presentes.

Da minha mãe recebi um pequeno bloco de apontamentos encadernado em couro vermelho e três romances: *Tom Sawyer*, *O Príncipezinho* e *Krabat* – *O Moinho do Feiticeiro*. Ela continuava a ler-me à noite, antes de eu me deitar, mas com cada vez mais frequência era eu que lia em voz alta, e ela elogiava-me quando o fazia bem. Recentemente, eu próprio escrevera pela primeira vez uma história, que falava de um cão encantado. A minha mãe apreciara-a muito. Peguei no bloco de apontamentos vermelho e mais tarde, enquanto os outros se dedicavam a jogos de tabuleiro, pus-me a escrever lá os meus pensamentos.

Pouco antes do Ano Novo, vimos pela primeira e última vez o nosso pai chorar. Nessa tarde, eu estava deitado na cama, a escrever um novo conto. Era sobre uma biblioteca onde, de noite, à socapa, os livros se punham a conversar, se vangloriavam da importância do seu autor ou se queixavam do lugar de pouco destaque que lhes cabia numa das estantes mais recuadas.

A minha irmã entrou-me pelo quarto dentro sem bater. Ao seu sorriso trocista juntava-se uma expressão conspiratória. Depois de entrar, fechou a porta.

– Que foi?

Na verdade, já tinha ideia de qual seria a resposta. Entretanto, a Liz completara catorze anos e havia exatamente três coisas que lhe enchiam as medidas: desenho, filmes românticos melosos e rapazes. Tornara-se a rapariga mais bonita da sua turma; tinha caracóis louros, voz grave e um sorriso capaz de levar qualquer um a fazer o que ela quisesse. No recreio costumava andar rodeada por todo um grupo de raparigas, a quem contava que rapazes beijara, onde o fizera, a maçada que fora ou, na melhor das hipóteses, o quanto ele se revelara medíocre. *Nunca* era bom e eram *sempre* rapazes mais velhos, da cidade; em comparação, os rapazes da sua turma não tinham qualquer hipótese. Ainda assim, por vezes tentavam a sorte, mas a Liz não lhes prestava atenção.

Sentou-se em cima da minha cama e deu-me um empurrãozinho.

– Seu sonso.

Continuava a escrever a minha história e nem ouvi bem o que ela disse.

– Como assim?

– Beijaste uma rapariga.

Fiquei com as faces em brasa.

– Como é que sabes?

– Uma amiga minha viu-te. Diz que foi aqui, à porta do prédio, e que enfiaste a língua na boca da rapariga. Como se fossem dois labradores, disse ela.

A Liz desatou a rir-se, ao mesmo tempo tirou-me da mão o livrinho de apontamentos e desatou a garatujar figuras nele, mas sobretudo o seu nome. *Liz, Liz, Liz.*

Aquilo do beijo era verdade. Conseguia falar com as raparigas como se elas fossem rapazes e, de vez em quando, recebia cartas de amor que me chegavam por baixo da secretária. A vida parecia-me repleta de tais promessas e a minha autoconfiança foi crescendo. Embora fosse delegado de turma, era frequente provocar interrupções nas aulas ou, de sorriso indiferente na cara, assentava os pés na mesa, até ser admoestado pelo professor. Mais tarde, vim a achar que esse comportamento era arrogante, mas naquela altura agradava-me a ideia de, entre os meus amigos, ser eu a dar o tom e estar no centro das atenções. Comecei a dar-me com rapazes mais velhos e era frequente andar à pancada. Se, por exemplo, alguém do novo grupo de amigos me mandasse uma boca, atirava-me logo a ele. A coisa nunca era completamente a sério, mas também não era só a brincar. Alguns dos rapazes mais velhos já fumavam charros e bebiam álcool, mas eu ainda hesitava quando me ofereciam qualquer coisa; não lhes contava que gostava de ler nem que inventava histórias. Sabia que me ridicularizariam por isso e que tinha de manter essa minha faceta bem escondida.

– E que tal foi beijar? – perguntou a Liz, lançando-me o bloco de apontamentos para o colo.

– Não tens nada a ver com isso.

– Vá, diz lá. Contamos sempre tudo um ao outro.

– Sim, mas não me apetece falar disso agora.

Levantei-me e dirigi-me ao escritório do meu pai, que exalava sempre ligeiramente a pó e a papéis velhos e mofentos. Quando me apercebi de que a minha irmã me seguia, fingi-me ocupado e pus-me a remexer nas gavetas da secretária. Encontrei sobretudo estojos de óculos, tinteiros e papéis já amarelados com apontamentos. Contudo, na gaveta inferior deparou-se-me uma *Leica*. O corpo da máquina era preto, a objetiva, prateada. Estava na

embalagem original, nunca vira o meu pai fotografar com ela. Na gaveta havia ainda uma carta, escrita em francês, a letra era-me desconhecida.

Caro Stéphane, esta máquina é para ti. Deverá servir para te recordares de quem és e daquilo que a vida jamais deverá conseguir destruir. Por favor, tenta compreender-me.

De quem seria aquela carta? Devolvi-a à gaveta e pus-me a examinar a máquina, abri a tampa que dava acesso ao rolo de filme e desenrosquei a objetiva. Dançava pó diante da luz que, através da janela, nela incidia.

A Liz acabara de descobrir a própria imagem num pequeno espelho que ali havia. Muito satisfeita com o que lhe era dado a ver, observava-se de todos os ângulos, voltando depois a virar-se na minha direção.

– E se eu te dissesse que nunca beijei ninguém?

– O quê?

A minha irmã mordiscou o lábio inferior e emudeceu.

– Mas andas sempre a falar de todos aqueles com quem já andaste aos beijos. – A máquina fotográfica oscilou na minha mão para cá e para lá. – Não falas de outra coisa.

– O meu primeiro beijo terá de ser qualquer coisa de especial, eu...

Ouviu-se o soalho ranger. O nosso irmão, que tinha um faro apurado para quando e onde se trocavam segredos na nossa casa, surgiu ao pé da porta. O seu esgar sorridente e diabólico deu bem a entender que nos escutara.

O Marty tinha então treze anos, era um aluno ambicioso e solitário, com óculos de aros em níquel, pálido e delgado como um pau de giz. Uma criança que detestava crianças, que preferia a companhia de adultos e que, de resto, permanecia conscientemente sozinho. Ficava na sombra da irmã, que o provocava sempre que podia, que jamais lhe prestava atenção na escola e que o ridicularizava por ele quase não ter amigos. E eis que, qual dádiva dos céus, lhe caíam no colo informações secretas, capazes de arruinar, em poucos segundos, a reputação da nossa irmã na escola.

– Interessante – disse ele. – É por isso que mandas sempre os rapazes passear? Por ficares acagaçada? Por seres uma menina pequenina que prefere desenhar disparates e receber mimosinhos da mamã?

A Liz precisou de uns instantes para se recompor.

– Se contares isto a alguém, nem sabes...

– Nem sei o quê? – O Marty desatou a rir e começou a dar beijos repenizados e exagerados no ar.

A Liz lançou-se a ele. Desataram aos pontapés e a puxar os cabelos um do outro. Tentei separá-los e nem vi qual dos dois me deu o safanão que me fez largar a máquina; só a vi voar pela divisão e aterrar com a objetiva virada para a frente no... Merda.

O silêncio instalou-se de imediato. Peguei na *Leica*. A objetiva saltara do corpo.

Por instantes, conferenciámos sobre o que haveria a fazer.

– Vamos só voltar a guardá-la na gaveta – declarou a Liz. – Talvez ele nem se dê conta.

E, como sempre, a nossa irmã teve a última palavra.

Nesse dia, o meu pai chegou surpreendentemente cedo a casa. Parecia perturbado e desapareceu de imediato no seu escritório.

– Venham! – ordenou a Liz.

Conseguimos ficar os três a espreitar por uma frincha entre a porta e a ombreira e ver, durante alguns instantes, o nosso pai andar, sem cessar, de um lado para o outro da divisão, enquanto passava a mão pelo cabelo. A seguir, pegou no auscultador do telefone verde e discou um número.

– Sou eu, novamente – anunciou, com o seu ligeiro sotaque –, o Stéphane. Queria dizer-lhe que está a cometer um erro. Não pode simplesmente...

O interlocutor pareceu querer desembaraçar-se imediatamente dele e deu para perceber que o nosso pai estava a ceder. Ia sempre tentando introduzir um «mas olhe que...» ou um «claro, isso é...» na conversa, chegou a implorar, «por favor», mas mal conseguia acrescentar mais palavras.

– Poderia ao menos ter dado a entender – disse o nosso pai, por fim. – Depois de doze anos. Eu posso-me...

Foi novamente interrompido. A seguir, limitou-se a desligar.

Caminhou até meio da divisão, onde permaneceu vários segundos de pé, imóvel, como se alguém o tivesse desligado da tomada. Uma visão medonha.

Por fim, voltou à vida. Chegou-se à secretária e, de imediato, eu soube que gaveta ele ia abrir. Começou por ler a carta, a seguir retirou a *Leica* da embalagem. Quando reparou na objetiva estragada, o nosso pai produziu um breve estremecimento. Voltou a guardar a máquina fotográfica e a carta

na gaveta e aproximou-se da janela. E, então, desatou a chorar. Não conseguimos perceber se aconteceu por causa do telefonema ou por causa da *Leica*, ou talvez por causa do peso que o oprimia nos últimos anos. Sabíamos apenas que não queríamos ver aquilo e foi em silêncio que seguimos para os nossos quartos.

Depois do Ano Novo, os nossos pais decidiram ir de viagem no fim de semana. Uma viagem decidida de modo espontâneo, aparentemente relacionada com o despedimento do nosso pai, embora a nossa mãe nos tenha dito apenas que iam visitar amigos em Montpellier e que não podíamos ir com eles. A nossa tia ficaria a tomar conta de nós.

– Mas não precisamos de *babysitter* – argumentou a Liz. – Eu já tenho catorze anos.

A nossa mãe deu-lhe um beijo na testa.

– Na verdade, é mais por causa dos outros senhores que cá moram.

– Obrigado, eu ouvi isso – disse o Marty, sem levantar a cabeça do jornal.

No prédio onde morávamos em Munique, habitavam outros nove inquilinos, entre os quais Marleen Jacobi, uma jovem viúva, invulgarmente bela, que não vestia senão roupa escura. Encontrávamo-la sempre sozinha e, para mim, era incompreensível como se podia levar uma vida tão solitária. A Liz, pelo contrário, admirava-a imenso e ficava sempre entusiasmada quando se cruzava com ela nas escadas ou na rua; beliscava-me o braço ou dava-me um pequeno empurrão.

– É tão bonita! – comentava, extasiada.

O fascínio era tal que o Marty e eu começámos a troçar da nossa irmã.

– A senhora Jacobi esteve mesmo agora aí – dissemos-lhe, nessa tarde. – Foi por poucos segundos que não a viste. Nunca esteve tão *bonita*.

– Oh, deixem-se disso... – respondeu a Liz, num tom exageradamente enfadado. – Não acredito em nada do que estão a dizer.

– É verdade, ela perguntou por ti – insistimos. – Quer casar contigo.

– Que par de idiotas tão infantis... – declarou a Liz e refastelou-se no sofá da sala, junto da nossa mãe. – Mamã – continuou, esboçando um sorriso na minha direção –, adivinha só quem é que beijou recentemente uma rapariga pela primeira vez?

A minha mãe olhou de imediato para mim.

– É verdade? – perguntou, num tom que creio elogioso.

Já não me lembro do que falámos a seguir, mas recordo-me de a minha mãe se levantar de repente do sofá e pôr uma canção a tocar. «Via Con Me», de Paolo Conte. Estendeu-me a mão.

– Jules, escuta uma coisa – disse ela, enquanto dançávamos. – Se quiseres conquistar uma rapariga, dança com ela esta música. Com esta canção, vais consegui-lo de certeza.

A minha mãe desatou a rir. Só anos mais tarde me dei conta de que foi essa a primeira vez que falou comigo de igual para igual.

Pouco antes de os meus pais partirem, ao fim da tarde, tive outra pequena disputa com o meu pai, e o melhor será contá-la tal como, durante muito tempo, a retive na memória.

Calhei a passar junto ao quarto dos meus pais, onde ele estava a fazer a mala. Parecia bastante tenso.

– Ainda bem que te vejo – disse o meu pai. – Preciso de falar contigo.

Detive-me e fiquei encostado à porta.

– Que é?

Não foi logo direto ao assunto, antes começando por exprimir os seus eternos receios: o desagrado por os meus amigos serem mais velhos, por eu andar em «má companhia». Falou por fim do seu presente de Natal, a máquina fotográfica.

– Ainda ali está, a um canto. Não a utilizaste uma única vez, pois não? Nem sequer chegaste a olhar bem para ela.

Às tantas, tive pena do meu pai e afastei o olhar.

– É uma máquina muito valiosa. Com a tua idade, teria ficado radiante por ter uma.

– Não sei como hei de fotografar com ela. É tão pesada e antiga...

Então, o meu pai endireitou-se e veio ter comigo. Era um homem surpreendentemente grande e um pouco desajeitado.

– É um aparelho clássico, entendes? – Por instantes, o seu rosto recuperou uma expressão arrapazada. – Melhor que as máquinas novas. Tem *alma*. Quando regressarmos, ensino-te a fazer fotografias com ela e a revelá-las. Combinado?

Acenei com a cabeça, hesitante.

– Tens bom olho, Jules. Ficaria muito feliz se mais tarde viesses a fotografar – disse o meu pai.

Nunca mais esqueci essas palavras.

De que me recordo ainda dessa noite? Com toda a certeza, do modo como, ao despedir-se, a minha mãe me deu um beijo na testa. Ao longo da minha vida, terei decerto pensado mil vezes nesse último beijo e no último abraço que ela me deu, no seu cheiro e na sua voz tranquilizadora. Pensei nisso tantas vezes, que já nem sequer tenho certeza se é verdade.

Os meus irmãos e eu passámos o fim de semana em casa. Jogámos *Malefiz*² com a nossa tia (como sempre, o único objetivo da Liz era barricar o Marty com as pequenas peças brancas) e, à noite, fiz omelete com cogumelos para todos, seguindo uma receita que a minha mãe me ensinara.

No sábado, a Liz e eu fomos ao cinema, por isso só o Marty estava em casa quando o nosso pai telefonou de França. Surpreendentemente, os nossos pais pretendiam ficar por lá mais alguns dias. Tinham alugado um carro para dar um salto a Berdillac.

Por mim, tudo bem; na verdade, ansiava até pelos presentinhos e pelo queijo que eles iam trazer do Sul de França.

E então veio o dia 8 de janeiro, domingo. Nos anos que se seguiram, tentei com frequência efabular para mim mesmo uma espécie de vago pressentimento, mas creio que terá sido tolice minha. O telefone tocou ao fim da tarde. Quando a minha tia aproximou o auscultador do ouvido, senti de imediato uma mudança no ambiente em casa e sentei-me. Também o Marty se imobilizou, por instantes. Já não me recordo dos demais pormenores. Não sei que terei feito nessa manhã, o que fiz depois do telefonema ou a razão pela qual a minha irmã não estava em casa nessa noite.

Tudo o que retive desse dia na memória foi uma última recordação, cujo significado só muito mais tarde consegui descortinar.

Nessa tarde, andei animadamente de um lado para o outro na sala de estar. A Liz dedicava-se a criar uma banda desenhada, o meu irmão estava sentado ao lado dela e, com a sua caligrafia miudinha, escrevia uma carta a Gunnar Nordahl. Era um amigo norueguês com quem se correspondia, só que a Liz e eu passávamos a vida a dizer que esse tal Gunnar Nordahl nem sequer existia e que o Marty se limitara a inventá-lo.

Pus-me diante do meu irmão, em pose de pugilista. Atravessava na altura a minha fase Muhammad Ali e tinha-me na conta de excelente imitador; agradavam-me sobretudo aqueles seus desafios gabarolas aos adversários.

– Ei – disse eu para o Marty. – Chegou o teu dia, sua ratazana. Não passas de um *uncle Tom*.

– Jules, estás a enervar-me. Além disso, nem sequer sabes o que «*uncle Tom*» significa.

Dei-lhe uma palmada no ombro. Como não reagiu, acrescentei outra. O meu irmão tentou acertar-me de volta, mas dei um salto para trás e simulei que desferia vários golpes.

– Voar como uma borboleta, picar como uma abelha.

É certo que não era de todo excelente a imitar o Ali, mas aquele seu jogo de pés, aquela dança rápida no mesmo sítio, isso eu dominava bastante bem.

A Liz observava-nos, curiosa em relação ao desfecho.

Voltei a dar uma palmada no Marty.

– No segundo *round* estás *feito* – gritei, de olhos bem arregalados. – Lutei com um aligátor, pus algemas num relâmpago e espetei com o trovão na prisão. Na semana passada, assassinei um rochedo, feri uma pedra, mandei um tijolo para o hospital. Já tu, és tão feio que nem sequer vou olhar para ti durante o combate.

– Não me incomodes.

– Isso mesmo, não o incomodes – repetiu a Liz, trocista. – Ele está novamente a escrever ao seu amigo imaginário da Noruega.

– Ah, vocês maçam-me – concluiu o Marty.

Desta vez, acertei-lhe na nuca, tão forte que a caneta lhe deslizou enquanto escrevia. Nesse mesmo instante, o meu irmão levantou-se e desatou a correr atrás de mim. Andámos à bulha, a coisa começou por parecer séria, mas depois, à medida que eu ia berrando e guinchando, enquanto repetia que era o maior, o Marty viu-se obrigado a desatar a rir, contra vontade, e cada um acabou por largar o outro.

Mais ou menos na mesma altura, os meus pais entravam no *Renault* que tinham alugado, para ir visitar a nossa avó a Berdillac. Entretanto, uma jovem advogada sentava-se ao volante do seu *Toyota*. Tinha um jantar marcado em Montpellier e pretendia ser pontual. Com a via molhada, o carro abandonou a faixa de rodagem, foi ocupar a de quem seguia em

sentido contrário, onde veio a embater contra o *Renault* dos meus pais. Duas pessoas tiveram morte imediata.

A jovem advogada escapou com vida, mas por pouco.

1 Bairro de Munique. (*N. do T.*)

2 Jogo de estratégia, estreado em 1960 na Alemanha. O objetivo consiste em avançar num tabuleiro ao mesmo tempo que se tenta impedir a progressão do adversário. Em França, o jogo é conhecido como Barricade. (*N. do T.*)

Cristalização
(1984-1987)

O que se segue é um espanto sombrio e uma névoa densa, que só raramente se dissipa e deixa entrever algumas breves recordações. Estou de pé, diante da janela do meu quarto, em Munique, a olhar para o pátio interior com o baloiço e a casa da árvore, para a luz matinal enredada nos ramos das árvores. É o último dia no nosso apartamento completamente esvaziado, ouço o Marty a chamar-me.

– Jules, vens?

Desvio o olhar, de modo hesitante. Passa-me pela cabeça que nunca mais poderei olhar para aquele pátio que me é tão querido, mas não sinto nada, nem mesmo que a minha infância terminou ali.

Pouco depois, a primeira noite no internato, chegamos já bastante tarde e sou separado dos meus irmãos. Com a mala na mão, percorro o corredor despido e coberto de linóleo, que cheira a vinagre. Ao meu lado segue um auxiliar. Caminha demasiado depressa, vou ficando para trás. Por fim, abre uma porta. Um quarto com três camas, duas delas já ocupadas. Os outros rapazes pestanejam, ensonados. Para não os incomodar mais, apago a luz e dispo-me no escuro. Escondo um animal de peluche sob a almofada. Deitado na minha nova cama, penso nos meus pais e nos meus irmãos, ali próximo e, no entanto, bem longe, e não choro, nem por um segundo.

Recordo ainda um dia de inverno, algumas semanas mais tarde. Um vento que soprava às rajadas e fustigava as colinas daquela paisagem nevada. Fecho o anoraque, ponho a mão diante do rosto e prossigo, com passos pesados. Tenho o nariz a pingar, os sapatos comprimem a neve ainda fresca, que chia a cada passo que dou. O frio é um choque para os meus pulmões. Passada uma hora, sento-me num banco gelado e olho para o vale mais abaixo. Afigura-se um local silencioso e insólito. Imagino-me a saltar lá para baixo, a ser apanhado por uma corrente de ar a poucos metros da cintilante camada de neve, um instante de cortar a respiração. Ganho altura

rapidamente, disparo rumo aos céus, cada vez mais depressa, o vento a soprar-me na cara, até mudar de direção e, de braços abertos, sigo rumo ao horizonte, para longe dali. Volto a observar o internato, já agradavelmente distante, e imagino o que estarão a fazer nesse momento, sem mim. A andar de trenó e a falar de miúdas, a fazer disparates e aborrecer-se uns aos outros, indo por vezes longe demais, para logo no momento seguinte tudo estar de novo esquecido. Pouco a pouco, vão-se tornando visíveis as primeiras luzes por entre o lusco-fusco que se intensifica, e penso na minha vida de antes, em Munique, uma vida retalhada pelo acaso, mas as saudades já mais não são que uma cicatriz que desvanece.

Mais tarde, quando regresso ao internato, já o céu se apresenta negro. Abro a porta da entrada principal. Da cantina chegam-me vozes bem-dispostas; impõe-se-me ainda um cheiro intenso a comida, transpiração e desodorizante. O ar está impregnado de expectativas, de gargalhadas e medo reprimido. Avanço pelo corredor e vejo vir na minha direção um rapaz que desconheço. Olha para mim, o tipo novo, com ar desconfiado. Endireito instintivamente o tronco, tento parecer mais velho e não cometer qualquer erro. O rapaz passa por mim sem dizer palavra.

Chego ao meu quarto, sento-me na minha cama e sacudo a neve do cabelo. Estou simplesmente ali presente, um espectro, uma ínfima criatura, com onze anos de idade. Hirto e vazio, fico ali sentado no quarto, enquanto todos os outros jantam. Mais tarde serei castigado pela minha ausência. Observo a escuridão, lá fora.

A instituição onde eu e os meus irmãos fomos colocados depois da morte dos nossos pais não era, de modo algum, uma dessas instituições de elite com *courts* de ténis, campos de hóquei e aulas de olaria que de início poderemos ter fantasiado, mas antes um modesto internato estatal, no meio do campo, que consistia em dois edifícios cinzentos e uma cantina e funcionava nos terrenos do liceu local. De manhã íamos às aulas com as crianças da terra, mas as tardes e noites eram passadas no lago, no campo de futebol ou nos nossos quartos. Habitávamo-nos a esta vida de caserna, no entanto, mesmo passados alguns anos não deixava de ser deprimente ver que, depois das aulas, os nossos colegas externos podiam ir ter com as respetivas famílias, ao passo que nós, quais prisioneiros, ficávamos retidos

nas instalações do internato e nos sentíamos como se, de algum modo, fôssemos defeituosos. Os quartos espartanos eram partilhados com desconhecidos que, por vezes, se tornavam amigos. Passado um ano, tínhamos novamente de nos mudar. Era difícil ter de concentrar toda a vida em tão pouco espaço e tempo, e havia muitos conflitos, mas também conversas que duravam noites inteiras. Só muito raramente falávamos de coisas mesmo importantes, coisas que jamais repetiríamos sob a luz do dia, mas a maior parte das vezes limitávamo-nos a conversar sobre professores e raparigas. «Será que ela olhou para mim outra vez, hoje ao almoço??», ou então «Como assim, não conheces essa? Bolas, Moreau, é a mais bonita desta merda de escola.»

Muitos dos alunos internos já tinham, ainda em casa, chamado a atenção das autoridades ou chumbado. Alguns haviam experimentado drogas. De vez em quando, alguns exemplares já com perfil de criminoso desaguavam, quais despojos do mar, no internato, que, enquanto instituição do Estado, era obrigado a acolher praticamente de tudo. Os jovens da aldeia, perplexos, eram então forçados a ver os malucos da cidade invadirem o seu idílio. «Também és da *instituição*?», perguntavam, sendo que por «instituição» se referiam não tanto a internato como a manicómio. À refeição devorávamos tudo num instante, nunca era suficiente. Era uma fome que nunca se conseguia saciar. Além disso, havia sempre um pano de fundo de rumores; registava-se com exatidão quem falava com quem, que amizades se desenvolviam e quem marcava pontos junto das raparigas. Nem todas as alterações eram aprovadas. Havia roupas novas que começavam por ser orgulhosamente exibidas pelos proprietários, mas que não tardavam a ser arrumadas no armário e aí permanecer, por não terem sido bem recebidas. Alguns alunos do internato tentavam adotar uma imagem nova durante as férias de verão e chegavam de casa com uma confiança renovada em si mesmos, mas passados poucos dias a maioria voltava a ser o que sempre fora. Éramos e mantínhamo-nos aqueles por quem os outros nos tomavam.

Ainda que nos anos anteriores me tivesse, bem no íntimo, sentido seguro, havia agora momentos em que me apercebia da débil luz do anoitecer que incidia num corredor imerso na obscuridade ou como, no crepúsculo, as árvores lançavam uma sombra espectral na paisagem, e algo em mim se contraía. O facto de viver num planeta que viaja pelo espaço a uma velocidade inacreditável afigurava-se-me tão assustador quanto o

pensamento recente e perturbador de que a morte era uma inevitabilidade. Os meus receios intensificavam-se como uma fissura que se alastra. Comecei a ter medo do escuro, da morte, da eternidade. Estes pensamentos cravavam um espinho no meu mundo e, quanto mais refletia sobre tudo isto, tanto mais me distanciava dos meus despreocupados e bem-dispostos colegas. Estava sozinho. E depois encontrei a Alva.

Nos primeiros dias que passei na escola nova, contei uma piada durante uma aula. Na minha antiga turma, isso era até esperado de mim, mas ainda eu me encaminhava para o remate e já se tornara claro que ali a coisa não funcionaria da mesma maneira. Olhei para os rostos desconhecidos dos meus colegas, senti que a minha autoconfiança desaparecera, e no final ninguém se riu. E assim ficou selado e decidido o papel que eu desempenharia. Era o miúdo novo e esquisito, que não prestava atenção ao que vestia de manhã e que, por nervosismo, começara a pronunciar palavras de pernas para ar: por exemplo, «espatafúrdio» em vez de «estapafúrdio». Para não me tornar o alvo de chacota da turma, passei a remeter-me ao silêncio, quase não dizia nada e sentava-me isolado no último banco. Até que, passadas algumas semanas, uma rapariga veio sentar-se ao meu lado.

A Alva tinha cabelos de um ruivo acobreado e usava óculos com armações em massa. Era uma rapariga daquela terra, que à primeira vista parecia graciosa e tímida e que assentava nos seus cadernos tudo que era escrito no quadro, usando marcadores de diversas cores. E, no entanto, havia algo mais nela. Havia dias em que a Alva parecia evitar conscientemente os outros colegas. Punha-se então a olhar pela janela, com ar melancólico, totalmente ausente. Não percebi por que razão se quis sentar ao meu lado, não trocámos uma única palavra. As amigas dela riam baixinho quando olhavam na nossa direção e, dali a duas semanas, voltei a ficar sozinho no canto. Tão surpreendentemente quanto ali aparecera, a Alva fora-se embora.

Depois, era frequente pôr-me a olhar para ela durante as aulas. Quando a chamavam ao quadro, eu percebia bem a insegurança com que ela se apresentava, dedos entrelaçados atrás das costas. Escutava a sua voz suave e fitava os cabelos ruivos, os óculos, a pele branca e o rosto pálido e bonito. Acima de tudo, gostava dos seus dentes da frente, um dos quais se

destacava ligeiramente dos demais. Quando falava, a Alva tentava não abrir demasiado a boca, para que ninguém reparasse. E quando se ria, punha a mão à frente. Por vezes, porém, a Alva sorria; não estando alerta, via-se-lhe então o incisivo torto, que me agradava sobremaneira. Toda a alegria da minha vida se resumia a, com vários bancos de distância entre nós, lançar-lhe olhares que, quando por fim eram correspondidos, me levavam a desviar o olhar, envergonhado, e sentir-me feliz.

Alguns meses mais tarde, porém, deu-se um incidente. Era um dia de verão, quente e abafado, e durante a última aula estivemos a ver um vídeo, a adaptação de uma obra de Erich Kästner. A meio do filme, a Alva desatou a chorar. Estava sentada no seu lugar, como que de cócoras, os ombros a tremer, tendo por fim deixado escapar um soluço. Entretanto, também os outros alunos repararam. A professora apressou-se a parar o vídeo, numa cena que se passava num campo de férias, e foi ter com ela. Quando as duas saíram da sala de aula, vislumbrei o rosto enrubescido da Alva. Creio que todos nós ficámos um pouco abalados, mas quase ninguém falou a respeito daquilo. Só alguém disse que o pai da Alva nunca aparecia nos dias em que os pais podiam vir falar com os professores e que, de resto, ele era uma pessoa estranha; talvez isso tivesse alguma coisa a ver com o sucedido. Pensei amiúde nessa observação, mas nunca questioneei a Alva a respeito dela. Fosse qual fosse o motivo, ela parecia guardar o seu sofrimento bem dentro de si e, a partir de então, resguardou-o ainda melhor.

Dias depois, terminadas as aulas, saí do edifício da escola e dirigi-me sozinho para os dormitórios do internato.

– Jules, espera!

A Alva puxou pela minha camisa até eu me virar. Acompanhou-me à entrada do internato.

– Que vais fazer agora? – perguntou, quando ficámos parados diante da porta sem saber que fazer.

Falava sempre muito baixo, de tal modo que nos tínhamos de inclinar na sua direção. Embora fosse uma aluna externa e morasse em casa, não parecia ter muita vontade de regressar.

Pus-me a observar o céu nublado.

– Nem sei... Ouvir música, provavelmente.

Não olhou para mim, mas corou.

– Queres ouvir também? – perguntei, e ela disse que sim com um aceno da cabeça.

Para meu alívio, os meus colegas não estavam no quarto. Herdara da minha mãe o gira-discos e a coleção de álbuns, perto de uma centena, de Marvin Gaye, Eartha Kitt, Fleetwood Mac ou John Coltrane.

Pus a tocar *Pink Moon*, de Nick Drake, um dos álbuns preferidos da minha mãe. Dantes, quase não me interessava por música, mas agora, de cada vez que a agulha crepitava ao assentar no vinil, experimentava um momento de felicidade.

A Alva estava muito concentrada e a sua expressão quase não se alterou enquanto escutava.

– Gosto muito – declarou.

Estranhamente, não se sentara numa cadeira, mas em cima da minha secretária. Retirou um livro da mochila e, sem dizer palavra, começou a lê-lo, como se o meu quarto fosse a sua própria casa. Agradou-me que ela se sentisse bem junto de mim. O sol vespertino conseguiu brilhar por entre as nuvens e iluminou o quarto com uma luz da cor do conhaque.

– Que estás a ler? – perguntei, passado algum tempo. – É bom?

– Ahã.

A Alva acenou com a cabeça e mostrou-me o título: *Mataram a Cotovia*, de Harper Lee. Tinha onze anos, como eu. Voltei a observá-la, imersa na leitura. Os seus olhos percorriam rapidamente as linhas, da esquerda para a direita e de regresso ao início, sem cessar.

Por fim, fechou o livro e pôs-se a inspecionar as minhas coisas. Uma criatura singular, que parecia ter entrado por engano no meu quarto e estudava com curiosidade os álbuns de banda desenhada do Homem Aranha e as máquinas fotográficas que eu tinha na estante. Começou por pegar na *Mamiya*, a seguir os modelos mais recentes, com os quais o meu pai costumava fotografar nos últimos anos de vida. Tocava conscientemente todos os objetos, como se quisesse certificar-se de que eram mesmo reais.

– Nunca te vi fotografar.

Encolhi os ombros. A Alva agarrou uma foto de família em que se viam a minha mãe e o meu pai.

– Os teus pais morreram.

Esta frase surpreendeu-me, creio que terei mesmo, por instantes, desligado a música. Desde que chegara ao internato, não falara disso a

ninguém.

– Como é que sabes? – perguntei.

– Perguntei a uma auxiliar.

– Porquê?

Ela não respondeu.

– Sim, morreram há meio ano.

Foi a custo que pronunciei cada uma das palavras, como se cravasse uma pá num terreno gelado.

A Alva acenou com a cabeça e fitou-me durante longos, invulgarmente longos instantes; jamais esquecerei como conseguimos então perscrutar o mundo interior um do outro. Por um breve momento, vi a dor que se escondia por detrás das suas palavras e gestos; em contrapartida, ela pôde intuir aquilo que eu guardava bem no meu âmago. Porém, não avançámos. Cada um de nós permaneceu no limiar do outro e não fez mais perguntas.

Quase três anos mais tarde, em finais de 1986, a Alva e eu éramos os melhores amigos um do outro. Ouvíamos música juntos várias vezes por semana. Ocasionalmente, ela contava-me qualquer coisa sobre si, que admirava os desportistas, que os pais eram médicos ou que depois da escola pretendia ir para a Rússia, país de origem de todos os seus escritores preferidos. Contudo, nunca falávamos do que era realmente importante para nós, nem da razão pela qual ela chorara naquela aula em que vimos um filme.

Faltava pouco para o nosso décimo quarto aniversário e a nossa turma do oitavo ano era atravessada por um fosso profundo. De um lado estavam a Alva e os colegas que pareciam mais velhos e, de algum modo, davam a impressão de ser mais fortes e mais ruidosos. Do outro lado estavam os de crescimento mais tardio, mais canhestros e subdesenvolvidos, entre os quais eu me contava. Há anos que não crescia e, embora na infância tivesse mostrado alguns sinais de talento, a verdade é que toda esta fase da minha juventude se caracterizou pela ausência de aptidões. Desde sempre que gostara de me entregar a fantasias e devaneios, mas a par disso demonstrara outra faceta mais bravia. Entretanto, tendo essa faceta desaparecido, recolhia-me cada vez mais em mim mesmo e, por vezes, detestava-me secretamente, por aquilo que me tornara.

Numa noite de outono, fui visitar o meu irmão. Ala ocidental, segundo andar, zona perigosa para miúdos mais novos como eu, crianças a quem a puberdade ainda não dotara de meios de defesa. Naquele andar, onde estavam instalados apenas rapazes de dezasseis e dezassete anos, podia sentir-se um singular *desassossego*. Aquele momento em que somos tomados, por acumulação de energias excedentes e aborrecimento, da vontade de desatar à pancada, à luta, à bulha, aos berros. Apercebi-me de alguns rapazes mais velhos percorrerem nervosamente o corredor, outros sentados nos seus quartos, com a porta aberta, de olhos fixados na parede, como se tramassem qualquer coisa; alguns deles observaram-me com desagrado, como feras cujo território tivesse sido invadido. Exagero, mas não muito.

O quarto do meu irmão era mesmo no fim do corredor. Ao contrário do que acontecera comigo e com a minha irmã, os últimos anos pouco haviam afetado o Marty, embora ele fosse aquele que menos tinha a perder. Era como uma formiga que, mesmo depois de uma guerra atômica, seguira com a sua atividade, imperturbável. Entretanto, media um metro e noventa, um gigante magricela com movimentos desajeitados, com cabelos compridos reunidos num rabo de cavalo. Era como se o Woody Allen tivesse sido obrigado a passar outra vez pela puberdade: já só usava roupa preta e um casaco de cabedal comprido, passava o dia a fazer alusões intelectuais que nenhum de nós percebia e, com o seu nariz aquilino e os óculos, parecia um espantalho existencialista. Não tinha sorte com as raparigas, mas com dezasseis anos tornara-se o cabecilha de uma horda de tipos esquisitos e inadaptados. O exército das sombras liderado pelo Marty incluía todos os estrangeiros do internato, toda a sorte de *nerds* e sabichões, bem como o seu colega de quarto de há vários anos, Toni Brenner, o único austríaco da escola, que em virtude do seu acentuado sotaque vienense se vira desde logo relegado para uma posição marginal, no sistema de coordenadas do internato.

Pouco antes de alcançar a porta do quarto do Marty, houve dois rapazes que se atravessaram à minha frente. Um franzino, com pele problemática e que, dada a rouquidão do seu riso e os cabelos em pé, se assemelhava a uma hiena, e ainda outro, um brutamontes de ar maciço, de cujo aspeto nem me recordo já bem.

– Ei, Moreau! – chamou o franzino, agarrando-me de seguida. – Mais devagar.

Sorriram ambos, com ar de superioridade.

Que ridículos, pensei, quem pensam que são, vocês dois, seus palhaços imbecis? Por momentos, acendeu-se em mim uma chama de pura fúria, como dantes, quando andava à bulha. A seguir, porém, tive de me vergar. Quem estava eu a tentar impressionar? Ainda nem sequer chegara à mudança de voz, era simplesmente uma anedota.

Chamei o meu irmão o mais alto que consegui; a porta do quarto dele encontrava-se apenas a um metro. Ele não respondeu. Voltei a chamá-lo:

– Ajuda-me, Marty. Por favor!

Gritei e gritei, mas a porta manteve-se fechada.

Os dois rapazes que me estavam a agarrar esboçaram novamente um sorriso e a seguir arrastaram-me para o balneário. A caminho foram-se-lhes juntando outros alunos aos berros e, por fim, estava já a ser carregado por um grupo de cinco. Estrebuchava e tentava defender-me, mas não tinha hipótese. Puseram-me debaixo do duche, vestido, até ficar completamente encharcado. Cheirava a champô barato e a mofo, fechei os olhos e ouvi as gargalhadas. Houve então um que disse que seria divertido largarem-me nu no piso das raparigas. Voltaram a agarrar-me, no meio de forte berraria.

– Odeio-vos!

Tive de morder os lábios para reprimir as lágrimas.

– Acabem com essa merda! – disse uma voz.

Entrara no balneário um rapaz de cabelo louro: era o Toni, o colega de quarto do meu irmão. O meu coração encheu-se de esperança. Ele era um esquiador dotado, não era um tipo grande, mas bastante musculado, treinava a força quase diariamente e durante várias horas no ginásio. O Toni aproximou-se da hiena franzina e tal foi o ímpeto com que lançou o rapaz através do balneário, que os restantes recuaram.

Depois, veio ter comigo.

– Estás bem?

Eu ainda tremia, já que a água saía gelada do chuveiro. O Toni pousou a mão no meu ombro e conduziu-me ao quarto do Marty. Ele coxeava um pouco, consequência de uma segunda operação a um joelho. Não era certo se teria de abdicar da carreira de esquiador que havia planeado.

De repente, olhou para mim e sorriu.

– Ela já respondeu à carta?

Estava a tentar animar-me. Tal como tantos outros, o Toni estava perdido de amores pela minha irmã. Meses antes, eu tivera de entregar uma carta sua à Liz, a que no entanto ela jamais respondera. Desde então, o Toni estava sempre a perguntar-me, na brincadeira, se a Liz tinha finalmente lido a carta.

Já no quarto do meu irmão, eu continuava a pingar o chão. O Marty, que nos últimos anos desenvolvera uma considerável dependência dos computadores, desviou o olhar do monitor.

– Que se passa contigo?

Ignorei-o e olhei para o exterior: as janelas bem iluminadas do edifício vizinho, à distância os contornos da floresta coberta pela noite. O Marty voltou a escrever no teclado do seu *Commodore* comprado em segunda mão, mas aquele ar atarefado que assumia deixava transparecer a sua consciência pesada.

– Não me ajudaste – declarei. – Gritei por ti.

– Não te ouvi.

– Ouviste-me. Foi em frente à tua porta.

– Não te ouvi mesmo, Jules.

Lancei-lhe um olhar furioso.

– Bastava-te abrir a porta e eles largavam-me. Só precisavas de ter saído do quarto.

Contudo, o meu irmão permaneceu obstinado, pelo que no fim afirmei:

– Ao menos admite que me ouviste. Assim poderei perdoar-te.

Como, passados vários segundos, o Marty continuou sem me responder, abandonei o quarto. Naqueles anos, quando pensava no meu irmão, ocorria-me sempre a imagem de uma porta fechada.

Fomos até ao lago, queria mostrar uma coisa à Alva. Era um dia pálido e gelado, e pela primeira vez desde há anos saí com uma das máquinas fotográficas do meu pai na mão. Embora eu estivesse bem protegido contra o frio, de anoraque, cachecol e gorro, dei-me conta do modo descuidado como a Alva estava vestida. Calças de ganga fininhas e um casaco de malha coçado. Parecia uma criança acabada de fugir ou de ser abandonada por uma seita. No entanto, apesar de dever sentir frio, não revelou sinais disso.

A noite tinha já começado a cair quando chegámos ao lago. Alguns alunos do internato andavam ali a patinar sobre o gelo.

– Anda comigo.

Levei a Alva a um sítio um pouco mais isolado. Já quase não ouvíamos as vozes dos outros, estávamos sozinhos no lago gelado.

A Alva soltou um guincho. Encontrara a raposa. Conseguia ver-se o seu focinho inteiriçado através do gelo, mas havia uma parte do corpo do animal que sobressaía acima do nível do lago gelado, o seu pelo hirsuto repleto de cristais cintilantes. Como se ainda estivesse em movimento, quando de repente ficou congelada.

– Que morte horrível. – A Alva produzia vapor ao respirar. – Porque é que me mostraste isto?

Passei a mão protegida pela luva sobre o gelo e afastei a neve, para poder ver melhor aquele olhar sem vida da raposa.

– Uma vez, vi um cão a afogar-se. Mas isto é diferente. Pensei que talvez achasses interessante. Ela tem um ar tão calmo, tão *eterno*.

– Acho horrível. – A Alva virou a cara.

– Agora achas horrível, mas aposto contigo que daqui a vinte anos ainda te lembras desta raposa congelada. – Não pude evitar rir-me. – Até no teu leito de morte te vais lembrar da raposa congelada.

– Não digas disparates, Jules.

Fiz algumas fotografias e depois regressámos à aldeia. No horizonte, os últimos resquícios de cor iam desaparecendo, em nosso redor a paisagem fundia-se na escuridão. A temperatura desceu, cerrei os punhos dentro dos bolsos. Por fim, alcançámos o café.

Lá dentro, a Alva pôs-se a esfregar as mãos. Pintara as unhas recentemente e foi com uma expressão desconfiada que lhe olhei para as pontas dos dedos, de um vermelho brilhante; um sinal de mudança, de partida por novos percursos. Bebemos chocolate quente e conversámos acerca da minha irmã, que tinha voltado a ter problemas, por se ter *ausentado* de noite, à socapa.

– Ouvi dizer que vão expulsá-la em breve – afirmei. – Ela não leva nada a sério.

– Eu gosto da tua irmã – limitou-se a Alva a dizer. Ela e a Liz tinham-se encontrado uma vez, de passagem, no meu quarto. – E acho que ela é muito bonita. Gostava de ter uma irmã mais velha assim bonita.

Eu não soube que responder àquilo. Vi depois a hiena passar frente à janela. Furioso, segui-o com o olhar. A Alva, por sua vez, examinou-me de uma maneira que me incomodou. Num momento irrefletido, contara-lhe a minha humilhante experiência no balneário, por isso receava que ela me visse como um fracote.

– Devia ter-lhe acertado uns murros – disse eu, em tom de gabarolice, e tomei um gole de cacau. – Dantes, tê-lo-ia simplesmente... Nem sei por que não fiz nada.

A Alva soltou uma gargalhada.

– Jules, acho bem que não tenhas feito nada. Ele é muito maior que tu. – Ergueu uma sobrancelha. – Quanto medes?

– Um metro e sessenta.

– Ah, nem penses, de certeza que não tens essa altura. Põe-te lá aqui ao meu lado.

Levantámo-nos e ficámos direitos junto à mesa. A Alva era uns embaraçosos centímetros mais alta que eu. Durante alguns segundos, ficámos assim bem próximos, um diante do outro, e consegui aperceber-me do novo perfume dela, demasiado doce. Depois, voltou a sentar-se.

– Tens um bigode de leite de chocolate – avisou ela.

– Sabes o que penso às vezes? – Limpei o lábio superior e olhei para ela em jeito belicoso. – Isto aqui é como uma sementeira. O internato, a escola, o que aconteceu aos meus pais. Tudo isso foi semeado em mim, mas não sou capaz de ver o que me está a fazer. A colheita só se vai fazer quando eu for adulto e, nessa altura, será demasiado tarde.

Fiquei à espera da reação dela. Para meu espanto, a Alva sorriu.

De início, não compreendi. Depois, virei-me e atrás de mim reconheci um rapaz alto, mais velho, que de certeza tinha já dezasseis anos. Vinha na nossa direção com um sorriso confiante, à galã. A Alva olhava-o de um modo como nunca olhara para mim e, enquanto o rapaz esteve a falar com ela, experimentei uma cínzea sensação de inferioridade, que nunca viria a desaparecer por completo nos anos seguintes.

Encontrei a minha irmã à frente da cantina. Sentada num banco, a fumar, rodeada pelos colegas, como uma rainha no seu trono. A Liz tinha então dezassete anos, usava uma *parka* com capuz verde-azeitona e ténis *All Star*,

e os cabelos louros caíam-lhe sobre o rosto. Era invulgarmente alta para rapariga, media com certeza um metro e oitenta, continuava a preferir correr a andar, confundia admiração com afeição e fazia aquilo que lhe apetecia. A Liz sentia uma despreocupada curiosidade pelo corpo masculino; quando alguém lhe agradava, não hesitava nem andava com rodeios, agarrava de imediato. Durante as férias, era frequente sair com conhecidos mais velhos e já por duas vezes fora trazida de volta para a instituição pela Polícia, o que a deixara orgulhosa.

Estava naquele momento a falar de uma discoteca em Munique, e os colegas escutavam-na atentamente. Aproximou-se então dela um professor-estagiário.

– Liz, vens comigo, se fazes favor? A tua hora de estudo acompanhado já começou.

– Vou acabar o cigarro – anunciou a minha irmã. – E, seja como for, não vejo por que razão tenho de voltar a fazer essa merda do estudo acompanhado.

A Liz tinha uma voz profunda, capaz de soar intimidante. Além disso, falava sempre um pouco mais alto do que seria normal, como se pisasse um palco. E, de certo modo, era isso mesmo que acontecia.

Começou a discutir com o professor-estagiário diante dos outros e, num tom irado, ia berrando:

– Não faço essa merda, disso podes ter a certeza.

Tratava por tu todos os professores-estagiários.

– Além do mais, não me sinto bem... – acrescentou, com a beata num canto da boca. – Estou doente.

Não pôde deixar de rir do que acabara de dizer. Puxou mais uma passa e suspirou.

– Pronto, vou daqui a cinco minutos.

– Três – disse o jovem professor-estagiário.

– Cinco – insistiu a Liz.

Sorriu para ele com uma expressão tão atrevida e tão repleta de charme, que ele se viu obrigado a desviar o olhar.

Tudo isto aconteceu pouco antes das férias de Natal. Havia já coroas penduradas nas portas de cada piso, ao jantar comiam-se bolinhos de especiarias, tangerinas, frutos secos e bebia-se ponche. Desceu sobre o internato a sensação de alegria antecipada e generalizada, como um sino

que cobrisse tudo; já eu não gostava das férias. No internato não havia pais, o que me deixava em igualdade de circunstâncias com os outros. A ideia de ir para casa da minha tia em Munique, enquanto os meus colegas regressavam a casa, para junto das famílias, magoava-me sempre.

A nossa tia tinha então cinquenta e poucos anos, era uma pessoa afetuosa e meiga, à noite andava sempre com um copo de vinho na mão e um caderno de palavras cruzadas sobre o colo. A perda da irmã mais nova expulsara-lhe a jovialidade do rosto, em anos recentes ganhara algum peso e transmitia a impressão de alguém que assistia a um jogo cujas regras já não conseguia perceber. Ainda assim, a nossa tia deixava que o seu rosto fosse iluminado por um sorriso, de cada vez que um de nós precisava de ser animado. Ia connosco jogar *bowling* e levava-nos ao cinema, contava histórias acerca dos nossos pais e também parecia ser a única a perceber a complicada natureza do Marty. À noite era frequente ficarem ambos sentados na cozinha, a beber chá e a conversar. Ao pé dela, a voz do meu irmão perdia aquele tom pretensioso e sabichão que sempre tinha e, por vezes, quando lhe falava da sua irremediável falta de jeito junto das raparigas, ele permitia que a nossa tia o abraçasse.

Nas férias de Natal, criávamos uma espécie de acampamento de colchões na sua sala de estar. A Liz acumulava tudo numa pilha. O Marty, por seu lado, dispunha as suas coisas organizadamente e alisava os lençóis de modo tão meticoloso que quase não ousávamos sentar-nos ali em cima. Era estranho estar de novo tão próximo dos meus irmãos. De resto, eram já poucas as coisas que fazíamos juntos, pois na verdade havia demasiados mundos paralelos no internato; embora à hora de almoço nos sentássemos a uma mesa de distância uns dos outros, era quase como se cada um vivesse num país diferente. Naquele momento, porém, estávamos os três deitados diante do televisor, a assistir a um documentário sobre Ramsés II, o faraó egípcio. Parece que Ramsés se julgava poderoso não apenas desde que nascera, mas mesmo quando ainda estava no ventre materno. Chamava a isso ser «forte no ovo». Os meus irmãos e eu adotámos logo a expressão.

– És forte no ovo? – perguntávamos uns aos outros e desatávamos a rir.

E quando falávamos de alguém que, numa qualquer situação, tivesse metido os pés pelas mãos, dizíamos:

– Pois é, que se há de fazer? Lá está, não era forte no ovo.

Na manhã da véspera de Natal, enquanto andava à procura de velas, encontrei a minha irmã na arrecadação. Apressou-se a fechar a porta depois de eu entrar.

– *Merry Christmas*, miúdo!

A Liz deu-me um abraço, continuando depois a enrolar o seu charro. Fascinado, observei-a a fechar os olhos enquanto passava a ponta da língua na mortalha.

– Que se passa entre ti e a Alva? – Deu uma passa e expirou o fumo sob a forma de pequenos anéis. – Ela não estaria nada mal para ti.

– Nada, somos só amigos.

A minha irmã acenou com a cabeça, condoída e depois deu-me um pequeno encontrão.

– Alguma vez beijaste uma rapariga?

– Não, nunca mais desde... Não te *lembras*?

A Liz limitou-se a abanar a cabeça. Dava sempre a impressão de viver apenas no presente e esquecia-se de muita coisa, enquanto eu adorava voltar a contemplar longamente o que já vivera, questionando-me onde poderia arrumá-lo.

– Não admira que não tenhas namorada. – Pôs-se a inspecionar a minha roupa, que eu comprara com a nossa tia na Woolworth. – Vestes-te como um puto merdoso de oito anos. Temos urgentemente de ir comprar roupa juntos.

– Tenho de passar a ter mais estilo?

A Liz olhou para mim, pensativa.

– Ouve. O que te vou dizer é muito importante, nunca deverás esquecer-lo.

Fitei-a, ansioso, sabia que ia acreditar em cada palavra que ela dissesse.

– Tu não tens estilo – disse-me ela. – Infelizmente, é assim e nunca vais conseguir mudar isso, portanto, nem sequer tentes. No entanto, o que podes tentar é fazer parecer que o tens.

Fiz que sim com a cabeça.

– É verdade que estás quase a ser expulsa?

A Liz ergueu a cabeça, empinando o nariz.

– O quê? Quem é que anda a dizer isso?

– Não faço ideia, é o que dizem. E se alguma vez te apanharem com droga? Não digo haxe, mas... as outras coisas.

– Não vão apanhar. Sou forte no ovo.

Contava que ela acrescentasse qualquer coisa como «e, seja como for, não tomo esse tipo de coisas», mas ela não me fez esse favor.

– Sabes... – A Liz esboçou um sorriso forçado. – Passou-se muita coisa nas últimas semanas. Por vezes acho mesmo que devia simplesmente...

Esforçou-se por encontrar as palavras certas.

– Que estás a pensar? Que foi que aconteceu?

Aparentemente, divertia-a ver-me observá-la de olhos esbugalhados; em todo o caso, a Liz limitou-se a abanar a cabeça.

– Ah, nada, miúdo, esquece lá isso. Não vou ser expulsa da escola, *okay*?

– Piscou-me o olho. – Mais depressa chumbo o ano.

Mais tarde, decorámos todos a sala, juntamente com a nossa tia, enquanto no rádio iam passando *chansons*, e por momentos foi como dantes, só que havia ali duas pessoas em falta. Foi como dantes, só que já nada era como dantes.

*

Na noite de Natal a situação agravou-se. Nesse ano, pela primeira vez, a Liz não nos ofereceu nada que tivesse desenhado, mas em compensação acompanhou-nos à guitarra enquanto cantávamos. Costumava vê-la no internato, sentada em degraus, em bancos ou junto à pista de atletismo, a praticar, concentrada. Contudo, muito embora também tivesse uma voz bonita, recusou-se a cantar *Moon River*, como a nossa mãe antes fazia.

– Mais depressa me atiro de uma ponte do que canto essa merda de canção. – A Liz pôs-se a examinar as unhas. – Sempre a detestei.

– Tu adoravas a canção – disse o Marty, em voz baixa. – Todos a adorávamos.

Depois do jantar, jogámos *Malefiz*. Durante bastante tempo, pareceu que o Marty ia vencer, até a minha irmã e eu nos aliarmos contra ele e o barricarmos com as peças brancas de madeira. Ele desatou a berrar, furioso, e insultou-nos, sobretudo depois de a Liz ganhar e, ainda por cima, soltar gritinhos triunfantes.

Quando nos pusemos a arrumar o jogo, a minha irmã pegou numa das peças brancas e guardou-a no bolso das calças.

– Para dar sorte – segredou-me ao ouvido.

Foi o melhor momento daquele Natal, para mim. A noite parecia prestes a terminar de modo pacífico, até a nossa tia perguntar como as coisas iam no internato.

Enquanto eu me mantive em silêncio e o Marty não parou de se queixar (naquela altura, ele seria bem capaz de desatar à bulha numa sala vazia), a Liz ia, em tom de provocação, relatando abertamente as noites passadas junto ao lago, em festas e com rapazes. Deleitou-se a dissecar as fraquezas dos professores ou os comportamentos desastrados dos seus pretendentes, acabando sempre por soltar gargalhadas maliciosas, repulsivas.

O Marty fez uma careta.

– Liz, será que tens *sempre* de te exhibir com as tuas histórias? Não é minha intenção interromper-te, mas a verdade é que irrita.

Uma expressão típica do Marty. Dizia sempre «não é minha intenção...» e depois fazia precisamente o contrário do anunciado.

A Liz desvalorizou o que ele disse com um gesto da mão.

– Só estás chateado porque continuas sem namorada. Sabes como é que chamam ao teu quarto, no internato? A câmara da masturbação.

– A quê? – perguntou a nossa tia.

– Ah, fecha a matraca.

Marty pôs-se a mexer na gola do seu casaco de cabedal, que jamais despia, mesmo em espaços aquecidos. O seu rosto tinha a cor do papel velho, o seu cabelo comprido era oleoso e, além disso, deixara recentemente crescer uma pera. Como um pequeno delinquente de Filadélfia, aspeto desleixado, capaz de a qualquer momento assaltar um supermercado para de lá sair com cinco dólares e um pacote de leite na mão.

– Preocupa-te antes com o que na escola se diz de ti.

– Porquê, o que é que dizem? – quis saber a Liz.

– Ah, nada – respondeu o Marty, dando-se conta de ter cometido um erro.

A Liz olhou primeiro para ele e depois para mim.

– Sabes o que ele quer dizer com isso?

Permaneci calado. É claro que sabia ao que o meu irmão se referia. Também me tinham chegado as histórias que se contavam da minha irmã. Achei que tinham de ser mentiras. Postas a circular por rapazes dececionados ou raparigas invejosas. Na verdade, porém, que sabia eu a respeito da minha irmã?

– Que é que se diz afinal na escola? – perguntou, por fim, também a nossa tia.

– Que ela é uma... *puta* – respondeu o Marty. Ele próprio ficou chocado com o poder destrutivo daquelas palavras. Vi perfeitamente que ele não queria continuar a falar, mas pareceu-me incapaz de ceder a uma compulsão que se gerara no seu interior. – Que ela dorme com homens em troca de droga – prosseguiu. – Que um deles chegou a engravidá-la.

Ouviu-se um tilintar bem nítido. A Liz atirara a colher da sobremesa para cima do prato. Levantou-se de um pulo e abandonou a sala. Dali a alguns segundos, ouvimos a porta de entrada do apartamento a bater. Corri para a janela e já só consegui ver a minha irmã desaparecer, a passo apressado, no meio da escuridão.

Embora tenha regressado na manhã seguinte, poucas semanas após o Natal a Liz deixou a escola e, durante vários anos, desapareceu da minha vida. Contou a uma colega que terminar o liceu não era coisa para ela e que pretendia antes explorar o mundo. Que tinha de o fazer. Na altura, andei durante bastante tempo em busca do *porquê*. Todos os dias esperava receber um sinal da Liz, uma carta em que se explicasse, um postal ou um telefonema. Como um náufrago que roda incansavelmente os botões de um aparelho de rádio, na esperança de por fim ouvir uma voz. Porém, tudo o que ouvi da minha irmã foram anos seguidos de ruído branco.

Reações químicas
(1992)

Fiquei à espera no parque de estacionamento do internato e pus-me a observar as luminosas esteiras de condensação deixadas pelos aviões no horizonte avermelhado. Como frequentemente acontecia quando um espetáculo da natureza se combinava com as minhas nostalgias e recordações, senti um ligeiro aperto na região do estômago. Aos dezanove anos, estava prestes a realizar o exame final do liceu. O futuro apresentava-se estendido diante de mim, qual mapa desdobrado, e eu sentia o entusiasmo enganador de um jovem que ainda não cometeu nenhum erro de monta na vida.

Um quarto de hora mais tarde, o *Fiat* vermelho entrou por fim no parque de estacionamento. Sentei-me no lugar do passageiro e dei um beijo na face da Alva.

– Atrasada, como sempre – comentei.

– Gosto de te deixar à espera.

Tirou o pé da embraiagem e acelerou de imediato.

– Como foram as coisas em casa? – perguntou. – Alguma história de mulheres de que eu deva ter conhecimento?

– Bem, como sabes, não sou de me entregar a tristezas...

– Jules, sabes bem que és de te entregar a tristezas.

A Alva não largava o assunto e perguntou-me a respeito de uma certa rapariga da nossa turma, cujo nome não seria adequado mencionar aqui.

– Aconteceu alguma coisa entre vocês? Viste-a nas férias?

– O acusado faz uso do seu direito de se remeter ao silêncio.

– Vá, diz lá. Como é que correu?

Soltei um suspiro.

– Não nos vimos.

– Pois é, *monsieur* Moreau, esperava mais de si.

– Tens muita piada. Não acredito que ela queira nada comigo.

– Tens noção de como és giro? É claro que ela há de querer.

A Alva esboçou um sorriso largo. Adorava fortalecer a minha autoconfiança e promover arranjinhos com outras raparigas.

Devo referir que nos anos anteriores eu crescera de modo considerável. O meu cabelo era negro como o do meu pai, herdara dele também a barba forte e só ocasionalmente é que a tirava. Surpreendia-me como isso me conferia um aspeto adulto e um ar furtivo e rude.

Nos últimos anos de escola, tinha tido duas relações de curta duração que pouco me haviam marcado. Nessa altura, andava muito mais interessado na fotografia. Aprendi tudo a respeito das reações químicas necessárias para revelar um negativo; na cave do edifício do internato havia uma sala vazia que pude usar como câmara escura.

Era com frequência atraído para o meio da natureza, conseguia passar horas a fio com a máquina do meu pai, sentado na margem do lago ou a vaguear por campos e bosques, regressando apenas ao fim do dia com os despojos. As coisas ganhavam vida através da lente da *Mamiya*, de repente as cascas das árvores adquiriam um rosto, a estrutura da água produzia um sentido e também as pessoas pareciam subitamente diferentes; por vezes, só conseguia entender os seus olhares ao observá-las pelo visor da máquina fotográfica.

– A partir de agora não quero ouvir mais desculpas – insistiu a Alva, sentada ao meu lado. – Não podes limitar-te a ser sempre demasiado tímido, tens poucas semanas. – E, de novo, com ênfase: – Queres deixar a escola sem nunca ter acontecido nada com ela?

Olhei através da janela, em silêncio. A paisagem ia mergulhando na escuridão, era como se tivesse sido aplicada a primeira demão da noite.

Passado um bocado de tempo, a Alva deu-me um pequeno encontrão com o cotovelo.

– Em que estás a pensar quando ficas a olhar assim?

– Quando fico a olhar assim como?

A Alva fez uma imitação bastante boa de um devaneador ligeiramente apatetado e perdido no seu mundo de sonhos.

– Em que estás para aí a pensar? – perguntou de novo, mas continuei sem responder.

Desde que chegara ao internato, víamo-nos quase todos os dias. A Alva tornara-se a minha família de substituição e, em diversos aspetos, era-me

mais íntima do que os meus irmãos ou a minha tia. No entanto, nos últimos anos ela mudara. Continuava a haver momentos em que lhe conseguia arrancar uma rara gargalhada despreocupada ou em que, ao ouvir música, olhávamos um para o outro e simplesmente *sabíamos* aquilo em que o outro estava a pensar. Em paralelo, passara a existir uma outra Alva. Alguém que se furtava à minha companhia com cada vez mais frequência e que, a fumar e repleta de ódio contra si mesma, se sentava num banco e dizia coisas como «talvez tivesse sido melhor nem sequer ter nascido».

Com os seus cabelos ruivos e pele pálida, tinha tido vários pretendentes, mas só já perto de completar dezassete anos é que teve o seu primeiro namorado. Depois disso, ainda iniciou qualquer coisa meio tímida com um ou dois rapazes do secundário. Contudo, enquanto, ao que me parecia, a Liz simplesmente adorava sexo e era capaz de ver uma coisa especial em qualquer homem, com a Alva a coisa funcionava como se ela usasse o seu corpo como uma arma contra si mesma. E, assim que algum rapaz desenvolvesse uma afeição por ela, logo tratava de o rejeitar rapidamente. Como se alguma coisa nela tivesse ficado feita em cacos, cacos capazes de ferir todos quantos dela se aproximassem demasiado.

Aos dezassete anos, afastara-se já por completo dos homens. Qualquer forma de aproximação parecia repugná-la, pelo que surgiram rumores de que o seu interesse estaria nas mulheres. Ou então, era apenas *estranha*. Para a Alva, era indiferente o que pensassem. Em vez disso, estudava como possessa e lia livros sobre filosofia; Sartre e, por várias vezes, Kierkegaard. Embora tivesse arranjado namorado recentemente, nunca falávamos a esse respeito.

Nessa noite, fomos de carro até um bar. A caminho, a Alva teve de ligar à mãe de uma cabina telefónica.

– Com o Jules – ouvi-a dizer. – Não, não o conheces, era outra pessoa. – O volume da sua voz foi aumentando. – Volto quando me der jeito – respondeu por fim, pousando depois o auscultador com força.

A mãe dela controlava o paradeiro da filha com uma vigilância apertada, e já mais de uma vez a Alva tinha ameaçado que, terminado o secundário, se limitaria a desaparecer e não mais voltaria. No entanto, eu não fazia ideia do que ao certo acontecera entre as duas. A Alva sempre me mantivera afastado da sua família e bloqueava todas as perguntas acerca dos pais. Cheguei a ir buscá-la a casa duas ou três vezes, mas de cada uma delas a

Alva estava já diante da porta, à minha espera, para que eu não tivesse de entrar.

– Tudo bem? – perguntei, quando ela voltou a entrar no carro.

Disse que sim com a cabeça e ligou o motor, mas continuava a cismar naquilo e os seus olhos pareciam-me ter adotado um tom um pouco mais escuro. Regra geral, a Alva conduzia demasiado depressa, mas naquele dia entrava nas curvas sem sequer abrandar. Abriu a janela e os seus cabelos começaram a esvoaçar. Foi um daqueles momentos em que tive a noção de que ela poderia vir a ser, não sei como dizê-lo de outra maneira, *perigosa* para mim. Há meses que a Alva andava neste jogo comigo. Sabia perfeitamente que eu tinha medo quando ela conduzia demasiado depressa, mas também sabia que não queria admiti-lo diante dela. Assim, ia descrevendo as curvas cada vez mais depressa com o *Fiat* vermelho, parecia dar-lhe gozo ver-me agarrado ao banco, mas eu perseverava no meu silêncio. A cada curva ia um pouco mais rápido. E, naquela noite, depois de perceber que ela efetivamente não ia parar com aquilo, que estava preparada para continuar até às últimas consequências, fui eu que desisti.

– Conduz mais devagar – disse, quando ela se preparava para abordar mais uma curva demasiado depressa.

– Tens medo?

– Sim, caramba. Conduz mais devagar, por favor.

A Alva reduziu de imediato a pressão no acelerador e esboçou um sorriso triunfante e singularmente imperscrutável.

Estacionou o *Fiat* vermelho diante do sórdido bar da aldeia, o Jackpot. Era o ponto de encontro dos alunos dos anos mais avançados. A *jukebox* tocava sobretudo *rock* antiquado, o tecido da mesa de bilhar estava puído. Mais atrás, junto ao alvo dos dardos, havia duas máquinas de jogo que exerciam uma enigmática atração sobre todas as existências falhadas das redondezas.

Ao invés de entrarmos logo no bar, ficámos sentados no carro. A Alva pôs o rádio a tocar baixinho e abriu uma lata de cerveja. A seguir, dirigiu-me um olhar intensamente expressivo.

– Abre o porta-luvas.

Lá dentro encontrei um presente, numa embalagem retangular e colorida.

– Para mim?

Quando ela fez que sim com a cabeça, rasguei o papel da embalagem. Um álbum de recordações com fotografias da nossa infância e juventude, todas elas acompanhadas de pequenos e afetuosos poemas. Ela devia ter investido horas naquilo.

Fiquei tão comovido que, por momentos, me faltaram as palavras.

– Porque fizeste isto?

De modo casual, ela respondeu apenas:

– Ah, achei que ias gostar.

Observei as fotos, que nos mostravam junto ao lago, em idas a concertos e festivais de música, numa festa de rua em Munique ou no meu quarto no internato. Abracei a Alva e, quando viu a minha alegria, ela corou.

Como tantas vezes acontecia, falou acerca de *O Coração É Um Caçador Solitário*, de Carson McCullers, o seu livro preferido.

– Tens de ver se finalmente o lês – insistiu.

– Sim, eu sei, ainda vou fazer isso.

– Por favor, Jules. Quero saber o que achas do livro. O modo como, à noite, as personagens andam por ali sozinhas a passear, tão repletas de desassossego. No fim acabam por ir todas parar àquele café, o único que ainda está aberto àquela hora da noite. – Sempre que falava de livros, ficava entusiasmada. – Gostava de ser uma personagem literária daquelas. Uma personagem que vagueia sozinha pela cidade, no meio da escuridão, e que a seguir, depois da meia-noite, entra num café.

A voz da Alva mantinha um tom baixo, mas os seus olhos cintilavam e isso agradava-me imensamente.

Contei-lhe como tinham sido as minhas férias em Munique e de ter ido à procura da casa em que crescera.

– Renovaram tudo. O baloiço e a casa da árvore no pátio desapareceram; onde eles estavam agora crescem flores. Tem um aspeto tão diferente, tão estranho. Quando lá estive, senti-me observado, como se fosse um ladrão.

Ao contrário de mim, a Alva quase nunca falava da sua infância. Só uma vez me confidenciou que, em criança, mesmo em dias particularmente agradáveis passados em família, sempre sentira uma espécie de dor, porque aquele momento seria passageiro. E, quanto mais eu pensava nisso, tanto mais me apercebia de que me revia naquela sucinta observação.

Observei dois colegas a sair do Jackpot.

– Queres? – perguntou a Alva.

Não sabia a que se referia, mas achei por bem sentar-me mais direito no assento. Vi então que ela estava a enrolar um charro. Até àquela altura, eu nunca tinha experimentado drogas.

– Sim, claro – respondi. – Onde é que arranjaste isso?

– Sou a chefe de um cartel de droga, nunca te tinha dito?

– A chefe? Já mandaste apagar alguém?

– Já teve de ser, uma ou duas vezes.

Lançou-me um olhar sombrio, muito convincente.

Na verdade, a Alva fora até então bastante comedida no que dizia respeito a drogas. Quando o charro ficou pronto, deu uma passa e depois passou-mo.

– Tens de inspirar profundamente e manter o fumo no interior.

Fiz que sim com a cabeça, de início tossi, mas, passado algum tempo, a coisa lá funcionou, fiquei com a cabeça a rodopiar. Espreguicei-me no banco do pendura e pensei novamente no apartamento que tivera de abandonar quando era criança. Fiquei apavorado ao constatar que só com dificuldade conseguia convocar imagens nítidas: já mal me lembrava do aspeto de cada divisão. Onde estava pendurado o relógio na cozinha? Que quadros tinha eu na parede do quarto?

Enquanto refletia sobre isso, surgiu entre as minhas recordações um táxi que descrevia uma curva e desaparecia sob a luz noturna de um candeeiro. A cena não parava de repetir-se diante dos meus olhos. Queria gritar qualquer coisa para o táxi, mas entretanto ele desaparecia. Sabia que a imagem era muito importante para mim, mas ao mesmo tempo era como se a recordação não tivesse amadurecido, como uma fotografia ainda no banho revelador.

– Que se passa? – perguntou a Alva.

– Nada, porquê?

– Estás a tremer.

Também me apercebi disso e tratei de inspirar e expirar profundamente algumas vezes. Por fim, acalmei-me e a imagem do táxi que se afastava desvaneceu-se.

– Que é feito dos teus irmãos? – perguntou ela. – Ainda os vês com frequência?

Dei uma passa, inspirei profundamente e pus-me a pensar se devia falar da estranheza que, à socapa, se instalara entre mim e os meus irmãos. Limitei-me a encolher os ombros.

- A minha irmã vive em Londres, acho eu. E o meu irmão, em Viena.
- Então não os vês muitas vezes?
- Não... Na verdade, quase nunca os vejo.

A Alva tirou-me o charro da mão e puxou uma passa, reavivando-lhe a incandescência. Pôs o rádio mais alto e fechou os olhos. Manteve-se imóvel alguns instantes. Depois, ainda de olhos fechados, agarrou na minha mão. Não fez mais nada, não se aproximou, só me segurou a mão. Apertei a dela. Ela fez o mesmo. A seguir, recolheu a mão.

No fim de semana, após bastante tempo sem nos vermos, o Marty surpreendeu-me com uma visita. Depois de ter inspecionado o meu quarto, fomos para o carro dele, um *Mercedes* usado. Nunca consegui entender muito bem aquilo que, para além de estudar informática, o meu irmão fazia, mas pelos vistos andava envolvido em diversos projetos, por sinal bem-sucedidos. Fundara havia pouco tempo uma empresa com o Toni, seu antigo colega de quarto, e outro colega de faculdade, um tipo rico; ocupavam-se de conceitos abstratos, pelo menos para mim, como «interligação» e «informação». Os anos de infelicidade passados no internato pareciam ter-lhe aguçado a força de vontade; usando passado, presente e futuro, o Marty construía uma escada de três degraus que o conduziria aos píncaros.

– Achas que a tua empresa vai resultar? – perguntei-lhe.

– Toda a gente nos vai querer – disse o meu irmão, de sorriso na cara. – Somos fortes no ovo!

Chegámos ao carro. Fiquei feliz por constatar que o Toni também viera. Continuava tão musculado como nos tempos da escola. Estava descontraidamente encostado à porta do condutor e ia mastigando uma maçã.

– Olha o Jules Moreau – disse ele.

– Olha o Anton Brenner – respondi.

Abraçámo-nos. Quando, há alguns anos, eu me juntara à equipa de atletismo, o Toni e eu costumávamos levantar pesos na sala de musculação do internato. De vez em quando, íamos beber uma cerveja a seguir. Ensinou-me uns quantos truques de magia, alguns com cartas, e continuava a fantasiar em relação à Liz. Mais tarde, quando foi declarado incapaz para

o desporto depois de nova operação ao joelho, achou que, em jeito de compensação, tinha o direito de casar com a minha irmã.

Quando lhe falei disso, limitou-se a fazer uma careta.

– Ela já respondeu à minha carta de amor?

Fomos os três até ao lago. Enquanto, num rasgo de genialidade, o Marty previa a chegada da Internet («Vai haver todo um mundo novo, Jules, entendes? Este velho mundo está cartografado, mas não tarda poderemos ser todos pioneiros outra vez.»), pus-me a observar o aspeto dele: cabelo com risco ao lado, óculos sem aros, *blazer* e sapatos de couro entrelaçado. Do casulo do *nerd* vestido de preto saíra um académico aplicado e brilhante que se destacava dos demais. Ainda que, com o seu nariz comprido e boca estreita, o meu irmão não tivesse um rosto particularmente bonito («uma cara como um esboço descuidado feito a lápis pelo Sempé», dissera a Liz certa vez), a verdade é que estava com muito melhor aspeto do que nos tempos de escola, e resplandecia de energia criativa.

– O teu irmão vai-se tornar um gestor de topo, sempre achei que sim – disse o Toni. – Eu cá ando só à boleia dele.

Ainda assim, o Marty mantinha os seus tiques: a caminho, teve forçosamente de pisar todas as poças de água. Já no internato era incapaz de sair do quarto sem manipular várias vezes o puxador da porta. Ora o fazia apenas quatro vezes, ora doze, ora oito. Com a precisão científica de um alienado, parecia ter desenvolvido um sistema dotado de uma lógica interna e, embora eu fosse contando, jamais consegui descortiná-la.

Puseram-se os dois a fazer-me perguntas acerca do internato. Que haveria eu de dizer? Passados nove anos, desempenhava o papel de aluno de internato alegre e sociável tão na perfeição que, de vez em quando e por momentos, chegava a acreditar que a minha existência era *mesmo* des preocupada. No entanto, continuava sem falar dos meus pais. O meu mais veemente desejo era deixar de ser um maldito órfão, ser apenas normal. Deixei as recordações que tinha dos meus pais bem embrulhadinhas, a ganhar pó num canto da consciência. Embora noutros tempos tivesse ido com frequência visitar a sepultura deles em Munique, há muito que não voltara.

– Não quero que fiques preocupado – disse o Marty –, mas a Liz não anda bem. Esteve recentemente comigo em Viena e tinha um ar estafado. Toma demasiadas merdas.

– Mas sempre o fez.
– Refiro-me a drogas mesmo duras. Acho que entretanto se arrependeu de ter desistido da escola.
– Porque pensas isso?
– Pareceu-me triste, quando me acompanhou à universidade. *Sei* simplesmente que ela se arrepende.
Fiquei sem saber que responder. Durante anos, mal soube fosse o que fosse da Liz; entretanto, voltara pelo menos a haver um contacto, ainda que vago. Vira-a pela última vez em Munique, poucos meses antes. Um encontro fugaz, como sempre.
Para mudar de assunto, o meu irmão falou-me da Elena, a sua namorada, que conhecera na universidade. Quando lhe perguntei se a amava, deu a entender que não com um gesto da mão.
– Amor... – declarou. – É um conceito literário idiota, Jules. São só reações químicas.

Fiz um *sprint* de cem metros na pista. A Alva estava sentada sobre a relva, a ler. A relva, repleta de areia, e a própria pista encontravam-se num estado deplorável, mas o complexo desportivo continuava a ser, de certo modo, a alma do internato. Era lá que, da parte da tarde, se encontravam os mais diferentes grupos, para discutir planos para a noite, ler ou matar o tempo.

Eu era um bom velocista; embora não batesse recordes, conseguira ganhar uma ou outra corrida em competições em que a nossa equipa de atletismo participara. Parei, ofegante, diante da Alva, que segurava um livrinho da editora Reclam. Quando lia, algo nela se transformava. O rosto descontrai-se, a boca ficava ligeiramente entreaberta, toda ela parecia de súbito inatingível e protegida.

Conseguí ler fugazmente três versos de um poema e recitei:

*A morte é grande.
Com o riso na boca,
Somos seus.*³

– Muito animador – comentei. – E como é que continua?

A Alva fechou o livrinho.

– Vá, dá mais uma volta! – ordenou ela, muito satisfeita.

Depois do treino, fui tomar duche, mudei de roupa e voltei para junto dela com a minha máquina. Tirei-lhe umas quantas fotografias e a seguir deitei-me a seu lado, sobre a relva. Creio que foi a Alva a primeira a dizer que, mais tarde, queria impreterivelmente ter filhos.

– E quantos? – perguntei.

– Gostava de duas raparigas. Uma será toda independente e estará sempre a contrariar-me; a outra, muito afeiçoada, virá sempre ter comigo quando precisar de conselhos. Também vai escrever poemas que nunca fazem sentido.

– E se as duas raparigas saírem completamente chanfradas ou esquisitas?

– Enfim, não há mal nenhum em serem um bocado esquisitas.

A Alva sorriu, fazendo desaparecer a pequena ruga no meio da testa.

Depois, já com ar sério, prosseguiu:

– Devo avisar-te, Jules, que se eu chegar aos trinta e não tiver filhos, e se tu também não os tiveres, vou querer ter filhos teus. Tenho a certeza absoluta que serias um bom pai.

– Mas para isso teríamos de dormir um com o outro.

– Estaria disposta a suportar esse infortúnio.

– Sim, tu talvez estivesses. Mas quem te diz que eu estaria?

A Alva ergueu uma sobrancelha.

– Não estarias?

Por momentos, a conversa foi interrompida.

Constrangido, observei o edifício do internato, o cimento aquecido do parque de estacionamento tremeluzia sob efeito do sol, como cacos de vidro iluminados.

– Claro que sim, a coisa soa bem – disse eu por fim. – Não quero ser pai já velho. Trinta anos também é o limite para mim. Assim sendo, estou disposto a engravidar-te, caso venha a ser necessário.

– E como será se, aos trinta anos, já nem sequer nos dermos?

– Isso nunca poderá acontecer.

Ela olhou para mim demoradamente.

– Uma coisa dessas pode sempre acontecer.

Os olhos felinos da Alva eram verdes; não pálidos e escuros como uma nota de dólar, mas de um verde claro e luminoso. Aquele verde constituía

um contraste fascinante com a cor ruiva dos cabelos, mas o seu olhar possuía com frequência um qualquer elemento de rejeição, de quase frieza. Não era o olhar de uma rapariga de dezanove anos, mas o de uma mulher indiferente e que já deixara de ser jovem. Contudo, quando dissera «uma coisa dessas pode sempre acontecer», algo mudou nos olhos dela, toda a frieza desapareceu.

Uma gota de água caiu-lhe então sobre o braço e olhámos para cima. Nuvens densas haviam tapado o Sol e, vindo do nada, ouviu-se um forte trovão. Segundos mais tarde, desabou sobre nós uma chuvada.

Agarrámos nas nossas coisas e fugimos para o meu quarto. A Alva descobriu o *gin* que o Toni me trouxera aquando da sua visita, foi-nos servindo e, sem nos darmos conta disso, acabámos por esvaziar a garrafa. O álcool deixou-me alegre; a Alva, pelo contrário, ficou tensa.

– Ele acabou comigo – disse, de supetão.

O namorado dela tinha já vinte e tal anos e era um vendedor de automóveis de aspeto grosseiro, um tipo da cidade com quem eu não simpatizava. A Alva abanou a cabeça.

– Mas é bem provável que eu tenha sido um bocado merdosa para ele. Mereci o que me fez.

– Não mereceste. Seja como for, eras demasiado boa para aquele idiota.

– Acredita, mereci que ele acabasse comigo. – E depois, num tom quase de troça, acrescentou: – Jules, vês sempre em mim alguém que eu não sou.

– Não, pelo contrário. És alguém que tu própria não vês.

Encolheu os ombros, acabou de beber o que tinha no copo e encheu-o logo. Entretanto, cambaleava já ligeiramente. *Obrigado, Toni, pensei. Não faço ideia por que razão me trouxeste a garrafa de gin, mas fico em dívida para contigo.*

Ocorreu-me o modo como ela me agarrara a mão no *Fiat*.

– Ainda te lembras quando, no quinto ano, te sentaste ao meu lado?

– Porque é que te lembraste disso?

– É só... porque é que o fizeste?

– Eras novo na turma e vestias-te de forma estranha, meias azuis e vermelhas, nada combinava com nada. E tinhas um ar tão triste e desamparado. Toda a gente fazia piadas a teu respeito.

– A sério? Não me apercebi de nada disso.

– Riam-se também porque pronunciavas sempre as palavras todas trocadas. «Charé-meia», ainda me lembro dessa. Ou «sim de femana», em vez de «fim de semana». – A Alva pegou no colete com pesos de chumbo com que eu sempre treinava a velocidade e pôs-se a examiná-lo. – Foi por isso que me sentei ao teu lado, para não ficares tão sozinho. Só que depois toda a gente começou a meter-se comigo, a dizer que estava apaixonada por ti, e acabei por me ir sentar noutro lado.

– Não foi lá muito nobre da tua parte.

– Sim, é verdade.

Olhámos demoradamente um para o outro.

– Alva, estás bêbeda – disse eu.

– Não, Jules, tu é que estás bêbedo. Afinal, desde quando é que bebes gin?

– Desde sempre, todos os dias despejo uma garrafa antes das aulas. – Dei um passo em frente, aproximei-me dela e tirei-lhe o colete de chumbo da mão. – Há tanta coisa que não sabes a meu respeito.

Olhou-me fixamente.

– Ah, sim, o quê?

Instalou-se o silêncio. Quanto mais tempo a pergunta permaneceu por responder, tanto mais a expressão dela se foi alterando, passando de um registo brincalhão a outro mais sério. Soltei uma gargalhada breve, que soou mais a arquejo.

Como a Alva não quis assumir protagonismo naquele momento, decidi, por impulso, pôr música a tocar. «Via Con Me», de Paolo Conte, a canção que a minha mãe pusera a tocar para mim, pouco antes de morrer.

Observei a Alva, em cujo rosto continuavam colados os cabelos húmidos da chuvada. O vestido molhado pegava-se-lhe ao corpo. Puxou-o cuidadosamente para baixo, para cobrir as pernas nuas. Nesse momento, comecei a mover-me ao som da música. Tremiam-me os joelhos.

– Danças realmente bem – disse ela, soando surpreendida.

Em vez de lhe responder, convidei-a a levantar-se. Como ela se recusou, insisti, estendendo a mão.

– Anda daí – disse eu. – Só esta música... Anda!

Fiz-me passar por um italiano gesticulador, enquanto, de modo teatral, ia movendo os lábios à medida que se ouvia a letra da canção.

*It's wonderful, it's wonderful, it's wonderful
good luck my baby
It's wonderful, it's wonderful, it's wonderful
I dream of you...*

A Alva soltou uma gargalhada. Logo de seguida, porém, o seu rosto adotou uma expressão melancólica e tive a impressão de que, de repente, os pensamentos dela já estavam noutro lado qualquer. O corpo da Alva perdeu todo o tónus e reparei que chegou a abanar a cabeça. A desilusão que senti quase me fez perder o fôlego. Pressionei os lábios um contra o outro, continuei a dançar sozinho mais alguns instantes, enfrentando corajosamente o ridículo. Por fim desliguei a música e, passado pouco tempo, a Alva pegou nas suas coisas e saiu.

As férias por altura do Pentecostes de 1992 passaram-se sem acontecimentos dignos de nota, até que um dia dei com a minha tia sentada na cozinha, absorta, com um estranho brilho nos olhos. Assustei-me ao constatar que ela havia envelhecido. Só depois compreendi. Era o aniversário da minha mãe. Senti-me envergonhado de o ter esquecido por completo. Apesar disso, só por cortesia, acedi a sentar-me no sofá ao lado da minha tia quando ela quis ver álbuns com fotos de família.

Vi a minha mãe ainda criança, como adolescente e já mulher, jovem, com cabelo curto e minissaia à moda, no meio de um grupo de estudantes. O seu olhar, repleto de admiração, dirigia-se a um homem bem-parecido ao lado dela. Este trazia vestida uma camisa branca com gravata curta, mangas arregaçadas, um cachimbo na boca e falava aos demais com um brilho nos olhos.

– O teu pai conseguia ser tão arrebatador, tão inteligente – disse a minha tia. – Adorava discutir um assunto horas a fio.

Na fotografia seguinte vi a minha avó francesa, que já então exibia traços duros em redor da boca. Ali estava também o pequeno Marty com a sua colónia de formigas. A Liz nos seus vestidos de princesa, com um laço cor-de-rosa no cabelo, e em segundo plano eu, a fitá-la, de boca aberta e olhos arregalados. Noutra fotografia estou eu, com nove anos, na cozinha, inclinado sobre um tacho, muito concentrado. Recordei de imediato aqueles

aromas familiares da comida. Há vários anos que deixara de cozinhar, mas não gostara em tempos de fazê-lo? Ou estaria agora apenas a imaginá-lo, influenciado pelas fotografias? Esforcei-me por avivar a memória e fui sendo visitado por recordações cada vez mais nítidas.

Outra foto mostrava-me diante de uma estrutura para trepar, num parque infantil, com aquele sorriso pleno da autoconfiança que outrora tinha, rodeado por vários rapazes e raparigas.

– Querias estar sempre no centro das atenções – disse a minha tia. – Eras um *temerário*. Ai de quem não dançasse de acordo com a tua música, então é que ficavas danado. E nada era demasiado perigoso para ti.

Senti que ela falava de outra pessoa.

– A sério? – perguntei.

– Eras uma criança especial – prosseguiu ela. – O Marty sempre foi o esperto, a Liz a glamorosa, mas tu eras muito singular, muito mais delicado do que a maioria das outras crianças. – Sorriu. – Ainda que estivesses sempre a tagarelar.

Por fim, surgiu uma foto em que a minha mãe me observava com enlevo, enquanto eu escrevia qualquer coisa no meu bloco de apontamentos vermelho.

A minha tia parou de folhear, detendo-se naquela fotografia.

– Ela amava-te tanto – disse. – Eras o queridinho dela.

Fixei os olhos nessa imagem da minha mãe comigo. Em criança, ela chamava-me «caracolito», porque no meio da natureza eu costumava erguer a cabeça, qual caracol, a tentar absorver tudo o que me envolvia. Sempre que sentia alguma insegurança, era a ela que recorria em busca de conselhos. Era a minha bússola. Observei o olhar dela, aquele rosto que me era familiar, a sua mão, pousada no meu ombro.

Fiquei surpreendido ao dar-me conta de que tinha lágrimas nos olhos.

– Isto é... – disse eu, tentando começar uma frase.

A minha tia segurou-me na cabeça e abraçou-me. Quando senti o calor que emanava dela, não me consegui conter, desatei a chorar, chorei como há anos não chorava.

– Sinto tanta falta dela... – repeti várias vezes, enquanto a minha tia me consolava, afagando-me as costas.

A festa teve lugar numa cabana de montanha, sem eletricidade nem água corrente. Os exames escritos estavam terminados, sentia-se a mão férrea do sistema escolar a afrouxar o aperto, já só tínhamos pela frente os exames orais. Os meus colegas tinham decidido organizar uma festa, para uma vez mais celebrarmos em conjunto, antes de tudo terminar. Um leitor de CD portátil tocava música, ríamo-nos mais alto do que seria necessário e dizíamos disparates. Despachar os exames finais era como ter acabado de assaltar um banco e ter por único problema o que fazer com o dinheiro.

A Alva desaparecera. Era habitual ela afastar-se e isolar-se, mas, ao fim de uma hora, saí para a procurar. Fui dar com ela a algumas centenas de metros da cabana. Estava de pé diante de uma saliência rochosa, a observar as profundezas.

Dei um pontapé numa pedra. A Alva virou-se na minha direção.

– Que se passa contigo?

– Nada – respondeu.

Sentámo-nos ao lado um do outro e deixámos os pés oscilarem diante do abismo. A Lua iluminava o vale à nossa frente.

– Estive a ler os teus contos ontem – disse ela. – Gostei muito. *Muito* mesmo.

Nas semanas anteriores, eu voltara a escrever. Era como se a porta que conduzia à minha infância se tivesse aberto; percebi que continuava a ter o mesmo gozo em contar histórias que tivera aos dez anos. O modelo desses meus contos fora *Um Coração Inflexível*, de A. N. Romanov, que a Alva venerava quase tanto quanto Tolstoi ou McCullers.

– Tens realmente talento, Jules – disse ela. – Tens de continuar a escrever, de certeza que acabarás por te tornar escritor.

– Não sei. A fotografia é mais precisa, mais verdadeira.

– Por vezes, a mentira é preferível.

Em alternativa à tropa, teria de fazer serviço comunitário em Munique, e nessa noite perguntei-lhe se queria partilhar um apartamento comigo, porventura até com mais alguém. A Alva tinha dúvidas; falara com frequência de querer primeiro viajar, ou de ir viver para bem longe.

– Na verdade, não há muita coisa que me prenda aqui – dissera certa vez, soltando de seguida uma gargalhada. – Para decidir ficar, teria de estar perdidamente apaixonada por alguém, ou coisa do género.

Fiquei com a sensação de ter feito qualquer coisa para reforçar a ligação que tínhamos. Ao mesmo tempo, imergiam os meus medos, como quem remexe as águas de um poço profundo e conspurcado: recordei que, até então, a Alva tinha sempre repellido qualquer homem que se chegasse demasiado próximo, que não tinha querido dançar comigo e que, para tal rejeição, só podia haver uma explicação. *Que hei de fazer?*, não parava de pensar. *Que haverei de fazer agora?*

– Sabes o que o meu pai me disse antes de morrer? – Tamborilava nervosamente com os dedos. – Que era importante ter um amigo *verdadeiro*, uma alma gémea. Alguém que jamais pudéssemos perder, que estivesse sempre disponível. Disse-me que isso seria até mais importante que o amor.

A Alva virou-se para mim. Os lábios dela brilhavam, iluminados pela Lua.

– Porque é que me dizes isso?

– Às vezes acredito que é isso que representas para mim, ou eu para ti. Sou capaz de imaginar que seremos amigos a vida toda e sinto-me imensamente feliz por nos termos conhecido aqui. Acho que não há ninguém mais importante para mim.

Pousei a mão sobre o ombro dela e, nesse preciso momento, percebi como era raro eu ter contacto físico com ela.

– No fundo, o que quero dizer com isto é: por favor vem para Munique comigo.

Ela pôs-se a pensar.

– Falamos disso tudo amanhã à noite. Até lá, também já terei decidido se sempre partilhamos o apartamento. Está bem?

– Está bem. Eu cozinho qualquer coisa, se quiseres.

– Tu cozinhas? Mas sabes cozinhar? – Pareceu achar a ideia divertida. – Sim, parece-me bem. Vais buscar-me a casa, por volta das sete?

Acenei com a cabeça. Como pressenti que queria ficar mais alguns momentos sozinha, regresssei sem ela. Tenho a certeza de que, de volta à cabana, dancei com os outros e que estava bem-disposto, no entanto, já mal me consigo lembrar do que se passou. Em contrapartida, a segunda conversa que tive com a Alva ocupou-me ao longo de vários anos.

Quando toda a gente se foi deitar, as poucas camas existentes não tardaram a ser ocupadas, pelo que os restantes tiveram de se espalhar pela

cabana, deitados em colchões de campismo e sacos-cama. A temperatura descera, o ar estava gelado. Eu tinha bebido demasiado e não estava a conseguir adormecer: fechava os olhos e sentia tudo andar à roda. A Alva estava mesmo ali ao lado, ouvia-a a fazer avançar e recuar a cassette no *Walkman*. Por fim, desligou-o e pô-lo de parte.

Silêncio... Silêncio.

Começou então o turno da noite para mim. Regressei, qual detetive, ao local do crime, revendo cada uma das pequenas ocorrências daquele dia, e tudo estava lá, intacto. Cada gesto da Alva, que eu tentava interpretar em retrospectiva, cada diálogo que tínhamos mantido. Por exemplo, quando comentávamos os nossos colegas, que na sua maioria pareciam absolutamente despreocupados. «Às vezes acho que há pessoas que nem sequer sabem que vão morrer.» Foi uma afirmação que me deu bastante que pensar. Por que razão teria a Alva dito isso? Embora estivesse deitada ali ao meu lado, ansiava por ela. Comecei a imaginar como seria vivermos os dois em Munique. Pensei no jantar do dia seguinte, em que íamos discutir o assunto.

Pouco antes de eu adormecer, ela abanou-me ligeiramente.

– Jules. Ainda estás acordado?

– Sim. Que se passa?

– A pilha do *Walkman* foi-se – murmurou ela – e não sou capaz de adormecer se não estiver a ouvir qualquer coisa. Tenho de estar sempre a distrair-me, caso contrário...

Fiquei à espera que ela terminasse a frase, mas não o fez.

– Queres que te conte uma história?

Riu-se baixinho.

– Não, queria só perguntar se me posso deitar encostada a ti. Quando há alguém deitado ao meu lado, não é tão mau.

Assenti e ela enfiou-se no meu saco-cama. Como ele não era suficientemente grande para estarmos deitados um ao lado do outro, a Alva tinha metade do corpo sobre o meu, e fiquei surpreendido com o quanto as suas pernas e todo o seu corpo me pareceram frios, pesados e sobretudo macios. Também a Alva estava gelada, mas então o meu frio misturou-se com o dela e fomos começando a aquecer. A intervalos regulares, sentia a respiração dela no meu pescoço, o que me fazia cócegas. A sua invulgar proximidade, o peito contra o meu ombro, o joelho sobre a minha perna,

deram-me uma ereção. Não sei se ela percebeu. Durante breves instantes, fiquei ali deitado, sem me mexer, e depois pus o braço em redor do corpo dela.

– Não consigo deixar de pensar na minha irmã. Não consigo mesmo, nunca para.

A voz da Alva soou áspera. Surpreendido, ergui a cabeça. Nunca me contara que tinha uma irmã.

Com toda a cautela, perguntei:

– Que é que se passou com ela?

– Não sei... Era um ano mais velha que eu, éramos inseparáveis, fazíamos tudo juntas. Os nossos pais diziam que éramos como gémeas. E depois... há alguns anos ela desapareceu.

Fui ouvindo, atordoado. Tinha a sensação de sermos observados pelos outros, por isso estiquei o pescoço. A Alva, porém, pareceu esquecer-se de mim por momentos.

– Chamava-se Josephine – prosseguiu, mais para si mesma do que para mim. – Mas sempre a tratámos por Phine.

– E que foi que se passou?

– Ninguém sabe ao certo... Um dia, ela simplesmente não regressou do *ballet*. – A voz da Alva soava trémula e entrecortada. – É claro que a Polícia andou à procura dela... Por todo o lado, revolveram tudo nas redondezas... Houve equipas de cães pisteiros envolvidas e ações de busca durante meses... No entanto, além do casaco dela, nunca se encontrou fosse o que fosse, nem sequer o cadáver...

Virou a cara. Senti o desespero nas suas palavras e fiquei sem saber o que fazer; só podia ficar ali, mesmo ao pé dela. Lembrei-me então da ocasião em que, havia vários anos, ela saía da sala de aula enquanto víamos um filme.

– Porque é que só agora me falas disso?

A Alva não respondeu. Os primeiros raios de luz da manhã entraram na cabana e permitiram que os contornos dos nossos colegas, ainda a dormir, fossem resgatados à escuridão.

– Estou demasiado cansada – disse ela. – Falamos disso amanhã à noite.

Aninhou-se melhor a mim.

– Não podes adormecer antes de mim – segredou-me ao ouvido, tão próximo que senti uma comichão. – É muito importante, Jules. Muito

importante.

– Está prometido.

Afastei-lhe uma madeixa do rosto. A Alva passou brevemente a mão pelo meu peito, voltou a aninhar-se e, à medida que a sua respiração se ia tornando mais lenta e regular, beijei-a numa das têmporas e fui sussurrando:

– Estou aqui para o que precisares.

No dia seguinte, fui fazer compras à cidade, para o jantar. Reservei a cozinha dos alunos no internato e fui de autocarro à aldeia onde a Alva morava. Para minha surpresa, desta vez, ao contrário de todas as outras, ela não estava diante da casa, à minha espera. Toquei à campainha. Nada, não houve reação. O jardim estava minuciosamente cuidado e nas janelas, reluzentes de limpas, espelhava-se o sol que se punha. Não pude deixar de pensar na irmã da Alva. Voltei a tocar à campainha.

Por fim, ouvi um zunido e pude entrar.

O corredor encontrava-se parcamente iluminado. A mãe da Alva estava de pé no meio da obscuridade, o rosto como que dividido em dois pela sombra. Numa das mãos segurava um cigarro, na outra o auscultador de um telefone, a sua voz soava alta e tensa. Da própria Alva, ainda nem sinal. Vindo da cozinha, chegou-me um forte cheiro a molho à bolonhesa. De súbito, ouviram-se os latidos fortes de dois grandes dálmatas que vieram a correr na minha direção. Pareciam perfeitamente idênticos, mesmo nas mais pequenas manchas, e puseram-se a olhar para mim com ar agressivo.

– Deves ter vindo ver a Alva – disse a mãe dela, depois de desligar a chamada. No seu rosto entrevia-se uma estranha expressão de desalento.

Fiz que sim com a cabeça e segui-a até à cozinha, com os cães atrás de mim.

– Queres beber primeiro um sumo ou uma cola? – perguntou ela, dirigindo-se logo ao frigorífico.

– Não, obrigado – respondi, pelo que ela se deteve. – Combinei jantar com a Alva e vim só buscá-la rapidamente. Ela está lá em cima?

Um qualquer tom esperançoso na minha voz terá provocado uma ligeira irritação na mãe dela. Observou-me demoradamente.

– Meu Deus, como és jovem.

Expirou o fumo do tabaco e continuou a avaliar-me com o olhar. Senti-me desconfortável.

– Sim, ela está lá em cima – disse, por fim. – Não vale a pena bateres à porta, está outra vez a ouvir música aos berros.

Subi as escadas, os últimos degraus transpostos com um salto, cheguei diante da porta do quarto da Alva, abri-a... E fiquei como que paralisado, não, fui em vez disso catapultado para fora daquela cena. Antes ainda de ter voltado a fechar a porta, já o meu mundo saíra dos eixos e se destrambelhara.

Desci as escadas a correr. Na minha cabeça, um turbilhão de imagens: as latas de cerveja vazias, o livro de matemática e o pulôver no chão. A cama. O homem nu, deitado de costas. A Alva, também nua, sentada em cima dele, como que a cavalo. As suas madeixas ruivas e transpiradas, o seu pescoço, ligeiramente enrubescido do esforço, os seus movimentos, cujo ritmo abranda por breves momentos, e a sua boca semiaberta. Os sons que produzem, mas sobretudo o olhar breve mas intenso e penetrante que a Alva me lança.

Um olhar, mais forte que qualquer resposta, mudo mas ainda assim agressivo, um olhar que acusa e, ao mesmo tempo, lamenta. Vi nela aquilo que ela era e não queria ser. Mas, acima de tudo, tive a percepção de mim mesmo aos seus olhos, aquilo em que me tornara e aquilo em que obviamente não me tornara. E fosse o que fosse que todos aqueles anos entre nós tivessem sido, bastara um olhar para deitar tudo a perder.

Enquanto descia as escadas a correr, senti-me percorrido por uma inacreditável fúria. Não tinha já qualquer vontade de ser apenas um rapaz, queria ver-me livre de tudo o que fosse juvenil e arrapazado, se pudesse tê-lo-ia arrancado de mim à pancada. Lá em baixo estava a mãe da Alva com os dois cães. Ela ainda quis dizer qualquer coisa, mas limitei-me a sair a correr, para fora da aldeia, atravessei os campos em redor, sem olhar para trás.

[3](#) Tradução de Maria João Costa Pereira, retirada de *O Livro das Imagens*, de Rainer Maria Rilke, edição Relógio D'Água. (N. do T.)

A colheita
(1997-1998)

Guardo na memória uma imagem de mim mesmo na festa de noivado da minha irmã. Infelizmente, não sou o elegante e charmoso tipo de fato que mantém as pessoas em seu redor sempre bem-dispostas. Nem tão-pouco o tipo encharcado em coca que mexe os seus *Air Jordans* ao ritmo de um *charleston* e que ainda se põe a namoriscar com uma estudante. Não, este discreto jovem de vinte e quatro anos ao balcão do bar, o que se sente obviamente pouco à vontade no meio de todos aqueles estranhos, *c'est moi*. Enquanto espremo o sumo de um quarto de limão para a minha bebida, penso nas festas de aniversário e outras da minha infância, em que era sempre eu o centro das atenções. Numa altura em que tinha uma extraordinária energia. Quando é que tudo isso se perdeu? Desisti do curso de Direito e nem como fotógrafo consigo ser bem-sucedido. Não admira, penso eu, pois há muito que albergo, sempre viva, uma centelha de ódio a mim mesmo.

O único homem naquela sala com um ar tão perdido quanto o meu é o noivo da Liz, Robert Schwan. Pianista de *jazz* conhecido, só que a Liz nem sequer gosta de *jazz*. Não deixa de ser uma escolha enigmática. A minha irmã sempre teve um fraquinho por homens interessantes e bem-parecidos, e escolhia aqueles que queria com uma voracidade que eu admirava frequentemente. O seu noivo, no entanto, é um homem de quarenta e tal anos, ossudo e com caracóis negros, com um olhar intenso como o de Paul Auster e um bigode absurdo que lhe confere um ar algo suspeito.

– Que tipo tão aborrecido – comenta uma voz de homem ao meu lado. – Há bocado falei com ele dez minutos. Não consigo perceber o que ela vê nele.

O meu irmão veio ter comigo acompanhado da namorada. A Elena é uma mulher pequena, de cabelos negros, algo corpulenta, com olhos alertas, que

absorvem tudo o que se passa em redor. Ela abraça-me timidamente e tira um borboto do meu casaco.

Constrangido, cumprimento então o Marty. A última vez que o vi foi no funeral da nossa tia; nessa ocasião, discutimos mesmo antes de nos despedirmos.

– Muitos parabéns, *doutor* Moreau – digo.

– Nada mau, pois não? Nunca pensei alguma vez vir a fazer o doutoramento. – O Marty esboça um sorriso. – Bem, na verdade, sempre pensei nisso.

Observamos a nossa irmã. Tem vinte e sete anos, nessa noite está a usar um vestido azul e os cabelos louros apanhados no cimo da cabeça; com os seus sapatos de salto alto, ergue-se acima de tudo e de todos. A Liz vê a sua beleza refletida nos olhares dos presentes e permite que todos se enamorem dela. Faz discursos efusivos e beija intensamente o noivo, depois, qual abelha, vai zumbindo e visitando cada convidado, por todo o lado lança charme e por diversas vezes irrompe em gargalhadas que cativam qualquer um, pois tudo o que a minha irmã faz é cativante. Contudo, parece sempre que a Liz se limita a seguir as instruções de um qualquer operador de câmara invisível. *Mais um sorriso radioso, perfeito, agora uma boquinha, um olhar breve, namoradeiro.* Quando ela olha para alguém, é como se se fosse iluminado por um holofote, e já só se quer agradar-lhe. Até eu me sinto assim.

E, de repente, como parecem distantes os tempos em que, ainda criança, me esgueirava à noite para o quarto dela. Era frequente a Liz ainda estar a ler ou de volta das suas bandas desenhadas e deixava-me entrar para debaixo do seu cobertor. Sempre me fascinou o calor que as suas pernas irradiavam, quase pareciam estar em brasa. A maior parte das vezes falava-me dos rapazes da sua turma e de como um deles era querido, ao passo que outro qualquer era mais atrevido. Eu ouvia todos esses relatos entusiasmados em silêncio, sentindo-me orgulhoso por a minha irmã mais velha me confiar tudo aquilo. Por vezes, ficava apenas deitado ao lado dela, na cama, enquanto ela lia ou ouvia música. Adorava esses momentos. A minha mãe e o meu pai estavam no outro extremo do corredor, o Marty ali ao lado, sentia-me bem seguro e confortável, aninhava-me junto da Liz, que ia virando as páginas ao meu lado, e então eu simplesmente adormecia...

A recordação seguinte tem tons diferentes, mais sombrios.

Quatro meses após a festa de noivado da minha irmã, um telefonema terrível arranca-me do sono. Nem tenho tempo para refletir. Nessa altura moro em Hamburgo, num apartamento degradado nas imediações do porto, e meto-me logo no comboio para ir ter com a Liz a Berlim. Ao contrário do que acontecera na minha última visita, o apartamento dela está mergulhado num silêncio angustioso. No entanto, a minha irmã e o silêncio são coisas que nunca combinaram. Através da janela, a baça luz matinal incide no corredor, na cozinha ergue-se uma pilha de pratos e copos sujos junto ao lava-loiça, à entrada por pouco não tropeço no que resta de uma guitarra destruída.

No quarto cheira a incenso e a vomitado. A Liz está sentada no chão, de olhos semiabertos. Está rodeada de algumas pessoas, claramente amigos seus, a maioria dos quais não conheço. O noivo, nem vê-lo.

– Que se passa com ela?

Ajoelho-me ao lado da Liz, vestida apenas com cuecas e um pulôver. No seu rosto destacam-se as olheiras acinzentadas, de cada lado do nariz. Não parece sequer aperceber-se da minha presença e murmura qualquer coisa acerca de um amplificador instalado no seu cérebro e capaz de regular a cidade.

– Ela foi-se abaixo – diz uma amiga, que reconheço da festa de noivado.

– Estava seminua no meio da rua e desatou a insultar pessoas.

Afasto os cabelos húmidos do rosto da minha irmã.

– Que é que ela tomou?

– Não sei. Coca, *ecstasy*, uns depressores e mescalina, por aí.

– Onde está o noivo dela?

– Ainda não sabes? O Robert separou-se dela há muito tempo.

Por breves instantes, fico estupefacto. A seguir ligo para o Marty, para a sua empresa em Viena.

– Faças o que fizeres, não a leves para um hospital – repete ele várias vezes. – Vou arranjar maneira de ela ser vista por um médico amigo e vou aí ter logo que possa.

De súbito, a Liz volta a acordar. Estende a mão na minha direção e fala comigo como se eu fosse uma criança.

– Ah, *meu irmãozinho pequenino*, que estás aqui a fazer?

Depois, ri-se na minha cara. Uma gargalhada estridente, desvairada, sem nunca deixar de me observar. Só que o olhar que me dirige, esta postura já

sem quaisquer sinais de juventude, não é o de uma irmã. Trata-se antes do olhar duro, trocista, sempre superior, que ao longo de anos lançou a todos os homens, a todas as mulheres, o olhar a que apenas Robert Schwan oferecera resistência. Continua a rir-se como uma alienada e chego a ficar arrepiado. Os olhos da Liz tornaram-se de um negro abissal e insondável. Os olhos de alguém que cai, cai, cai.

E ela adora a queda.

– Quando é que chegas? – pergunto ao Marty.

– Apanho o próximo avião. – A voz dele soa agitada, ouço-o a descer a escada a correr e a abrir uma porta. Como sempre, pressiona o manípulo diversas vezes para baixo. Oito estalidos metálicos. – Vai tudo correr bem, está a ouvir?

Nesse momento, a Liz faz-me sinal para que me aproxime e ela me possa sussurrar qualquer coisa ao ouvido. Parece excitada, como uma criança que tem uma coisa importante para dizer. Inclino-me para ela, ainda com o telefone na mão, e quando tenho a cabeça já bem próxima da dela, a minha irmã murmura:

– Tamôrt. Cabeid'matal.

– O quê? – pergunto.

– Está morto. Acabei de o matar – repete ela.

No verão de 1998, pela primeira vez desde a nossa infância, regresssei com os meus irmãos a Berdillac. Foi ideia do Marty. Havia algum tempo mandara renovar a casa que tínhamos herdado da nossa avó e, depois de dar a entender que podia trabalhar a partir de França e que a Elena iria ter connosco dali a uns dias, lá fomos. Falávamos daquilo como quem fala de umas férias há muito planeadas, mas a verdadeira razão da viagem fora a nossa preocupação com a Liz. Depois de ter abortado e de se ter ido completamente abaixo, ainda não conseguira recompor-se.

Em França aguardava-nos um temporal tal que, diante de nós, os limpa-para-brisas não paravam de correr para cá e para lá. O meu irmão conduzia o *Mercedes* pelas estradas nacionais, enquanto a Liz dormia. Eu olhava pela janela e ia reconhecendo muito do que via; castelos cujo aspeto me parecia estranhamente familiar, as cores resplandecentes dos campos. Vieram-me à memória as moedas de francos prateadas com que brincava quando era

criança. O meu pai sentado ao volante, a minha mãe a ouvir a sua cassette dos Beatles.

Em Berdillac a chuva parara de cair e o ar estava agradavelmente fresco. O Marty foi o primeiro a sair do carro e apressou-se para a porta de casa. Por breves instantes, foi como se tivesse o meu pai diante mim: o modo como ele, com o seu blusão de cabedal e o cachimbo ao canto da boca, em tempos sempre fora o primeiro a dirigir-se para a porta. Regressar àquele local passados tantos anos era como ver pela primeira vez a cores um velho filme a preto e branco. Vista do exterior, a casa no fim da rua parecia inalterada. Na fachada crescia hera, no alpendre de pedra que dava para o jardim havia cadeiras e um conjunto de mesa e bancos compridos, o telhado de telha vermelha estava sujo, a tinta da porta de entrada verde-escura continuava pelada e a desprender-se. No interior, porém, estava tudo irreconhecível. A parede entre a cozinha e a sala de estar fora removida, formando assim um espaço grande e organizado, mobilado de modo acolhedor, na parte da frente com uma biblioteca, um canto com sofás e uma lareira, mais atrás com um fogão, um lava-loiça e a mesa de refeições em madeira.

– A casa está em perfeitas condições agora. – O Marty levou-nos numa visita guiada. – A casa de banho foi recuperada por completo, o pavimento do primeiro andar é todo novo, aquele papel de parede horrível foi retirado. Só ficaram as cómodas, as mesas e os armários do avô.

Pavoneava-se diante de nós. Ele e o Toni estavam entre os primeiros a ter conseguido avaliar corretamente o potencial da Internet. A sua empresa criara um *website* de carácter elitista em que gestores, juristas, banqueiros, políticos ou jornalistas podiam apresentar-se e estabelecer redes de contactos. A sua *startup* crescera depressa. Durante a viagem, o Marty contara que a Microsoft queria comprá-la por uma soma com sete dígitos. *Melhor assim, pensei, talvez possa pedir-lhe algum emprestado.*

Durante o jantar, não houve grande conversa, tendo nós acabado por ficar todos em silêncio. Pensei nos jantares ruidosos e alegres da nossa infância, quando os meus irmãos se punham a discutir ou quando nos ríamos todos de qualquer coisa que nos tivesse acontecido. E eis que estávamos ali sentados à mesa, mais parecendo três atores que se reencontravam passado bastante tempo e não se lembravam do texto da peça mais importante que representaram.

A dada altura, eu não suportava já o silêncio e fui buscar à mala uma pasta com fotografias.

– Fui mostrá-las a uma galeria.

Era o meu projeto mais recente: uma série acerca da *Beleza na Simplicidade*. Numa foto via-se um vale envolto numa névoa densa e branca, da qual sobressaíam, a negro, apenas as pontas das copas das árvores; outras imagens mostravam uma casinha no meio da floresta, coberta de musgo e entregue ao abandono, ou ainda um rapaz que acabara de apertar os atacadores dos sapatos e que, entretanto, com uma expressão animada no rosto, se pusera a correr atrás dos amigos. Carregara no disparador pouco antes de ele os alcançar.

A minha irmã agarrou nas fotos.

– Gosto mesmo delas – comentou, mas não pude deixar de ficar com a impressão que não observara as fotografias com atenção suficiente para ver pormenores e profundidade.

O Marty, pelo contrário, contemplou-as minuciosamente.

– Acho que não estão mesmo nada más. Imitas muito bem o estilo do Salgado ou do Cartier-Bresson...

– Mas? – perguntei.

– Mas continuo sem perceber como conseguirás ganhar a vida a fazer isto.

Não sei dizer que reação esperava dele, embora um «acredito em ti» tivesse sido bastante simpático. A minha irmã não parecia prestes a vir em meu auxílio. A sua situação financeira também era frágil, ora ganhava dinheiro como modelo, ora dava umas lições de guitarra ou trabalhava alguns meses para uma agência de publicidade.

– E tu preocupado... – disse eu, em voz baixa.

O Marty suspirou.

– Não é minha intenção meter-me na tua vida, mas acho que não devias ter largado o curso.

– Odiava aquilo – respondi. – Se há coisa de que me arrependo é ter sequer começado a frequentá-lo.

– Mas teria sido uma segurança. Sei que, de início, nunca é fácil; neste tipo de coisas, há que perseverar. No fim talvez até acabasses por gostar.

– Desculpa, mas como é que sabes do que eu gosto? Não sabes nada a meu respeito, por isso para de comportar-te como se fosses meu pai.

Aborrecido, recolhi as fotografias. Nos últimos anos tivera por diversas vezes esta conversa com o Marty e, de cada vez que acontecia, ficava a sentir-me um adolescente sem autodomínio. Em parte também por o meu irmão nunca deixar de me ver nesse papel.

Nessa noite não fui capaz de adormecer. Estive algum tempo a contemplar a lua cheia que, qual olho-de-boi, iluminava o escuro céu noturno, depois levantei-me e fui bater à porta do quarto da minha irmã. A Liz abriu a porta de pijama vestido. Sobre a sua cama estava pousado um velho livro infantil, que ali encontrara certamente, e uma embalagem de gomas com sabor a vinho.

– Ainda estás furioso? – perguntou, enquanto mastigava. – Não te chateies com aquilo de há pouco. O Marty está cada vez mais parecido com o pai. Tão crítico como ele, só não é tão falhado. É como o papá seria, se tivesse sido bem-sucedido.

Acenei com a cabeça, mas abalou-me ouvi-la chamar falhado ao nosso pai.

– E a exposição na tal galeria, sempre chegou a acontecer?

Limitei-me a abanar a cabeça.

– Jules, posso perguntar-te uma coisa? – A Liz dirigiu-me um olhar maternal. – Há quanto tempo é que andas a tentar a carreira de fotógrafo, três anos? Andas a fazer isso por causa *dele*? Por te sentires culpado?

Recordo-me perfeitamente de esta pergunta ter despertado em mim uma profunda inquietação e é bem possível que lhe tenha respondido num tom demasiado alto.

– Por que haveria de me sentir culpado? Não tenho obrigações para com o pai. Sei que, antes de morrer, ele andava desiludido por eu não ter pegado na máquina fotográfica, mas falámos disso e o assunto ficou arrumado.

– Não te queria...

– Não fotografo por causa do pai, mas porque me interessa. Já quase pareces o Marty a falar.

Enervado, desviei o olhar. Na parede fora pendurado um desenho emoldurado que mostrava um homem com asas de águia, a voar pelos ares; à distância, sugeria-se a presença de um castelo. Ao lado, escrito numa letra infantil: *Ele tem de libertar a princesa que foi feita prisioneira numa torre sombria...* O desenho tinha sobrevivido! Fora feito nas semanas a seguir à morte dos nossos pais. Tínhamos aqui estado, em casa da nossa avó, em

França, e era uma altura em que, secretamente, ainda tínhamos esperança de que, a qualquer momento, os nossos pais irrompessem pela porta e tudo viesse a revelar-se um enorme mal-entendido. Para nos animar, ao Marty e a mim, a Liz inventara um jogo que se chamava *Redação dos Sonhos*. Assumi o papel de enérgica redatora-chefe e ilustradora, e em conjunto tínhamos de imaginar sonhos absurdos ou bonitos, que eram depois desenhados e acompanhados com textos. Mais tarde tínhamos queimado as folhas. O fumo, segundo a Liz, foi inspirado por outras pessoas, que depois, durante a noite, sonhariam com aquilo que havíamos imaginado.

– Como seria se tivéssemos crescido aqui, em Montpellier? – perguntei à Liz. – Costumava imaginar como tu serias, se fosses uma francesa típica. Creio que te teria assentado bem. Terias acabado aqui o liceu e depois continuavas os estudos.

– E que curso faria?

– Qualquer coisa artística, é certo. Pintura, talvez, ou literatura. Ou terias sido professora, como a mãe, também poderia ter sido assim.

A Liz olhava-me fixamente.

– Continua – disse, baixinho.

– Enfim, toda a gente te veria sempre com um livro na mão, adorarias ler e desenhar. De vez em quando, a mãe ajudava-te, se ainda estivesse viva, vocês falariam ao telefone com frequência. Terias feito a faculdade em Paris. Terias tido uns quantos admiradores, mas ainda te recordarias amiúde do teu amor dos tempos de liceu, um tipo chamado Jean ou Sébastien, com quem tinhas andado vários anos. O teu primeiro namorado. Só que ele ia estudar para o estrangeiro, por isso a relação acabaria por ficar por ali, interrompida. Ficavas triste, mas era uma espécie de tristeza bonita, a única que vale realmente a pena. E, de certo modo, sabias que acabarias por reencontrá-lo um dia. *Ele não é para agora, é para mais tarde*, ter-nos-ias dito. Vestirias com elegância, como a mãe. Naturalmente, aproveitarias os fins de semana para gozar o teu descanso, mas de modo bem mais comedido do que na Alemanha. Terias alguns amigos, que tomariam sempre bem conta de ti. Nas férias, virias visitar-nos a Montpellier, e eu trataria de te encher os ouvidos com perguntas sobre como eram as coisas na universidade e se havia por lá raparigas bonitas com fartura. O Marty, pelo contrário, teria recebido uma bolsa para Harvard, onde estudaria Biologia e

dissecaria os seus escaravelhos e caracóis, e nós os dois faríamos troça dele. A seguir, pouco depois de acabares o curso, ias... Ah, não sei, ajuda-me lá...

Ao contar o que imaginava, não pude deixar de sorrir e achei que também a Liz fosse achar aquilo divertido. No entanto, ao olhar para ela, percebi que estava a chorar.

– Desculpa. Nos últimos tempos tenho momentos em que parece que não regulo bem. – Passou a mão no rosto para limpar as lágrimas. – Nem sequer sei se era rapaz ou rapariga. Tanto faz. Sinto falta, simplesmente.

Sentei-me na cama ao lado dela.

– Nós teríamos ajudado. Bastava que nos tivesses dito. Nem sequer sabia que vocês se tinham separado.

– Tenho dificuldade em confiar nas outras pessoas.

– Mas nos teus irmãos podes sempre confiar – disse eu.

Nesse instante, perguntei a mim mesmo com que direito fazia uma afirmação dessas.

– Arrependes-te?

A Liz encolheu os ombros.

– Umas vezes sim, outras vezes não. – De súbito, adotou a expressão de uma criança de dez anos. – Sei que o Robert não era a pessoa certa para mim. É só que dou comigo a pensar com frequência como seria a mãe como avó. Gostava de ter podido telefonar-lhe, ela saberia o que fazer.

Foi ao seu casaco, pousado numa cadeira, retirou de lá um cigarro e acendeu-o. A seguir, abraçou-me de repente com força e deu-me três beijos na face, tão rápidos quanto impetuosos. Comecei a afagar-lhe o cabelo e o cheiro do tabaco misturou-se com o aroma a mel do seu champô.

Ocorreu-me então que, no nosso último encontro, o noivo dela praticamente não tinha aberto a boca e pronunciado uma frase inteira; em vez disso, fitava o vazio, apático, ou premia os botões do *pager*. Estar entediado, por medo de ser entediante.

– De que é que gostavas nele afinal? – perguntei. – Não vi nada que cativasse.

– Acho que foi isso mesmo. Era tão vazio, tão agradavelmente vazio. Podia fazer dele o que quisesse. E não tinha um único ponto fraco. Não havia nada que conseguisse fazer-lhe mocha, isso fascinava-me.

A manhã começava a aclarar num cinzento desconsolador, mas ainda assim seguimos de carro até junto do mar. A Liz levou um biquíni preto e óculos de sol. Deitou-se na praia e pôs-se a ler; o sol leitoso não tardou a avermelhar-lhe a pele. Enfieei os dedos dos pés na areia e fiquei a ver o meu irmão nadar na água gelada do mar. O Marty atirou-se de maneira desajeitada para a água e transmitiu uma impressão de nervosismo ao longo de todo o dia. Mais tarde, contou-nos que fazia análises ao sangue várias vezes por ano e que ainda estava à espera dos resultados das últimas.

– Mas para quê essa trabalhadeira toda? – perguntou a Liz.

Ele encolheu os ombros.

– Bolas, mas querem viver eternamente? – questionou, já com um tom de desdém, e realizando um gesto com a mão que desvalorizava todo o assunto. – Eu vou morrer nova, mas isso é-me indiferente.

Depois das dificuldades dos últimos meses, era precisamente o que não queríamos ouvir.

– Não, não vais nada.

– Claro que sim, eu *sei* que sim. – A nossa irmã espreguiçou-se de modo provocante na toalha e acendeu um cigarro. – Vou morrer nova e há de ser quando, por fim, for feliz. Há de acontecer qualquer coisa e, de um momento para o outro, morro. – Olhava ora para um, ora para o outro. – Mas está tudo bem. Estive quase por todo o lado, vi tanta coisa, a neblina matinal em Manhattan ou a selva no Equador, saltei de paraquedas, tive muitos amantes e vivi tempos agrestes e difíceis, mas, antes disso, tive anos felizes e protegidos, e aprendi realmente muito acerca da morte. É-me indiferente se morrer nova, pois posso dizer que vivi muita coisa.

O Marty abanou a cabeça.

– É preciso ser-se mesmo pretensioso para se falar assim...

– É preciso ser-se mesmo frustrado para se considerar esta atitude pretensiosa...

Enquanto eles continuaram a discutir, fui deambulando pela praia. A Liz tem razão, pensei. Amou incondicionalmente, desperdiçou-se incondicionalmente, fracassou incondicionalmente.

E eu?

Vi um vendedor de gelados ao longe, mas a aproximar-se, empurrando o carrinho diante de si. Trazia um rádio portátil que ia tocando música bem alto. Inspirei profundamente e senti o ar salgado nos pulmões. Diante de

mim, o mar salpicado de tons prateados. O vendedor de gelados passou junto a mim e foi então que consegui ouvir a canção que tocava.

*It's wonderful, it's wonderful, it's wonderful
good luck my baby
It's wonderful, it's wonderful, it's wonderful
I dream of you...*

Nos últimos anos, tinha pensado por diversas vezes na Alva. Sentira falta dela e diabolizara-a. À noite ficava acordado, a recordar como ela me escrevia breves comentários nos livros ou me passava os dedos pelo cabelo e, a rir, me dizia que eu tinha orelhas minúsculas...

Nunca tivera a coragem de a conquistar, sempre só o medo de a perder.

Nessa altura, não o teria admitido, mas no fim de contas todas as relações que tive depois da escola falharam por nunca ter sido capaz de esquecer a Alva. Questionava-me com frequência sobre o que andaria ela a fazer. Naquela altura os telemóveis ainda eram uma raridade, a Internet estava no início, poucos vestígios havia dela. Ouvira dizer que ela vivia na Rússia, mas não sabia nada mais concreto. Sentia apenas que, se estivesse com ela, tudo teria corrido de maneira diferente. Os anos a seguir ao internato, o curso de Direito, erro de que ninguém me tinha desaconselhado, e por fim a minha mudança, não, a minha *fuga* de Munique para Hamburgo. A Alva não estava presente em nenhuma dessas imagens, e sem ela não havia mais nada que me protegesse da solidão.

Passados alguns dias, consegui convencer o Marty a fazer *jogging* comigo. Todas as manhãs atravessávamos a aldeia a correr, passávamos pela torre da igreja e subíamos a encosta, até alcançarmos a árvore com o ramo decepado. Aí chegados, dávamos meia-volta. Era com satisfação que nos sentávamos no banco a descansar, contemplávamos os campos vale abaixo, envoltos pela neblina matinal daqueles dias de verão, e corríamos depois de regresso a casa, onde a nossa irmã e a Elena, que entretanto também lá fora ter, estavam já sentadas no terraço.

– Mulheres, nós ter fome – dizíamos-lhes, quando subíamos para o alpendre, ainda ofegantes. – Uga, buga, mulheres, trazer comida para nós.

Eu batia no peito como se fosse um gorila, enquanto o Marty fazia barulhos de macaco. Acho que ele adorava poder fazer tolices, por uma vez na vida.

– Podem continuar a correr – respondia a Liz. – Se ainda conseguem falar, não correram o suficiente para se cansarem.

Para meu espanto, era quase sempre o meu irmão que nos entreteinha quando, a seguir, tomávamos o pequeno-almoço no jardim. Embora o Marty não apreciasse romances, lia com apaixonado interesse biografias e jornais. Não sendo pessoa capaz de ter uma percepção intuitiva da vida, tinha de adquirir laboriosamente a sua sabedoria, através da leitura. No entanto, era um bom contador de histórias, durante as refeições falava com frequência e clareza acerca de uma qualquer nova exposição mais invulgar, um qualquer inglês mestre na falsificação de obras de arte, ou de uma descoberta importante no campo dos números primos.

Depois do pequeno-almoço, a maior parte dos dias ele recolhia-se durante um par de horas no quarto, para trabalhar. A Liz, que tinha sempre de estar a fazer alguma coisa, ia dar uma caminhada, jogava *badminton* comigo ou ia sozinha até à cidade. Eu gostava de me sentar no terraço a ler um livro, junto da Elena, que lá ficava a trabalhar na sua tese em Psicologia. Dávamo-nos bem, mesmo sem trocarmos muitas palavras.

A discussão surgiu do nada.

Nessa noite, a Elena tinha ido a Marselha, para se encontrar com uma colega de faculdade. Os meus irmãos e eu fomos visitar o pequeno cemitério de Berdillac. Estava escuro e não havia lá ninguém. A Liz acendeu duas velas. A luz vacilante revelou os nomes dos nossos avós e do nosso tio Eric. Pus-me a observar as lápides. Para mim, as três pessoas ali sepultadas nunca tinham passado de desconhecidas. O meu tio Eric morrera anos antes de termos sequer nascido, com apenas vinte e um anos. Sempre fomos mantidos na ignorância em relação às circunstâncias concretas da sua morte. Também não sabíamos muito do nosso avô, marceneiro; só uma vez a nossa tia Helene insinuara vagamente que ele fora uma pessoa colérica e que, mais tarde, teria bebido até morrer.

– Morreu poucos meses depois do tio Eric – declarou o meu irmão, como se me tivesse lido os pensamentos.

Fiquei aliviado por deixarmos o cemitério.

De volta a casa, sentimo-nos aliviados. Bebemos três ou quatro garrafas de *Corbières* e contámos histórias antigas. A Liz falou dos ex-namorados («Tinham todos demasiado bom aspeto, como um presente com um embrulho lindo; só que, depois de aberto, era só um sapato velho.») e, às tantas, falou-se do Gunnar Nordahl, o amigo norueguês com quem o Marty se correspondia e em cuja existência jamais acreditámos.

– Diz lá, ele existia mesmo ou inventaste-o? – perguntámos-lhe.

– É claro que o Gunnar existia – respondeu o nosso irmão. De seguida, olhou para o seu copo de vinho. – Pronto, está bem, não existia. – Abanou a cabeça. – Durante anos enviei cartas a um norueguês qualquer que encontrei numa lista telefónica. Perguntei-me muitas vezes se ele as terá lido.

– Oh, meu Deus, eu sabia! – exclamou a Liz, triunfal.

O Marty aceitou aquilo de modo sereno, como alguém que, bem no íntimo, se sente inatingível.

Mais tarde, a Liz pôs-se a desfilar com uma minissaia amarela.

– Vejam só, comprei-a numa loja mesmo em frente à universidade, onde só havia raparigas de dezanove anos. – Esboçou um sorriso. – A seguir, vamos sair e adivinhem o que vou levar vestido.

– Eu cá tenho a certeza de que já não saio. – O Marty ia mexendo nos óculos. – E não é minha intenção desiludir-te, mas infelizmente já não tens dezanove anos.

– Ah, sim, *quem* diz?

Pôs-se diante dele, a fazer poses disparatadas, até o Marty desatar a rir e acabar por nos levar à cidade. Deixou ficar o seu último copo de vinho, ainda cheio, ao passo que a nossa irmã se apressou a beber o seu até ao fim.

Estivemos a dançar numa discoteca em Montpellier até ser de manhã, e aquilo de que me lembro melhor é de a Liz parecer à vontade na pista de dança diante de todos aqueles desconhecidos. Não apenas pela confiança que sentia em si mesma, mas também porque simplesmente se sentia bem-vinda em todo o lado.

Eram já sete horas, acabara de me enfiar na cama, quando ouvi vozes altas no piso de baixo. Espreitei cautelosamente do cimo das escadas para a sala de estar. A Liz estava de pé no meio da sala, o Marty sentado no sofá, como que de cócoras. Não se deram conta da minha presença.

– Sim, já agora gostava de saber – estava a Liz a dizer. – Andas por aqui armado em rei Babar, a fazer de irmão atencioso, mas onde estiveste quando precisámos de ti?

– Tenho muita pena, mas, se houve alguém que deu à sola, foste tu – respondeu o Marty, com toda a calma. – Além disso, alguém na nossa família tinha de ganhar dinheiro.

– Já nada te interessa senão o dinheiro. As cotações da bolsa, as páginas do imobiliário, o teu portal de Internet, essa merda toda.

– Não te ponhas com essa conversa de menina na puberdade – disse o Marty. – É detestável. A verdade é que foste tu que deixaste de estar presente.

– Quando?

– Quando a mãe e o pai morreram. Deixaste-nos sozinhos, estavas sempre com os teus amigos, entorpecida, e deixaste de te interessar por nós. Não sei como as coisas correram contigo, mas naquela altura passámos tempos medonhos, mal tínhamos amigos, não tínhamos nada. E queres saber porquê? Porque não tínhamos aprendido a ter amigos, porque sempre nos tínhamos tido uns aos outros, nós os três. E depois desapareceste simplesmente da nossa vida, embora tivesses prometido tomar conta de nós. Será que me podes explicar *agora* porque é que fizeste isso, porque é que te puseste a mexer?

A pergunta pareceu ter deixado a Liz aturdida. Agarrou num pêssigo do cesto da fruta, em cima da mesa das refeições, e pôs-se a manuseá-lo.

– Nessa altura, eu era ainda mais infantil do que tu – respondeu. – É claro que estava sempre a falar de rapazes e, como irmã mais velha, fingia que era mais madura. Mas, na realidade, adorava ser criança. Adorava poder dizer disparates, receber mimos da mãe e passar horas a fio sentada no quarto a desenhar. Não queria ser adulta, pelo menos não tão depressa. E, de repente, desabou tudo. De um momento para o outro. O Jules era demasiado pequeno fosse para o que fosse, e tu eras aquele esquisitoide vestido de preto que se afastou de tudo e de todos, já te esqueceste?

A contragosto, o Marty encolheu os ombros, dando-lhe razão.

– Passámos os três um mau bocado – disse ela – e cada um reagiu de modo diferente. Eu tratei de arranjar maneira de nunca mais ter sossego, de o meu espírito nunca mais saber o que era a tranquilidade. Atirei-me à vida de cabeça, com toda a intensidade, porque nos momentos em que estava

sozinha no meu quarto e me punha a pensar, só tinha mesmo era vontade de desatar a chorar.

– Mas porque é que nos abandonaste?

– Se tivesse conseguido cuidar de vocês, tê-lo-ia feito. Só que não tinha forças para isso. Sabes como foi a minha primeira vez? Tens ideia?

– Andavas com um tipo mais velho e...

– Não, isso foi tudo mentira. Sabes como foi realmente a minha primeira vez?

– Não – respondeu o Marty, remetendo-se depois ao silêncio.

– Nem sequer sei o nome dele. – A voz da Liz estremeceu. – Estávamos há um par de semanas no internato e as raparigas do meu piso gozavam comigo, por causa dos meus peluches, das minhas bandas desenhadas infantis, das minhas roupas sem estilo. Portanto, quis mostrar que era mais dura e tesa que elas, dispus-me a infligir mais feridas a mim mesma do que outra rapariga qualquer. Por isso fui a única a seguir em frente quando nos ofereceram uma merda qualquer numa discoteca. Não sei o que era, depois disso já quase não senti nem vi nada. E então veio um tipo. Tinha vinte e poucos anos e havia qualquer coisa de destrambelhado nele, de frio, qualquer coisa que não entendi o que era. De repente, arrancou-me da pista de dança e, quando já estávamos a uma distância suficiente, abriu as calças. Eu não queria, mas não tive força para me defender. Ainda sentia uma névoa na cabeça, por causa da droga. Pensei em Munique, na mãe e no pai, em vocês e em como, de repente, tudo isso estava já tão distante. Enquanto isso, ele foi-me simplesmente fodendo.

O Marty mordeu o lábio e manteve o silêncio.

– De um momento para o outro, tornei-me uma pessoa que nunca quis ser. E, quanto mais tempo passava, menos possibilidades tinha de voltar para junto de vocês. Vocês não sabiam como era estar às sete da manhã sob a influência de *speed*, a vomitar na pista de dança de uma discoteca de província, dormir com alguém depois de tomar ácido ou acordar ao lado de uma pessoa que se conhecia há poucas horas. Nunca souberam como é uma pessoa perder-se tão completamente em tudo. Tu andavas enfronzado nos manuais e jogos de computador e o Jules nas suas fantasias. Há tanta coisa que nos separa... Ainda hoje.

Olharam os dois para o chão e ficaram em silêncio. A cena fazia lembrar um jogo de xadrez em que só restam duas peças adversárias que, no

entanto, já nada podiam fazer para se atacar uma à outra. Como dois bispos, cada um numa casa de cor diferente.

– E que tal se o fizéssemos juntos? – perguntei, sentado no cimo das escadas.

Olharam para cima, na minha direção, mas não pareceram de todo surpreendidos pela minha presença.

– Tens razão – disse eu para a Liz. – Não sabemos nada daquilo que tu sabes. Tens experiências que nós simplesmente não temos. Basta as drogas. Viste e sentiste coisas que nem o Marty nem eu conseguimos sequer imaginar. Já me contaste, por exemplo, que o LSD é uma experiência inacreditável. Nesse caso, porque não o tomamos todos juntos? Depois, ao menos, podemos falar sobre isso.

A Liz refletiu um pouco, mas de seguida abanou a cabeça.

– Vocês não tomam drogas, vocês não são...

– Estás a ver? – interrompi. – É a isso mesmo que me refiro. «Vocês não são como eu», era isso que ias dizer, não era? Também não poderemos ser se não nos deixares. A verdade é que há anos que já quase não temos nada em comum. Deixa-nos participar por fim num aspeto da tua vida.

A Liz refletiu.

– Mesmo que o fizéssemos, onde pretendes arranjar LSD?

– O problema não seria esse – disse o Marty, o que nos deixou algo espantados. – Eu podia organizar isso, conheço gente de sobra, mesmo aqui. A questão é só o que fazer, caso corra mal.

Discutimos os prós e os contras e decidimos que a *trip* ficaria para quando a Elena estivesse de volta, para poder tomar conta de nós. Quando lhe falámos do nosso plano, ela não se mostrou entusiasmada, mas por fim lá se deixou convencer.

Três dias mais tarde, parou uma carrinha cinzenta diante da casa. O Marty trocou algumas impressões com o condutor, um tipo simpático, e regressou para junto de nós com um saquinho de plástico na mão. Dali a pouco, estávamos os três sentados no sofá, ao lado uns dos outros, com os pequenos selos coloridos na mão. A Liz explicou que bastaria engolirmos aquilo e pronto. Pus-me a observar o meu. Era azul claro e não sabia a nada.

O efeito fez-se esperar. O Marty foi buscar o *Figaro* e pôs-se a ler. A Liz recostou-se e fechou os olhos. Eu olhei para a Elena, que estava sentada à nossa frente e me devolveu o olhar. Depois, engoli e, por breves instantes,

senti na boca o gosto insípido da juventude, uma mistura de fumo, comida de cantina, cerveja barata e o momento em que a Alva me pegou na mão. Bebi um copo de água e aquele eco remoto e sinestético que se manifestou na minha língua desapareceu.

A seguir, foi a vez de o meu irmão sentir qualquer coisa. Fitava o jornal, fascinado, e murmurou que as letras fluíam umas de encontro às outras, a seguir foi ter com a Elena e deitou a cabeça no colo dela.

Naquele momento, fui assaltado por uma torrente de recordações, como se alguém folheasse o livro da minha vida. Alguns capítulos atrás: o enterro da nossa tia. Morrera no ano anterior, de um AVC, fora-lhe simplesmente ceifada a vida. A caminho da cerimónia fúnebre, o Marty adotara um ar sereno, quase sem emoção, embora gostasse muito da nossa tia. Conduzira em silêncio até ao cemitério, enquanto a Liz e eu comentávamos que, uma vez mais, o destino nos atraíçara.

– Que parvoíce – dissera o Marty de súbito. – Não há destino nenhum, tal como não há Deus. Não existe nada de nada, ou só nós, seres humanos, existimos, o que quer dizer mais ou menos a mesma coisa. Portanto, é completamente absurdo queixarmo-nos da nossa sorte. A morte é uma estatística, que de momento parece estar em nosso desfavor, mas a dada altura, quando toda a gente em nosso redor tiver morrido, nós incluídos, a estatística voltará a equilibrar-se, tão simples como isso.

No entanto, meia hora mais tarde, durante a cerimónia fúnebre e estando nós a olhar para o caixão com a nossa tia, o meu irmão começou, para meu grande espanto, a chorar impetuosamente. Eram soluços de arrancar o coração, todos os que estavam presentes na capela olharam para o Marty, o viram apoiado no ombro da Liz, a ser abraçado por ela.

A seguir, a minha mente folheou mais algumas páginas, ainda mais para trás, e vi-me ainda criança, na sala de estar, no momento em que a minha tia nos informou de que os nossos pais tinham morrido. O Marty estava de pé, ao meu lado, pálido e imóvel, mas poderia perfeitamente ter estado a mil milhas de distância. As palavras produziram o seu colossal efeito pouco a pouco, infiltraram-se por todo o lado, no chão, que pareceu ficar desnivelado, nos meus olhos, que já só conseguiam ver uma imagem difusa, nas minhas pernas, que me fizeram cambalear pela sala. Mais tarde, as ondas de choque daquela detonação alcançaram também a Liz, quando ela entrou no apartamento e, de imediato, viu o meu ar apreensivo. «Que é que

se passa?», perguntara ela, mas eu não quis nem fui capaz de lho dizer, como se assim a pudesse proteger da verdade.

– Vejo a mesma coisa – disse a Liz, ali ao meu lado. Em todo o caso, foi isso que me pareceu ouvi-la dizer.

Quis contar-lhe como tudo ficara diferente, como *eu* ficara diferente, mas não fui capaz. O meu coração desatou a bater mais rápido, uma torrente de imagens inundava o meu entendimento. O meu pai a lançar-me uma bola. A Liz a subtrair uma pecinha branca daquele jogo, o *Malefiz*, para lhe dar sorte. A minha mãe a chamar-me «caracolito» e a ler, para eu adormecer. Eu a peneirar a farinha para o seu «Bolo Irresistível». Tudo misturado, tudo tão próximo, tão belo, tão rápido que mal consegui aguentar.

Inspirei profundamente, expirei, voltei a inspirar, expirei.

– É demasiado – disse eu, vezes sem conta. – Já não aguento mais. Quero parar.

A Liz agarrou-me a mão.

– Fica calmo – disse ela. – Está tudo bem.

Correram-me lágrimas pela face, as cores da sala resplandeciam, era capaz de ver cada uma das linhas da palma da minha mão. A minha respiração estava acelerada, sentia a caixa torácica contraída. No entanto, de um momento para o outro, tudo se libertou, e voltei a respirar normalmente. Foi tal o alívio, que não consegui conter o riso. Ia sempre olhando para a Elena, que me vigiava e, com a sua postura calma, ia mantendo toda a sala sob controlo.

– Sei agora que imagem gostaria de ter desenhado quando tinha doze anos. – A Liz encostou-se a mim. – Nos últimos anos esqueci-me dela, mas agora voltou a ocorrer-me. Gostava de ter desenhado quatro cães a jogar à bola na praia, como se fossem humanos. Teriam nomes estranhos e estariam vestidos com roupa antiquada.

Eu disse que sim com a cabeça, feliz por estar tão próximo dela.

Tudo se amalgamou então, se fundiu em si mesmo, enquanto a minha consciência se libertava das suas amarras, e voltei a viajar no tempo.

Eu era... De repente *sou* o Marty, que, ainda criança, constrói um carrinho de brincar com um motor a gasolina. A admirável precisão com que cada uma das peças se encaixa na outra, aquele momento de felicidade em que o motor começa a funcionar e, sob a carroçaria, a tecnologia passa a fazer sentido.

Sou a Liz e estou a desenhar qualquer coisa com várias cores numa folha de papel; e eis que há criaturas que ganham vida, seres que eu mesma criei, e é tudo tão espantoso que me perco nisso. E no interior da minha cabeça surgem ainda outras imagens resplandecentes, tantas que por vezes parece que sinto dor, e não posso dizê-lo ou mostrá-lo seja a quem for, por isso de vez em quando sinto tudo em excesso e desato a correr pelo quarto feita louca, para me desembaraçar e ver livre de toda essa energia.

Sou a minha mãe, que assiste ao modo como os filhos brincam e vão crescendo, e tenho esperança que se mantenham assim durante algum tempo. E sinto-me satisfeita por ter prescindido da minha liberdade em troca desta vida, ainda que por vezes sinta falta dessa liberdade.

E sou o meu pai, sentado no carro, a caminho do trabalho, mas que preferiria dar meia-volta de imediato e regressar a casa, para junto da família, embora tal não seja possível, como acontece com tantas outras coisas. Pergunto-me quando foi que as coisas começaram a correr mal ou se, logo desde o início, nunca correram bem. E penso então que, pouco antes de morrer, ofereci pelo Natal uma máquina fotográfica antiga ao Jules, o meu filho mais novo; uma máquina a que ele não dá uso. Há depois uma última discussão e...

– Eu lembro-me – digo.

Vejo com toda a nitidez o meu pai diante de mim, o modo como ele, abatido, segura o cachimbo e olha para mim, como que assustado. A culpa. A maldita culpa que sinto.

– Oh, meu Deus, agora lembro-me novamente de tudo.

Continuo de olhos fechados. Sou agora eu mesmo, corro por um prado e vejo tons verdes incríveis. Sinto no nariz o cheiro intenso de feno, de resina e de musgo húmido; os meus sentidos transbordam de estímulos. Está a chover e é já encharcado que alcanço uma floresta. No espaço de segundos, o dia cede lugar à noite. De um momento para o outro, o ambiente torna-se frio e tenebroso e sinto que o perigo está por ali à espreita. Tenho de atravessar um matagal quase impenetrável. Os ramos negros e pontiagudos arranham-me a pele, deixam-me a sangrar.

– Está qualquer coisa a correr mal – digo. – Está qualquer coisa a correr mesmo mal. Isto não para.

Sinto alguém sacudir-me, mas mantenho os olhos firmemente fechados, continuo a correr. Conheço esta floresta. Desde a infância que não saio dela,

tornou-se a minha casa. E, se não prestar bem atenção, vou acabar por morrer nesta floresta.

Vou avançando rumo ao âmagô e contemplo uma imagem com toda a clareza: a nossa vida, aquando da morte dos nossos pais, aproxima-se de uma espécie de agulha ferroviária, para mudança de via, muda para a via errada e, desde então, levamos outra vida, a vida errada. Um erro no sistema que não há como corrigir.

A caminho do âmagô, tropeço e fico espetado num ramo caído no chão. O ramo perfura-me o peito, em cheio no coração. Esvaio-me em sangue ali mesmo, sinto tudo quente e brilhante, bem agradável, mas ao mesmo tempo experimento a mais desconsoladora das sensações que jamais tive, pois tenho de largar tudo e tudo perder...

Arregalei os olhos; estava encharcado.

– Não quero morrer! – exclamei. – NÃO QUERO MORRER!

Despedir-se de si mesmo, sem apelo nem agravo. Extintos, todos os pensamentos, esperanças e recordações. Uma tela negra, para toda a eternidade.

Estava em posição fetal no chão, a chorar.

– Não quero morrer – murmurava eu, incessantemente.

A Liz deitou-se ao meu lado, o Marty e a Elena seguraram-me nas mãos. Senti a proximidade dos outros e o calor e conforto da nossa casa. No entanto, tudo isso parecia muito distante: eu estava bem no fundo de mim mesmo, onde tudo o que havia era um medo frio.

No último dia das nossas férias, estava sentado com o meu irmão, na praia. O tempo arrefecera, um vento frio soprava-nos no cabelo. Um barco de pesca avançava junto à costa, desenhando os seus contornos na superfície da água.

– Escuta... – começou o Marty.

– Sim?

– Lamento o facto de termos estado tão poucas vezes juntos. – Tirou os óculos e apertou firmemente a cana do nariz entre o polegar e o indicador. –

É bem provável que nos últimos anos não tenha sido grande coisa como irmão.

– Foste um sabichão.

– Sim, talvez.

– Um sabichão e um imbecil.

– Obrigado, já percebi a ideia.

Olhámos um para o outro. O meu irmão deu-me uma palmada no ombro e, de repente, tive uma impressão mais juvenil dele.

– Vou reparar o mal que fiz.

À tarde, já os meus irmãos faziam a mala para a viagem de regresso, fui dar um último passeio pela aldeia com a Elena.

– Que é feito dos tiques do Marty? – perguntei. – Aquela coisa de trancar cinco vezes uma porta, de pressionar o puxador segundo um qualquer padrão secreto, de não pisar as junções entre as pedras do passeio... Para onde foi tudo isso?

A Elena baixou o olhar.

– Foi ficando cada vez pior – respondeu. – No final, ia cinco vezes por ano a uma consulta de prevenção e diagnóstico precoce de cancro e era incapaz de utilizar elevadores e escadas rolantes, por ter a sensação que lhe trariam má sorte.

– Desculpa?

Contra vontade, a Elena viu-se forçada a rir.

– Sim, os elevadores e as escadas rolantes eram coisas *más*. De início, escondia-me tudo isso, chegava a fazer piadas quando eu me apercebia de qualquer coisa. Mas chegou uma altura em que essas compulsões determinavam a vida toda dele. Há alguns meses que está em terapia.

Aproximámo-nos de casa. Ao longe, vi o Marty carregar a bagageira do carro, enquanto assobiava uma melodia da *Carmen*.

– Então agora já largou os tiques? – perguntei.

– Quem me dera. Acho que melhorou, mas por vezes tenho a sensação que os tiques continuam lá. Que talvez ele esteja a conseguir escondê-los melhor. Tento apanhá-lo em flagrante, mas ainda não consegui.

Quando entrei no jardim, acenei com a cabeça ao meu irmão. Uma infância difícil é como um inimigo invisível, pensei. Nunca se sabe quando nos vai atingir.

SEGUNDA PARTE

Recupero do acidente de moto com uma rapidez surpreendente. Não tardo a ser novamente capaz de ler, ver televisão e falar ao telefone, e entretanto tenho já o diagnóstico completo: contusão do baço, tibia e perónio direitos partidos, fratura da clavícula, traumatismo craniano grave. Dizem os médicos que tive sorte.

Sorte. Uma palavra que, nestes últimos tempos, pouco me diz.

Batem à porta. O Marty trouxe consigo os meus filhos, também veio a Elena e até o Toni, que voou de propósito para Munique, para me vir ver.

Os meus filhos correm para a cama e abraçam-me. O Vincent fez-me um desenho de um homem sorridente com canadianas; a Luise deposita um animal de peluche na minha mesa de cabeceira, para me fazer companhia. Ainda que já tenham sete anos, continua a parecer-me prodigioso que sejam realmente meus. Que serei sempre pai deles, aconteça o que acontecer, quer me lembre de emigrar um dia, me aconteça alguma infelicidade ou eles decidam que nunca mais me querem ver.

A Luise aponta para o gesso na minha perna e para o colar cervical. Tal como na sua última visita, pergunta-me se vou morrer, e eu abano a cabeça. Ela acena com a dela, aliviada. O Vincent não parece muito satisfeito com a resposta. Esfrega as mãos e nos seus olhos reconheço uma expressão de medo.

Decido fazer um esforço e desempenho o papel do alegre e confiante palhaço que sempre assumi diante dos meus filhos; conto-lhes como é o meu dia a dia no hospital e faço-lhes perguntas.

– Como é que é com o tio Marty e a tia Elena?

O meu filho fica em silêncio.

– É bom – responde a Luise por ele.

– Que fizeram ontem?

– Estivemos no jardim zoológico, vimos um leão, mesmo pertinho.

Está feliz, penso. Depois de tudo o que se passou, fica feliz por ver um qualquer leão aprisionado, pobre animal. Pego na minha filha ao colo e dou-lhe um beijo.

– E tu? – pergunto ao Vincent. – De que animais gostaste mais?

Ergue a cabeça, mas não é capaz de me olhar fixamente mais do que alguns segundos.

– As cobras – diz, em voz baixa.

Lanço um olhar inquieto na direção do Marty, albergando a intensa esperança de que, mais tarde, o meu filho não venha a querer dissecar criaturas indefesas e analisar o sangue delas ao microscópio.

Pomo-nos então todos a desenhar animais: um elefante, depois ratos, girafas e um tigre. Enquanto as tentativas do Toni se revelam lamentáveis («Tal como os desenhaste, estes pobres animais não seriam capazes de sobreviver um único dia», comenta o meu irmão), o Vincent desenha com surpreendente precisão. A girafa, em particular, é bastante bem conseguida. Quando lhe elogio o desenho, o meu filho sorri pela primeira vez. O sorriso surge de repente e é tão desarmante e encantador que, durante instantes, deixo de sentir quaisquer preocupações em relação a ele.

*

Quando a hora da visita acaba, começa a cair a noite. Lá fora vão passando nuvens pálidas e, de súbito, é como se a escuridão me observasse pela janela. Sinto saudades da minha mulher, mas ela partiu para o estrangeiro, numa viagem que lhe é bastante importante. Disse-lhe que não a vou incomodar, que vou conseguir tratar de tudo sozinho em casa e que o melhor será nem levar consigo o telemóvel alemão. Está na Rússia, mais propriamente em Ecaterimburgo, e poderá demorar alguns dias a conseguir apanhar um voo. Entretanto, ficarei aqui sozinho.

Durante a noite, durmo mal. Nos meus sonhos, está sempre a passar o filme em que saio da faixa de rodagem com a moto e caio.

«Pronto, acabou-se», pensei no último momento ou talvez: «Isto vai doer.» Já não sei qual dos dois pensamentos terá sido.

E depois acordo.

Acendo a luz. A meu pedido, o meu irmão trouxe-me um álbum fotográfico e dois romances: *Tempo*, *Voa para Longe*, de A. N. Romanov, e

Terna É a Noite, de F. Scott Fitzgerald. Já li ambos os livros diversas vezes, mas detenho-me sempre em certas cenas e descrições que me são familiares. Por fim, consigo dormir. Desta feita sem imagens sonhadas, tão-só o vazio.

Durante a manhã, perco-me em pensamentos, até que ela telefona. Continua retida em Ecaterimburgo; todos os voos estão cheios, por causa de uma feira industrial.

– Já mal consigo aguentar aqui – queixo-me. – Quando é que consegues vir?

– Não tardarei a estar aí contigo.

– Já estive para ir eu ter contigo, quase parece mais fácil.

– Não sejas tão sarcástico. Com essas placas e parafusos em titânio, nem te deixam passar nos controlos de segurança no aeroporto.

Pergunta pelas crianças. Uma vez que o meu irmão e a Elena sempre se entenderam com eles, ela fica descansada. Digo-lhe ainda que a amo, de seguida desligamos.

Desta vez, o Marty visita-me sozinho. Está junto à janela, contempla a luz do dia. A camisa, como que feita à medida, os vincos do ferro nas calças, impecáveis; no entanto, há algum tempo que o cabelo lhe começa a rarear. Observo o meu irmão, que nunca é sentimental nem se entrega ao passado, tratando antes de, a partir de cada acaso da sua vida, criar algo seu, algo especial. Subitamente, surge-me diante dos olhos a imagem de nós dois, um ao lado do outro, quando tivermos setenta anos. Não escolhi o Marty como irmão, e na verdade somos inteiramente diferentes, mas há uma coisa que o distingue de todas as outras pessoas: está sempre presente. Há quarenta e um anos ao meu lado.

– Porque é que fizeste isto? – pergunta ele.

É a pergunta de que eu estava à espera.

– Então também achas que não foi um acidente?

– Como assim, «também»?

Penso na conversa com a jovem psicóloga do hospital, que tal como ele acha que não se tratou de um acidente, uma vez que não foram encontradas marcas de travagem.

– Foi então o quê, uma tentativa de suicídio? – replicara eu, em tom de provocação.

Ela deixara a pergunta sem resposta.

– É importante que enfrente a realidade – dissera ela, por fim. – Sei que está novamente a refugiar-se nos seus mundos de fantasia. Mas tem de aceitar o que aconteceu. A sua família precisa de alguém que viva no aqui e no agora.

Não respondi.

Fixo longamente o olhar no meu irmão.

– Porque é que eu havia de me matar? Tenho dois filhos, nunca os abandonaria assim. Foi um acidente, perdi simplesmente o controlo da moto.

O Marty não parece acreditar em mim.

– Já agora, aquilo foi para a sucata – limita-se a responder. – Não entendo porque é que te tornaste de repente um entusiasta das motos. É demasiado perigoso.

*

Depois de ele se ir embora, tento entregar-me de novo aos meus devaneios, mas desta vez não consigo. Ponho-me a fitar o exterior, pela janela. Um par de andorinhas desliza pelo ar. Ocorre-me então que, outrora, quando não me sentia bem, imaginava-me capaz de voar.

Folheio um pouco o álbum fotográfico. A par das fotografias com a minha mulher, o que mais gosto de ver são as fotos com os meus irmãos. Algumas mostram a minha irmã numa festa, com um *cocktail* na mão, o olhar belicoso e desprovido de dúvidas. Foram tiradas há quinze anos, e é difícil descrever por palavras a falta que a Liz aqui me faz.

Um enfermeiro bate à porta. Juntamente com ele e apoiado em canadianas, dou um primeiro e cauteloso passeio no parque em redor do hospital. A perna partida já quase não me dói, também a fratura da clavícula está a sarar bem, as dores de cabeça quase desapareceram. Já desacostumado, a luz do dia ofusca-me, respiro profundamente e sento-me num banco. Em meu redor, o chilrear de pássaros, o sol incide sobre o parque, desde um céu limpo de nuvens.

Ela morreu, penso.

Por instantes, tenho dificuldade em manter a postura. Distração, distração. Na minha cabeça, os pensamentos rodopiam e, de repente, vejo diante mim os anos passados em Berlim. Penso em como, em momentos solitários, me punha a dançar no meu apartamento, dominado por uma desesperada patetice. Penso naquela cave na Suíça e na embalagem com os cartuchos de munição. Penso em como descobri o caminho de volta à escrita. Uma sequência cada vez mais rápida de imagens sem nexos e, subitamente, vejo o que aconteceu antes do meu acidente de moto. O abismo fixa em mim o seu olhar.

E eu fixo o meu nele.

O caminho de regresso
(2000-2003)

Cerca de dois anos depois das férias que passei em França com os meus irmãos, deixei de fotografar. Tinha recebido uma resposta negativa de um amigo curador e, enfurecido, enfiara todas as minhas máquinas fotográficas numa caixa e depositara-a na rua. Passada uma hora, fui buscá-la, mas a caixa já desaparecera. O início de uma viagem descendente de um mês. Comecei a dormir até depois de almoço, fumava demasiados charros, escrevi uns quantos contos que não mostrei a ninguém, e tornei-me uma criatura deveras propensa a conflitos. A minha namorada da altura deixou-me. Disse que eu era demasiado fechado, demasiado *inautêntico*, e ela já não aguentava aquele meu olhar, de quem está preso no seu mundo inacessível. Quase não me afetou. Tal como acontecera nas relações anteriores, não estava apaixonado e, bem no fundo, sentia que, fosse como fosse, aquela não era a minha verdadeira vida. Que a qualquer momento a trocaria por uma em que os meus pais ainda estavam vivos. Esse pensamento recorrente era como uma maldição tecida na minha alma.

Quando a Liz me falou de uma vaga na Yellow Records, deixei o meu apartamento em Hamburgo e mudei-me para casa dela, em Berlim. A empresa discográfica ficava num pátio das traseiras de Kottbusser Damm e especializava-se em *singer/songwriter* e em *indie rock*. Proporcionou-se então a oportunidade de trabalhar para essa empresa como consultor jurídico e mais tarde como *scout*, mas também podia perfeitamente ter vivido no estrangeiro ou ter voltado a estudar. Nessa altura, não teria sido capaz de formulá-lo com tal clareza, mas no meu interior pressentia que me desviara do rumo. O problema era que não sabia quando nem onde. Já nem sabia de que rumo afinal me desviara.

Pouco depois do meu trigésimo aniversário, em janeiro de 2003, atravessava a cidade na minha *Vespa*, quando ao meu lado parou um *Fiat* vermelho. Por que razão não conseguia eu deixar de olhar para ele? Ah, claro, a Alva. Ela tinha um carro igual àquele. De súbito, veio-me à memória o modo como tudo terminara. Como eu lhe pedira para ir comigo para Munique. E como ela, em jeito de resposta, dormira com aquele homem e me obrigara a assistir. Fora assim que tudo terminara.

Enfim, não propriamente.

No nosso último fim de semana na escola, a Alva veio ter comigo inesperadamente. Dirigiu-me um olhar sorridente, como se nada se tivesse passado, e disse-me que talvez fosse fazer um ano de voluntariado na Nova Zelândia, a prestar serviço social. Falámos da possibilidade de, no futuro, já quase não nos vermos e de como era estranho termo-nos visto diariamente durante anos e, de seguida, nunca nos vermos. Na verdade, eu ainda estava melindrado, mas ela tinha no olhar qualquer coisa de vulnerável que me comoveu; pegou-me depois no braço e perguntou-me se não queria combinar qualquer coisa com ela para o fim de semana. Tinha refletido e compreendido certas coisas e queria mesmo falar comigo acerca delas.

Fiquei tão surpreendido que, de início, nem consegui responder-lhe. Prometi que, em todo o caso, lhe telefonaria e a Alva respondeu que ficaria muito contente se o fizesse.

No entanto, nunca lhe telefonei.

Andei o fim de semana inteiro de um lado para o outro no corredor do internato onde ficava o telefone. Porém, fui incapaz de lhe ligar. A Alva quisera magoar-me propositadamente e, pelos vistos, apesar de tudo o que ela dissesse, eu não significava muito para ela, pois parecia pronta a deixar-me para todo o sempre. Como podia eu perdoar-lhe? Ao mesmo tempo, queria vê-la, desse lá por onde desse. Tive esperança de que ela me telefonasse, mas não o fez.

Na segunda-feira, quando apareci na escola, ela não me falou. Evitou o meu olhar o tempo todo, de modo quase ostensivo. Fui ter com ela no intervalo.

– Desculpa – disse eu, apoiando uma mão na parede, para dar um ar deliberadamente descontraído. – Quis ligar-te, mas houve demasiadas coisas no fim de semana!

Pode até ser que lhe tenha falado de uma festa a que eu teria ido e onde me teria encontrado com uma rapariga que, como a Alva bem sabia, simpatizava comigo. Em todo o caso, senti uma agradável sensação de desforra, por estar de certo modo a vingar-me pelo que a Alva me fizera. Contara firmemente que ela acenaria com a cabeça, em jeito de lamento, ou que no mínimo ficaria surpreendida com o meu comportamento frio e desapaixionado. Mas ela limitou-se a olhar-me com um ar interrogativo.

– Ah, sim – disse. – Pois é, tinha-me esquecido completamente. Deixa lá, não faz mal.

Foi a última vez que falei com a Alva.

Poucos dias depois de ter visto o *Fiat* vermelho, fui buscar a Liz ao trabalho. Entretanto, já tinham passado quase cinco anos desde o verão que passáramos juntos em Berdillac. A Liz terminara o exame final do liceu no ensino noturno e estudara para o magistério; o estágio que estava a fazer nas disciplinas de Música, Artes Visuais e Alemão corria bem. Vi-a a sair do edifício na companhia de outros jovens professores. Ao longe, a Liz dava a impressão de ser ainda mais alta, uma figura imponente. Trazia uma mala ao ombro e estava a rir. Liderava claramente, os outros dirigiam-lhe olhares de admiração. Quem não soubesse que ela passara há muito dos trinta dar-lhe-ia vinte e tal anos; apenas o seu rosto se tornara um pouco mais cheio.

Cozinhámos em casa dela, um apartamento tão repleto de quinquilharias e quadros que quase se poderia considerar desmazelado. Em vez de «cozinhámos», deveria antes dizer que ela cozinhou e que eu fiquei a assistir; obviamente falámos acerca da mudança do nosso irmão. O Marty vendera recentemente a sua empresa por uma soma exorbitante e estava a dar aulas na Universidade Técnica de Munique. Ele e a Elena tinham comprado uma casa nas imediações do Jardim Inglês.

– Dá para imaginar? – Estava sentado na cozinha, a balançar a cadeira para trás e para a frente. – Mora a poucos quarteirões da nossa antiga casa.

– Eu sabia que acabaríamos por lá regressar. – Ela ia picando manjerição.
– Só pensei que demorasse mais tempo.

– Nunca mais volto para Munique. Porque haveria de fazê-lo?

– Porque naquela altura nenhum de nós saiu de lá de livre vontade.

A Liz acendeu pauzinhos de incenso. Na sua aparelhagem de som ouvia-se música popular mexicana, que ela ia cantarolando. Pus-me a pensar nas aulas de música dela, ela a tocar qualquer coisa na guitarra para os alunos, a louvar os mais novos desenhando pequenas figuras ou animais nos seus cadernos, a querer fazer com eles uma peça de teatro no verão. A minha irmã podia ter passado anos desviada do rumo, mas, agora, a sua vida voltara por fim a aproximar-se do que teria sido se os nossos pais não tivessem morrido. A Liz conseguira achar o caminho de regresso e também o meu irmão parecia de volta ao que estava destinado a ser. Já eu, pelo contrário, reparara alguns dias antes num grupo sentado num café, na mesa ao lado da minha; no centro desse grupo estava um homem da minha idade. Os amigos riam-se do que ele dizia e era com uma certa indiferença, quase irritante, que ele ia dando o tom. Já enervado, tive de desviar o olhar, mas algo no comportamento dele não deixava de me atrair a atenção; por fim, ocorreu-me que eu mesmo poderia ser aquele homem, se na minha vida algumas coisas tivessem corrido de maneira diferente.

Lá fora ouvia-se um intenso rebuliço. Uma caterva de miúdos a correr pelo pátio interior coberto de betão.

– Que idade teria agora? – perguntei, ainda meio absorto nos meus pensamentos.

A pergunta surgiu de forma demasiado súbita e desadequada, o olhar da minha irmã ensombrou-se.

– Cinco – respondeu ela.

– Ainda pensas nisso com frequência?

– Não tanto como antes. Mas por vezes tenho medo de ter desperdiçado aquela oportunidade e de nunca mais ter filhos. Na primeira vez, no internato, era demasiado nova, mas, com o Robert, já tinha a idade certa. Quem sabe se voltarei a ter outra oportunidade.

Continuava a dar com os pés aos namorados, para não ser ela a abandonada, e também a sua última relação, com um ator holandês, falhara. «Um homem de uma encantadora imbecilidade», dissera a Liz certa vez.

O Marty também ainda não tinha filhos, mas há alguns anos que tinha um cão, ao qual, demonstrando uma revigorante ausência de criatividade, se limitava a chamar *Cão*. Recentemente, anunciara que, uma vez que tudo está destinado à ruína, não fazia sentido pensar em ter filhos.

A Liz irritava-se com essas afirmações.

– É a conversa niilista do Marty – disse. – Mas sabes bem que aquilo é tudo treta. Na realidade, todos os niilistas e cínicos são uns medrosos. Fazem de conta que nada tem importância, porque assim, no fim, não há nada a perder. A atitude deles parece inatacável e superior, mas no fundo não tem valor.

Acendeu um cigarro enquanto abanava a cabeça.

– A alternativa à noção da vida e da morte é o nada – prosseguiu, o cigarro a baloiçar entre os lábios. – Seria realmente melhor se este mundo nem sequer existisse? Em vez disso, vivemos, criamos obras de arte, amamos, observamos, sofremos, alegamo-nos e rimo-nos. Existimos todos em milhões de maneiras diferentes, para que não haja o nada, e o preço a pagar é, ao fim e ao cabo, a morte.

De repente, voltei a pensar na Alva e no *Fiat* vermelho. Na noite anterior sonhara que estava a atravessar um território em guerra. Havia helicópteros a despenhar-se, bombas a cair, pessoas a sucumbir em meu redor. A cidade estava condenada à ruína, mas eu não parava de avançar a correr, no meio do combate, pois ouvira dizer que a Alva estava presa numa casa no centro. Corri a cidade até à exaustão, houve vezes em que só por pouco escapei à morte, mas nunca alcançava o meu destino. A seguir, acordei.

Depois dessa noite, voltou tudo. Os sonhos têm sempre um tempo próprio, ou melhor, não têm tempo nenhum, por isso parecia-me sempre que tinha acabado de dar as minhas voltas ao campo de desportos, enquanto a Alva estava deitada na relva, a ler. Nessa altura, às vezes deitava-me ao lado dela, a tentar virar-lhe as páginas com o sopro. Isso arrancava-lhe sempre um sorriso, só que certa tarde a Alva reagiu de modo áspero. Agarrou o livro com ambas as mãos; naquele momento escapava-se-lhe certamente por entre os dedos a vida de uma personagem que lhe era querida. E só então me apercebi de que ela estava a chorar. Não tinha querido importuná-la e, no entanto, nada podia alterar no facto de partilhar com ela aquele momento íntimo. Olhei para o seu rosto corado e apercebi-me do quanto a Alva adorava a literatura, muito mais do que qualquer outra pessoa que eu conhecesse. E ela estar sentada ao meu lado e se ter comovido tanto com uma história deixou-me também a mim comovido. Gostaria de a ter abraçado e protegido, sobretudo de si mesma e de todas as coisas de que nunca me falou, e no entanto a seguir tudo aconteceu de

maneira diferente do que eu contava, e entretanto já tinham passado onze anos.

Nessa noite, encontrei o endereço de *e-mail* da Alva e escrevi-lhe. Não estava a contar obter resposta, decidi simplesmente seguir um instinto. Comecei por escrever uma carta com várias páginas, mas por fim tudo se resumiu a duas linhas.

*Tenho trinta anos e ainda não tenho filhos.
E contigo, como é?*

Ela não respondeu. Durante alguns dias, mesmo semanas, fiquei secretamente à espera de uma resposta, mas depois desisti. Lançara um grito para o passado, mas não me fora devolvido qualquer eco.

Na primavera fiz umas férias e fui visitar o Marty, que tinha ido passar uns dias com a Elena a Berdillac. Estacionei o meu carro alugado diante da casa no fim da rue Le Goff. De imediato o *Cão*, um *husky*, veio ao meu encontro. O Marty e a Elena tinham-no adotado ainda cachorro, mas entretanto estava já crescido e bem forte, um bicho com porte quase majestático, com pelagem branca e preta e olhos azul-claros com uma expressão inteligente.

Também a irmã da Elena lá estava de visita, com os seus três filhos. Quando cumprimentei a Elena, tive a estranha impressão de ela estar triste. O meu irmão, pelo contrário, parecia manter algo eternamente jovem na expressão. Pus-me a gozar com ele, a dizer que estava cada vez mais parecido com o nosso pai e que não tardaria a ter de lhe oferecer um cachimbo e um blusão de cabedal castanho-claro.

Fomos passear os sete. As crianças brincavam com o *Cão*, enquanto o Marty e eu ficámos para trás. Apercebi-me de que ele estava ausente, com os pensamentos algures. Por fim, apontou na direção da Elena, que nesse momento erguia o sobrinho para o levar aos ombros. Pareceu desabrochar, ali, rodeada de miúdos.

– Ela adora crianças – comentou o Marty.

– Eu sei.

– E nunca as vai poder ter.

Detive-me.

– Desde quando é que sabem?

– É claro que nos últimos tempos já suspeitávamos. Há dois ou três anos que não tomamos precauções, e nos últimos meses temos tentado propositadamente. Como teimava em não acontecer nada, a Elena foi fazer uns exames...

O Marty procurou o meu olhar.

– Sabes, não tenho certeza absolutamente nenhuma de querer ter filhos, dê lá por onde der. Gosto da ideia de desmontar um carrinho telecomandado com um filho meu, mas não tem necessariamente de ser. Só que ela *adora* crianças, sempre quis ter os seus próprios filhos. A nossa casa tem tantos quartos... Tem chorado muito nas últimas semanas.

Deambulámos pelo caminho que conduzia à floresta que tão bem conhecíamos.

– Vou casar-me com ela – disse o Marty, com aquela estoica tranquilidade que, qual marca de água, o caracterizava. – Nunca fizemos questão, mas acho que agora é a coisa certa a fazer. Que te parece?

– Acho que soa bem.

O Marty olhou para mim com ar constrangido.

– Quero que sejas meu padrinho de casamento.

– Padrinho? Mas normalmente não se escolhe alguém de quem se gosta?

– Pensei que, no teu caso, se podia abrir uma exceção.

A floresta exalava um cheiro aromático e fresco, como se anunciasse a noite que não tardaria a cair. Chegámos ao rio pedregoso atravessado pelo velho tronco de árvore.

– Parece inacreditável que eu tenha simplesmente atravessado isto em criança. – Dei uma pancadinha na madeira com a ponta do pé. – São mais de dois metros acima do rio, se se escorregar partem-se os ossinhos todos.

– Quando eras criança, nunca tinhas medo.

Subi para o tronco da árvore. Foi como se pisasse um lugar enfeitiçado, um portal para o passado. Dei apenas dois passos e comecei a sentir vertigens. A água marulhava abaixo de mim, e havia pedregulhos que se erguiam acima da superfície, embora menos pontiagudos do que me recordava. O tronco oscilava, a cada passo tinha a sensação de que ia escorregar e cair. Comecei a transpirar e ouvi a voz do meu pai, advertindo-me de que aquilo era demasiado perigoso. Todos os seus receios que agora, quais inquilinos indesejados, habitavam a minha cabeça.

– Volta para trás – disse o Marty também. – Isso não tem nada bom aspeto!

– Em miúdo, passei muito depressa e só por isso é que a coisa funcionou.

Entretanto, percorrera já um quarto do comprimento do tronco, mas a salvação da outra margem parecia a uma imensa distância. *Regressar*, pensei. *Voltar a ser quem se foi*. E, então, escorreguei. Só graças a um reflexo e a alguma sorte é que consegui aguentar-me de pé. Senti as batidas do coração no pescoço. Não fazia qualquer sentido. Cautelosamente, dei meia-volta e voltei para junto do Marty. Como um pugilista que se remete ao canto do ringue, derrotado pelo seu eu mais jovem.

Depois da venda da empresa, o Toni vivera dois anos em Los Angeles, onde pretendia estudar na Chavez School of Magic, a melhor escola de magia do mundo, enquanto nos tempos livres percorria os Estados Unidos de moto ou viajava ao extremo sul, à Terra do Fogo. Depois, regressou surpreendentemente a Berlim e, até conseguir encontrar um apartamento, ficou a dormir no sofá de minha casa.

Certa noite, estava eu sentado com ele num bar, quando a minha irmã calha a lá entrar. Não olhou para a esquerda nem para a direita, não se deu conta de que ali estávamos, e foi sentar-se junto de um grupo de mulheres, numa mesa ao canto, acendeu um cigarro e tratou logo de puxar a conversa para si. Havia um certo *glamour* na imagem da Liz com o copo de vinho na mão; além disso, falava da mesma maneira que alguém que estivesse a morrer de sede beberia: pronunciava cada palavra com avidez.

O Toni quis ir ter com ela, mas impedi-o. Ouvi a minha irmã, com a sua tenebrosa voz de palco, aparentemente a falar de engates.

– O melhor foi numa festa gótica, no Lower East Side – dizia ela, alto e bom som –, quando um homem com roupa de cabedal, barba e dois cornos colados na testa, me abordou.

– Que foi que ele disse? – perguntou uma das amigas.

A Liz apreciava cada momento.

– Chegou bem junto de mim e perguntou-me com uma voz grave: «Pronta a dormir com um demónio?»

A gargalhada dela ecoou pelo bar, um tanto sórdida. As outras mulheres riram-se também.

O Toni ia lançando olhares na direção dela.

– Será que finalmente respondeu à minha carta?

Mais tarde, fomos todos ao Club der Visionäre⁴. A minha irmã e o Toni ficaram sentados ao lado um do outro sobre o cais de madeira, a molhar os pés no Spree. O Toni esteve sempre a namoriscar com ela, o que despertou o interesse da Liz. Já não olhava para ele apenas como amigo do irmão, mas antes como homem; reclinou-se um pouco e pôs-se a avaliá-lo. Uma das alças do seu vestido preto caíra, os cabelos louros estavam soltos, as pernas nuas cruzadas uma sobre a outra. A Liz observava-o atentamente, queria saber se o atrevimento do Toni era fingido e se ele era mesmo um tipo simpático ou se possuía realmente aquela imperscrutabilidade masculina. A minha irmã adotara de novo aquele seu olhar trocista e superior, que possuía algo de destrutivo e que o Toni tinha de enfrentar. Um segundo, dois segundos... E então ele desviava o olhar. Uma e outra vez. Vi perfeitamente. Não tinha hipótese.

Eu próprio tentei encetar conversa com algumas das conhecidas da Liz, mas não correu propriamente bem, e quando todo o grupo quis seguir para outro bar, tratei de me despedir. Em casa aguardava-me o silêncio, som com que estava familiarizado desde há anos. No entanto, entretanto já me repugnava esta existência de eremita, esta incapacidade de participar na vida. Sempre só a sonhar, nunca verdadeiramente desperto. Olha bem para ti, pensei, por que razão anseias tanto por estar sozinho quando estás junto de outros, se depois não aguentas a solidão?

Abri o portátil. Dois *e-mails* novos. O Marty dizia que o seu casamento estava agora inteiramente nas mãos da família da Elena e que ele fora excluído do planeamento. A segunda mensagem era de um antigo colega do curso de Direito, que enviara uma circular. Contrariado, apaguei-o. Estive algum tempo a ver televisão, pus-me a fazer *zapping*, passando os canais ao acaso. Mesmo na altura em que queria ir deitar-me, recebi novo *e-mail*. Escrito às 02:46. Esfreguei os olhos e abri-o.

Nos últimos anos, de tempos a tempos, penso em ti. Espero que estejas bem. Gostava de te rever.

Alva

As semanas seguintes foram passadas em alegre antecipação. Até o casamento do Marty, com todas as suas festividades e os sogros e cunhados croatas, só por breves instantes me conseguiu distrair do que sentia. Foi como se o meu passado tivesse sido reanimado por uma simples mensagem.

A Alva estava a viver na Suíça. Depois de muita troca de mensagens para lá e para cá, em que ela chegava a demorar dias a responder, decidimos encontrar-nos a meio caminho, em Munique. Passado pouco tempo, eu já estava na minha cidade natal e aproveitei a manhã para visitar o meu irmão. Ele e a Elena tinham acabado de chegar das semanas de lua de mel em Espanha.

– Estás nervoso? – perguntou o Marty.

Tentávamos avançar por entre as pilhas de presentes de casamento, altas como torres e em parte por abrir, que preenchiam a sala de estar.

– Nem acredito que a vou rever daqui a nada.

– Ela tem namorado? – quis saber o meu irmão, enquanto fazia pontaria a um embrulho verde-claro.

Os sobrinhos da Elena tinham-se esquecido das suas pistolas de *airsoft* e era com elas que estávamos a disparar sobre os presentes de casamento.

– Ouvi dizer que entretanto se casou – respondi, disparando contra um objeto comprido, envolto em papel vermelho. Tilintou, pelo que devia tratar-se de um faqueiro.

– Muito bem, portanto ouviste dizer.

O meu irmão acertou três tiros rápidos num pacotinho branco, pousado sobre uma cómoda na sala de estar. Ao cair, este produziu um estrondo e abriu-se, revelando o conteúdo: um relógio de cozinha de aspeto barato, com a forma de uma figura de banda desenhada.

O Marty segurou-o com ar repugnado.

– Isto é tudo para a sucata. – Voltou a pousar o relógio de cozinha na cómoda. – Que tipo de pessoa é que oferece uma coisa destas?

– Isso acontece porque não tens amigos a sério.

– Tu também não tens amigos.

– Eu sei. Se alguma vez me casar, da minha parte vêm só três pessoas. Tu, a Liz e talvez o Toni.

– Lamento imenso, serão só duas – informou o meu irmão. – Não vou ter tempo para isso.

– Mudaste muito desde que te casaste. E para pior.

Fiz pontaria ao relógio, precisamente entre os olhos esbugalhados da figura, até este voltar a cair da cómoda e se partir.

– Onde é que a Alva vive, concretamente?

O Marty disparou uma série de tiros sobre um pacote azul.

– Em Lucerna, desde há alguns anos. Talvez entretanto já fale suíço-alemão.

De repente, o Marty apontou a arma na minha direção.

– E se ela for mesmo casada?

– Parto do princípio que sim. – Aponte-lhe a minha arma. – Bem o merece.

– Na verdade, não partes desse princípio coisa nenhuma, pois não? – O Marty esboçou um sorriso. – Dá para ver na tua cara. Tens esperança que não.

– Não comento.

– Esperança é coisa de idiotas.

– É como o pessimismo.

Com o queixo, fez sinal para a esquerda. O presente mais vistoso. Um jarrão enorme, embrulhado num papel brilhante em cores garridas, sobre a mesa da sala.

– Aos três?

– Aos três!

– Um, dois... três!

Esvaziámos os carregadores das pistolas ao mesmo tempo. O jarrão vacilou uns instantes, antes de cair ao chão com estrondo. Olhámos um para o outro, soltámos uma gargalhada e, depois, observámos em redor. A sala de estar ficara desfeita.

– Vamos dar uma arrumadela – disse o Marty e soprou no cano da sua pistola de *airsoft*. – A Elena não tarda aí.

O bar em que queria encontrar-me com a Alva ficava no bairro de Glockenbach, mesmo ao lado do antigo apartamento da minha tia.

Estava nervoso como um adolescente e cheguei um quarto de hora mais cedo. Preparava-me para me ir embora (não queria ser o primeiro a chegar...), quando reparei na mulher ruiva sentada numa mesa junto à entrada. Tinha as pernas cruzadas e falava com a empregada.

Durante alguns segundos, observei o nariz estreito da Alva, os óculos com as armações pretas, a boca com as suas linhas arqueadas e lábios cheios, os ombros com clavículas delicadas. A sua pele pálida, ainda imaculada, e a sua figura esbelta. A minha primeira impressão foi de estranheza, ao vê-la tão adulta. Eram sobretudo os seus olhos que estavam diferentes. Continuavam grandes e de um verde luminoso, mas desaparecera deles toda a frescura. Estava a pensar no que teria acontecido, quando ela se deu conta da minha presença.

– Olá! – exclamou.

Como seria possível ter-me esquecido do tom da voz dela? Um abraço breve, e a expressão sorridente que assumi foi tal que já os músculos da face me doíam, mas era incapaz de desfazer o sorriso. Ela sentou-se num banco corrido acolchoado, eu numa cadeira. Entre nós havia uma mesa pequena e redonda.

– Desde quando é que és pontual?

– Na verdade não sou – respondeu ela. – Queria era ter a certeza que chegava antes de ti, para te ver entrar pela porta... E agora perdi essa oportunidade.

A Alva trazia calças de ganga pretas, um pulôver cinzento de decote largo e transmitia uma impressão de autoconfiança; parecia misteriosa mas também um pouco abatida.

– Tenho uma coisa para ti – disse eu e estendi-lhe o meu presente.

– Posso abrir?

A Alva não rasgou o papel de embrulho; em vez disso, abriu o presente com todo o cuidado, de modo quase afetuosamente. Por fim, viu o álbum.

– *Pink Moon* do Nick Drake.

– Ainda te lembras? – perguntei. – Ouvimo-lo há vários anos, da primeira vez que foste ao meu quarto no internato. Lembro-me que disseste que tinhas gostado.

Creio que apreciou e ficou contente, em todo o caso olhou diversas vezes para o disco e, com os dedos, tentou alisar os cantos já gastos.

De início, no meio da excitação, dei comigo a falar demasiado depressa. A Alva ouviu-me a esboçar alguns pormenores da minha vida, a seguir falou-me do seu curso de Literatura em Moscovo, que interrompera passado apenas um semestre. Uma breve auscultação mútua.

– E em que é que trabalhas? – perguntei, por fim.

– Verdade seja dita, não trabalho.

– Como não?

A Alva encolheu os ombros. Fez como se isso não tivesse qualquer relevância, mas mesmo passados tantos anos eu era capaz de perceber quando ela estava nervosa. Deixou capítulos decisivos de fora da sua narrativa, saltou por cima dos anos que passou na Rússia, escondeu o que fazia naquele momento e falou apenas de acontecimentos mais antigos.

Avançou com as mãos por cima da mesa e agarrou as minhas.

– Acho fantástico estares aqui comigo. Tinha medo que não viesses.

– Porquê?

A Alva recolheu as mãos.

– Estás com bom aspeto – afirmou, enquanto me inspecionava – e tens um sorriso bonito, Jules. Era uma coisa que te queria dizer quando ainda andávamos na escola. Quando sorris, pareces outra pessoa, menos taciturna. Devias mesmo sorrir mais vezes. – Entretanto, soava mais jovial. – Sim, tal e qual como agora. – E, de súbito, num tom enérgico: – Mas diz lá o que é que andas *afinal* a fazer!

– Trabalho numa empresa discográfica. – Pedi uma bebida alcoólica, ela um *cappuccino*. – Na verdade, pretendia ir para Itália, mas depois a minha irmã falou-me deste emprego. Em todo o caso, não é mau. Muitos pormenores jurídicos, mas também acompanho cada vez mais bandas.

Em geral, as pessoas achavam que o meu trabalho era bastante interessante, mas a Alva não me soou muito entusiasmada.

– É claro que a música condiz contigo, mas sempre pensei que te viesses a dedicar a qualquer coisa criativa. À escrita, por exemplo. Achei os teus contos admiráveis. Ou porque não fotografia? Sempre gostaste de fotografar.

Achei comovente ela acreditar tanto em mim. A única pessoa que realmente gostava dos meus contos e das minhas fotos.

– Também tentei a minha sorte como fotógrafo, mas a coisa nunca correu lá muito bem. Às tantas, acabei por desistir.

– Porquê?

– Demasiadas negas. Demasiada frustração.

A Alva ficou pensativa. E um olhar breve:

– Foi mesmo só por isso que desististe?

Como sempre, conseguia ler claramente o que me ia na alma.

– Não. Simplesmente percebi que... – Agitei o meu copo e fiz os dois cubos de gelo que lá estavam descrever círculos no líquido âmbar. – Esquece, não é muito importante. Fica para outra vez.

Mantivemo-nos em silêncio. A excitação inicial do reencontro passara, tudo decorria de modo demasiado formal, elaborado... Por breves instantes, ocorreu-me que os nossos verdadeiros eus tinham permanecido à distância e cada um de nós enviara um delegado ali ao bar, alguém que não estava qualificado para conversar sobre as coisas realmente importantes.

– Que é que ouves atualmente, em termos de música? – perguntou a Alva, por fim.

A pedido dela, tirei do bolso o meu leitor de mp3 e sentei-me a seu lado no banco. Partilhámos os meus auscultadores e percorremos as músicas de algumas bandas. A cada nova música, ia assistindo a um degelo gradual nela.

– Esta é bonita – comentou, quando pus a tocar «Between the Bars», de Elliott Smith. Sorriu, radiante. – Agrada-me mesmo.

E por momentos, ali sentados lado a lado, a ouvir música, o ambiente foi novamente tão íntimo quanto no internato.

– És feliz? – perguntei-lhe.

Pousou o auscultador, ligeiramente irritada.

– O quê?

– Se és feliz.

A Alva pareceu querer evitar a pergunta, e temi ter sido demasiado direto. Limitou-se a encolher os ombros.

– E tu?

Também eu encolhi os ombros.

– Então estamos na mesma! – exclamou, alegremente.

Apontei para o *cappuccino* dela.

– Pensava que, quando nos revíssemos, nos fôssemos embebedar.

– Ainda podemos fazê-lo.

– E que tal se fosse com *gin*?

– É melhor não. Da última vez que bebemos *gin*, a coisa ficou algo estranha, lembras-te? Puseste-te a dançar à minha frente, eu completamente bêbeda. Não faltou muito para te cair nos braços.

Disse-o assim, como que de passagem, e concentrou a atenção na carta de bebidas.

Duas bebidas mais tarde, estávamos sentados ainda mais perto um do outro. Não sei se terá sido do álcool ou de estarmos a ouvir música, mas de um momento para o outro foi como se os nossos últimos encontros tivessem sido ontem, só que neste «ontem» concentravam-se vários anos. Perdera já um comboio e decidi que ia perder o seguinte. Entretanto, balbuciava um pouco, mas consegui por fim dizer o que tinha para dizer.

Também a Alva arrebitava.

– E como é com as mulheres? – perguntou.

– Ah, já me conheces. Atiram-se-me ao pescoço, mesmo ainda há pouco, a caminho daqui do bar, foram logo duas. Não há quem aguente...

Em resposta, deu-me uma pancadinha no braço e a noite tornou-se uma sucessão de «ainda te lembrás...?» e de «incrível como dantes nós...»; trocámos muitas historietas; no seu tom de voz baixo, ela contou-me que ainda ouvia cassetes para conseguir adormecer, falou nos anos passados na Rússia e de como no metro de Moscovo os vendedores ambulantes andavam de carruagem em carruagem e impingiam brinquedos eróticos, DVD e livros pirateados aos viajantes («faltam sempre umas quantas páginas importantes, mas os livros não custam quase nada»); em troca, contei-lhe como foi o casamento do Marty e como o meu irmão dançara com a noiva, mais parecendo um robô mal ajustado, isto apesar de metade do discurso no copo-d'água ter sido feito em croata e sem pronúncia. Lá fora, há muito que escurecera, mas ainda falámos da solidão que nos assolava uma vez por outra (Eu: «Este estar sozinho constante dá cabo de mim.» A Alva: «Sim, mas o antídoto para a solidão não é estar com outros quaisquer indiscriminadamente. O antídoto para a solidão é estarmos onde nos sentimos seguros.» Eu, a fazer sinal a um empregado: «Vamos brindar a isso!»), e durante todo esse tempo fui incapaz de deixar de fitar o belo rosto de *film noir* da Alva, aqueles grandes e luminosos olhos verde-claros, e ainda mais uma bebida, e mergulhámos numa ditosa embriaguez, até por fim, para grande espanto meu, eu dizer:

– A minha vontade era despedir-me, sair de Berlim e dedicar-me apenas a escrever.

E, de um momento para o outro, foi como se tivesse reencontrado e voltado a escutar a minha voz interior, finalmente admiti que tinha sentido saudades da Alva, enfim, que durante todos aqueles anos tinha pensado nela com frequência e, bem junto ao meu ouvido, ela disse:

– Também eu em ti.

Senti uma espécie de formigueiro na nuca, apreciei esta aveludada tensão que havia entre nós e dei-me conta de que as nossas pernas se tocavam; estive sempre a questionar-me se ela não se aperceberia disso, se não notava que, ao falar, se ia insinuando, ficando cada vez mais próxima de mim, que os seus cabelos faziam cócegas no meu rosto e que eu conseguia cheirar o seu perfume, questionei-me se ela não o faria até *de propósito*, e então estive quase para lhe dizer que outrora só demasiado tarde percebera que a amava. Entretanto, porém, a Alva estava já a falar do estágio que fizera na Nova Zelândia, e eu perdi também o penúltimo comboio e pus-me a observar as mãos dela, com que gesticulava ao falar, ou os seus dentes, quando se ria, o que aconteceu várias vezes nessa noite, e vi que ela aceitara o seu incisivo ligeiramente torto e já não tapava a boca com a mão.

– Porque é que comer piza é superar um trauma para ti? – perguntou ela.

– Ora, por causa do internato – respondi. – Dantes, era frequente não haver comida suficiente ao jantar e, mesmo quando havia, muitas vezes era intragável. Na verdade, nunca tínhamos dinheiro que chegasse para encomendar uma piza depois, mas de vez em quando havia alguém que o fazia. Meia hora mais tarde chegava o carro branco das pizzas ao pátio do internato. Enquanto quem a encomendara pagava e recebia aquela piza magnificamente bem cheirosa, já inúmeros pares de olhos observavam da janela. E, mal entrava no edifício, tratávamos logo de assediá-lo. «Por favor, só uma fatia, sempre te dei uma quando me pediste.» Ou então: «Da próxima vez que eu encomendar, prometo-te que recebes um quarto da piza. Só uma fatia.» Tinha de se dar alguma coisa aos outros, a maior parte das vezes chegava a ser metade da piza. Afinal de contas, na encomenda seguinte estávamos novamente à mercê da generosidade deles. Era por isso que nunca ficávamos cheios. Há em mim uma fome que nunca foi saciada. Uma fome canina que durou nove anos. E, por muitas pizzas que coma atualmente, nunca são suficientes.

A Alva bebericou da sua bebida.

– Estava a pensar no teu *e-mail*. – Exibiu uma expressão divertida. – Ainda queres mesmo ter filhos?

Acenei com a cabeça.

– Sim, quero fazer melhor do que o meu pai fez. – Mesmo no estado de espírito descontraído em que estava, não pude evitar que a voz me

começasse a tremer. – Não, quero fazer melhor que eles os dois. Quero apenas sobreviver e poder estar *sempre* presente. Quando as crianças começarem a ir à escola, quando entrarem na puberdade, quando se apaixonarem, quando se tornarem adultas. Quero estar com elas quando isso acontecer, quero saber como é a sensação de saber que não terão de passar por isso sozinhas.

De repente, a Alva adotou uma expressão séria.

– Como foi para ti ir parar ao internato com os teus irmãos? Pensei muitas vezes acerca disso. De um momento para o outro, deixas de ter os teus velhos amigos, deixas a tua casa, deixas tudo. A primeira viagem para o internato deve ter sido uma experiência terrível.

Refleti sobre o assunto.

– A bem dizer, já nem me lembro como foi.

– Mas de resto nunca te esqueces de nada. – Apontou para o disco do Nick Drake. – Pensar que ainda te lembravas disto... É claro que te hás de lembrar como foi.

– Já não me interessa. Fomos para o internato e pronto. Não faço ideia de como fomos lá parar...

A Alva ficou desapontada.

– Eu cheguei à escola poucos meses antes de ti, tínhamo-nos mudado por essa altura. Em todo o caso, quase vomitei no primeiro dia de aulas. Ainda me lembro de cada segundo desse dia.

Foi uma novidade para mim, pensava que ela tivesse andado na nossa escola desde sempre. Eram poucas as coisas realmente importantes que nessa altura contávamos um ao outro.

Tentei de novo recordar-me, mas a memória não me devolvia quaisquer imagens da primeira vez que chegara ao internato. Quando muito fragmentos, que depressa voltavam a desvanecer-se. Eram lugares desaparecidos da paisagem de um passado que eu tão minuciosamente costumava percorrer.

Olhámos um para o outro, com a sensação de que tínhamos dito tudo, à exceção das coisas que pretendíamos em absoluto manter ocultas.

– Porque é que não trabalhas? – perguntei, novamente.

A Alva hesitou, passando a mão pelo cabelo e penteando-o para trás. Só então me apercebi da presença de duas pequenas cicatrizes no seu pescoço,

diretamente abaixo da orelha esquerda. Dois traços compridos. Quis passar-lhes o dedo por cima, mas consegui travar esse impulso a tempo.

– Como foi que isso aconteceu?

Olhou para mim assustada e deixou de imediato o cabelo cair novamente sobre a orelha. Agitada, terminou o que restava da sua bebida e, pela primeira vez naquela noite, voltou a exhibir no olhar uma expressão sombria, quase ausente.

– Não quero falar sobre isso – disse, em voz baixa.

E, pelo modo como poisou o copo sobre a mesa, por aquele ligeiro tinido, percebi que a magia daquela noite se dissipara, que para nós o tempo já não andaria para trás, mas só para a frente.

A Alva olhou para o relógio.

– Quando é que o teu comboio parte?

Tinha de estar numa reunião na manhã seguinte. A Alva levou-me à estação; no táxi, não trocámos uma palavra que fosse. Tudo se passara tão depressa. Dei-me conta de que nem sequer lhe perguntara se ela própria queria ter filhos. E por que razão parecera ficar tão tensa, de um momento para o outro.

Entretanto, estávamos na plataforma da gare.

– Queres vir visitar-me a Berlim um dia?

De início, a Alva pareceu alegrar-se, mas de seguida o seu rosto adotou uma atitude algo distante.

– Não sei se sabes, mas sou casada.

Por breves instantes, fiquei sem fôlego, olhei para as minhas mãos e foi como se visse tudo ao retardador. Só então percebi que nunca fizera tenção de apanhar aquele último comboio noturno, que na verdade nem sequer queria regressar.

Quando voltei a olhar para a Alva, ela tirava qualquer coisa da mala.

– Bem, também tenho um presente para ti. Só não sabia quando haveria de dar-to. É meu e do meu marido.

Um pequeno embrulho com a forma de um livro. Estendi a mão e recebi-o, mas não o abri. E, a seguir, limitei-me a abraçá-la. As mãos da Alva envolveram as minhas costas, e apercebi-me então do quanto, ao fim de todos aqueles anos, andava faminto daquele tipo de contacto. Ela não me largou, ou então fui eu que não a larguei a ela. Creio que teremos ficado um minuto inteiro assim, sem nos mexermos, apenas firmemente abraçados, ali

na plataforma da gare, e compreendi então que, depois daquele dia, não mais voltaríamos a ver-nos. Porque o meu tempo com ela era forçosamente uma coisa do passado e porque eu não suportava essa ideia.

Quando subi para o comboio, esforcei-me por não lhe mostrar o rosto. Lancei o meu casaco e o presente dela para cima de um assento, tentei recompor-me um pouco e observei os outros passageiros, que conversavam uns com os outros ou olhavam para os jornais ou computadores portáteis diante de si.

Pouco antes de se ouvir o último apito, voltei a descer até junto dela. Senti a mão da Alva no meu braço.

– Fica bem, Jules.

Fiz que sim com a cabeça.

– Tu também.

As portas fecharam-se. Através dos riscos da janela de vidro, consegui perceber que ela me acenava. O comboio iniciara entretanto a marcha e, enquanto me encaminhava para o meu lugar, a estação foi passando diante de mim.

Pensei na reunião do dia seguinte e no contrato com um músico que tinha para redigir; de seguida voltei a pensar na Alva, de pé na plataforma da gare. Fui subitamente atravessado por uma dor. Fechei os olhos. Era de noite e corria por ondulantes campos de trigo, rumo à escuridão. À medida que corria ia-me tornando mais leve, até que de repente me elevei. Senti o vento, abri os braços e subi cada vez mais depressa. Abaixo de mim, a floresta, acima, o vazio. Rodopiava pelos ares e voei para longe, cada vez para mais longe dali, como se voasse rumo a casa.

4 O Club der Visionäre (Clube dos Visionários) é uma discoteca de Berlim, na margem de um canal que desagua no rio Spree. (*N. do T.*)

O voo do tempo
(2005-2006)

Não abri o presente da Alva. Depois de me encontrar com ela, extinguiu-se a silenciosa esperança que albergara em mim todos aqueles anos. A partir dessa altura, encarei o meu destino com indiferença e o que se seguiu foi uma fase insignificante da minha vida, tão descartável quanto uma folha de papel amarrotada.

Só dois anos e meio mais tarde é que voltei a ouvir alguma coisa a respeito dela. Entretanto, há muito que vivia com a Norah, uma colega de trabalho de então. Era de Bristol e, tal como eu, hipocondríaca; tratávamos logo de mudar de canal, assim que surgia na televisão uma qualquer peça sobre doenças graves. A Norah não ficou nada surpreendida ao saber que eu passara a juventude numa instituição:

– A primeira vez que te vi comer, a devorar tudo com uma sofreguidão louca, pensei logo: «cadeia ou internato».

A Norah acabara de regressar a Inglaterra, para um estágio de três meses. Antes de partir, dera a entender que estava apaixonada por mim. Embora não a amasse em igual medida, a verdade é que isso também já não se me afigurava assim tão importante.

Na editora discográfica, ascendera a diretor do departamento de A&R, viajava pela Europa para ver atuar bandas cujas *demos* fossem consideradas prometedoras. Esse trabalho era um privilégio e houve colegas mais novos que se queixaram dessa minha promoção. Porque é que o Jules pode fazer tudo isso, perguntavam, achando que eu era demasiado anacrónico e distanciado. Contudo, tinha o apoio do meu chefe e, com efeito, as bandas com que eu fechava contratos eram bem-sucedidas. Nunca procurava artistas que tivessem apenas muito talento, pois na verdade desses até havia um número surpreendentemente grande. Procurava, isso sim, bandas e cantores que *quisessem sê-lo*. Mais do que, antes disso, eu quisera ser fotógrafo. Estava convencido de que um indivíduo se podia *obrigar* a ser

criativo, de que se podia desenvolver a imaginação, mas que era impossível fingir uma vontade que não existisse. E era nessa vontade que consistia o verdadeiro talento. Atualmente, tenho a certeza de que era essa ideia que mais incomodava os meus colegas jovens.

Entretanto, a Liz e o Toni tinham-se tornado bons amigos, a minha irmã ia frequentemente com ele às feiras da ladra, assistia aos seus espetáculos de magia ou aceitava boleias na moto dele. Havia apenas um tema do qual nunca se falava.

– Mas há alguma coisa entre vocês? – perguntara eu, certa vez.

– Não digas disparates. O Toni é demasiado baixo.

– Mas ele é só um ou dois centímetros mais baixo que tu, será que isso o desqualifica para todo o sempre? És assim tão superficial?

A minha irmã olhou-me como se eu não tivesse a mínima noção do que estava a dizer.

– Em todo o caso, não há nada, ele simplesmente toma conta de mim.

Eu sabia que, a dada altura, houvera uma noite em que a Liz tomara qualquer coisa que não lhe caíra nada bem. «Um pequeno episódio», como ela o descrevera. Nesse dia não conseguira contactar-me e, desesperada, telefonara ao Toni, que aparecera de imediato em sua casa. Passara a noite inteira ao lado da cama dela, sentado numa cadeira.

– E, às tantas, acabei por lhe dizer que a amava, desde sempre – contara-me o Toni mais tarde. – A tua irmã respondeu que já sabia. Depois, eu disse-lhe que não estava à espera de nada, queria só pôr as coisas em pratos limpos. – Soltara uma gargalhada. – Disse-lhe que, de futuro, me bastaria poder tomar um pouco conta dela. E sabes que mais? – O Toni fixou o olhar em mim. – A verdade é que me chega mesmo. É claro que gostaria de qualquer coisa mais, mas, tal como está, também está muito bem.

– Daqui a uns meses, quando ela arranjar um namorado novo, posso recordar-te do que acabaste de dizer?

– É melhor não.

Entretanto, a Liz integrava já de modo permanente o quadro docente de um liceu. Certa vez que jantámos, falou-me de um aluno que lhe enviava secretamente cartas de amor.

– É dos piores da turma – disse ela. – Escreve sempre mal a palavra «sentimento», com «c» no início. Tão querido, não achas?

A minha irmã fez um sorriso a meio caminho entre o infantil e o envergonhado.

Esse sorriso recordou-me uma cena há muito esquecida.

Dei por mim a pensar na Alva e no encontro em Munique. Comecei por achar que era apenas uma recaída do meu sentimentalismo, mas depois apercebi-me de que não fora a própria Alva a vir-me à memória, mas antes a resposta a uma pergunta que ela então me fizera: quisera saber como fora para mim e para os meus irmãos a primeira viagem de carro para o internato, após a morte dos nossos pais.

Como uma polaroide que se revela a si mesma, a imagem foi pouco a pouco surgindo de entre a vastidão branca.

Mais de vinte anos antes, no túnel do passado, estava sentado no carro, no banco de trás, com o meu irmão. À frente, ao volante, seguia a nossa tia Helene, com a Liz ao lado. A ideia de morar numa instituição atormentou-me ao longo de toda a viagem. Não conseguia parar de pensar no enterro dos nossos pais. Nos dois pequenos buracos em que as urnas deles haviam sido depositadas.

Lá fora iam-se sucedendo paisagens invernais despidas, desaparecia a última luz do dia. E foi no meio desse ambiente melancólico que a minha irmã começou a falar com entusiasmo daquela que passaria a ser a nossa nova casa.

– Até aposto que têm uniformes escolares – disse ela. – Blusa e saia para as raparigas e fato e gravata para os rapazes.

– Não gosto de fatos – respondeu o Marty. – Nem de gravatas.

– E tenho a certeza que o refeitório é enorme – continuou a Liz. – Também devem ter piscina. E instalações desportivas em que se pode jogar ténis ou mesmo críquete.

– Não gosto de críquete – comentou o Marty, que desde há semanas começava uma em cada duas frases com a expressão «não gosto de...». – Onde é que foste buscar essa ideia do críquete? – perguntou. – Só na Inglaterra e na Índia é que jogam isso.

Entretanto, a Liz seguira em frente e descrevia-nos dormitórios faustosos e cozinhas comuns bem equipadas. Na altura aquilo surpreendera-me, mas agora, décadas mais tarde, percebi que ela estava simplesmente com medo. Escreveu uma última vez o seu nome num guardanapo. *Liz, Liz, Liz.*

Surgiram as primeiras tabuletas a indicar o internato. Pus-me a imaginar como, ao longo dos dias seguintes, os outros alunos me iriam receber, e senti o estômago contrair-se.

– Vai ser genial – repetiu a minha irmã. – Não acham?

– Não! – O Marty pôs-se a limpar os óculos e dirigiu-me um olhar apreensivo.

Também a nossa tia, que selecionara a instituição para onde nos dirigíamos, tentava encorajar-nos.

– Quando era miúda, sempre quis frequentar um internato. Mas nunca pude fazê-lo. De certeza que vai ser fantástico.

– Isso mesmo, *fantástico* – repetiu a Liz, naquela sua atitude disparatada.

– Estamos quase a chegar. Mal posso esperar.

Quando chegámos e vimos, na escuridão, os edifícios do internato, de aspeto miserável e degradados, onde já só algumas janelas se encontravam iluminadas, também ela se remeteu ao silêncio.

Fiquei a ver, ainda no interior do carro, a nossa tia falar com a diretora da instituição, os meus irmãos tirarem com dificuldade as respetivas malas da bagageira do carro, permanecendo depois, numa atitude pouco confiante, ali de pé no parque de estacionamento. Também eu saí do carro e estava prestes a ir ter com eles, com a minha mala na mão, quando a diretora explicou que o alojamento dos alunos do quinto e sexto anos se situava noutra edifício. Antes de me ter apercebido de que, a partir dessa altura, passaria a viver separado dos meus irmãos, vi o Marty e a Liz porem a bagagem aos ombros e, depois de uma breve despedida, desaparecerem no maior dos dois edifícios. Junto à porta, a minha irmã lançou-me um último olhar, um olhar em que se delineava já tudo o que mais tarde veio a ocorrer. Consegui ainda esboçar um sorriso, entre o infantil e o envergonhado, e a seguir perdi-a de vista, e passariam anos até ela regressar à minha vida.

No fim do outono de 2005, fui visitar o meu irmão depois de um concerto a que assisti na Baviera. Fomos a uma feira popular com a Elena e os seus sobrinhos e sobrinhas. O sol da tarde projetava a sua luz dourada sobre os carrosséis e as barraquinhas de comida, de todo o lado chegava até nós o ruído da música e a confusão de vozes, víamo-nos envolvidos pelo aroma de

amêndoas caramelizadas. O Marty contou-me que em breve já só se leriam livros em formato eletrónico.

– Que porcaria – comentei. – Essas coisas esvaziam a realidade. Os livros, os discos e os filmes são mandados fora e digitalizados para um mundo sem existência física, em que não podemos entrar. As crianças do futuro viverão em quartos brancos, completamente vazios.

– *White Wall Kids* – declarou o meu irmão. – Seria um bom nome para uma banda.

Franzi a testa.

– Antes, tínhamos de esperar que os rolos fossem revelados. E o prazer não estava apenas em ver as fotos, mas também na expectativa de poder finalmente segurá-las na mão.

– Pois é, avozinho. – O Marty esboçou um sorriso. – Ninguém consegue fazer o tempo andar para trás.

Dei o assunto por encerrado com um aceno da mão. Mais tarde, porém, qualquer coisa na nossa conversa me incomodou, como um pequeno corte num dedo de que só nos damos conta passado algum tempo. Foi a frase «ninguém consegue fazer o tempo andar para trás» que me andou às voltas na cabeça.

– Está tudo bem? – O Marty deu-me um ligeiro encontrão. – Pareces um bocado abatido.

– Tudo ótimo.

– Não sei... – comentou ele. – Vais fazer trinta e três anos não tarda e, às vezes, receio que o tempo se te escape entre os dedos. Há pouco tempo disseste-me que odiavas o teu trabalho.

– O que disse foi que de certeza não vou fazê-lo até ao fim da minha vida. E então? Não há problema nisso. Por favor, para de estar sempre preocupado com tudo.

É possível que tenha pronunciado estas palavras um pouco alto demais.

– Caramba, Jules, não quero começar a discutir contigo. Só não quero é que acordes e te vejas com quase cinquenta anos e tenhas perdido todas as oportunidades. Continuas a sonhar com outra vida qualquer.

O Marty agarrou-me no ombro.

– Tens de esquecer finalmente o passado. Sabes quantas pessoas tiveram uma sorte pior que a nossa? Não tens culpa da tua infância, nem da morte dos nossos pais. O efeito dessas coisas sobre ti, isso sim, é culpa tua. Só tu

és responsável por ti e pela tua vida. E se só fazes o que sempre fizeste, só vais receber aquilo que sempre recebeste.

Fiquei em silêncio e andei sozinho o resto do tempo na feira popular. Foi então que descobri o jogo do martelo. Respondi a um impulso e, sem pensar duas vezes, paguei, agarrei a marreta e fi-la descer com toda a força sobre a marcação no aparelho. A esfera metálica saltou e subiu, mas alcançou apenas oitenta por cento.

Reuni então tudo o que tinha, toda a raiva e frustração acumuladas, e desferi novo golpe. Desta feita, a esfera chegou apenas aos sessenta e cinco por cento.

Uma voz de palhaço metálica, saída do aparelho, escarneceu:

– Então, não há mais?

Voltei a bater com a marreta. Setenta por cento.

– Só isso? – perguntou a voz estridente do autómato e soltou uma gargalhada rouca.

Apliquei novo golpe e outros ainda sobre o pequeno ponto negro, mas tudo o que tinha para dar era pouco, não era suficiente, e a esfera nunca chegou a alcançar o ponto mais alto.

Nessa noite, abri o presente da Alva.

Era um livro de bolso branco. *O Pensamento Alterado e Outras Narrativas*, por A. N. Romanov. Tal como o meu disco do Nick Drake, era um presente nostálgico, já que Romanov fora um dos nossos escritores preferidos nos tempos de escola.

Comecei por ler a dedicatória da Alva, bastante breve. A seguir, pelos vistos, também o marido dela escrevera qualquer coisa.

Caro Jules,

A minha mulher só diz coisas boas a seu respeito.

Desejo-lhe muito prazer na leitura.

Cordialmente,

Alexander Nikolai

Li várias vezes aquelas linhas. Seria mesmo verdade? Lembrei-me como, no internato, a Alva me falara entusiasticamente dos contos do Romanov. O tom respeitoso na sua voz, sempre que me lia uma passagem. Porque não me dissera ela, durante o nosso encontro, que estava casada com ele? Pretenderia poupar-me a uma humilhação, por eu não chegar aos calcanhares dele?

Peguei na *Vespa* e fui dar uma volta pelo campo. Ao anoitecer, à hora azul, aquelas imediações adquiriam algo de misterioso, de sedutor. Uma luz como que de um outro mundo. À distância, já só se conseguia ouvir o tiquetaquear indistinto da cidade, e ali, fora de tudo e sozinho, percebi, com uma dor física, que não havia aproveitado o meu tempo. Lutara por minutos, quando se tratava de conseguir ainda apanhar um autocarro. Desperdiçara anos, por não ter feito aquilo que queria.

Nessa mesma noite escrevi, em tom jocoso, um *e-mail* à Alva e ao marido, a dizer que por fim, com um atraso de apenas alguns anos, lera o livro e que me agradara imenso o presente e as dedicatórias algo surpreendentes. Ao contrário da última vez, a Alva respondeu de imediato. Terminou o *e-mail* com as seguintes palavras:

O meu marido e eu teríamos muito prazer em receber-te um dia que quisesses vir de visita. Entretanto, moramos num chalé próximo de Lucerna, és sempre bem-vindo.

*Espero que tenhamos oportunidade de nos rever,
Alva*

A resposta pronta dela e o facto de incluir um convite para os visitar abalaram-me. Voltei a ter esperança, do mesmo modo que aos quinze anos tivera esperança. Que aos trinta tivera esperança. Ao mesmo tempo, senti que, se não quisesse andar a minha vida inteira a correr atrás de um fantasma, precisava finalmente de dar por encerrada esta história. Como que de propósito, pouco depois recebi uma chamada da Norah, que disse que estava ansiosa por me ver, assim que regressasse; além disso, tinha uma surpresa para mim.

– Uma coisa entusiasmante – disse ela, simplesmente. – *You will like it.*

Depois do telefonema, não pude deixar de pensar em como a Norah gostava de ir dançar comigo, trazia sempre os meus *scones* preferidos quando ia a Inglaterra e no seu rosto formoso, com aquele ínfimo sinal de nascença acima do lábio, a que chamava «Simon», por brincadeira. Voltei a tomar consciência de que gostava dela, de que me fizera falta nos últimos meses, de que era uma realidade. Uma pessoa para quem eu significava alguma coisa.

Tomei a decisão depois de uma conversa que tive com o Toni, no apartamento dele, próximo da Oranienburger Straße. Na sala de estar, havia uma enorme mesa de bilhar, no corredor fotos emolduradas de Will Steacy e reproduções de pinturas de Rothko, o escritório estava repleto de caixas de ferramentas, geradores de luz, lixadeiras, ferros de soldar e outros equipamentos de que ele necessitava para os seus truques de magia. O número mais recente do Toni consistia em, no meio do palco, dobrar um raio laser de cor verde ou dar-lhe um nó; atravessava-o com a mão, mas de seguida, de modo perfeitamente inexplicável, pendurava nele um cabide de roupa que, suspenso apenas num raio de luz verde, parecia pairar no ar.

Jogámos bilhar, tal como a maioria das vezes que o visitava. Já antes, nos tempos do internato, o fazíamos, quando quase todos os fins de semana íamos ao Jackpot, juntamente com o meu irmão. O Marty era dos melhores jogadores de bilhar da escola, uma figura que parecia acabada de sair de um filme de série B, com um taco, cabelos compridos e oleosos, a pera e o casaco de cabedal preto. Nunca conseguíamos estar à altura dele.

– Ela tem namorado – disse o Toni, enquanto jogávamos. – Um tipo bastante simpático.

– E agora?

Observava as bolas, perplexo. Fez então pontaria à amarela.

– Não sei. Acho que amo a tua irmã e que estou apaixonado por ela. A parte de mim que a ama fica feliz por ela ter namorado. A parte que está apaixonada por ela quer desfazê-lo em pedaços.

A tacada falhou o alvo.

– Eu sei que há muito te perguntas porque é que não desisto da tua irmã – disse ele. – Porque é que não reduzo simplesmente o contacto com ela, porque é que não trato de arranjar outra qualquer, começar uma vida até agradável com ela. Uma vida em que, por vezes, dê comigo a pensar: «Pena que as coisas não tenham funcionado com a Liz, mas assim também são

muito boas. Dali já não vinha nada.» – E, a seguir, abanando a cabeça: – Não consigo fazer de outra maneira.

– Eu sei que não.

– Isto nunca vai funcionar e talvez, daqui a meio ano, esteja a dizer outra coisa qualquer e comece novamente a enganar-me a mim mesmo, mas pelo menos agora fui sincero. – Pôs de lado o taco. – Quero dizer, quando se anda uma vida inteira a correr na direção errada, não poderá essa direção ser afinal a certa?

Um dia de janeiro, a luz cinzenta e fuliginosa de fim de dia incidia no compartimento, as nuvens adquiriam um brilho metálico nas bordas. O comboio reduziu a velocidade, foi-se deixando avançar e por fim deteve-se. A Alva esperava-me na plataforma de Lucerna. Beijou-me três vezes nas faces e, depois, conduziu-me ao carro, onde me aguardava o marido.

– Nem consigo acreditar que vieste mesmo – disse ela enquanto caminhávamos, resumindo o que também a mim me passava pela cabeça.

A. N. Romanov tinha já sessenta e sete anos, mas parecia pelo menos dez anos mais novo.

– Alexander – disse ele, ao mesmo tempo que me estendia a mão. – Muito prazer em conhecê-lo.

O seu sotaque era quase impercetível. Romanov possuía uma figura esguia, alta e distinta, com cabelo ondulado grisalho; naquela noite, estava vestido de modo elegante, com um fato e uma camisa cujos botões de cima deixava por fechar. O seu rosto anguloso, como que esculpido a cinzel, exibia em redor da boca uma expressão marota e, além disso, irradiava algo de antiquadamente masculino; era impossível imaginar que, em tempos, tivesse evitado uma cena de pancadaria, do mesmo modo que não se acreditaria que ele fosse um homem incapaz de reparar um cano roto.

A Alva não chamava Alexander ao marido, mas antes Sacha, o diminutivo carinhoso russo. Enquanto ela seguia à nossa frente na direção do chalé, Romanov falou-me da região. Foi avassaladora a experiência de ouvir a sonora voz daquele homem, depois de ler tantos dos seus pensamentos em papel. Romanov conseguira afirmar-se como escritor com vinte e poucos anos, tornando-se um dândi intelectual cujos romances e novelas haviam sido traduzidos para trinta línguas. Entretanto, porém, a sua

fama esmorecera e já só se encontrava registo dela na Internet: a par de artigos sobre o seu primeiro casamento, encontrara diversas fotos a preto e branco, ora na companhia de artistas igualmente famosos, ora sozinho, a fumar, diante de um bar em Camden.

A Alva e ele já não viviam em Lucerna. Tinham-se mudado, dois anos antes, para uma aldeola nas montanhas, chamada Eigenthal, no sopé do monte Pilatus. Era uma zona muito rural e, para além de alguns camponeses e habitantes locais, poucas eram as pessoas que ali estavam em permanência; a maioria das casas de férias parecia vazia. À distância ouvia-se a melódica buzina das carrinhas amarelas dos correios.

Alcançámos uma propriedade ampla, cingida por uma cerca de ripas de madeira já meio apodrecida. O chalé propriamente dito era um edifício imponente, assente numa plataforma de pedra; o piso superior era em madeira e o telhado construído com ripas de madeira. Por detrás estendia-se um jardim e um prado, ambos cobertos por uma fina camada de gelo. Um lugar isolado, que parecia nunca ter estado verdadeiramente em contacto com o mundo em redor. Arrumei as minhas coisas no quarto de hóspedes e, por momentos, questionei-me sobre o que afinal ali estava a fazer.

Ao jantar comemos *raclette*, batatas e vinho branco. Ouvia-se *jazz* vindo do gramofone em cima da cómoda.

– *Time Further Out* – disse eu. – É isto que ouve durante o jantar?

Romanov ficou visivelmente contente.

– Às vezes. Agrada-lhe?

– A minha mãe gostava bastante do Brubeck.

– Conheci o Dave uma vez em São Francisco. Um tipo bastante sociável; depois de um espetáculo, calhou irmos ao mesmo bar. Ficámos horas a conversar.

A Alva lançou-me um olhar breve.

– É preciso que saibas que o Sacha passou os anos sessenta inteiros a persegui-lo. Andava atrás dele, de concerto em concerto. Às tantas, o Brubeck lá falou com ele uns cinco minutos, por pena.

Romanov pousou a mão sobre a dela.

– Já não sei que fazer para a impressionar. Ofereço-lhe Dave Brubeck, mas ela continua a querer mais.

A Alva afagou-lhe as costas da mão, divertida. Magoavam-me os olhares íntimos que trocavam. O quanto ela gostava daquela pose dele, o sorriso

enigmático, como se fosse a única pessoa a ter-se dado conta de algo engraçado, mas optasse por não o partilhar. Pus-me a imaginar os anos de felicidade que ela devia ter passado na companhia dele. Como de início teria talvez reagido de modo ainda distante, para de seguida perder o acanhamento. Costumava emprestar-me os livros de Romanov. Havia passagens sublinhadas; tratavam da morte do pai dele ou do medo corrosivo de não conseguir ser feliz. E, mesmo agora, ela continuava a admirá-lo, eu via-o perfeitamente.

– Durante a viagem até cá estive a reler *Um Coração Inflexível* – disse eu.

– O melhor conto de que tenho conhecimento, a par de *As Neves do Kilimanjaro*, de Hemingway.

– Obrigado, mas creio que esse conto é um pouco sobrestimado. – Romanov deitou pimenta sobre o queijo. – Há que considerar que eu tinha vinte anos quando o escrevi. Isso foi há mais de... Já passou muito tempo. A história é imprecisa, *kitsch* e repleta de falhas.

– A mim comoveu-me.

Romanov olhou para a Alva.

– Quanto é que lhe pagaste para ele dizer isto?

– Não resta nem um chavo nas nossas contas.

Ele estendeu-me a mão, tal como antes, na estação de comboios.

– Jules, agradeço-lhe as suas palavras.

Depois da refeição sentámo-nos na sala de estar. Bebemos todos vinho a mais; as faces de Romanov apresentavam-se já avermelhadas. Foi num tom bem-disposto que nos contou que tinha ideias bastante concretas a respeito do aspeto da sua alma.

– Tem aproximadamente vinte e cinco centímetros de diâmetro e paira à altura do peito – afirmou. – Emite uma cintilação prateado-acinzentada e, quando lhe tocamos, é como se afagássemos o mais fino dos veludos, antes de passarmos por ela e ela se desvanecer, como se fosse feita de ar.

Depois, falou da sua amizade com Nabokov e de uma viagem à China.

– Tinha a sua idade e ia todas as noites a um casino ilegal em Macau, com amigos. – Romanov pousou o seu copo de vinho para poder gesticular com ambas as mãos. – Reinava um ambiente maravilhosamente delinquente, havia gente que nos fazia as ofertas mais óbvias, namoriscava-se, conversava-se com criminosos e homens de negócios de aspeto suspeito. Na primeira noite, os meus amigos querem ir às *slot machines*, já eu prefiro a

roleta, por isso combinamos encontrar-nos à meia-noite em ponto diante do balcão dos câmbios. Graças a alguma sorte de principiante, consigo ganhar dois mil dólares nas horas que se seguem, o que naquela altura era uma soma inconcebível para mim. À meia-noite em ponto ponho-me então à espera no local combinado, mas os meus amigos tardam em aparecer. – Romanov bebeu mais um gole. – Enquanto espero, apercebo-me de uma mesa em que já saiu vermelho umas incríveis vinte e três vezes seguidas. «É o momento ideal», penso, por isso vou lá e aposto cem dólares no preto. Sem qualquer risco. Volta a sair vermelho. Volto a apostar cem dólares no preto, mas pela vigésima quinta vez sai vermelho. Para poder recuperar o dinheiro, aposto duzentos dólares no preto. Novamente vermelho. Terei de apostar quatrocentos. Outra vez nada. Oitocentos dólares. Vermelho. É nessa altura que vêm os meus amigos. Peço-lhes dinheiro emprestado e aposto dois mil no preto. Dois mil! No entanto, pela vigésima nona vez, volta a sair vermelho. Então, quando vou a sair do casino, abatido, oiço o *croupier* dizer «Preto!».

Na verdade, não era de todo uma história extraordinária, mas Romanov contou-a com uma noção de *timing* tão magistral que era impossível não rir no final.

Retirou um cigarro de um estojo prateado.

– O meu cigarro de boas-noites. Também quer um?

Recusei, depois de agradecer, e fiquei a admirar o gozo com que ele deixava o fumo subir até ao teto, como era capaz de apreciar a simplicidade daquele momento.

– A Alva diz-me que se conhecem desde a juventude.

– Sim, é verdade.

– E porque foi que perderam o contacto?

– Porque...

Olhei para a Alva, mas ela manteve a cabeça baixa. Veio-me à memória uma cena que há vários anos se mantinha recalcada: uma casa despida, arranjada sem afeto. Eu a subir as escadas a correr e como, secretamente, me excitara ver a Alva nua, ao mesmo tempo que a nossa amizade ficava reduzida a estilhaços. E, como tantas vezes fizera, questionei-me: será que a mãe dela me mandou de propósito ao piso de cima?

Romanov observou-me minuciosamente, primeiro a mim, depois à Alva, e o seu olhar adquiriu então uma ligeira melancolia.

Pôs-se de pé e acercou-se de mim. Tínhamos a mesma altura.

– Você é jovem, Jules. Não se esqueça disso. Tem tempo. – Fascinou-me o modo enfático como pronunciou a palavra «tempo». Deu uma última passa e, a seguir, apagou o cigarro no cinzeiro. – É agradável tê-lo como nosso convidado. Fique por cá o tempo que quiser, vai ver que aqui em cima se dorme maravilhosamente.

Beijou a Alva, após o que iniciou a subida das escadas, com passos cautelosos.

Depois de ele sair, sentei-me no sofá e servi-me do *fendant* ⁵.

– És uma *groupie* dele? – perguntei, só meio a brincar. – A sua musa?

– É provável que seja as duas coisas – respondeu ela. – Já agora, há imenso tempo que o Sacha não falava tanto. Acho que te quis impressionar. Até andou sem bengala, coisa que normalmente nunca faz.

– Simpatizo com ele. Como é que o conheceste?

A Alva sentou-se sobre uma cómoda, com as pernas cruzadas.

– Foi há dez anos, num simpósio em Sampetersburgo, onde estava a trabalhar como estudante de tradução. Ele tinha cinquenta e tal anos e parecia um ator de cinema, embora também houvesse nele qualquer coisa de George Gershwin. Captou-me a atenção sobretudo por falar um alemão excelente e por as mulheres realmente disputarem a atenção dele, nunca vira nada assim. Ele ia dizendo o que sabia que impressionava e, de vez em quando, lá ia olhando para mim. Não sei, havia nele uma indolência... Isso fascinou-me.

– Como é que os teus pais reagiram? Vêm cá visitar-te?

– O meu pai vem uma ou duas vezes por ano. Já não tenho contacto com a minha mãe. Desde o exame final do liceu que não falamos uma com a outra.

Lá fora reinava a calma, os vizinhos mais próximos moravam bastante longe, escondidos por uma negra parede de nuvens de tempestade. Pus-me a observar a Alva, que pouco tinha envelhecido nos últimos anos. Tinha os óculos postos, usava os cabelos ruivos presos atrás da cabeça. No pescoço viam-se as duas cicatrizes da cor do marfim.

Inclinou a cabeça para trás.

– Sabes, quero ser sincera. Amo o Sacha... – declarou, subitamente abatida. – Mas não te deixes iludir pelo que viste hoje à noite. Há meses que

ele não deixa o chalé e nos últimos tempos começou a ficar um pouco... esquecido.

Ouvimos ruído de água a sair de uma torneira, a que se seguiu o de passos, no andar de cima.

– Antes, saíamos bastante. Viagens, sessões de leitura e simpósios, ele tem muitos amigos por todo o mundo. Era sobretudo tão vivo, tão curioso... Antes de o conhecer, achava sempre que ele seria uma pessoa taciturna, por escrever aquelas coisas tão tristes. Ao invés disso, irradiava um otimismo infantil que era simplesmente contagiante. Era isso que mais gostava nele.

A Alva voltou a deitar vinho nos nossos copos.

– Há dois anos, o Sacha teve uma doença grave. Primeiro correu tudo bem, mas o certo é que a doença o transformou. Como se o encanto dele se tivesse dissipado, como se de repente se tivesse transformado num idoso normal, com os receios e peculiaridades que se esperam. Já só passa o tempo lá em cima, a escrever, quer conseguir acabar o seu livro, dê por onde der. Há pouco tempo disse-me que sentia o fim a aproximar-se. *O fim está aqui, nesta sala*, disse ele. *Também consegues senti-lo?* Abracei-o, mas o mais extraordinário é que também senti o fim dele.

Esboçou uma careta e deteve-se por breves momentos. Depois, compôs-se e virou-se para mim.

– A propósito, ele sabe que tu também escreves.

– Mas eu não escrevo coisa nenhuma, Alva, há muito que não o faço. Já lá vão anos.

– Talvez não escrevas em papel, mas na tua cabeça continuas a escrever – afirmou ela em voz baixa, ao mesmo tempo que me tocava no braço. – Sempre o fizeste. Recordas e conservas, sabes bem que é isso que fazes.

*

À distância, o maciço do Pilatus, no arrebol matinal. O murmúrio de um ribeiro. Inspirei profundamente o ar límpido. Bem cedo pela manhã, fiz a minha corrida, ao longo do rio, passando por quintas e bosques. Regressei ao chalé uma hora depois, transpirado e ofegante. Para meu espanto, Romanov aguardava-me nos degraus diante da entrada.

– Ora bem, um desportista... – comentou. – A minha mulher adora desportistas, mas decerto já sabia isso.

– A sua mulher adora sobretudo escritores.

Agarrou-me pela manga.

– Jules, venha daí, é um instante.

Romanov conduziu-me até lá acima, ao seu gabinete de trabalho. Cheirava a pó quente e seco. Uma secretária ampla, com uma *Olivetti*, uma pequena mesa ao canto, um piano, algumas folhas manuscritas por ali espalhadas e um crucifixo de madeira, nada mais.

– O meu espírito precisa de espaço – declarou Romanov. – Dantes ainda tinha aqui duas estantes com livros, mas em vez de escrever punha-me a ler, por isso tiveram de sair, com pena minha. Preciso de trabalhar. O tempo voa.

A expressão «o tempo voa» parecia ser o seu *leitmotiv*, pois estava constantemente a repeti-la. Certa vez disse-me que, ainda criança, escrevera um poema, «Tempo, Voa para Longe», que entretanto se perdera, numa mudança. O título fora aproveitado de uma obra de Schubert, o seu compositor preferido, apenas com uma ligeira variação. Os primeiros versos desse poema de infância eram assim:

Tempo, voa para longe,
leva-me contigo.

Apontei para o piano.

– Sabe tocar?

– Um pouco.

Romanov começou a tocar uma das *Danças Fantásticas* de Shostakovitch. Os seus dedos pareciam saber o que tinham de fazer, encontrando as teclas certas sem qualquer esforço.

– Fui rejeitado pelo conservatório – disse –, mas ao menos tinha a minha *Olivetti*. Pode, portanto, dizer-se que passei a vida a carregar nas teclas de modo mais ou menos elegante.

Depois de interpretar a peça, fechou a tampa do piano. Parecia ter qualquer coisa para dizer. Por fim, apontou para a mesa no canto.

– Se quiser, pode vir para aqui trabalhar ou escrever.

– Obrigado, mas não quero estorvá-lo.

– Não me estorva nada, pelo contrário. Em tempos, gostava de escrever em bibliotecas, sentia-me inspirado por ver outras pessoas a trabalhar. De

início, a Alva costumava sentar-se ao pé de mim, mas ela é demasiado curiosa, eu ficava nervoso. – Olhou para mim. – Então, que me diz? Eu ficaria contente por ter companhia.

Soou bastante casual, mas percebi que se tratava de um pedido, pelo que logo a seguir ao almoço me sentei junto dele no gabinete de trabalho. A sua secretária ficava diante da janela, a minha junto à parede. Romanov olhava para a paisagem montanhosa da Suíça e eu para os barrotes de madeira. Ele tinha uma cadeira de couro com rodas e eu, uma cadeira dobrável de plástico. Claramente, uma sociedade com duas classes.

De início pus-me a redigir um relatório para a editora discográfica, mas não estava a ser fácil. Por fim, fechei o documento e comecei a escrever, assim sem mais. Por muito absurda que me tivesse parecido a ideia de ficar ali sentado junto a um escritor que em tempos havia venerado, a verdade é que me serviu de motivação. A minha imaginação era uma mina abandonada, mas eis que me decidira a descer pelo poço com uma vagoneta e me surpreendera com tudo o que se conseguia extrair das profundezas. Ocorreram-me imediatamente várias ideias e esboços, que deviam ter andado adormecidos em mim havia vários anos.

Romanov pôs-se a observar-me.

– Que se passa? – perguntei.

– Escreve tão depressa. Bate nas teclas com verdadeiro vigor. Claque, claque, claque.

Dirigi uma olhadela à sua *Olivetti*: não eram muitas as linhas de texto que escrevera na folha branca enfiada na máquina de escrever. Tinha os óculos postos e franzia os lábios, tal o esforço.

– Está a escrever acerca de quê?

– Do ato de recordar. Um romance, composto por cinco narrativas. Estão todas ligadas e, no fundo, tratam do modo como as recordações nos determinam e nos guiam. É... – Romanov pôs-se a pensar e, depois de suspirar, prosseguiu: – É tudo *horrível*. – Levantou-se. – Tão horrível que me dá vontade de agarrar na máquina de escrever e lançá-la janela fora. A última coisa que publiquei foi há seis anos, tenho andado sempre a protelar este livro.

Romanov andava de um lado para o outro da divisão e ia-se apoiando numa das bengalas que estavam no cesto a um canto; dependia delas para se mover desde um acidente durante uma caminhada, anos antes.

– Já não há mais nada aqui dentro – disse, batendo na testa com as pontas dos dedos. – Como uma despensa onde já tudo foi devorado. Está tudo em livros publicados, em folhas de papel amarrotadas, em palavras ditas. Não consigo...

A meio da frase, pareceu esquecer-se do que queria dizer. Virou-se abruptamente. Só então ouvi o tiquetaque do relógio pendurado na parede, junto ao canto.

– Quando tinha a sua idade, Jules, também escrevia assim muito. Claque, claque, claque – imitou ele de novo. – Era tão despreocupado. Pensava que ia ser sempre assim. Só que foi sendo cada vez menos. Devia arranjar maneira de me conformar, mas não consigo. Não enquanto você pensar que *Um Coração Inflexível* é o meu melhor conto. Escrevi-o com vinte anos, assim sem mais.

Fez uma pausa. Seguiu-se então um momento terrível em que ele simplesmente mudou de assunto e me contou de novo, palavra por palavra, a história do casino ilegal.

*

Aqueles primeiros dias com a Alva foram como regressar a casa após uma longa viagem. Todos os momentos da nossa juventude eram bem mais importantes para mim do que tudo o resto que acontecera depois, cada conversa com ela, cada olhar, mesmo cada desilusão daquele tempo se destacava como um monólito acima da superfície da minha memória. E eis que me via regressado à origem: quando estávamos sentados na cozinha, a beber vinho e a dizer disparates, quando passeávamos pela floresta e não dizíamos palavra, quando ela se sentava ao piano e tocava desajeitadamente qualquer coisa, enquanto eu lhe contava histórias acerca dos meus irmãos, ou quando, à noite, nos sentávamos no sofá da sala, a ouvir música, e a Alva se encostava a mim; em todas essas ocasiões eu quase conseguia ver o nosso passado entrelaçar-se suavemente com o nosso presente e futuro.

No terceiro dia da minha visita, a Alva e o marido dirigiram-se de manhã bem cedo à cidade. Na ausência deles, subi ao andar de cima. Descobri que dormiam em quartos separados. Um odor pungente a ervas, pomadas e medicamentos perpassava todo o piso. A Alva contara-me que, desde a operação à próstata, Romanov tomava medicamentos fortes. O seu quarto

fazia lembrar o depósito de uma loja de antiguidades; sobre a mesa de cabeceira, ao lado de um candeeiro com um abajur em vime de estilo asiático, um globo e cadernos de apontamentos, havia um coelhinho de peluche de aspeto pardacento. O quarto da Alva, pelo contrário, parecia provisório: uma cama redonda, junto à qual se erguiam pilhas de livros até quase à altura da cintura; os dragoeiros e as iúcas junto à janela chegavam ao teto.

Dessa vez, quando saí para correr, escolhi um trilho que me levou por terrenos montanhosos húmidos cercados por bosques de abetos. O caminho foi-me conduzindo cada vez mais acima, até Chräigütsch. Um vento gelado soprava pelos campos que se estendiam lá em baixo.

Quando regresssei ao chalé, não era Romanov que me aguardava junto à entrada, mas a Alva.

– Estive a observar-te da janela – disse. – Quem diria que eu voltaria a ver-te correr?

Depois de um pequeno-almoço tardio, fomos os dois passear. O chalé ficava na orla de um pequeno bosque, tendo algumas árvores crescido tão densamente junto umas das outras que já nem se conseguia ver o céu; o bosque afigurava-se assim uma espécie de tenebroso e mágico submundo. A Alva caminhava bem próxima de mim, o rosto avermelhado do frio.

– Pensei muito na tua irmã ao longo dos anos – disse eu, passado algum tempo –, no casaco dela que encontraram. Quem me dera que tivesses falado disso antes, teria conseguido entender-te bem melhor.

A Alva manteve-se em silêncio. Apanhou uma pedra do chão e pôs-se a observá-la, como se fosse algo valioso.

– Era demasiado para mim contar-te tudo. – Lançou a pedra para longe. – Quando a minha irmã desapareceu, o meu pai quase enlouqueceu. Para ele, o pior foi não se ter achado a mais ínfima pista no casaco dela. Desistiu do emprego, participou em cada ação de busca e falou com as testemunhas por sua própria conta. Já quase não dormia e, quando viu que não aguentava mais, tomou a iniciativa de se internar numa clínica. Durante algumas semanas, a minha mãe só chorou, mas depois nunca mais falou do assunto. Como se a Phine nunca tivesse existido. Acabou por matá-la com o seu silêncio.

A voz da Alva baixou de tom.

– Depois daquilo, os meus pais só discutiam. Quando se divorciaram, a minha mãe e eu mudámo-nos para outra aldeia, bem longe de onde antes morávamos. Não contámos nada a ninguém. Nessa altura, andava deprimida, ponderei o suicídio. Mas acabava sempre por pensar como seria se um dia a Phine voltasse e eu já lá não estivesse.

Tentei abraçá-la, mas a Alva evitou-me. Chegámos a um prado coberto de gelo. Por momentos, ainda me senti tentado a tocar na cerca eletrificada.

A Alva agarrou o meu ombro.

– Os outros na nossa turma não faziam a mais pequena ideia do que eu tinha passado, falavam das férias e dos pais, e pareciam todos tão felizes. Só *tu*... – Senti-me percorrido por um arrepio de felicidade. – Só tu é que não parecias assim feliz. Foi por isso que me sentei ao teu lado.

Aproximámo-nos de uma estalagem alpina com o curioso nome «Unterlaelen».

– Então conheces a sensação... – disse eu, com toda a calma – De quando a vida, logo desde o início, foi inquinada por qualquer coisa. Como se se deitasse um líquido negro numa bacia de água limpa.

– Achei que viajar ajudaria. Depois da escola, andei seis meses na Nova Zelândia, a seguir fui para a Rússia. Mais tarde, com o Sacha, andei por todo o lado. Só que não ajuda.

– E a literatura ajuda?

– Por vezes.

– E A. N. Romanov?

A Alva sorriu.

– Por vezes também. Na verdade, sempre li para escapar, para me deixar consolar por um punhado de frases ou por uma história. Dantes, queria por força ser a personagem de um romance. Ser imortal e viver para todo o sempre num livro, podendo ser lida e observada por qualquer um a partir do exterior. É disparatado, eu sei. – E, com um olhar envergonhado: – Embora, para ser sincera, continue a achar que nada seria melhor do que ser a personagem de um romance.

Foi então que percebi a razão de ela me ter atraído à Suíça: sentia-se defraudada. Casara-se com Romanov certamente em parte por ele fabricar duas das suas drogas preferidas: confiança e palavras belas. Só que entretanto, já com quase setenta anos, o seu fornecedor tornara-se menos fiável. Imaginei como teria sido a vida da Alva naqueles últimos anos ali

nas montanhas. Um satélite isolado, descrevendo uma órbita em redor do gabinete de trabalho do chalé, onde o marido se afadigava, cada vez mais em vão, frente à máquina de escrever, já quase não falando com ela.

Sentámo-nos a uma mesa no interior da estalagem. A Alva falou-me do pai, que lhe oferecera o *Fiat* vermelho pelo seu décimo oitavo aniversário e que entretanto se tornara um apaixonado do alpinismo.

– Foi, de resto, bastante divertido quando se deu conta de que o genro era dez anos mais velho que ele.

– Como é que ele está?

– Bastante bem, acho eu. Entretanto, exerce novamente medicina interna num consultório partilhado com outros médicos. Sempre gostou de conversar com os doentes; quando era miúda costumava ir visitá-lo ao trabalho.

– Nunca me falaste dele.

Fitou o prato.

– Quando a minha mãe ficou com a minha custódia, o meu pai mudou-se para Augsburg. De início, ainda estava com ele a cada dois fins de semana, tinha o meu próprio quarto, ele oferecia-me livros e fazíamos caminhadas. E, de repente, deixámos de ter contacto, e isso prolongou-se por vários anos. Julguei que a culpa era minha, que talvez lhe recordasse demasiado a minha irmã, mas quando fiz dezoito anos, ele procurou-me e conversámos sobre tudo. Fiquei tão contente por voltar a tê-lo! E só então fiquei a saber que a minha mãe nunca me entregou as cartas que ele me escrevia. Disse-lhe que eu não queria voltar a vê-lo.

– Porque é que fez ela isso?

– Não faço ideia. Sempre gostou um pouco mais da Phine do que de mim e nunca conseguiu superar a perda. Discutíamos com frequência. Dizíamos coisas horríveis uma à outra. Ela era tão fria comigo que fiquei aliviada quando por fim pude sair de casa. Pensei que a coisa ficasse por ali, mas há uns anos ela mandou uma carta ao meu pai, dirigida a mim. Sem morada do remetente. Entretanto vive no estrangeiro, mas pouco escreveu a esse respeito. Em todo o caso, a carta foi bonita, uma espécie de despedida.

A Alva abanou a cabeça.

– Só gostava que ela me tivesse dito tudo aquilo quando eu era mais nova. Nessa altura eu odiava tanto a vida... Tinha a sensação de que, se a minha irmã desaparece e nem assim a minha mãe passa a gostar mais de

mim, então é porque não devo mesmo valer nada. Queria ser a pessoa que merecesse isso tudo.

Os olhos da Alva cintilavam. Debrucei-me sobre ela e abracei-a.

– Ficas mais algum tempo? – perguntou ela, bem junto ao meu ouvido.

Vi o seu olhar suplicante e percebi, talvez até antes dela mesma, o alcance daquela pergunta.

Foram precisas duas tentativas até me demitir, para grande espanto do meu chefe. Quando fiz o primeiro telefonema, fingi que estava com uma pneumonia, mas como nunca fui muito bom a mentir, acabei por ligar outra vez e dizer que não voltaria a aparecer para trabalhar. Ao contrário do que era normal em mim, não perdi nem um instante a refletir sobre possíveis consequências. Num *e-mail* bastante afetuoso, respondi à Norah que, por ora, não me seria possível continuar a encontrar-me com ela. Depois disso, ela ainda me escreveu por diversas vezes, ligou-me e deixou mensagens, mas eu não reagi.

No espaço de poucos dias, traçara uma linha que pusera fim ao que fora até então a minha vida. E, no entanto, nem sequer tinha certezas sobre o meu futuro com a Alva. Só sabia que não podia voltar a deixar que ela fugisse. Que não queria passar a vida inteira a pagar pelos erros que cometera quando era jovem.

– Não tenho prazer em dizer-te isto outra vez, mas não se pode recuperar nem alterar o passado – disse o meu irmão, quando falámos ao telefone.

– Pode-se, pois – respondi.

*

Estava há umas horas na sala de estar, a navegar na Internet, quando me dei conta de que a Alva não se encontrava em casa. Comecei por achar que estaria lá em cima, a fazer companhia ao Romanov, mas reparei na ausência dos seus passos e do ruído da água que saía da torneira, tudo coisas que se ouviriam perfeitamente naquele chalé sem isolamento acústico. Ainda esperei algum tempo em baixo, na sala de estar, antes de me ir deitar. Era então final de fevereiro, lá fora nevava com intensidade. Às seis da manhã acordei com o ruído do trinco da porta de casa a fechar-se. Quando mais tarde perguntei à Alva onde estivera aquele tempo todo, ela limitou-se a

encolher os ombros e olhou para mim como se não soubesse ao que eu me referia.

A sua paixão pela jardinagem era uma novidade para mim. Quando chegou a primavera, passou horas a cuidar de legumes e a mudar as suas plantas de vaso e a regá-las: quando regressava do jardim, trazia as unhas pretas de mexer na terra e uma expressão de felicidade na cara. O domínio de Romanov, por sua vez, era o interior do chalé, e se se tivesse de descrevê-lo com um ruído, seria sem dúvida o lento e incansável matraquear da sua máquina de escrever.

Certo dia, empunhou de repente a sua bengala e desafiou-me para um duelo. Tratei de pegar noutra das suas bengalas e durante instantes trocámos golpes de esgrima. Quando depois lhe perguntei acerca disso, a resposta de Romanov foi lacónica:

– O melhor que se pode dizer dele é que «era uma criança e era um homem!».

A esgrima deixou-o claramente esgotado. Sentou-se numa cadeira e limpou o suor da testa.

– Jules, que fazem os seus pais?

– Morreram num acidente, quando eu tinha dez anos.

– Lamento.

Fiz um gesto com a mão, para desdramatizar.

– E os seus pais? Como eram eles?

Falou da mãe, que era poeta e descendia de uma velha família de Sampetersburgo.

– Ela adorava a literatura e a língua alemãs, por isso tivemos sempre uma ama alemã. Já o meu pai era de condição social mais modesta, das imediações de Ecaterimburgo. Um mujique sonhador, sempre com uma qualquer ideia grandiosa na cabeça, mas sem jamais conseguir concretizar uma única. Também ele fugiu com a sua família, ainda criança, antes da Revolução de Outubro. Conheceu a minha mãe na América, mais tarde vivemos nos Países Baixos. Foi aí que o meu pai se matou com um tiro.

Olhei para ele com ar inquisitivo.

– Falta de sucesso – disse ele. – Voltara a levar uma empresa à ruína, já não sabíamos que fazer, ficámos literalmente no meio da rua. A culpa foi dele. E então decidiu acabar com aquilo. Alguns conhecidos da família acharam-no um gesto cobarde, eu achei lógico. – Procurou o meu olhar. –

Um filho tem sempre uma relação boa e instintiva com a mãe; já em relação ao pai, observa-o, desconfia dele e venera-o, mede-se por ele. Passei a minha vida inteira a pensar nele.

– Eu mal conheci o meu pai – disse eu. – Penso com frequência como seria a nossa relação se ele ainda estivesse vivo. Teríamos bastante contacto? Estaríamos sequer unidos pela amizade? Gostava de poder sentar-me com ele num bar, a conversar, como adultos. Falta-me tudo isso: as conversas, os pequenos momentos, as coisas entre pai e filho. Só com vinte anos é que me dei conta que não sabia fazer a barba como deve ser. Estava na casa de banho com um colega de apartamento. «Abaixo do queixo é sempre para cima», disse ele. Eu não sabia.

Sentei-me numa cadeira ao lado de Romanov. Afagou-me o ombro.

– Você é um bom homem, Jules. Tenho a certeza de que o seu pai ia gostar de si.

Fiquei constrangido.

– Como veio parar à Suíça?

– Como vim aqui parar? A minha primeira mulher era de cá, gostei do país logo à primeira, além de que, depois de ter passado tanto tempo no estrangeiro, a Alva queria regressar. E, verdade seja dita, eu também. Depois da *perestroika* mudei-me para a Rússia, mas, ao contrário do que esperava, nunca cheguei a sentir-me em casa por lá.

– Ah, comecei a ler a sua correspondência com Nabokov. É verdade que ainda era miúdo quando o procurou?

Romanov soltou uma gargalhada e afastou o cabelo da testa com a mão. Por momentos pareceu não ter idade.

– Na verdade, já não era assim tão pequeno. Creio que teria uns dezasseis ou dezassete anos e tinha acabado de ler a *Lolita*. Foi o primeiro livro que realmente me entusiasmou, mesmo não tendo conseguido entender mais de metade do que lá estava escrito. Mas aquele espírito brincalhão, aquele brilhantismo linguístico... Senti que tinha de o conhecer. Nessa altura, ainda vivíamos no Oregon. Uma noite, fugi de casa e meti-me num autocarro da Greyhound para Nova Iorque, para o visitar na Universidade de Cornell. E logo naquele dia ele não tinha aulas para dar. Exagerei na pronúncia russa e disse que era sobrinho dele; então, lá me deram a morada. Dali a um par de horas, estava a tocar-lhe à campainha. Ficou boquiaberto quando me ouviu dizer que tinha fugido de casa para o conhecer. Telefonámos aos meus pais,

depois bebemos chá e conversámos sobre escritores e tenistas que ambos admirávamos. É claro que depois lhe enviei todos os meus contos, mais tarde também a partir da Suíça. Ele sempre se deu ao trabalho de os ler, apesar de ser quarenta anos mais velho do que eu.

Seguiram-se breves instantes de silêncio.

– Que faz a Alva quando sai à noite? – perguntei. – Desapareceu já várias vezes. Que anda ela a fazer?

– Não sei. Ela não fala disso, mas fá-lo desde que nos conhecemos. Tive sempre a sensação de que não devia insistir em falar com ela a esse respeito. Acho que ela não gostaria, e a verdade é que precisa desses passeios noturnos.

Acenei afirmativamente com a cabeça.

– Alexander, posso fazer-lhe outra pergunta? Porque é que se casou com a Alva?

– Porque é que me casei com ela? – Nos últimos dias, era cada vez mais frequente Romanov repetir as perguntas que eu lhe fazia. Sucediam-se de modo inquietante os momentos em que ele se esquecia de coisas, em que perdia a capacidade de se concentrar ou em que se punha à procura dos óculos. – A Alva falou-lhe certamente do simpósio e de como me abordou. É claro que eu já reparara na presença daquela jovem sempre pronta a prestar informações, sempre tão zelosa em tudo o que fazia. Zelosa, sim, mas também enigmática. Conseguia perceber-se que ela já passara por muita coisa. – E, num tom orgulhoso: – E é claro que era muito bonita. Por vezes, consegue-se avaliar melhor as pessoas à distância, e ela transmitia a impressão de poder ser simultaneamente triste, calorosa e bem-disposta. E lia. Meu Deus, como aquela mulher lia, sentada nas escadas, em cadeiras, no chão, tinha um livro no colo em todos os minutos livres.

– E depois? – perguntei em voz baixa.

Ficou a pensar.

– A Alva era muito reservada. Saímos algumas vezes para comer, mas ela revelou-se quase tímida, de início mal abria a boca. Normalmente, sinto-me obrigado nessas situações a desenvolver a conversa, porventura até a exhibir-me um pouco. Na presença dela, porém, consegui apreciar o silêncio em mim mesmo, pela primeira vez. Ela era como uma mão fria numa testa a arder de febre.

Mais tarde, passei algum tempo sozinho diante da janela panorâmica da sala de estar, a ver como ia escurecendo lá fora. De início, achei as noites no chalé um pouco sinistras. As máscaras africanas penduradas na parede pareciam ganhar vida, quais fantasmas; as cabeças de veados e outros troféus de caça devolviam o olhar de quem os observava e, quando se olhava pela janela, com frequência nada mais se via senão uma fúnebre penumbra a cobrir o vale, a que se seguia um vazio negro. Passavam-se dias inteiros seguidos sem que víssemos viva alma: sobrevinha então a sensação de que ali em cima já não havia mais ninguém sem sermos nós. Eram os ruídos próprios da vida civilizada que nos traziam de volta à realidade: o gorgolejar do aquecimento ou o silvo da chaleira em cima do fogão. Era um quotidiano monótono, quase bizarro, e não tardei a aperceber-me de que estávamos ali encalhados, todos nós, à espera de qualquer coisa. Quando por fim tomei consciência do que estávamos à espera, até me assustei.

Foi numa dessas noites que me ocorreu de novo aquela cena peculiar que eu recalrava desde a infância. Tínhamos ido à cidade ver um filme do Billy Wilder e comer qualquer coisa a seguir. Romanov, que de resto só a contragosto se dava com outras pessoas, viera excepcionalmente connosco. Durante a viagem de regresso ao chalé, contou-nos como o sociólogo Max Weber se tinha desavindo com o pai, tendo este morrido pouco depois da discussão. Não pudera assim haver uma reconciliação, razão pela qual Weber ficara emocionalmente bastante instável após a morte do pai.

– Teve de abandonar a atividade letiva – disse Romanov. – Depois do incidente, acabou mesmo por perder a fala.

– Só por causa do desentendimento? – perguntei.

– Foram certamente muitas as razões, mas o certo é que não conseguiu lidar com uma falta de reconciliação com o pai. Isso destruiu-o por dentro. A mulher do Weber chamou-lhe a «coisa má» que estendera as garras e lhe aprisionara o marido, desde as profundezas inconscientes da vida.

De regresso ao chalé, já depois de Romanov ter subido para o quarto, a Alva pôs o álbum do Nick Drake a tocar.

– Tenho-o ouvido bastante desde o nosso último encontro em Munique – disse ela. – Nessa altura, tinha a certeza de que não voltaríamos a ver-nos.

Estava sentada sobre um aparador e fechou o livro que tinha aberto. A Alva adorava sentar-se nos lugares mais inusitados daquela casa.

– Às vezes ouço-te lá em cima a conversar com o Sacha e nem acredito que estás realmente aqui. Estar contigo, conversar e ouvir música contigo foi em tempos uma parte muito importante da minha vida, mas nestes últimos anos pensava muitas vezes que tudo não teria passado de um sonho. Como se nada daquilo tivesse acontecido. E agora, de repente, é como se tivesse sido ontem.

– É porque estamos a ouvir a mesma música que ouvíamos na altura. O tempo não decorre de modo linear, e as recordações também não. Recordamos sempre com mais intensidade aquilo que, a dada altura, nos está emocionalmente mais próximo. Na altura do Natal, acha-se sempre que o Natal anterior foi pouco tempo antes, embora tenham passado doze meses. Tem-se a sensação de que o verão, que na verdade ainda só foi há meio ano, está bem mais distante. É como se as recordações de coisas que são emocionalmente semelhantes ao presente seguissem uma espécie de atalho. Olha aqui...

Garatujei-o um esquema numa folha de papel e mostrei-lho:

*

– Muito bem... Então é sobre coisas destas que te pões a refletir – disse ela.

Peguei na bengala de Romanov e apoiei-me nela para dar alguns passos no quarto. A Alva aproximou-se e arrancou-me simplesmente da mão.

– Agora também já andas por aí com isto?

Os seus dedos percorreram o mogno polido do cabo.

– Devolve-me a bengala. Preciso dela.

A Alva soltou uma gargalhada.

– Não.

Um murmúrio suave de trovões. Nas montanhas começava a anunciar-se uma trovoada, iam surgindo relâmpagos que cintilavam acima dos cumes e iluminavam a noite. A sensação de conforto era tanto maior assim, por se estar dentro de casa e protegido, enquanto o vento assobiava acima das árvores e lançava rajadas contra os ramos.

A Alva aproximou-se.

– Qual a verdadeira razão para teres deixado de fotografar?

– Quando fotografava, tinha sempre a sensação de estar próximo do meu pai. Só que depois tornou-se claro para mim que afinal não era assim. – Senti-me afogueado. – Mas, quando comecei, deverá ter sido sobretudo porque me...

Ela avançou mais um passo na minha direção.

– Sobretudo porque...?

Surgiu-me diante dos olhos uma cena que eu julgava esquecida: um táxi que se afastava a meio da noite, sob a luz de candeeiros, e desaparecia atrás de uma esquina. Queria ainda gritar-lhe qualquer coisa, algo importante, mas não era capaz...

Olhei para a Alva, perturbado. Deveria contar-lhe aquilo que para mim não passava de uma conjectura e que mal era capaz de admitir a mim mesmo? Que, por sentimentos de culpa de que nem tinha consciência, desperdiçara os meus melhores anos, me dedicara aos tropeções a um curso que se revelara errado e voltara a pegar na máquina fotográfica? Que ao longo de todos aqueles anos me privara de me dedicar à escrita, embora fosse isso que eu adorasse?

– Falamos disso outra vez.

– *Outra vez, outra vez...* – repetiu a Alva de modo deveras arrebatador.

Irrefletidamente, a minha mão acabou por ir parar ao cotovelo dela. Na verdade, a mão pareceu ganhar vida própria, arrastou-se com toda a cautela ao longo do braço, até lhe alcançar a face. Mais meio passo na direção da Alva e o meu queixo quase tocou na testa dela. Olhei para a Alva, ela olhou para mim, por momentos vítima da incerteza. Agarrou na minha mão. Nesse mesmo instante, deu um passo atrás, aplicou-me ao de leve uma pancada com a bengala na barriga e deu-me as boas-noites.

Não suspeitava ainda da rapidez com que o estado de Romanov se agravaria, nem tão-pouco suspeitei quando, no espaço de poucos dias, deixou por duas vezes a banheira transbordar, por se ter esquecido que pretendia ir tomar banho. Era um mestre a esconder o seu verdadeiro estado. Um edifício cuja fachada se apresentava ainda intacta, enquanto por dentro tudo desmoronava.

Acompanhei-o à cave do chalé, onde se podia regular o aquecimento e pôr a roupa a lavar. Lá em baixo deparei com um intenso odor a produtos de limpeza, jornais velhos e paredes húmidas. Numa zona mais isolada havia uma estante com garrafas de vinho e um armeiro. Do interior deste, Romanov retirou diferentes espingardas e pôs-se a explicar-mas. Havia-as de calibres grandes e pequenos, para uso em carreiras de tiro, em espaços interiores, de carregar pela boca e uma caçadeira de dois canos.

– Dantes, caçava bastante – explicou. – Mas há alguns anos que não o faço. Foi o meu pai que me ensinou, ainda eu era miúdo, teria talvez uns nove anos. Ele era um caçador excelente.

Romanov apercebeu-se do meu olhar e fez que sim com a cabeça.

– Foi com uma destas que ele o fez. Uma *Browning*, a sua espingarda favorita. O meu pai era um homem capaz de *se desprender*. A morte dele foi terrível para nós, mas sempre o admirei pela coragem que demonstrou, hoje talvez mais do que antes.

As pontas dos seus dedos tocaram no cano da espingarda.

– Escuta – prosseguiu, tratando-me subitamente por tu –, há dois anos tive cancro. Dei então os bons-dias à morte; ela disse-me que já não me restava muito tempo. Desde então, preciso de escrever. Sei que a minha mulher sofre com isso. Aqui em cima está apartada do mundo exterior, estou sempre a dizer-lhe que devia arranjar um apartamento na cidade, mas ela quer ficar junto de mim. Tenho pena de já não ser o homem por quem ela se apaixonou. Mas não posso fazer nada em relação a isso. Tive esperança de que ela tivesse em ti um camarada com quem pudesse conversar e passar algum tempo. Para mim é muito importante que a Alva não viva assim tão recolhida e sozinha. És nosso amigo e sei reconhecê-lo.

Pousou a mão no meu ombro e fitou-me. A seguir, virou abruptamente a cara e disse:

– Mas ai de ti que durmas com ela.

Precisei de alguns segundos até perceber o que ele dissera. Dei instintivamente meio passo atrás.

– Não era minha intenção...

– Não sou parvo... – Romanov continuava sem me encarar.

– O futuro é coisa que deixo entregue a vós, jovens, mas enquanto for vivo não quero que ela me engane. Há alguns anos, eu próprio teria tratado disso, sei como prender uma mulher. Mas agora... Prometa-me que não lhe toca.

Mantive-me em silêncio e olhei primeiro para as armas, depois para ele.

– Prometa-mo, Jules!

Romanov voltou a fixar em mim o olhar, que por breves instantes me pareceu furtivo, e os seus olhos, de resto sempre tão amigáveis, fitaram-me de modo implacável.

*

Quando junho chegou, havia já cinco meses que eu morava nas montanhas. Para não gastar por completo as minhas economias, pedi à Liz que subalugasse o meu apartamento em Berlim. Tão distante que tudo isso está, pensei, quando fui com a Alva ao pequeno lago gélido nas montanhas. Já a tremer, saímos da água e deitámo-nos sobre as toalhas, para podermos secar ao sol. Cheirava a erva, o céu estava azul, sem uma nuvem à vista. Durante alguns instantes, ficámos a ver alguém a fazer parapente, velejando lá longe, vale abaixo. Eu de barriga para cima, a Alva de barriga para baixo. Ela ia baloiçando as pernas, dobradas pelo joelho, e não parava de bater propositadamente com os dedos dos pés na minha canela esquerda.

– Estás a divertir-te? – perguntei.

– Um bocadinho... Entretanto sempre leste *O Coração É Um Caçador Solitário*?

– Sim, ainda nos tempos de escola. Mexeu bastante comigo, na altura cheguei a escrever-te uma carta aliás.

– Engraçado... – disse ela. – Nunca a recebi.

– Achei-a demasiado foleira e nunca ta entreguei.

– Ainda a tens?

– Não.

– Estás a mentir, Jules, aposto que ainda guardas a carta.

Uma borboleta-limão esvoaçou por cima da erva e deteve-se mesmo à minha frente.

– Quero ler qualquer coisa escrita por ti – disse a Alva.

– Ainda não cheguei a esse ponto.

– Mas que fazem vocês os dois o tempo todo? Ouço-vos sempre a conversar.

– A maior parte do tempo, conversamos sobre ti.

Uma vez mais, os dedos dos pés dela bateram-me na canela, desta vez como uma espécie de advertência.

– Como é que a coisa corre com o Sacha?

– É difícil de dizer. – Pensei na melhor formulação. – Já te deste conta de como ele anda distraído nos últimos tempos? Tenho a sensação de que está pior do que há um par de semanas.

– Eu sei – respondeu a Alva, num tom de voz tão baixo que parecia estar longe.

– E que quer isso dizer?

Ela ficou calada. Era a pergunta para a qual nenhum de nós os três conhecia a resposta.

Enquanto eu avançava a bom ritmo e trabalhava em duas novelas, com Romanov a coisa já só se arrastava. De vez em quando, lia-me umas quantas frases ou chegava a pedir-me opinião. Outras vezes, porém, ficava só a ver-me escrever. «Claque, claque, claque», dizia então, ora divertido, ora deprimido. Não importava que ele fosse o melhor: nunca poderia voltar a escrever num fluxo incessante de entusiasmo, como eu.

– Queres ver um filme, mais tarde? – perguntou a Alva.

– Só se não desatares a chorar.

– De certeza que não vou chorar.

Dizia sempre isso. E depois chorava. Era infalível, as cenas melodramáticas levavam-lhe lágrimas aos olhos; até os *clichés* e as mais batidas reviravoltas no enredo a comoviam imensamente, por exemplo quando um casal conseguia, apesar de tudo, reencontrar-se ou quando um velho jogador de futebol, vítima de uma lesão grave, conseguia no último momento dar triunfalmente a volta à partida em seu favor. A Alva ficava envergonhada por isto, e eu adorava troçar dela.

– Atenção, eles não tardam a beijar-se – dizia eu. – Não achas melhor não olhares?

Mas o que eu mais apreciava observar na Alva agora era o seu *cuidado*. Era como se a palavra tivesse sido inventada de propósito para ela. Era cuidadosa ao mudar uma planta de vaso, ao formular uma ideia, ao afagar carinhosamente a nuca do marido, ao escrever uma carta ou ao pôr a mesa, depositando os talheres, os pratos e os copos sempre com exatidão. Como se não quisesse deixar mais nada ao acaso.

Ao início da noite, dirigi-me ao gabinete de trabalho de Romanov, em busca dos meus apontamentos. Vinha ainda longe, quando ouvi a música. Espreitei pela porta entreaberta. Romanov estava sentado ao piano, a Alva numa cadeira a seu lado. Ele sussurrou qualquer coisa que a fez soltar uma gargalhada. Beijaram-se, não muito apaixonadamente, de seguida Romanov voltou a dirigir a atenção para o piano. Os seus dedos dançavam com elegância por cima das teclas, mas a dada altura enganou-se. Tentou diversas vezes, em vão, voltar a pegar na melodia. Não havia maneira de se lembrar das notas. Por fim, fechou a tampa do piano. A Alva disse-lhe qualquer coisa em russo, encostou a cabeça no peito dele e Romanov afagou-lhe o cabelo. Não consegui esquecer aquele olhar cabisbaixo dele.

Nessa noite, a Alva voltou a desaparecer algumas horas e só regressou ao chalé de manhã bem cedo.

Não sabia ao certo como os meus irmãos se iam dar com a Alva, mas cumprimentaram-na com um abraço logo na estação de comboios. Como a Liz e o Marty pretendiam passar o fim de semana connosco, fomos todos até à aldeia no topo da montanha. A Alva conduzia o carro com um cuidado quase excessivo ao longo da estrada que serpenteava. Não pude deixar de me lembrar do modo como conduzia quando adolescente.

– Isto aqui parece o Condado, só faltam mesmo os *hobbits*.

O Marty, fascinado, observava as nuvens com veios dourados no céu de fim de tarde. Começara a ter problemas nos discos intervertebrais e ia sentado no banco do pendura, com uma postura algo rígida.

– Aqui até vamos buscar leite diretamente ao camponês – informou a Alva. – Temos um balde de dois litros e levamos o leite para casa ainda com espuma.

– Com isso queres dizer que *eu* carrego o leite – observei.

– E há meses que ando a cozinhar para ti.

– Acho uma pena que o Jules já não cozinhe – disse o meu irmão. – Quando era pequeno, estava sempre na cozinha. Por vezes até mandava os meus pais sair, porque começavam a falar e intrometer-se no que ele estava a fazer.

– Não fazia ideia – disse a Alva. – Há dias perguntei-lhe se também queria cozinhar uma vez ou outra e ele respondeu que não sabia.

Em vez de responder, olhei para os meus irmãos.

– O marido da Alva está muito satisfeito por vocês terem vindo.

– Procurei-o no Google – disse o Marty. – América, Países Baixos, Rússia, Suíça. Teve uma vida movimentada. Que idade tem ele agora?

– Sessenta e sete.

O olhar do Marty deambulava entre mim e a Alva. Ela ia a conduzir e sabia perfeitamente que todos os que seguiam naquele carro estavam a pensar o mesmo, mas não parecia nada preocupada com isso.

– Acho bestial – disse a minha irmã. – Quando eu era adolescente, sempre quis ter um marido muito mais velho.

– Meu Deus, bem me lembro – disse o Marty. – Durante uns meses tiveste um namorado com trinta e seis anos. E aquele teu noivo tão estranho também era vinte anos mais velho. E nunca nos dirigia a palavra.

– O meu irmão não sabe do assunto – disse a Liz para a Alva. – Há cem anos que está casado com a mesma mulher. A única que alguma vez o quis.

O Marty beijou a aliança e pôs um ar de superioridade.

Foi com um rangido que o automóvel se deteve no estacionamento coberto de gravilha. Romanov observava-nos da varanda como um caçador que vigia a caça a partir do seu posto elevado. Embora tivesse cumprimentado os meus irmãos com extrema simpatia, desapareceu depois até à hora do jantar, refugiando-se no andar superior e não voltando a ser visto.

– Ele já não está habituado a ter visitas – explicou a Alva, na cozinha, a cortar uma cebola. – Porque é que nunca me disseste que gostas de cozinhar? Seria agradável ser convidada para um jantar feito por ti.

– Se uma ou duas coisas tivessem corrido de maneira diferente, já teria cozinhado para ti.

– Ah, sim? Quando?

– Quando acabámos o liceu. Perguntei-te se querias partilhar um apartamento comigo em Munique, íamos discutir o assunto à noite, enquanto jantássemos. Já tinha feito as compras todas, pensei que, depois de provares o meu *farfalle* com ragu, esquecias os planos de emigrar.

Ela sorriu.

– Ah, pois é, lembro-me. E porque é que o jantar nunca aconteceu?

Fitei-a, perplexo. Então, o sorriso desapareceu-lhe da cara e o silêncio tomou conta da cozinha. A testa dela voltou a exhibir uma série de rugas. Em

silêncio e visivelmente tensa, ia mexendo o conteúdo do tacho onde preparava o *risotto*. Por fim, pousou a colher de pau.

– Desculpa.

– Deixa lá isso.

– Podes voltar a cozinhar para mim?

Olhei para ela atentamente um momento. A seguir acenei com a cabeça.

Durante o jantar, Romanov ficou sentado na sua cadeira, na extremidade da mesa, como que empedernido, sem saber como lidar com as já raras visitas. Tinha vestida uma camisa preta e um casaco cinzento, mantendo impecável o seu aspeto exterior. No entanto, ao contrário do dia em que eu o conhecera, esteve calado a maior parte do tempo.

O Marty falou do seu doutoramento e de a Elena tencionar abrir um consultório de psicoterapia em Munique. A Liz, pelo contrário, já pouco falava do emprego e da sua vida quotidiana. Parecia inquieta, como se na expectativa de se evadir. O animal selvagem que habitava dentro da minha irmã, que nos últimos anos andara adormecido e satisfeito, voltava a dar sinais. Pusera-se a lambear as patas e começara a deambular pela jaula.

Mais tarde, sentados na sala de estar, Romanov foi-se gradualmente animando. Já não sei o que começou por contar, recordo apenas que falou da primeira mulher, filha de um industrial riquíssimo de Zurique. Romanov tinha ido ao restaurante Kronenhalle, para comemorar a publicação do seu romance *A Intangibilidade da Alma* e conhecera-a no bar.

– Infelizmente morreu demasiado cedo – disse. – Na altura, julguei que era a maior desgraça da minha vida. Fui para a Rússia, pronto para me retirar de tudo, mas Deus ainda me quis presentear com outra oportunidade.

Romanov ergueu o copo para brindar à Alva. Percebi que aquela referência a Deus era séria, pois era frequente ouvi-lo dizer que só os tolos não tinham fé.

Voltou a servir-se de vinho e começou a contar histórias, umas após as outras; acreditava estar com isso a entreter-nos, mas nessa noite percebi que não era ele que controlava as histórias, mas as histórias a ele. O seu cérebro parecia estar em constante atividade e ele ia abrindo todas as gavetas possíveis. Vi que era uma experiência dolorosa para a Alva, ainda que ela tentasse que isso passasse despercebido.

A dada altura, Romanov deteve-se a meio de uma frase e pôs-se a observar minuciosamente os meus irmãos. O seu olhar revelava

insegurança, por momentos pareceu não ter a certeza de quem tinha afinal diante de si. Uma interrupção algo inquietante. Por fim, sorriu e perguntou à Liz e ao Marty, com um ar surpreendentemente seguro de si, se era a primeira vez que estavam naquela região e qual a sua impressão. Perguntas genéricas, que poderia ter feito a qualquer estranho e que entretanto eu sabia serem parte da sua camuflagem. Pouco depois, a Alva levou-o para o piso superior.

Na sala de estar instalou-se um silêncio constrangedor. O Marty franziu a testa, mas não disse nada.

A Liz acendeu um cigarro.

– Ele tem qualquer coisa. – Pôs-se a pensar. – Em tempos deve ter sido muitíssimo atraente.

– Parece-me um pouco... – O Marty hesitou – *Desnorteado*. Não foi a noite toda, só de vez em quando é que a coisa se manifesta. Como é que a Alva lida com isto?

– Fica abalada. Não quer falar disso comigo, nem sequer me disse o que ele tem ao certo. Presumo que seja Alzheimer, mas não tenho a certeza.

– E como é que *tu* lidas com isso? – perguntou a Liz, fitando-me. – Começamos a ficar preocupados em relação ao que estás aqui a fazer. Quero dizer, como são as coisas com a Alva, vocês os dois...

Abanei a cabeça.

A Liz revirou os olhos.

– Meu querido Jules, de facto és, de coração, das pessoas mais românticas que conheço. – A Liz bateu com o dedo no cigarro, fazendo cair uma pequena coluna de cinza. – E decerto a coisa não é fácil com o marido dela, mas afinal há quanto tempo é que estás aqui em cima? Alguns *meses*?

Um rangido na escada. A Alva regressou, pegou num copo de vinho e acenou-nos com a cabeça.

– Que bom, teres irmãos – disse para mim.

– Que bom, o meu irmão mais novo ter uma mulher – disse a Liz.

Lancei-lhe um olhar zangado e, ao mesmo tempo, fiquei irritado com essa minha reação, pois não consegui ver a expressão da Alva.

Era uma das primeiras noites amenas de verão, por isso sentámo-nos no exterior, no alpendre. O Marty deitou-se no chão, por causa dos seus problemas de costas. Diante de nós, o vale estava envolto em escuridão e,

do outro lado, na montanha em frente, alguém acendera uma grande fogueira.

– É pena que o Toni não tenha podido vir – disse eu, ao mesmo tempo que olhava para a minha irmã. – Já lhe partiste o coração com o teu namorado novo ou isso ainda está para acontecer?

– Estamos a tratar disso – respondeu a Liz, fazendo um gesto que sugeria um pedido de desculpa.

O meu irmão virou-se para a Alva.

– Sabes, somos os irmãos mais solitários do mundo – disse ele, deitado de costas. – Partilhamos os três uma única pessoa como melhor amigo. Por vezes chamo a isso *best-friend-sharing*; podíamos criar uma agência que alugasse o Toni a gente como nós. Em troca de uma taxa mensal, ele podia passar a ser teu amigo também.

– Ao menos tiveram sempre alguém – argumentou a Alva. – Eu perdi o meu melhor amigo durante quase quinze anos.

Não reagiu ao olhar que lhe lancei.

Fiquei contente por os meus irmãos se entenderem tão bem com a Alva e parecerem gostar dela. Quando a Liz perguntou à Alva se tinha irmãos, esta manteve o silêncio por breves instantes, mas após uma curta hesitação começou a falar da Phine, que talvez ainda estivesse viva algures ou já há muito estivesse morta, e para meu alívio, o falar disso pareceu de certo modo libertá-la.

O cinzento suave do crepúsculo foi-se aclarando. Não me ocorreram muitas ocasiões em que tivesse partilhado o nascer do Sol com alguém. Um par de vezes no internato, mais tarde com a Liz e o Marty em Montpellier. Era como se à luz do crepúsculo matinal se revelasse a verdadeira essência das pessoas, como se não houvesse já como dissimular. Assim, ficámos os quatro ali sentados, a conversar e a observar os primeiros raios solares incidir nos cumes das montanhas.

Quando o Marty e a Liz se foram embora, o chalé ficou de repente demasiado grande e vazio. Se de início não sabíamos lidar com o ruído que os meus irmãos haviam trazido, o que incomodava agora era o silêncio que haviam deixado. Ainda que Romanov continuasse a falar com lucidez, surgiam ocasiões em que era incapaz de elaborar um discurso abstrato sobre

assuntos mais vastos, detendo-se em vez disso, e por vários minutos, em questões de pormenor. Também era cada vez mais frequente arrumar as suas coisas no sítio errado. Por vezes eu encontrava livros no armário da casa de banho ou uma chávena na sapateira diante do guarda-roupa.

Numa dessas noites, estava sentado com a Alva na sala de estar, a jogar *Scrabble*; o espaço era iluminado apenas por uma vela que ia largando fuligem e um pequeno candeeiro. Lá fora chuviscava e ouvia-se o tinido dos chocalhos das vacas. A Alva estava sentada de pernas cruzadas no sofá. Ia começar a compor uma palavra, quando ouvimos os passos de Romanov lá em cima.

De súbito, ela lançou ruidosamente as letras que tinha na mão contra o tabuleiro do jogo.

– JÁ NÃO AGUENTO ISTO! – exclamou. – Não consigo continuar assim. Ele está a ficar demente, Jules. – Levantou-se. – Já não é de todo o homem que conheci. Às vezes tenho a sensação de viver com um desconhecido. – Os seus lábios estremeceram. – Cada dia vai perdendo um pouco mais de si mesmo. Cada dia se vai esquecendo mais de mim. De vez em quando, parece perfeitamente normal, mas sei que no interior está a desaparecer.

– Não podes falar disso com ele? Ajudá-lo de algum modo?

– O Sacha não quer. Além disso, seja como for não há ajuda possível.

Deixou que estas palavras produzissem o seu efeito. A seguir, suspirou.

– Preciso de beber qualquer coisa.

Foi buscar uma garrafa de *whisky* à despensa. Fomos bebendo, sem no entanto ficarmos verdadeiramente embriagados. Estávamos sentados, como que atordoados, à bancada da cozinha, mesmo ao pé do frigorífico.

– Como foi que isso aconteceu? – perguntei, apontando para as pequenas cicatrizes sob a orelha da Alva.

– Foi durante os primeiros anos que passei na Rússia, muito antes de conhecer o Sacha. – Falava baixinho, sem me olhar diretamente. – Na altura, ainda morava em Moscovo e a minha vida mais parecia um pesadelo. Sentia-me totalmente estranha e comecei a dar-me com as pessoas erradas. Fui-me deixando ir, cada vez mais à deriva, e fiz coisas que não se devem fazer.

– Que tipo de coisas?

– Não quero especificar mais. – Fez um gesto com a mão, como que para afastar a ideia. – Já foi há muito tempo. Lá consegui pôr um ponto final naquilo. O meu pai deu-me dinheiro e fui para Sampetersburgo.

A Alva só raramente falava dos anos que passara em Moscovo; por vezes dava-me a sensação de que, nessa altura, alguma coisa nela se estragara. Ou então, que uma parte dela ficara retida naquela escuridão. Desejava ter podido lá estar e ter conseguido evitá-lo.

– Que fazes quando vais passear de noite?

– Nada. Caminho apenas por aí, aprecio estar sozinha a essas horas, poder dedicar-me a pensar naquilo em que, de resto, nunca quero pensar. – Fitou-me e depois disse: – Comecei a fazê-lo porque tinha a certeza que haveria uma noite em que não regressaria de um desses passeios. Que simplesmente desapareceria. E, de todas as vezes, era uma sensação de liberdade sem limites.

– Querias *matar-te*?

– Não foi isso que eu disse. E até hoje sempre regressei. – A seguir, num tom mais conciliador: – Por vezes acho que já só o faço por mero hábito. É um pouco estranho, eu sei.

Esvaziou o copo de um trago. A seguir, fixou-me com o olhar, aparentemente perdido.

– Jules, quero que te vás embora. Já amanhã, de preferência.

Não consegui acreditar no que acabara de ouvir.

Senti então toda a força do álcool, senti-me paralisado, extenuado. Incapaz de reagir em conformidade ou de corresponder ao seu olhar.

– Não quero continuar contigo assim – ouvi-a dizer. – Sei o que o Sacha tem pela frente, já não há como negá-lo, e não te quero arrastar para isso. O melhor será que nos deixes. É o meu marido que aqui vai a pique, é uma tarefa que me cabe *a mim*.

Continuei ali sentado, atordado. Imaginei-me a deixar o chalé, na manhã seguinte, de mala na mão. A deixar para trás a Alva e o seu marido, rumo a uma liberdade inútil, como com frequência o fizera na vida.

É o meu marido que aqui vai a pique.

De repente, de tudo o que ela disse, ressoou-me na cabeça o refrão constante da sua juventude, um «não sou boa o suficiente», dito de mansinho.

Tinha novamente diante de mim a Alva de onze anos, que me visitava timidamente no quarto do internato e passava revista às minhas coisas. Depois, a inalcançável rapariga de dezanove anos, que se odiava tanto a si mesma que não deixava lugar para mim. A jovem de vinte e cinco anos, que eu nunca conhecera, que se apaixonara recentemente e decerto fora feliz. A terna mulher de trinta anos, casada, que me acompanhara ao comboio em Munique. E agora ali estava ela, anos mais tarde, sentada ao meu lado, com as suas feridas e receios, incapaz de tomar a decisão certa.

O frigorífico ia zumbindo, escutava-se também a batida da chuva lá fora. O ritmo da minha respiração acelerou quando levei a mão à face da Alva e fiz com que girasse a cabeça na minha direção. Estremeceu brevemente, todo o seu corpo ficou tenso.

Pareceu querer dizer qualquer coisa, ouvi o suave ruído da língua dela a soltar-se do palato. Nesse momento, beijei-a na boca. Apercebi-me da surpresa que sentiu, e também da sua hesitação. Depois, retribuiu o beijo.

Na manhã seguinte, acordei pouco depois das seis, no meu quarto. Calcei os ténis e saí para o exterior. Gotas de chuva caíam das folhas das árvores, massas de névoa cobriam a paisagem e condensava-se no vale uma neblina leitosa. Uma imagem que parecia saída de uma lenda. Pouco a pouco, porém, o sol ia aparecendo. Por momentos voltei a sentir que tinha vinte anos e, de seguida, arranquei.

Ao início, Romanov não deu conta da transformação que decorria diante do seu nariz. Estava demasiado ocupado consigo mesmo, com o seu próprio espírito que se ia dissipando. A Alva continuava a dormir na sua cama e evitávamos qualquer demonstração de afeto perto dele.

– Jules, você parece feliz – declarou ele um dia, sentado à secretária. – Tem escrito tranquilamente toda a semana, muito satisfeito. Que está a escrever de momento?

– Continuo a trabalhar nas duas novelas. A primeira é sobre um homem casado que perde o controlo sobre os seus sonhos. Já não sonha todas as noites uma coisa diferente; em vez disso, passa a sonhar sempre o mesmo. Sonha com outra vida, outras pessoas, outro emprego e outra mulher, que ama igualmente. Não tarda que ambas as realidades tenham igual peso.

Quando a mulher do sonho morre, isso tem grandes repercussões também na realidade.

Intitulara a novela *Uma Outra Vida*; passava-se durante a Primeira Guerra Mundial. O protagonista acabou por ser chamado a combater, embora nos seus sonhos vivesse em paz no campo.

Romanov agarrou na bengala e acercou-se da minha secretária, com os óculos assentes no nariz. Pôs-se a ler algumas linhas. Quando acabou, pousou uma mão sobre o meu ombro, o que se me afigurou um elogio ou encorajamento. Descrevi-lhe também a segunda novela. Fazia lembrar vagamente *O Estranho Caso de Benjamin Button*, de Fitzgerald, em que um homem rejuvenesce à medida que o tempo passa. A minha novela tratava de um homem junto de quem o tempo passava mais depressa. Quando se conversava um ou dois minutos com ele, na verdade passava meia hora. Se uma mulher saía com ele, enquanto para ela passavam exatamente três horas, na verdade a coisa durava já há sete, por vezes mesmo doze horas. O homem passou a vida inteira sozinho. Assim que descobriam o seu segredo, as pessoas evitavam-no, e o homem andava à procura de uma pessoa que, ainda assim, aceitasse envelhecer a seu lado, uma vez que alguns anos passados com ele, bem como as recordações daí resultantes, eram mais preciosas que uma vida inteira passada sem ele.

Nesse dia senti-me pleno de esperança, fui buscar o leite, lavei a loiça e tratei da lavagem da roupa. Estava a assobiar quando, ao início da noite, abri a porta da cave e apanhei um susto. Romanov estava de pé, sozinho, no meio daquele espaço, a falar num tom agitado. Quando se deu conta da minha presença, emudeceu e examinou-me.

– Que horas são? – perguntou.

– Um quarto para as sete.

A informação pareceu deixá-lo mais confundido do que tranquilo.

– Um quarto para as sete *da tarde* – acrescentei.

– E que estou aqui a fazer?

O meu olhar pousou sobre o armeiro.

– Veio aumentar o aquecimento. Está demasiado frio na casa.

Romanov pareceu deter-se a refletir. A seguir, fez que sim com a cabeça.

– Pois é, foi isso mesmo.

Lançou-me um olhar amistoso e dirigiu-se então ao termóstato.

Trabalhei ainda mais um par de dias nos dois textos e depois dei-os a ler à Alva. Eram bastante longos para novelas e ainda não estavam completamente prontos. Fosse como fosse, o que interessava não era tanto a história narrada, mas sim o olhar sobre os meus pensamentos mais íntimos. Havia coisas que não conseguia dizer, apenas escrever. Quando falava, pensava e, quando escrevia, sentia.

Estávamos deitados na minha cama. A Alva ia mordendo uma maçã e sobrevoava as linhas com o olhar. Eu contemplava-a, ansioso. Houve uma altura em que, enquanto lia, a Alva soltou uma gargalhada; senti-me então como se caminhasse de noite numa rua em que, de repente, todos os candeeiros se acendessem. A dada altura, adormeci. A meio da noite, acordei por breves instantes e a Alva continuava ao meu lado, a ler, aparentemente absorta e disse-me que o texto a tocava bastante. Ainda a vi agarrar na garrafa de água e beber um gole, mas depois voltei a fechar os olhos.

Horas mais tarde, voltei a acordar. Embora o dia já clareasse lá fora, ainda devia ser bem cedo.

– Ora até que enfim!

A Alva estava sentada em cima da minha cintura, só em roupa interior, e com os dedos descrevia círculos em redor do meu umbigo. Prendera os cabelos ruivos numa trança e estava sem óculos. Devo ter feito um ar de quem não estava a entender, porque ela apontou para os dois contos, com as folhas desordenadamente pousadas na mesa de cabeceira, sinal de que tinham sido lidos. E então, pouco antes de se lançar sobre mim, disse cinco palavras mágicas que ainda me ressoam no ouvido.

– Jules, isto é realmente bom.

Nessa tarde, estava sentado no gabinete de trabalho. Romanov nem sequer tentava já escrever; em vez disso, passou o tempo todo a olhar-me fixamente.

– Está tudo bem? – perguntei.

Distraído, disse que sim com a cabeça e levantou-se. De seguida, pousou a mão sobre o peito.

– Dói-me – disse, com uma voz que soou frágil.

Receando o pior, corri para junto dele. Fui agarrado por mãos firmes e, num instante, sem que eu tivesse sequer conseguido perceber o que acabara de me acontecer, a minha cabeça estava entalada sob o braço de Romanov. Bateu-me com o crânio contra a secretária e depois, outra vez, contra o teclado da *Olivetti*. Por fim, consegui libertar-me daquele aperto, e a mão dele acertou-me no rosto. A seguir, sentou-se na cadeira, ofegante.

Fiquei tão assustado com o ataque que também eu me sentei na minha cadeira. Sentia a cabeça latejar. Na boca, o gosto metálico do sangue.

– Acha mesmo que não me dou conta quando alguém anda a foder a minha mulher? – ouvi-o dizer. – Posso ser velho, mas não sou cego. Quem é que você acha que é? O Casanova, mestre da sedução? Os velhos têm o sono leve. Todas as manhãs estou acordado às cinco, e desde que aqui vivo com a Alva que a vou visitar a essa hora e fico a observá-la, a dormir na cama. Esta noite, ela não estava lá. E também não foi dar nenhum dos seus passeios. Esteve consigo.

Procurei com a língua eventuais feridas nos lábios e mantive-me em silêncio.

– Pedi-lhe que, até eu morrer, não tocasse nela. Foi um pedido.

– Foi uma ameaça.

Romanov contraía os músculos dos maxilares.

– Roubou a um pedinte moribundo, nem sequer foi capaz de esperar que ele morresse...

Continuou a falar em russo; as palavras pareciam amarguradas. Era capaz de imaginar o que ele estaria a dizer. Era como uma ampolheta que tivesse sido virada: sem que ele pudesse fazer fosse o que fosse, a cada segundo iam caindo mais e mais grãos da câmara dele para a minha.

Avancei lentamente na direção de Romanov.

– Desde os meus onze anos que a Alva é a pessoa mais importante na minha vida. Não fui capaz de a... – Instintivamente, decidi não lhe contar que a Alva me quisera mandar embora. – Lamento, Alexander – limitei-me a dizer. – Lamento imenso. Só que não se trata apenas de si e de mim, trata-se também da Alva. Daquilo que *ela* quer.

Romanov não respondeu, o seu olhar deslizou para lá de mim. Por fim, apontou para a minha secretária.

– Quero ler os seus dois contos.

– Nunca leu nada meu. Talvez não goste do meu estilo, talvez não lhe agrade.

– Você anda a dormir com uma mulher que ama – disse ele, frouxamente.

– Tudo o que escrever agora ou é medonho ou é muito bom.

Romanov e a Alva tiveram uma longa discussão; ouvi a voz dela tornar-se cada vez mais enérgica. Assim como assim, não parecia já capaz de lidar com a decadência cada vez mais pronunciada dele. A Alva andava a dormir mal, arrastava-se pela casa com grandes olheiras. Quem me dera ter podido fazer alguma coisa por ela, fosse o que fosse. Era como se, a cada dia que passasse, a Alva receasse mais ter de tomar uma decisão definitiva e, ao mesmo tempo, ansiasse por ela.

Neblina baixa em volta dos cumes das árvores, céu cinzento sobre as montanhas. Já em finais de outubro começara a cair a primeira neve, o que nos prendeu ainda mais ao interior da casa. Embora eu continuasse a fazer a minha corrida todas as manhãs, o vento gélido soprava-me cortante no rosto e o frio parecia envolver todos os ossos do meu corpo.

Romanov dera-me a saber que gostara de ambos os contos, mas entretanto nunca mais falara a esse respeito. Em vez disso, continuava a escrever, lenta mas incansavelmente, na sua máquina. Parecia querer estar sempre a recordar-nos da sua presença com aquele infundável matraquear das teclas.

Certa vez em que fazíamos amor no meu quarto, começámos a ouvir os admoestadores queixumes da máquina de escrever. Tentámos ignorá-los, mas o matraquear não parava, até que por fim a Alva me afastou. Já quase em lágrimas, vestiu-se em silêncio e foi ter com ele.

Não sei dizer se Romanov ainda estaria furioso comigo. Houve uma manhã que se perdeu quando andava na rua, chegando mesmo a cair, e quando o ajudei a levantar-se, ele abraçou-me, coisa que nunca tinha feito.

Entretanto, para onde quer que fosse, andava sempre com um livro de Nabokov. Estivesse onde estivesse, tinha-o consigo e só uma vez o deixou pousado na mesa da cozinha. Quis levar-lho lá acima, mas depois descobri a folha de papel que ele inserira entre as páginas. Reparei de imediato no meu nome. Ao lado, escrito com gatafunhos quase ilegíveis, estava uma breve descrição do meu aspeto e a palavra *amigo*. Por baixo, «Alva, ruiva, óculos,

jovem. Minha mulher» e ainda outras descrições, por exemplo do seu gabinete de trabalho e do seu quarto, a sua data de nascimento e, em letras grandes, «Suíça, 2006». O que realmente me provocou um calafrio foram as duas palavras que rabiscou à direita, na margem.

1. Escrever

2. Cave

Subi ao primeiro andar e fui levar-lhe o livro (*Fala, Memória*) com a folha de papel. Romanov recebeu ambos sem dizer palavra. Eu receara ter de falar com alguém refém de uma confusão mental, mas ele percebeu de imediato. Foi a última conversa que tive com ele ainda lúcido.

– Como decerto não lhe passou despercebido, estou doente – afirmou, sentado na cadeira diante da sua secretária. – No início, a minha mulher achou que a operação à próstata mudara a minha vida, mas na verdade foram os exames prévios que tive de fazer. Alzheimer, então ainda num estágio precoce. Comecei por tentar escondê-lo dela, mas a Alva não tardou a perceber.

Baixou a cabeça.

– Na minha cabeça as coisas já não estão bem, eu mesmo me dou conta disso. Quis mudar-me aqui para o campo porque sentia que a vida na cidade me deixava asoberbado. De início, ainda houve amigos e conhecidos que vieram de visita, mas o que quero mesmo é tranquilidade. Aqui em cima são poucas as coisas que preciso de recordar. De mim mesmo, da minha mulher, de si, deste quarto, do meu livro. Só que o meu entendimento dissipa-se cada vez mais depressa.

– Porque não quer ser ajudado? Podíamos mandar vir quem cuidasse de si.

– Conversei com a Alva a esse respeito. Não quero nada disso, visitas constantes ao médico para verificar o meu estado, comprimidos e exercícios de memória. A minha terapia é a escrita. – Desviou o olhar. – E também não quero que a Alva tenha de tratar de mim. Quero que a minha mulher possa ser livre.

– Prefere então uma clínica?

– Não está a entender. – Romanov introduzia uma pausa depois de cada frase e ponderava bem as palavras. – A minha mãe ficou demente bastante

cedo e acabou por morrer num lar. Por fim, só se babava e ficava toda alegre se visse um teatro de marionetas. E, no entanto, era poeta, uma intelectual com um espírito bem acutilante. Só que não conseguiu desprender-se, reagir a tempo. Ainda me restam algumas semanas ao comando da minha vida. Sei que já não falta muito até chegar o momento em que o meu cérebro colapsará definitivamente e em que deixarei de ser senhor de mim mesmo. Nessa altura, já não me será possível terminar as coisas como deve ser. Em vez disso, terei de vegetar num lar até ao fim.

Abriu uma gaveta.

– Antes, porém, tenho de tratar de uns quantos assuntos. Isto aqui... – Pegou num envelope grande. – É para si. Leia depois de eu morrer. Não antes.

Hesitei antes de aceitar o envelope.

– Porque é que me conta tudo isto? Porque haveria ainda de confiar em mim?

– Porque me deve isso, Jules. – Romanov inspirou profundamente, expirando de seguida. Estendeu a mão para mim. – Nos últimos tempos tenho revisitado a minha infância com toda a nitidez. Invernos frios, um jantar na América, conversas com os meus pais já há muito esquecidas. Todos esses momentos me ressurgem na memória, me perseguem. – Massajou a nuca. – Tenho de desprender-me, percebe o que isso quer dizer? Saber que a nossa vida está prestes a acabar? Que temos de dizer adeus ao entendimento, porque ele nos abandona, para não mais voltar?

Romanov abanou a cabeça.

– Lembro-me de que, com a sua idade, sentia que ainda tinha tudo diante de mim e que podia desafiar a morte. E agora estou aqui sentado, numa biblioteca em chamas, e não há nada que eu consiga salvar.

Os seus lábios começaram a tremer.

– Deixe-me primeiro resolver os meus assuntos – concluiu Romanov, em voz baixa. – Ainda não posso desprender-me. Mas vou conseguir fazê-lo a tempo.

Nas semanas que se seguiram, de cada vez que a Alva queria falar sobre o futuro do marido, eu tentava desviar a conversa. Queria dar tempo a Romanov; tratava-lhe da roupa, das compras que fossem necessárias,

apoiava-os aos dois o melhor que conseguia. Romanov sempre se orgulhara de conseguir tratar de quase tudo, só que entretanto até o ato de se vestir lhe criava dificuldades, tendo com frequência de ser ajudado pela Alva.

Uma vez por outra, fazia planos que tinham a ver com tempos passados. Certa noite, falou de ir à América visitar o irmão que morrera há muito. Quando viu a nossa troca de olhares e se apercebeu do erro, fez uma careta.

– Não deve ser verdade – murmurou para si mesmo.

Também novos, e inquietantes, foram os seus acessos de fúria.

– Não preciso de ti! – gritou para a Alva certa vez, diante de mim. Antes de eu poder intervir, Romanov estava já a sacudi-la com força. – Consigo fazer isto sozinho!

A Alva não se defendeu. Meti-me no meio e agarrei-o. Romanov debateu-se e gritou qualquer coisa em russo que não consegui entender. Demorou algum tempo até conseguirmos acalmá-lo, mas pouco depois parecia já não se lembrar do incidente e agarrou a mão da Alva com ternura.

Mais tarde, quando estávamos os três a almoçar, a Alva anunciou que não aguentaria continuar assim. No decurso da conversa, delicadamente, tratou de omitir algumas coisas, para me poupar a certos pormenores do declínio dele.

– Podia vir cá alguém cuidar de ti – propôs ela.

Romanov não respondeu. Por medo de dizer algum disparate, entretanto já quase não falava; deixara mesmo de se dedicar à leitura matinal do jornal. Só quando estava a comer se via que voltava a ser ele mesmo; via-o cortar um naco de carne, absorver o aroma dos temperos, levar o pedaço de comida à boca e, para melhor saborear, fechar os olhos enquanto mastigava.

– Podem-se arranjar maneiras de te facilitar a vida – recomeçou a Alva. – A ti e a nós.

Romanov fixou o olhar no prato.

– Nada de enfermeiros – disse. – Não quero que ninguém venha cá.

Puxou a mão dela à boca e beijou-lha, a seguir levantou-se e arrastou os pés até ao gabinete de trabalho. Da sala de jantar, conseguíamos ouvi-lo lá em cima, a martelar nas teclas da sua máquina de escrever, lenta mas obstinadamente. Eram os efeitos do medo. Vasculhei o cesto dos papéis; Romanov parecia já incapaz de escrever uma única linha que fizesse sentido; era mais propriamente uma sucessão de nomes ou de apontamentos crípticos:

Monday rain...

À noite um jogador. Vai-se embora, quando fica.

No final não é decisivo

o que se queria

Mas a questão mantém-se

E com o mesmo obstinado orgulho com que teimava em sentar-se diante da máquina de escrever, continuou a recusar-se a deixar que a Alva cuidasse dele. Todos os dias havia discussões e recriminações, e quando um dia voltou a perder-se lá fora e a ficar em estado de hipotermia, a Alva declarou que, a seguir ao Natal, o melhor seria entregá-lo aos cuidados da Christianstift, uma instituição privada de Zurique, onde se ocupariam das necessidades dele. Descrevera a situação ao diretor da instituição, que lhe assegurara de imediato a disponibilidade de uma vaga.

Depois de ouvir tal anúncio, Romanov não demonstrara qualquer emoção, porém dei-me conta de que passou a ter um olhar perdido, fixado longe, a matutar.

E então chegou o dia 17 de dezembro, aquele em que a minha tia Helene teria comemorado o seu aniversário. «Precisamente uma semana antes do Natal», costumava ela dizer quando, ainda crianças, nos esquecíamos. «É muito fácil de lembrar.»

Durante toda a manhã sentira o peso de uma peculiar inquietação. Havia qualquer coisa diferente naquele dia, mas o que seria afinal? A Alva fora à cidade e eu telefonei aos meus irmãos. Há dois meses convidara-os a virem passar os dias do Natal connosco, mas agora teria de desmarcar. A Liz disse-me que ela e o Toni iam festejar com o nosso irmão, em Munique. Respondi que, se conseguisse arranjar maneira de me ausentar, iria lá ter pelo menos um dia.

– Sai daí – disse a minha irmã, antes de desligar.

Fui até à janela. O jardim e o relvado diante da casa haviam desaparecido, diante de mim estendia-se o vale coberto de neve. O chalé estava mergulhado em absoluto silêncio. Percebi então o que faltava. O ruído da máquina de escrever de Romanov, lá em cima, no piso superior.

Corri até ao gabinete de trabalho: estava vazio. Segundos mais tarde, quando abri a porta da cave, deparei com Romanov de pé, diante de mim, com um saco de roupa suja na mão. A sua face pálida, de uma cor cerosa, o queixo coberto de pelos grisalhos. Pareceu precisar de uns instantes até me reconhecer. Para meu alívio, tratou-me pelo nome.

– Jules, tens de me ajudar – disse num tom amistoso, tratando-me novamente por tu.

Do bolso das calças retirou uma folha de papel dobrada. Nela já só estava inscrita uma palavra: *Cave*.

– Que queria eu fazer aqui?

Pensei na Alva, que fora à cidade fazer compras e tinha depois uma reunião com o diretor da tal instituição, para discutir os próximos passos. Entretanto, ali estava eu com o seu marido, que queria saber se naquele momento pretendia pôr roupa a lavar ou acabar com a vida. Ocorreu-me então a folha de papel em que, ao lado da descrição do meu aspeto exterior, ele escrevera a palavra «amigo». Senti as têmporas a latejar, quando avancei para a espingarda favorita do seu pai e toquei no pesado cano metálico.

Depositei a arma nas mãos de Romanov.

Anos mais tarde, continuei a ver com toda a nitidez esta cena na cave desenrolar-se diante dos meus olhos. Ainda hoje sonho de vez em quando com isso.

– A *Browning* – disse ele, de imediato.

– Recorda-se do seu pai?

– Claro que sim.

– Lembre-se do modo como ele morreu.

– Matou-se com um tiro. Acredites ou não, foi com esta espingarda. Em tempos eu costumava caçar bastante com ela. Também o meu pai era apaixonado pela caça.

Romanov fitou a espingarda com ar meio absorto. Então, a sua fisionomia alterou-se. Vi o seu rosto ir sendo tomado pelo temor e pelo pânico. Franziu os lábios e as mãos desataram a tremer-lhe.

– Oh, meu Deus, já sei porque estou aqui – sussurrou.

A tomada de consciência abalou-o. Fixou a vista em mim, os olhos arregalados, e percebi que aquele talvez fosse o último momento em que ele ainda controlava as suas ações. Depois disso, diante dele restaria só a vastidão do alheamento.

– Estou a fazer a coisa certa? – perguntou, ainda com a espingarda na mão. – Diz lá, Jules. É a coisa certa a fazer?

– A sua mulher está na cidade. – Senti a boca seca. – Foi-se encontrar com o diretor de um lar de idosos. Ela...

Romanov dirigiu-me um olhar interrogativo.

– Você não quer ir para uma clínica – afirmei. – Como aconteceu com a sua mãe. Está a entender?

Quase conseguia ver o desespero com que ele buscava aquelas recordações.

– Não, não quero isso – disse, por fim.

Avancei até junto dele.

– É capaz de desprender-se? Alexander, é capaz de desprender-se?

Romanov não parecia ouvir-me.

– No fim, a minha mãe estava já toda destrambelhada – declarou, num tom quase infantil. – Parecia um animal. Já não sabia quem era o filho, nem quem ela própria fora.

Dirigiu-se ao armeiro e retirou de lá uma caixa com munições, carregando de seguida a espingarda. Deixou cair um cartucho, que apanhou do chão com dificuldade.

– Quer que diga alguma coisa à sua mulher? Vou dizer-lhe que a ama.

Romanov não respondeu. Com as mãos a tremer, afagou a espingarda. Vi que estava cheio de medo.

– Quando era miúdo, punha-me sempre a observar as aves migratórias – disse ele. – «Para onde voarão elas?», pensava eu. «Para onde voarão elas afinal?»

Uma voz no interior da minha cabeça ordenou-me que lhe arrancasse a arma das mãos e ligasse aos serviços de emergência. No entanto, abracei Romanov e, sem dizer palavra, abandonei a cave.

Com passos rápidos, dirigi-me ao meu quarto, peguei no casaco e corri encosta abaixo, em direção ao vale. A dada altura, escorreguei e caí na neve. Pus-me novamente de pé e continuei a correr. Estive o tempo todo à espera de ouvir um tiro, mas este teimava em não ser disparado. Imaginei Romanov, de pé na cave com a espingarda na mão, sozinho, a ter de decidir se perderia a vida ou a razão. Ainda uns últimos momentos, uns instantes para se despedir de tudo, a seguir aproveitar aquele segundo de coragem, manter-se firme e desprender-se.

Estava já lá em baixo, junto à estrada, quando ouvi o estampido. Uns quantos pássaros esvoaçaram, agitados, por cima das árvores, e eis que a tranquilidade voltou a pousar sobre o vale.

[5](#) Nome dado no cantão suíço de Valais a uma variedade de vinho branco feito com a casta chasselas. (*N. do T.*)

A génese do medo
(2007-2008)

Tínhamos alugado um carro para a viagem a Itália. Pouco antes de partirmos, observámos uma vez mais a nossa nova sala de estar. As paredes pintadas de fresco, o pavimento afagado e envernizado; tínhamos acabado tudo horas antes. A Alva falou sobre como, após o regresso, haveríamos de decorar o apartamento, e não sei se pela sensação de ter novamente a minha própria casa ou por ela estar grávida de seis meses, mas de repente os olhos encheram-se-me de lágrimas de felicidade. Embarçado, virei a cara.

Deixámos Munique ao início da noite e fomo-nos revezando ao volante.

– Sabes que mais? – perguntou a Alva, enquanto tamborilava no volante.

– Acho que vou voltar a estudar. Tenho saudades da universidade e de aprender, e nem quero saber se for a mais velha que lá andar.

– E que vais estudar? Literatura?

Um veemente abanar de cabeça.

– Tenho passado tanto tempo com escritores que agora preciso de qualquer coisa diferente, só para mim. Quero fazer qualquer coisa pelo meu intelecto.

Por detrás das lentes dos óculos, os olhos dela cintilavam e, quando lhe observei o rosto, a pele branca e delicada, as pestanas pretas e compridas e o ruivo acentuado dos cabelos, senti por um momento o efeito avassalador da sua beleza.

Falámos das viagens que fizéramos juntos durante a adolescência, para lagos distantes e para festivais. Motivado pela exuberante alegria que sentia, disse qualquer coisa como:

– Não é uma loucura termos deixado de nos ver durante tantos anos?

A Alva encolheu os ombros.

– Quando andávamos na escola, eu achava que ia ser complicado para nós como casal. Só mais tarde percebi que sempre te amei. – Estava a mudar de

faixa, por isso não olhou para mim. – Mas, por essa altura, já estava na Rússia. Pensava em ti muitas vezes, mas a dada altura só queria mesmo esquecer-te.

– Então sentiste a minha falta?

– Sim, às vezes – respondeu a Alva. – Mas acima de tudo fiquei contente por me ver livre de ti.

Sorriu. Pousei a mão na barriga dela. Ainda não tínhamos escolhido nomes para os gémeos. Ela começara por querer dar à nossa filha o nome da irmã, mas depois decidira que afinal não. «E se a Phine ainda for viva?» Quando andava a escolher nomes, eu descobrira que «Alva» significava «espírito da floresta», na Escandinávia. Agradou-me a ideia. A Alva vigiava a floresta que eu nunca abandonara desde a infância.

À nossa frente dezenas de camiões, cheiro a combustível, as luzes de inúmeros faróis. Atravessámos a fronteira italiana, ansiosos pelo hotel na costa de Amalfi onde pretendíamos passar as duas semanas seguintes. A viagem fora paga com as minhas economias, embora tal não tivesse sido necessário. Após a morte de Romanov, a Alva herdara uma quantia que, para mim, era espantosamente elevada, além de que a venda do chalé, que incluía o terreno, rendera quase um milhão de francos suíços. Quer eu quisesse quer não, o dinheiro deixara de ser preocupação.

– Ainda conseguiste falar ao telefone com a editora?

– Sim – respondi. – Afinal sempre publicam o livro dele na próxima primavera.

– E consegues?

– Estou quase pronto.

A última obra de Romanov, *Tempo, Voa para Longe*, ia compor-se de cinco novelas. Ele havia depositado três delas num notário em Lucerna, meses antes da sua morte, para as proteger de si mesmo. A primeira dessas histórias tratava de um representante comercial na Polónia, no final da década de 1940. Perdera a família na guerra e viajava no inverno por uma paisagem gelada e despida, onde nada mais havia para além das suas recordações. A novela seguinte, *Luz e Contraluz*, passava-se na América e era acerca de um casal do Oregon que se separava. A mulher acabara de saber que fora traída ao longo de vários anos pelo marido, pelo que as recordações felizes que tinha dele haviam sido dilaceradas. A última história falava dele próprio, do escritor Aleksandr Nikolai Romanov, caído

no esquecimento. Descrevia o modo como perdera o juízo, como fora parar a um lar e constantemente desmontava a sua vida e voltava a montá-la, mas já de modo errado. Pela coerência que apresentava, era essa, de entre todas as histórias dele, aquela de que eu mais gostava, mais até do que *Um Coração Inflexível*.

As duas últimas novelas eram minhas.

O envelope que Romanov me entregara semanas antes da sua morte continha trinta páginas com cenas, apontamentos, recordações e ideias. Havia também uma carta.

Somos ambos ladrões, Jules...

dizia.

Por isso quero propor-lhe uma troca. Um livro em troca de uma mulher. Deve-me isso.

Queria ficar com as duas histórias que eu escrevera na Suíça, emendadas de acordo com as suas indicações.

– Continuo sem perceber por que razão fazes isso pelo Sacha – disse a Alva. – Foi só um pedido. E já nem sequer era ele mesmo.

– Ele estava a falar muito a sério quando fez esse pedido.

– Ainda assim... Estás a abrir mão do teu futuro como escritor. Porque estás a fazer isto?

Limitei-me a abanar a cabeça. Não lho podia dizer.

Às vezes era surpreendentemente fácil, mas às vezes também se revelava quase impossível integrar as ideias de Romanov nas minhas novelas. Encaixar cenas de outra pessoa num manuscrito era como realizar um transplante. Tivera com frequência de inventar todo um encadeamento de passos para a ação, para acomodar as ideias que ele desejara ver integradas. No entanto, dali a algum tempo já não conseguia separar as cenas dele das minhas. Também o seu último livro estaria repleto de elementos trágicos, embora Romanov tivesse em tempos dito que jamais dramatizara a vida, jamais lhe acrescentara fosse o que fosse. Limitara-se simplesmente a nunca desviar o olhar.

A Alva suspirou.

– E que vais fazer quando acabares o livro dele?

– Procurar emprego.

Ela abanou a cabeça.

– Quando eu estiver na universidade, vais tomar conta das crianças.

– E que vou eu *fazer*?

– Tens de escrever as *tuas* próprias coisas outra vez. Terei todo o gosto em gastar o meu dinheiro para apoiar um escritor prometedo. Vê a coisa como uma bolsa.

– Muito engraçado – disse eu, parando numa bomba de gasolina.

A Alva aproximou-se de mim.

– Foi sempre o meu sonho, Jules. O meu próprio poeta da corte, dependente de mim. – Deu-me um beijo. – O meu *escravo doméstico*.

– Tornaste-te bem atrevida, ó menina do dente torto. – Beijei-a de volta, mas mordisquei-lhe o lábio inferior. – Tem atenção, não te deixes corromper por esse dinheiro todo.

– Tarde demais.

Abastecemos-nos de café e de *tramezzini* e seguimos viagem. O céu apresentava-se profundamente negro, no interior do carro apenas a luminosidade do painel de instrumentos e era agradável ir ali sentado no carro com ela. Passámos a noite a conversar, ouvimos canções italianas no rádio e parvoeirámos; a Alva voltou a dizer que eu tinha orelhas muito pequenas, as mais pequenas que jamais vira, e eu argumentei que era um sinal de grande inteligência.

– Quando lá chegarmos, a primeira coisa que fazemos é tomar o pequeno-almoço junto ao mar.

Já agradavelmente cansada, aninhou-se no banco. Uma franja de luz do Sol surgiu no horizonte e foi em silêncio que vimos a estrada reaparecer, pouco a pouco, de entre a escuridão, diante de nós. As pontas dos dedos da Alva iam acariciando o meu antebraço, para cá e para lá, para cá e para lá, e talvez tenha sido esse o momento a partir do qual não mais quis trocar a minha vida por outra, nem mesmo uma em que os meus pais ainda estivessem vivos.

Nove meses mais tarde, quando o livro de Romanov foi publicado na sua editora suíça, surgiram várias críticas na imprensa, algumas das quais

abordavam também a sua restante obra; as vendas, porém, foram decepcionantes. Puxou-se o lustro ao nome A. N. Romanov uma última vez e a coisa ficou por aí.

– Ao menos ele não teve de presenciar isto – disse a Alva num tom amargurado, enquanto observava o livrinho branco que tinha na mão. – Daqui a cinco anos não haverá já ninguém que o leia. É demasiado lúgubre.

– Eu vou lê-lo.

– E quando?

– Quando me estiver a sentir mal. Servir-me-á de consolo.

A Alva acercou-se do berço.

– Por que haveriam as coisas de não correr bem connosco? – Pôs-se a observar os bebés. – Por macabra que estas contas possam ser, gosto de pensar que a vida é um jogo de soma zero. No meu caso, do lado das perdas tenho já o desaparecimento da minha irmã, a minha infância, a minha mãe, a morte do Sacha e sobretudo as circunstâncias em que ocorreu. Portanto, terá ainda de nos acontecer muita coisa boa para que isso possa ser compensado.

– A vida não é nenhum jogo de soma zero. Há pessoas que só têm azar, que vão pouco a pouco perdendo tudo o que amam.

– E, obviamente, achas que és uma delas... Meu querido Job. – disse a Alva, afagando-me o cabelo.

Que terno, pensei.

– Acredita em mim. – Deu-me um beijo. – Os próximos anos serão só nossos.

Tirei a nossa filha do berço. Ter um dos bebés no colo continuava a ser uma sensação avassaladora. Como se a parte mais luminosa de mim não brilhasse em mim, mas antes neles.

– Ouviste isso? – segredei ao ouvido da Luise. – Os próximos anos serão só nossos.

Tinha entretanto trinta e cinco anos, quase tantos como os meus pais quando morreram. Estava prestes a atravessar um limiar que lhes ficara vedado. Era-me doloroso pensar que o tempo que partilhara com eles ia ficando cada vez mais para trás; pertencia somente ao já distante primeiro terço da minha vida. Quando via a Alva como jovem mãe, pensava com frequência na minha mãe e lamentava o pouco que sabia a seu respeito. A minha recordação dela era mais um sentimento, era o seu calor, a sua

inquebrantável alegria. Enquanto pessoa, porém, mantinha-se uma estranha para mim, e só agora entendia a razão. Nunca presenciara nela um momento de fraqueza. Nunca assistira a um instante em que ela estivesse abatida ou deprimida. Ela atravessara a minha infância como uma atriz que escondesse o seu verdadeiro eu sob a máscara de uma mãe radiante, por isso restavam-me apenas as poucas histórias, sempre iguais, que conhecia a seu respeito.

– Na verdade, o vosso pai não era de todo o meu tipo – dissera-nos ela uma vez. – Só que não fui capaz de lhe ficar indiferente. Ele era o líder de um pequeno grupo de estudantes. Todos os dias esperavam por mim diante da universidade, e ele perguntava-me se queria sair com ele. Respondia-lhe sempre que não. «Nesse caso, até amanhã!», dizia ele, despedindo-se com um sorriso e uma vénia. Agradou-me a obstinação. E pronunciava o meu nome sempre mal.

Ao dizer estas palavras, olhara para o meu pai, que, como que respondendo a um estímulo, de imediato pronunciou o nome dela de modo exagerado:

– Magdalena Seitz.

Quando penso nestas recordações que desenham os contornos de um jovem arrojado, mal consigo acreditar no quanto o meu pai foi diferente dos anos posteriores, em que se revelou mais temeroso. Presumo que tivesse então aquela autoconfiança que se apodera de quase todas as pessoas com vinte e poucos anos. Ou então era o contrário: essa fora a única fase autêntica da sua vida, antes de os acontecimentos da juventude terem lançado a sua rede sobre ele.

Para fazer incidir alguma luz sobre o seu passado, esquadrinhei a arrecadação. Era aí que estavam guardadas todas as caixas com recordações de Berdillac, Munique, Hamburgo e Berlim. Numa delas, além de antigas fotos de família, encontrei o velho bloco de apontamentos vermelho com os contos que escrevera quando era criança, bem como a *Leica* partida e a carta escrita em francês.

Caro Stéphane, esta máquina é para ti. Deverá servir para te recordares de quem és e daquilo que a vida jamais deverá conseguir destruir. Por favor, tenta compreender-me.

Pousei a carta. Que sabia eu afinal do meu pai? Ainda jovem, gostava de jogar futebol e queria ser fotógrafo, mas faltaram-lhe a coragem e o apoio necessários. Parecia também certo que tanto ele como Eric, o irmão mais velho, levavam sovas do pai, sobretudo depois de ele beber. Fora isso que a nossa tia Helene nos dera a entender. Tudo o resto tive de compor a partir do que *não* nos foi dito. Por que razão morrera o meu tio Eric tão novo? A sua morte era um segredo trágico, a respeito do qual nunca se falava no seio da família. Entretanto, era demasiado tarde para fazer perguntas. O meu pai empurrara conscientemente o seu passado para segundo plano, pelo que já não me era possível torná-lo nítido.

Estava a arrumar tudo, quando uma das velhas fotografias de família me chamou a atenção: via-se os meus pais com um casal, os Lehner, de quem haviam em tempos sido bastante amigos. Hanno Lehner era um diplomata bem-parecido, que costumava contar-nos, ainda crianças, as suas viagens pelo Sudão ou pelo Irão. Elli Lehner era professora, tal como a minha mãe. A dada altura parece ter havido uma desavença, pois nos anos anteriores à morte dos meus pais o casal deixara de nos fazer visitas. Na foto estavam os quatro sentados à mesa da sala de jantar do nosso apartamento. O meu pai olhava para Elli Lehner, que falava descrevendo grandes gestos. Também Hanno Lehner olhava para a mulher, como que fascinado. Apenas a minha mãe não olhava para ela. E também não era para o meu pai, nem para a câmara, que dirigia o seu olhar. Era *ele* que ela fitava. Eu conhecia aquele olhar até bem demais. Era o mesmo olhar sonhador e faminto que a minha irmã lançava aos homens que queria. E que depois conseguia. Mas seria verdade? Estava a foto a contar-me essa história ou eu a contá-la a mim mesmo?

Fiz um café e sentei-me diante do meu romance. Entretanto, já quase não avançava. Desaparecera a energia quase maníaca que sentira durante o tempo passado no chalé; a morte de Romanov ainda me afetava. A Alva nunca soubera que fora eu a pôr a espingarda nas mãos do marido, e embora eu soubesse que não fora esse o intuito, por vezes recriminava-me por ter, desse modo, arranjado uma maneira elegante de me ver livre do meu rival.

Durante alguns instantes, escrevi umas quantas linhas, até que de súbito percebi que os meus pensamentos tinham voltado a transportar-me para

junto do meu pai. Para o meu último encontro com ele. Ainda que durante bastante tempo tivesse mantido uma recordação diferente dele, entretanto acreditava nas impressões que experimentara durante a minha *trip* com LSD. Era uma verdade que eu recalcará durante bastante tempo, que estivera cravada em mim como um espinho venenoso e que determinara a minha vida, do meio da escuridão do meu subconsciente.

É certo que, nessa última noite com o meu pai, falámos acerca da máquina fotográfica que ele me oferecera pelo Natal e que eu nunca utilizara. É também certo que resolvemos essa pequena discussão e que ele se ofereceu para me mostrar como se utilizava a *Mamiya*. Disse que ficaria contente se eu viesse a fotografar, que eu tinha bom olho para escolher os motivos, que já por diversas vezes reparara nisso.

No entanto, a nossa conversa não ficou por aí.

Na altura vivíamos uma relação tensa, não apenas por causa da máquina. A minha mãe era sempre segura de si e ponderada; eu nunca lhe desobedecia. Já se fosse o meu pai a mandar-me para a cama, eu encolhia os ombros e, caso ele simulasse autoridade e me advertisse, eu limitava-me a rir. A verdade é que o medo e a incerteza dele transpareciam e eu não suportava isso.

No fim de semana em que os meus pais viajaram para França, eu queria ir à festa de um rapaz mais velho, desse lá por onde desse. Ele já fumava e bebia e o convite afigurou-se-me uma grande honra. No entanto, o meu pai proibiu-me de lá ficar a dormir.

– Mas vai toda a gente, papá. Já prometi que ia também.

– Já conversámos sobre esse rapaz, não é companhia adequada para ti. Está fora de questão eu deixar-te lá passar a noite sem vigilância.

– Mas, se eu não for, vão achar que sou um cobarde.

– Seja, vão tomar-te por isso mesmo. Em todo o caso, não vais à festa.

E, com isso, a discussão ficara resolvida do ponto de vista dele. Correu o fecho da mala e pôs-se a encher o cachimbo.

– Pois claro... – comentei. – Logo vi que te seria indiferente. Tu também és um cobarde.

Senti de imediato que cometera um erro. O meu pai virou-se para mim, tão assustado quanto eu, de cachimbo ainda na mão.

– Que foi que disseste, Jules?

– Que és um covarde – ouvi-me balbuciar. Fui sentindo ora arrepios ora ardores; fora longe demais e, ainda assim, não consegui ficar por ali. – Nunca te atreves a nada. Proíbes tudo porque tens medo de tudo. És um covarde e queres que sejamos como tu.

Senti um estalo na face esquerda. Vieram-me lágrimas aos olhos.

– Vai-te lixar! – berrei. – Tu e a merda da tua câmara. – Irado, olhei-o nos olhos. – *Odeio-te!*

Por momentos, reinou o silêncio.

Dei um passo atrás. De repente, tive a sensação que ver realmente o meu pai pela primeira vez. Pareceu profundamente magoado, adotando a mesma expressão que lhe vira após o telefonema em que perdera o emprego. Uma parte de mim sentiu de imediato pena dele. A seguir, corri para o meu quarto.

Meia hora mais tarde, a minha mãe veio ter comigo. Trazia vestido o seu casaco bege e deu-me um abraço de despedida. Senti o aroma a lilás do seu perfume.

– Não sejas assim – disse ela. – A intenção do papá não era aquela.

– Ele bateu-me.

– Eu sei. E lamenta imenso tê-lo feito, muito mesmo. Ele próprio não consegue acreditar que o fez. – Introduziu uma pausa. – Neste momento está com uns... As coisas não lhe estão a correr bem.

– É por isso que vão de viagem?

– Também. – Passou-me a mão pelo cabelo. – Não queres ir dizer adeus ao papá? Ele gostava muito de se despedir de ti, o táxi não tarda a estar aí.

– Não – berrei.

A minha mãe deu-me um beijo na face, a seguir ouvi-a no corredor a despedir-se da Liz e do Marty. O meu pai perguntou o que se passava comigo.

– Já sabes como ele é – disse ela. – É obstinado.

– Raios partam... – murmurou ele, soando ainda desanimado.

Veio então ao quarto e tentou falar comigo, mas ignorei-o, mantendo-me em silêncio. Dali a nada chegou o táxi, ouvi a porta de casa bater.

Nunca pude acrescentar nada àquele «odeio-te», pelo que foram as últimas palavras que dirigi ao meu pai antes de ele morrer.

Da janela da sala vi-os então entrar no táxi. Stéphane, meu pai, segurou a porta a Magdalena, minha mãe, a seguir o táxi arrancou, e ainda hoje

consigo vê-lo, a meio da noite, sob a luz do candeeiro de rua, a dobrar a esquina e a desaparecer do meu campo de visão.

O inalterável
(2012-2014)

Abril de 2012, uns bons dois anos e meio antes do meu acidente de moto: uma festa de Páscoa em família, em Munique. Os telhados acobreados da nossa rua reluziam ao sol da tarde e o aroma de bolos acabados de cozer pairava no ar. Durante a refeição, o Marty não parou de fazer caretas apalermadas para que o meu filho se risse, mas era uma tentativa inútil. Com os seus quatro anos e meio, o Vincent era bastante reservado, além de que o meu irmão não nascera propriamente para entreter crianças.

Depois da sobremesa, os gémeos partiram em busca dos ovos da Páscoa que a Elena escondera pela casa. Sempre que estava com os meus filhos, ficava como que revigorada, por isso era com gosto que eu os levava lá com alguma frequência. De vez em quando, aparecia também sozinho no seu consultório. Começara a fazê-lo quando descobrira que ia ser pai, ainda na incerteza de estar à altura do papel. Durante as nossas sessões, a Elena nunca dizia muita coisa; em vez disso, ouvia-me falar do meu silencioso receio de voltar a perder tudo. E percebia o que se passava no meu interior, a maioria das vezes sem dizer uma palavra que fosse. Bastava um olhar seu, ora amistoso ora admoestador, e eu sabia o que ela queria dizer. Tornou-se-me cada vez mais claro aquilo que o Marty procurara e conseguira encontrar nela. A Elena corrigia, percebia quando nos desviávamos do caminho e, com suave obstinação, devolvia-nos ao rumo certo.

O Toni não viera a Munique. Decidi que o melhor era não perguntar à Liz por ele. Naquele tempo, quando o Toni engatava uma mulher depois de um espetáculo, contava tudo à Liz até ao mais ínfimo pormenor e divertiam-se ambos a falar sobre isso. A Liz encostava-se a ele, pegava-lhe na mão e atribuía-lhe alcunhas carinhosas. No entanto, a coisa nunca avançou mais do que isso. Quando ela arranjava namorado, não dizia nada ao Toni e cortava o contacto quase por completo.

– A sádica e o masoquista – dissera o meu irmão certa vez em tom de piada, mas era óbvio que aquela situação não tinha graça nenhuma.

A Luise veio a correr ao encontro da tia e sentou-se ao colo dela. Tal como sempre fazia de cada vez que vinha de Berlim para nos visitar, a Liz anunciava em tom solene que também ela queria ter filhos. Tinha entretanto quarenta e dois anos, e eu já não contava que ela viesse a ser mãe.

– Era uma assim mesmo que eu queria ter – disse. – Esta é perfeita. – Beijou a minha filha na cabeça, e ambas se mostraram radiantes.

No entanto, ainda que a minha irmã parecesse apreciar a vida em família, o certo é que só aguentava poucos dias em Munique. Recordo-me de como, mesmo dantes, quando festejávamos o Natal em casa da minha tia, ela costumava sair para uma festa qualquer, quando tudo já lhe parecia demasiado harmónico e feliz, e não pude deixar de pensar na frase de Jack Kerouac que, ainda adolescente, ela pendurara num cartaz sobre a cama: *Só me interessam as pessoas doidas, que estão doidas por viver, por falar, desejosas de tudo ao mesmo tempo e nunca bocejam nem dizem nada banal, mas que ardem, ardem, ardem como fogos de artifício riscando a noite.*⁶

*

Gargalhadas vindas da sala de estar. A Alva e as crianças aconchegadas umas às outras no sofá. Ela estivera a ler-lhes uma história e agora estavam a brincar. Nunca me fartava ver a Alva desempenhar o papel de mãe. Sabia sempre o tom certo a adotar e, ao contrário de mim, sabia quando tinha de ser mais severa e quando podia ser mais descontraída; parecia querer dar-lhes tudo o que lhe fora vedado. As crianças idolatravam-na.

Dirigi-me ao gira-discos.

– Prestem atenção – anunciei.

Por momentos, experimentei a mesma alegria antecipada que sentia em miúdo, quando queria mostrar qualquer coisa aos meus irmãos. Pus um álbum a tocar. O som alto de guitarras, um coro em segundo plano. Todos os olhares na minha direção.

– Papá, que é isso?

– Isto são os Beatles – respondo. – «Paperback Writer».

A Luise pareceu achar a música divertida. O Vincent, por seu turno, batia o pé, numa surpresa absoluta, as sobranceiras arqueadas, e quando a música acabou disse de imediato:

– Outra vez.

Nesse dia, os nossos filhos passaram a noite em casa do Marty e da Elena, para que pudéssemos sair só nós os dois novamente.

– Estamos a ver um filme e depois vou mandá-los para a cama – explicou a Elena à noite, ao telefone. E, depois, pela terceira vez naquela conversa: – Nós tomamos bem conta deles.

– Sim, claro, sei disso perfeitamente – respondi, quase a rir.

Depois de desligar, senti o olhar da Alva repousar sobre mim.

– Que foi?

– Tens um ar tão satisfeito. Estás mesmo a sorrir.

– Não estou a sorrir.

– Claro que estás. E continuas.

Peguei na mão dela e, com um impulso, puxei-a para mim.

– Por fim, novamente sós. – Os meus braços repousavam nos ombros dela. – E se deixássemos os miúdos com o meu irmão e fugíssemos?

– E eu a pensar que nunca mais perguntavas.

Mais tarde, no restaurante, a Alva falou-me de uma conferência que o Marty lhe recomendara. Nos últimos anos, tornara-se amiga dele; era frequente eu chegar a casa e encontrar os dois embrenhados numa conversa. Por vezes sentava-me e participava, mas no fundo gostava mais de assistir ao modo como os dois pareciam entender-se bem, mesmo sem mim.

– Já te deste conta de que ela e a Liz são parecidas em muitas coisas? – perguntou-me o Marty certa vez, depois de um desses encontros.

De início limitei-me a rir, descrente do que ele dissera, mas depois pensei com frequência nesse comentário.

Há muito que a Alva terminara a licenciatura em Filosofia, entretanto estava a trabalhar no doutoramento, ao mesmo tempo que se ia ocupando do estado lastimável do pátio interior de nossa casa. Por sugestão sua, o condomínio do prédio mandara plantar relva nesse espaço e, entretanto, ela mesma mandara instalar para as crianças (mas em parte também para mim) um baloiço e uma casa na árvore.

No entanto, continuava a vibrar nela qualquer coisa tenebrosa. De vez em quando, o passado parecia querer agarrá-la; ficava refém de cenas da

juventude e daqueles seus anos em Moscovo, que ainda me eram incompreensíveis. Nessas alturas, também tinha pesadelos, o seu sono tornava-se nervoso e irrequieto, até por fim se chegar a mim, se aconchegar e acalmar. Desde cedo tive de aprender que havia duas Alvas e que não podia ter uma delas sem ter de lidar com a outra. Embora ela tivesse deixado de realizar aqueles seus passeios noturnos desde o nascimento dos gémeos, havia uma parte de mim que se mantinha preocupada, receando que um dia ela voltasse a desaparecer e nunca mais pudesse voltar.

– A propósito, dei uma vista de olhos ao livro infantil daquele sueco. – Esticando a cabeça, a Alva espreitou de detrás do menu que segurava. – Magnus Qualquer Coisa. Gostei bastante.

Há muito que me habituara a que ela se pusesse a ler secretamente os manuscritos dos livros em que eu andava a trabalhar. Ainda assim, fingi-me indignado.

– E então? – limitou-se ela a perguntar. – Como não tenho nada teu para ler, ponho-me a ler isso mesmo.

Eu conseguira o trabalho de assistente editorial através da editora de Romanov. Gostaram do trabalho que realizei no manuscrito dele e, a meu pedido, recomendaram-me a uma editora de Munique. Ao meu próprio romance, porém, só esporadicamente dedicava algum tempo. É provável que já há muito o tivesse abandonado, se a Alva não estivesse sempre a perguntar por ele.

Nessa noite bebemos um pouco demais e a Alva pôs-se a falar dos tempos antes de nos conhecermos, de como, ainda criança, adorava andar de patins no gelo com o pai, num pequeno lago gelado atrás da casa. Quando falava disso, era como se uma luz interior a preenchesse. Debrucei-me sobre a mesa e beijei-a, a seguir deitei mais vinho no copo de cada um de nós; ela perguntou-me se a queria embebedar, ao que respondi que esse fora, desde sempre, o meu objetivo.

A caminho de casa, ela cambaleava realmente um pouco. Quis ampará-la, até reparar que eu próprio não me mantinha em pé com muita segurança. Não pudemos deixar de rir baixinho e avançámos devagar, com passos pesados e apoiando-nos um no outro, até à estação de metro.

Durante a noite fui acordado por um ruído. Estava intensamente imerso num sonho, pelo que demorei a regressar conscientemente ao meu próprio corpo. A meu lado, a Alva chorava. Acendi a luz, assustado.

– Porque é que não sou feliz? – A Alva falava de modo confuso e demasiado rápido. – Amo-te a ti, amo o Vincent e a Luise. Adoro tudo o que temos, mas por vezes é como se não chegasse, como se nunca nada pudesse chegar. Nessas alturas só quero desaparecer e nunca mais voltar, mas nem sequer sei porquê.

O que ela disse caiu sobre mim como uma pedra que alguém lançasse a um lago.

Abracei-a.

– Está tudo bem – repeti, várias vezes. Beije-a ao de leve na cabeça. – Gosto de ti tal como és.

– Nunca quis ser assim – respondeu ela, baixinho. – Mas não consigo ser diferente.

– Eu sei.

Mantive-me vários minutos firmemente abraçado à Alva e fui falando com ela, para a consolar. Como ela já não conseguia adormecer, ficámos a ver filmes até o quarto assumir um tom azulado, começando a ser iluminado pelos primeiros raios de luz da manhã. E é claro que nada disto teve a ver com o que aconteceu mais tarde, mas a verdade é que desde essa noite passei a dar ainda mais valor aos momentos despreocupados.

Poucas horas antes do voo, eu brincava com as crianças no pátio. A Luise queria por força ser o Peter Pan, ao passo que o Vincent ia desempenhando diferentes papéis secundários. A casa na árvore recém-instalada era a baía dos piratas, defendida por mim, um ardiloso Capitão Gancho. Como espada, usava a bengala de mogno de Romanov: os meus filhos atacavam-me com ramos e é claro que me derrotavam após uma luta renhida, no fim da qual eu morria, agonizante.

– Morreu, morreu.

Corriam em meu redor, às gargalhadas, e iam-me picando na barriga com os paus.

Foi então que o meu irmão surgiu no pátio, com uma mala ao ombro. Viu-me ali a rebolar pelo chão e esboçou um sorriso.

– Temos de ir.

Uma curta viagem a Berlim, onde queríamos fazer uma surpresa ao Toni, pelo aniversário. Festejou-o num bar e pareceu muito satisfeito com a nossa

visita, mas foi com apreensão que me apercebi do débil estado de espírito dele. Já nada restava daquele entusiasmo arrebatador que antes irradiava, dava a impressão de ser infeliz e ter envelhecido. Também nessa noite a sua atenção se concentrou na Liz, que começou por se lhe dirigir num tom afetuoso, mas depois se foi sentar no bar a conversar com um homem que eu desconhecia. Vi que o Toni não parava de a procurar com o olhar e que mesmo aquela cara alegre que havia tratado de pôr foi pouco a pouco ficando menos convincente, até por fim ficar calado a um canto. O Marty e eu fomos ter com ele, mas não conseguimos animá-lo e, pouco depois, o Toni acabou por ir sozinho para casa.

Nessa noite ficámos bastante tempo na cozinha a conversar com a nossa irmã, que pareceu perceber aquilo em que estávamos a pensar.

– Bem, agora basta – disse a Liz por fim. – Como se eu tivesse algum prazer em vê-lo assim tão abatido.

– Não é isso – contestou o Marty. – Trata-se antes de andares a atormentá-lo há anos. Há muito que o Toni podia ter a sua própria família, ser feliz, mas tu não queres deixá-lo seguir em frente. Nunca lhe fechas a porta por completo, deixas sempre uma frincha entreaberta, para ele poder continuar a correr atrás de ti. No fundo, não aguentarias a ideia de ele, de repente, se afastar de vez.

– E que hei de eu fazer? Andar com ele simplesmente por ser *a coisa certa* a fazer?

– E porque não? Não acho que fosse uma má ideia.

– És doido. – A Liz fitou-o, incrédula, e a seguir olhou para mim. – E tu? Vês a coisa da mesma maneira?

– Bem, é verdade que contribuis para que ele não esteja noutra relação ou casado neste momento. Em vez disso, vive sozinho. – A Liz quis responder de imediato, mas fiz sinal para que esperasse. – Mas, mesmo que assim fosse, ele não seria feliz. Tal como, pelos vistos, tu não consegues sentir nada por ele, ele também não consegue deixar de te amar. A decisão é dele, o Toni não quer outra coisa, por isso não há lugar a arrependimentos.

A Liz ia roendo as unhas.

– Não posso escolher aquilo que sinto – disse, em voz baixa. – Mesmo que ele fosse a pessoa certa, a verdade é que não sinto amor por ele.

– Mas o amor é só uma palavra – argumentou o Marty. – O importante é que uma pessoa se sinta satisfeita.

A Liz soltou uma gargalhada.

– Isso é conversa mole. Eu cago-me para a satisfação, lamento. Quero agitação, desafios, expectativa. O Toni é um tipo fantástico e, para ser sincera, até consigo imaginar-me a envelhecer ao lado dele. Mas apenas enquanto amigo. É alguém por quem se sente afeição, mas não uma pessoa pela qual me pudesse apaixonar. Quero alguém que por vezes também me rejeite, alguém que me trate mal, por quem eu possa lutar.

– Como assim? Como pode alguém querer isso?

A Liz encolheu os ombros.

– Há mulheres para as quais a sensação de segurança e de proteção simplesmente não basta.

O Marty aproximou-se dela.

– Ah, como a minha mulher, por exemplo. Estou a ver, esse é um exemplo bestial, claro. Ela olha para mim, pensa «hum, este aqui tem potencial», e depois pendura-se em mim durante os vinte anos seguintes. Bem, na verdade talvez eu seja um pouco enfadonho, talvez não seja o melhor partido do mundo, mas sou simpático e abastado. E mesmo que, ainda adolescente, ela tenha desejado outra coisa, o certo é que sou bom o suficiente para casar. E, já agora, que bom que o marido pense da mesma maneira que ela e que se tenham os dois contentado com a mediania. É mais ou menos assim?

Instalou-se então um silêncio um pouco penoso, pois na verdade era mesmo aquilo que por vezes pensávamos da relação dele.

O meu irmão deve ter-se apercebido disso mesmo. Apressou-se a pegar na mala e dirigiu-se à porta.

– A avaliar pelo modo como pensas acerca das coisas em geral, vejo tudo mal parado para ti – disse ele para a nossa irmã. – É que, assim, vais ser infeliz a vida toda.

Saiu porta fora e desapareceu.

– Ao menos viverei a minha própria vida – respondeu a Liz, mas ele já não a ouviu.

Normalmente, a Alva ia para a biblioteca municipal trabalhar na tese, mas numa noite de finais de outono decidiu ficar em casa. Havia uma luz suave acesa no escritório, eu estava de pé junto da porta e observava-a. De súbito

tornou-se evidente a prega de pele entre as suas sobrancelhas, pôs-se a olhar para o infinito e, perdida em pensamentos, mordeu a ponta do dedo. Adorava vê-la assim, com aquele ar concentrado e aplicado. Há muito que me bastava ver a postura dos ombros dela para reconhecer que ela estava tensa; contudo, o modo como deixara a porta quase encostada revelava que lhe apetecia estar acompanhada. Existia entre nós uma familiaridade que parecia não ter fim; como dois espelhos que se refletissem um ao outro.

Cortei uma banana em duas metades, peguei no portátil e sentei-me na secretária diante da dela. Comemos a banana e batemos os teclados em silêncio; de vez em quando trocávamos um olhar por breves instantes. Nesses momentos, quando a Luise e o Vincent dormiam ali ao lado, sentia uma segurança que não experimentava desde a minha infância.

Veio-me então à memória o rapaz destemido e confiante que eu fora nesse tempo. No entanto, quando os meus pais morreram, ele ainda não era suficientemente forte, pelo que cedera a um outro aspeto da minha personalidade. Não sentia saudades dele. Só sentia, por vezes, falta da exuberância que amiúde me acometia quando eu tinha dez anos. Alguma vez viria a haver um acontecimento na minha vida que me catapultasse de volta a essa despreocupação enlevada e disparatada, nem que fosse por breves instantes?

– Estou a pensar numa coisa.

– Diz lá.

Fechei a tampa do portátil.

– Estava a pensar no que teria acontecido, se eu tivesse ido para França e decidido viver lá. Se tivesse tido um acidente. Se nunca nos tivéssemos visto. Houve tantas bifurcações na minha vida, tantas possibilidades de ter sido outra pessoa. – Dirigi um olhar à Alva. – Quero dizer, nunca te questionaste sobre que teria sido de ti se a tua irmã não tivesse desaparecido? Serias certamente diferente.

Ela pôs-se a pensar.

– Sim, de certeza.

– A questão reside antes em saber o que é que *não* seria diferente. O que será inalterável em ti? Aquilo que teria permanecido igual, quaisquer que fossem as voltas que a tua vida desse. Haverá em nós coisas que sobrevivam a tudo?

– E então?

Estava a pensar na Liz, que sempre fora inconstante e solitária, mesmo quando os nossos pais estavam vivos. Também o seu fascínio por rapazes parecia simplesmente parte integral da sua essência, como pareciam a sua propensão para vícios e dependências e o gosto por cantar e desenhar pequenas histórias. Era irrelevante que, durante anos, tivesse deixado de fazê-lo e se tivesse desviado do rumo. Fosse por a dada altura encontrar numa loja um livro infantil que a inspirasse ou por se entregar, com os irmãos, a uma *trip* de LSD – era indiferente o que o desencadeava –, o certo é que na sua vida haveria sempre um momento em que despertaria nela esse desejo de voltar a desenhar ou de se dedicar à música. E o Marty podia não se ter tornado médico nem investigador, mas o elemento inalterável, imutável, nele parecia ser aquela rara pulsão que lhe permitia alcançar qualquer objetivo. É provável que se tivesse doutorado igualmente noutras ciências, como a biologia ou a física.

– Não sei... – Olhei para a Alva. – E tu? Que achas?

– Hum... O Kierkegaard diz que «o ego tem de ser quebrado para se tornar ele mesmo».

– E isso quer dizer o quê?

Ela franziu a testa.

– Bem, que vimos ao mundo e somos influenciados pelo que nos rodeia, pelos pais, pelos golpes do destino, pela formação e por experiências aleatórias. A certa altura dizemos, como se fosse óbvio, «eu sou assim e assado», mas, ao dizê-lo, referimo-nos apenas à nossa superfície, ao nosso eu primário. – A Alva sentou-se em cima da minha secretária. – Para encontrarmos o nosso verdadeiro eu, é necessário questionar tudo aquilo com que nos cruzámos desde o nascimento. E perder também parte disso, pois é frequente que a aprendizagem do que realmente somos se faça pela experiência da dor... É nas fissuras que nos reconhecemos. – Ia baloiçando os pés no ar. – Por outro lado, não faço ideia do que teria acontecido se a minha vida tivesse sido diferente ou mais fácil. Por exemplo, não estou certa de que nos tivéssemos aproximado. Provavelmente, teria antes procurado um homem despreocupado, arrojado, menos pensativo. Contudo, tal como as coisas aconteceram, foste tu a pessoa certa. Tu e só tu.

– Isso é sincero, mas não deixa de magoar um bocadinho.

Deu-me um beijo terno na têmpora.

– E porque é que fui a pessoa certa? – perguntei.

– Porque entendes tudo.

Breves momentos de reflexão.

– E que mais? A minha belíssima aparência, a minha considerável inteligência... A minha modéstia?

– Talvez ainda a tua modéstia. – Pôs-se a examinar a minha cabeleira. – Ainda não tens um único cabelo branco. Como é que consegues?

Em vez de responder, estendi a mão e afaguei-lhe a face. A Alva fechou os olhos.

Pensei no casamento, celebrado havia uns anos. Na pequena festa no jardim de casa do meu irmão, decorado com lâmpões de papel, e no discurso que o pai dela fizera. Ele e a Alva davam-se de um modo bem peculiar. Embora a relação fosse bastante afetuosa e íntima, só raramente se viam. Em compensação, trocavam frequentemente correspondência, e o pai insistira em encarregar-se da organização do casamento.

– Ainda pensas muito na Phine?

Acenou com a cabeça.

– Acho que nunca deixarei de pensar.

A Alva suspirou, tirou os óculos e pôs-se a limpar as lentes. Estava pálida. Nas últimas semanas parecia cansada e tinha tido febre várias vezes.

Mandei-a fazer um intervalo e fui buscar uma garrafa de vinho à cozinha; ela pôs George Gershwin a tocar. Eu não tinha grande entusiasmo pela música dele; a Alva, pelo contrário, adorava o *seu* Gershwin – chamava-lhe sempre «o meu George». Antes, eu tinha medo de envelhecer, mas agora a noção de, daqui a quarenta anos, ainda estar a viver com ela tinha um quê de calmante. Vía-nos sentados ao lado um do outro, a ler, a conversar ou a jogar xadrez, por vezes a troçar um do outro e de seguida novamente a contemplar todo o património de recordações que tínhamos amealhado em conjunto. Imaginei o aspeto do rosto dela com rugas e como se vestiria quando tivesse setenta e muitos anos. Nesse preciso momento, apercebi-me de que tudo isso me seria indiferente, que a ideia de envelhecer já nada tinha que me metesse medo.

Mais tarde, fui ao quarto dos nossos filhos. Já estavam ambos a dormir e pus-me a ouvir a respiração suave deles. Comecei por me sentar na cama da Luise. Menina animada e alegre, quase presunçosa. Estava consciente do seu valor, sabia que todos nós a achávamos amorosa e que, por isso mesmo, lhe desculpávamos muita coisa. Continuava a gostar de receber miminhos

meus, mas entretanto já me tinha topado. Segura dos seus instintos, mostrava-se rebelde apenas comigo; à mãe, obedecia. Dei-lhe um beijo na testa e dirigi-me à cama do Vincent. Voltara a afastar a manta com as pernas durante o sono. Em geral mais absorto que a Luise, receava tudo o que fosse desconhecido. Era frequente ficar a fazer-me companhia quando eu trabalhava no escritório; ele apreciava aquele sossego e tranquilidade, brincava no chão com um camião ou punha-se a contar-me as histórias que a Alva lhe lera. Já em bebé fora assim tranquilo, mas porquê? Quando teria isso sido decidido?

Tapei-o, fui buscar uma cerveja à cozinha e dirigi-me à varanda. Uma suave brisa fresca afagou-me a cara, apercebi-me do aroma de folhas húmidas vindo do pátio. Bebi uns quantos goles e senti a calma da noite a fluir por mim, até de repente ser acometido por uma melancolia quase agradável.

Em janeiro de 2013 fui durante alguns dias a Berlim, para trabalhar com um dos nossos autores no seu manuscrito. Numa dessas noites encontrei-me com a Liz para jantar e, para meu espanto, ela foi acompanhada do Toni. Este falou com satisfação de um espetáculo de magia em Edimburgo, em que atuara como convidado, e deixou-me uma muito melhor impressão do que da última vez que o vira. Ele e a Liz não formavam nenhum casal, mas ela parecia lidar com o Toni de modo mais sério, sem o atormentar com os seus casos.

No voo de regresso, escurecia já quando o avião sobrevoava Munique, a paisagem desvanecendo-se numa penumbra povoada de sombras. Essa visão despertou em mim uma difusa sensação de inquietude, que no entanto desapareceu logo após a aterragem. No comboio, verifiquei o telemóvel. A Alva tinha tentado ligar várias vezes, sem no entanto ter deixado mensagem. Telefonei de volta, mas ela não atendeu.

Estou quase a chegar a casa, escrevi. Que se passa?

Ao entrar no apartamento, apercebi-me de que as crianças estavam a brigar. A Luise pegara numa girafa de peluche do Vincent e queria casá-la com um dos seus animais, coisa que ele não aceitava. Lutavam pela girafa e eu tive de intervir.

– Devolve-lha – tratei de dizer, assumindo o disfarce de pai severo, mas a Luise limitou-se a fugir a correr, e quando a chamei, ordenando-lhe que voltasse, riu-se de um modo tão descarado que quase não consegui deixar de rir.

Entretanto, o Vincent recuperou a girafa de peluche, mas a Luise já nem queria saber. Fora à casa da banho buscar uma escova do cabelo e andava por ali a cantar bem alto.

– É tão estúpida – disse o Vincent, batendo com a palma na própria testa.

Avisei-os de que deviam arranjar-se, pois não tardaríamos a ir jantar a casa do tio e da tia; já há muito tempo que isso estava combinado.

– Mas a mamã cancelou o jantar – informou Vincent.

– Porquê?

Encolheu os ombros. Só então me dei conta de que a Alva não estava em casa. Fui ao quarto, em busca de um indício do seu paradeiro ou um bilhete, mas não encontrei nada. Quando voltei a ligar-lhe, percebi que tinha deixado o telemóvel pousado na mesa de cabeceira.

– A mamã quis sair um instante – ouvi a Luise dizer, atrás de mim.

Virei-me para ela.

– Quando?

– Pouco antes de tu chegares.

– Ela disse onde ia ou quando voltava?

A Luise abanou a cabeça.

– Não, disse só que estavas quase a chegar e que devias ir fazendo o jantar.

Comecei a ficar nervoso. Deixar as crianças sozinhas não era típico da Alva, mesmo que durante poucos minutos. A seguir, tratei de me convencer que estava a preocupar-me sem razão; o mais provável era que tivesse ido num instante à biblioteca municipal ou fazer umas fotocópias para a tese. Fiz o jantar para os miúdos, brinquei com eles o jogo das serpentes e das escadas e pu-los na cama. Só quando, por fim, me sentei sozinho na sala e o silêncio em que o apartamento estava mergulhado se tornou opressivo é que voltei a ser assaltado pelo desassossego. Entretanto, a biblioteca estaria encerrada. Liguei para o Marty e a Elena, mas eles não sabiam de nada. Por momentos, pensei em ligar à Polícia, mas decidi esperar.

Olhei para o telemóvel, bebi duas garrafas de cerveja, olhei para o telemóvel, dei uma volta ao quarteirão, olhei para o telemóvel, fiquei

sentado bastante tempo e com um frio de rachar nos poucos degraus diante da porta do nosso prédio, à espera que a Alva aparecesse. Duas horas, três horas, quatro horas da manhã. Fui fazer um café bem forte e tentei distrair-me. Fui fazendo *zapping*, avançando ao acaso pelos canais da televisão, e depois comecei a ler *Un amour de Swann*, o livro preferido da minha mãe. No entanto, os olhos iam-se-me fechando enquanto lia, de tão cansado que estava.

Precisamente quando me ia deitar para descansar um pouco, ouvi a chave a rodar na fechadura. O mais puro alívio. Corri para a porta. A Alva estava realmente de volta, mas via-se-lhe nos olhos, que exibiam uma espécie de brilho negro, que estivera a chorar. Pareceu-me alterada, como uma criatura da noite que acabara de regressar à sua forma humana.

– Onde estiveste?

Pendurou o casaco em cima da cadeira, sem responder.

– Caramba, diz-me, onde estiveste?

– Precisei de passar um tempo sozinha.

Eu precisava de uma desculpa melhor que aquela. Ou de uma justificação lógica para o seu desaparecimento. Qualquer coisa que me apaziguasse, não aquilo.

– Foste novamente vaguear por aí? Voltaste a isso? – Estava mesmo em frente dela e percebi que não estava a conseguir controlar-me. – Tens filhos, caramba. Como podes simplesmente desaparecer e pregar-nos um susto destes?

Fitou-me, os olhos ainda com o tal brilho negro. Ao mesmo tempo, percebi que se sentia intimidada pela fúria com que eu falava.

– Cheguei a ter medo que nunca mais voltasses. – Desatei a tremer, tal a tensão acumulada. – Sabes que podes falar comigo, seja qual for o assunto. Quero dizer, és capaz de imaginar o que nós...

– Tenho cancro.

Passou um segundo, a seguir dei um passo atrás, cambaleando, como se uma mão invisível me tivesse aplicado um murro. Aquelas duas palavras tão simples desencadearam em mim um impulso tão arcaico que, por momentos, não consegui dizer nada. Fiquei incapaz de sentir fosse o que fosse. Fiquei sem saber o que haveria de dizer ou fazer.

– Tentei ligar-te – disse a Alva, quebrando o silêncio. – Várias vezes. Às tantas tive mesmo de sair. Lamento, não devia tê-lo feito.

Senti-me tolhido por um formigueiro que tomou conta de mim. Atravessou-me o peito, os braços e as pernas, por breves instantes pareceu-me que ia começar a pairar para longe.

– Que tipo de cancro? – acabei por perguntar. Era como se alguém tivesse rodado o botão para o volume da minha voz soar no mínimo.

– Leucemia.

– De certeza? Como é que sabes?

– Fui ao médico na semana passada, quando estavas em Berlim. Tive novamente febre, mas já antes me andava a sentir mal. Fizeram-me vários exames, só que não quis dizer-te nada, para não te preocupares. Hoje chegou a confirmação.

Apercebi-me de que me tinha sentado. Quando senti a mão da Alva na nuca, estremeci involuntariamente, de tal modo que ela voltou a retirá-la.

– Olha para mim – disse ela.

Em silêncio, ergui a cabeça.

– Vou sobreviver a isto, Jules. Tenho a certeza. – Soou-me surpreendentemente calma. – Vou sobreviver.

Fitei-a nos olhos e acreditei em cada palavra.

*

O prognóstico da Alva não era muito bom, mas tinham-lhe dito que tinha hipóteses bem reais de vencer o cancro no sangue. Começou de imediato a fazer quimioterapia e teve de passar umas semanas no hospital, para os primeiros tratamentos. Recebia a medicação por via intravenosa. *Citostáticos*: outra palavra para esperança. Outra palavra para veneno.

Uma realidade nova, hiper-real, quase impossível de suportar com clareza de espírito. Sentia-me como que envolto por uma névoa, um fantasma emudecido sentado junto à sua cama no hospital, a velar por ela. No entanto, mesmo quando lhe caiu o cabelo, a Alva não se deixou ir abaixo. Recebia as dolorosas injeções e aguentava náuseas infinitas, por vezes chegava a fazer piadas a respeito daquilo. Disse às crianças que não era nada de muito sério e que não tardaria a estar novamente boa. Tentei fazer o mesmo. Confiança, confiança. Uma única vez, escapou-se-me que o destino estava de novo contra nós, mas a Alva interrompeu-me de imediato.

– Não quero ouvir nada disso – disse ela, de modo enfático. De seguida, num tom mais amistoso: – Quando voltar a sentir-me bem, logo poderás lamuriar-te.

Fiz que sim com a cabeça. Estávamos no quarto, em casa; pela primeira vez, pôde sair do hospital durante alguns dias. Na rádio tocava uma *chanson*. Eu ainda devia ter um ar bastante desanimado, pois ela pegou-me na mão e deu alguns passos de dança. Foi uma surpresa para mim; nunca a vira dançar desde que a conhecia, tirando uns passos inseguros aquando do nosso casamento.

Movemo-nos ao som da música, num abraço bem apertado, mas devagar, uma vez que a Alva ainda se encontrava fraca. Tinha os olhos fechados. Pareceu-me naquele momento inconcebível que a vida daquela pessoa que me era tão próxima e tão familiar, cuja respiração, cujo calor, cuja comoção eu sentia, pudesse estar em perigo.

– Onde estás agora? – perguntei-lhe.

– Estou aqui mesmo – respondeu, os olhos ainda fechados –, a dançar contigo e a tentar não pensar em mais nada.

– Não é estranho que nunca tenhamos dançado?

– Não gosto lá muito, como talvez já tenhas percebido.

As paredes do quarto afastaram-se e desintegraram-se, a nossa pele alisou-se, estávamos de volta ao internato. Tínhamos dezanove anos, havíamos fugido da chuva para o meu quarto, onde nos embebedámos com *gin* e eu...

– Ainda te lembras de quando te convidei para dançar?

– Nunca fizeste tal coisa.

– Claro que fiz. Até pus a tocar uma canção que a minha mãe me disse poder ajudar-me a conquistar qualquer mulher. Só que tu simplesmente não quiseste dançar comigo. E então, claro, pensei que não me querias.

A Alva fez uma careta.

– Era a paixão *dela*, percebes? Não a minha. Ela era a mais talentosa de nós duas, desde criança que tinha aulas de *ballet* quase todos os dias, e depois de ter desaparecido, eu não queria nem ouvir falar de dança. Lembrava-me demasiado dela.

Foi como se um vento gélido me atravessasse os ossos.

– Se ao menos eu o soubesse... – disse eu, mais para mim do que para ela.

Durante algum tempo, continuávamos a dançar, sem dizer palavra, ao som da música. Inalei o aroma familiar do perfume da Alva, sândalo e gardénias.

– Conta-me uma coisa bonita a respeito da tua irmã – pedi-lhe. – Quando penso na Phine, só me ocorre que a única coisa que encontraram foi o casaco. Conta-me qualquer coisa para que eu tenha uma imagem diferente dela.

A Alva pôs-se a pensar.

– A Phine era muito animada, quase irrequieta – disse. – E adorava ópera. Ainda em criança, fartava-se de ouvir Mozart. Uma vez, fomos assistir a uma representação da *Flauta Mágica* e ela ficou tão excitada que hiperventilou durante o espetáculo. Teve de ser levada do teatro por um médico que estava na sala. – Desatou a rir. – Éramos com frequência petulantes quando brincávamos juntas. Antes de adormecer, tínhamos um ritual. Quando a nossa mãe nos dava as boas-noites, eu e a Phine fazíamos duas cambalhotas nas nossas camas. Uma para a frente e outra para trás, só depois é que a nossa mãe apagava a luz.

A Alva abanou a cabeça, mas percebi que lhe agradava a imagem que resgatara de entre as ruínas.

Nessa altura, fiz o que podia pela Alva, tratei dela, tentei satisfazer-lhe todo e qualquer desejo, mal saía do seu lado e, ainda assim, sentia-me inútil. Ajudou um pouco o meu irmão vir a nossa casa quase todos os dias. Também a Elena vinha quase todas as noites diretamente do consultório ao nosso apartamento. O seu temperamento suave permitiu que todos nós mantivéssemos a calma.

A primeira fase do tratamento, mais agressiva, estava entretanto terminada; começou então a terapêutica de consolidação, que durou meses. No intervalo entre cada ciclo de quimioterapia, a Alva podia voltar a casa algumas semanas, para recuperar. Por vezes, tal era o cansaço, ficava a dormir até à noite; nos dias bons costumava ir para o pátio, que quase se transformara numa espécie de jardim. Eu gostava de ficar na varanda, a vê-la lá em baixo, ajoelhada no chão, enquanto revolia a terra ou plantava qualquer coisa. Do que mais gostava era do momento em que, depois de realizado o trabalho, ela se punha a admirar a sua obra. A maioria das vezes, passava o punho na testa, para limpar o suor, ou esfregava as mãos, mas acima de tudo dava a impressão de estar *satisfeita*.

Por altura do verão, continuávamos sem ter um prognóstico claro. Entretanto, já só pensávamos em valores de células blásticas e de leucócitos, por isso, para nos distrairmos, viajámos até Berdillac. A Alva ficou muito contente com a viagem; a primeira coisa que quis fazer foi tomar banho no mar.

– Preparem-se! – exclamou em tom alegre para as crianças, antes de subir para ir buscar as suas coisas.

Tratei de sentar o Vincent e a Luise no carro e apertar os cintos, de seguida voltei a entrar em casa. Ao passar pela casa de banho, avistei o rosto da Alva no espelho. Nunca vira nela aquela expressão. Nem mesmo quando me falara pela primeira vez da irmã. Torcia os lábios, lágrimas corriam-lhe pelas faces. O que lhe vi no rosto foi a mais pura expressão de medo.

Quando se deu conta da minha presença, limpou os olhos.

– Acabo de ter a sensação de que não vou conseguir. – A Alva tirou a peruca. – E se daqui a pouco tempo já cá não estiver? Nem sequer consigo imaginá-lo. – Observou a sua cabeça calva ao espelho. – Isto não sou eu, Jules. ISTO NÃO SOU MESMO EU! – gritou de repente, fazendo-me estremecer.

A seguir deixou-se cair no chão de ladrilho da casa de banho.

– Eles ainda só têm seis anos – disse ela, baixinho. – São demasiado novos.

Em setembro, as crianças começaram a escola. Senti-me como dantes, quando pouco faltava para a Alva atingir a puberdade e me apercebi de que, a partir de então, passaria a ter de a partilhar com o mundo. Para ela, por seu lado, era simplesmente desagradável ter de ir levar as crianças.

– Fico horrorosa com a peruca – disse. – Toda a gente vai olhar para mim.

– Disparate, fica-te ótima.

Ela suspirou.

– Jules, nunca foste bom a mentir, mas acabaste de te exceder nessa tua incapacidade.

Não obstante, acompanhou-nos no primeiro dia de escola.

Enquanto a Luise ansiava desvairadamente por tudo e todos, o Vincent permanecia cético.

– Não posso ficar mais um ano no jardim-infantil? – perguntou-me.

– Não queres aprender coisas novas?

– Sim, claro. Mas lá era tão bom.

– Na escola também vai ser bom.

De novo aqueles olhos grandes e incrédulos.

– Eu cá acho uma maravilha – declarou a Luise.

– Eu cá acho uma maravilha – imitou-a o Vincent.

Embora fossem gémeos, pouco tinham em comum. A Luise continuava a ser mais animada, mais irrequieta, quase rebelde. Com um entusiasmo que me fazia lembrar a Liz em pequena, ansiava por demonstrar aos outros miúdos da turma que já era capaz de ler e escrever. Também o Vincent conseguia já ler algumas palavras, mas a sua autoconfiança era bastante frágil. A doença da mãe tornara-o ainda mais desconfiado e solitário. Já só raramente me contava o que lhe passava pela cabeça e isolava-se cada vez mais. Só perdia a timidez quando jogava futebol. Às vezes, jogava com ele e a Luise no pátio, e então lembrei-me do meu pai, como chutava a bola no Jardim Inglês e, enquanto líbero, driblava e avançava com movimentos elegantes. Pus-me a imaginar como seria ele a jogar com os meus filhos, um homem já com setenta anos e provavelmente algumas rugas, e esse tornou-se um daqueles momentos em que senti que ele me fazia bastante falta.

Pela primeira vez desde há anos, a Alva e eu passámos a ficar sozinhos durante as manhãs. De início mal sabíamos o que fazer com o tempo livre, mas não tardámos a apreciar poder tomar demoradamente o pequeno-almoço na varanda, discutir artigos de jornal e ficar a ouvir música. A seguir, eu pegava em alguns manuscritos e punha-me a trabalhar no quarto, para lhe fazer companhia. Quando se sentia cansada, a Alva ficava na cama, por vezes sentava-se em cima da cómoda a ler um livro, com as costas apoiadas na parede. O seu lugar favorito. Continuava a ser aquela estranha criatura, semelhante a um gato, que evitava cadeiras e sofás e preferia sentar-se em nichos, bancadas ou mesas.

Se ela se sentisse melhor, dávamos passeios mais longos.

– Sinto falta da universidade – disse-me certa vez, em voz baixa, enquanto me pousava a mão no braço. – Acho que é uma pena nunca ter podido partilhar isso contigo. Essa sensação de levar a sério o intelecto, de aprender qualquer coisa, é tão...

Descreveu um gesto largo com a mão, por não lhe ocorrer a palavra certa.

– Jules, gostava que no próximo ano, quando eu me sentir melhor, te inscrevesse comigo num curso qualquer. Sei que te estou a chantagear um pouco, mas para alguma coisa boa a doença terá de servir...

O outono cobrira o Jardim Inglês com um tapete de folhas. Um cisne saiu do lago e avançou, desajeitado, na nossa direção. A Alva deu-me uma pancada no braço.

– Que é que desejarias para ti no próximo ano? Que gostarias de fazer, se pudesses escolher com toda a liberdade?

– Andar de moto – respondi, sem pensar.

– A sério?

– Desde miúdo que gostaria de o fazer. Sempre invejei o Toni, quando ele andava e dizia que aquilo é um pouco como voar. Tenho a certeza que ele exagerou imenso, mas gostava de descobrir por mim mesmo.

– E porque é que não o fazes?

– Enfim... Podia acontecer qualquer coisa.

– Há milhões de pessoas a andar de moto e não lhes acontece nada.

– Questão de sorte.

– Talvez... – limitou-se ela a dizer. – Mas porque não haverias tu de a ter?

Mais tarde, quando estávamos na cozinha a preparar o almoço, o telemóvel da Alva desatou a vibrar. Após uma breve hesitação, ela atendeu. Trocámos um olhar.

– O hospital – murmurou.

A minha pulsação disparou de imediato. Pousei a colher de pau e pus-me a andar nervosamente de um lado para o outro, sempre observando o rosto da Alva, à procura de quaisquer sinais que me indicassem se se tratava de uma boa ou má notícia. Porque estava aquilo a demorar tanto tempo? Por breves instantes, ela fechou os olhos, o que me precipitou no mais profundo desespero, mas logo de seguida voltou, já concentrada, a escutar o que lhe diziam.

De repente, fui atravessado por uma espécie de fluxo quente, uma sensação quase eletrizante. Primeiro, não consegui entender porquê. A seguir, percebi que a Alva estava a sorrir. Ia acenando com a cabeça, tinha um sorriso radiante e avassalador.

– Sim, claro – estava ela a dizer, quando me agarrou com força na camisa.

Puxou-me para si, quis que eu ouvisse também, mas entretanto já o telefonema terminara. Então, tudo aconteceu muito depressa, ela pousou o

telemóvel, abraçámo-nos, ouvi-me exclamar qualquer coisa que eu mesmo mal consegui entender, a seguir voltei a pressioná-la contra o meu peito. Senti que toda ela estremecia.

O médico comunicara-lhe que o cancro desaparecera por completo. Aconselhou-lhe que se poupasse às canseiras e aos riscos de um transplante de medula óssea e, em vez disso, começasse de imediato com a terapêutica de manutenção.

Eu quis ouvir a notícia repetidamente, ouvi-la por outras palavras, e depois outra vez, e outra vez. Telefonei ao Marty e à Elena, a seguir à Liz e ao Toni, que estava no metro e não conseguiu perceber nada do que eu disse. E essa foi a parte melhor, pois tive oportunidade de berrar:

– Disse que a Alva venceu o cancro!

No entanto, a verdadeira satisfação não resultou dessa primeira alegria esfuziante, mas antes do abafado e profundo alívio que se lhe seguiu. De tarde, fomos com as crianças ao parque e jogámos futebol. Ficámos lá até anoitecer, a dar pontapés na bola, sentados nos baloiços do parque infantil, a agitar as pernas no ar, para trás e para a frente, a comer batatas fritas de uma banca próxima e a conversar, todos com aquele brilho nos olhos. Nenhum de nós queria voltar para casa e tão cedo dar aquele momento mágico por terminado.

À noite, deitados na cama, nem a Alva nem eu conseguíamos adormecer. A euforia manteve-nos bem acordados. A pedido dela, fui à estação de serviço mais próxima comprar o seu gelado favorito: baunilha com pedaços de biscoito. Quando regressava, comecei por caminhar normalmente, depois acelerei o passo, até por fim correr, com o saco na mão, nos últimos metros antes da porta de casa. Não pude deixar de desatar a rir.

Enquanto comemos o gelado, forjámos planos para o futuro. Nos últimos meses, nunca tínhamos pensado para lá do telefonema seguinte que chegaria do hospital, mas eis que o horizonte se alargava diante de nós. Começámos a conversar sobre o que secretamente desejávamos, sobre possíveis viagens ou o que gostaríamos de fazer com o Vincent e a Luise, quando eles fossem mais velhos.

– Vá, admite, sempre soubeste que a coisa ia correr bem – desafiei-a, enquanto afagava as duas pequenas cicatrizes no seu pescoço.

– Claro que sim. Afinal de contas, é um...

– Jogo de soma zero, eu sei.

– Além disso, não podia deixar-te sozinho com as crianças. Nem seria mau para mim, mas pobres crianças.

Conversámos sobre como seria se eu tivesse de educar os gémeos sozinho e imaginámos o pior dos cenários. A Luise como uma miúda *punk*, drogada e com uma crista na cabeça, a tocar baixo numa banda terrivelmente reles, prestes a ser expulsa da escola. E o Vincent como um solitário de tendências esotéricas, que se juntava a uma seita duvidosa e que, juntamente com os seus recém-encontrados amigos, desaparecia para sempre na vastidão do Canadá.

– Uma seita? Mas conseguiria eu ser um pai assim tão mau?

– Bem, talvez assim tão mau também não.

– Eles nunca me obedecem, só a ti. Como consegues?

Ela encolheu os ombros.

– Forte no ovo – disse eu, baixinho.

Quando a Alva adormeceu, permaneci acordado a observá-la. Lá fora chovia, as gotas martelavam contra a janela, mas ela transmitia a impressão de estar em paz, o sono parecia ter-lhe apagado todos os pensamentos sombrios. Virou-se para mim; o seu braço repousava no meu peito. Segurei-o. Fui sendo dominado por sucessivas vagas de cansaço, mas ainda assim teimava em ficar a olhar para ela, até me encontrar num sonho em que andava a passear com o cão do meu irmão por um bosque interminável.

Quando o inverno chegou, o cabelo da Alva voltara a crescer um bom bocado. Passámos o Natal na casa do meu irmão, que tinha bastante espaço para esse tipo de ocasiões. Uma construção moderna, rodeada por sebes densas, isolada no meio de um terreno de tamanho considerável. A casa ideal para o malfeitor de um filme, com inúmeros quartos desnecessários, um jardim enorme e *gadgets* tecnológicos como um frigorífico com ligação à Internet e uma tela de projeção de vídeo que subia e descia sozinha.

– O Marty é o conquistador do inútil – dissera certa vez a minha irmã.

Viera toda a gente, mesmo o pai da Alva, um homem pequeno e musculoso, de aspeto um pouco estranho, com nariz romano e traços melancólicos em redor da boca, que não pareciam combinar com a sua atitude de resto alegre. Tinha um olhar firme, a sua pele apresentava-se curtida pelo sol, das muitas expedições de montanhismo nos Alpes.

Começou por abraçar a Alva demoradamente, de seguida pegou nos nossos filhos ao colo. Fez-lhes muitas perguntas e nenhum dos dois saiu de junto dele durante toda a noite.

Cantámos todos juntos. Embora a Liz tivesse tocado guitarra, recusou-se, como sempre, a interpretar *Moon River*.

– Só volto a cantar essa canção parva quando eu própria tiver filhos.

– Bem, então nunca mais – concluiu o Marty.

A Liz lançou-lhe um olhar repreensivo.

Por fim, os miúdos puderam desembulhar os presentes – livros e legos de nós, os pais, roupa da Elena, videojogos do Toni e do Marty e uma caixa de aguarelas da Liz. Os adultos, sentados à mesa grande da sala de estar, ficaram a vê-los. Tínhamos tido um ano difícil, por isso foi tanto mais agradável estar ali sentados e poder encarar o que se passara como um pesadelo.

O meu irmão estava junto do Toni, diante da aparelhagem de música, e discutiam quem haveria de escolher o que se ouviria a seguir. Regressou para junto da mesa a abanar a cabeça.

– De hoje em diante, fica perfeitamente e definitivamente claro que o Toni não percebe nada de música.

– Não acredites no que ele diz! – exclamou o Toni. – No internato passou anos seguidos a ouvir *black metal*, fiquei marcado para toda a vida.

Como sempre acontecia de cada vez que se reencontravam, ficavam tão entusiasmados que começavam por se arreliar um ao outro, até por fim se sentarem e, com fraterna cumplicidade, passarem as horas seguintes a conversar.

A Liz, pelo contrário, mantivera-se a noite toda bastante reservada. No seu rosto, outrora imaculado, haviam-se entretanto instalado as primeiras pequenas rugas. Não se notava quando ela sorria, mas quando adotava um ar sério dava a impressão de estar amargurada. Embora já não tomasse drogas, eu sabia que ela continuava a beber demasiado, o copo de vinho tinto fazia tão parte dela como os seus cabelos louros. A minha irmã tinha agora quarenta e quatro anos e nada parecia ter para enfrentar o envelhecimento. Sempre se limitara a apreciar o momento, na sua vida sempre largara tudo passado algum tempo, para poder ser livre, e agora quase nada tinha de seu.

Quando lhe perguntei pelo trabalho, fez uma careta.

– Vou ficando cada vez mais velha, mas eles têm sempre dezassete anos. Vão ter sempre a vida inteira diante deles, ao passo que eu a tenho cada vez mais atrás de mim.

Estávamos os dois sentados na cozinha, já era tarde. A Liz contou-me que acabara de se separar do namorado, um jornalista. Não resultara, uma vez mais. Passou os dedos pelas mossas da orla da mesa e, de repente, apercebi-me de que toda a confiança no futuro lhe desaparecera do rosto. A sua boca estremeceu, tentou disfarçá-lo, mas o estremecimento voltou. Por fim, postou-se atrás de mim e, à semelhança do que fazia quando era criança, colocou os braços em redor do meu corpo. Agarrei-lhe nos braços e pensei num barco que há muito fora empurrado ligeiramente para longe da margem. Ao longo de todos esses anos, nunca nada se tinha oposto a esse pequeno impulso inicial, pelo que o barco se foi afastando, cada vez mais, sozinho e à deriva, rumo ao mar...

– Não sei – disse eu. – Por uma vez na vida, talvez devesse agarrar-te a qualquer coisa até ao fim, ao invés de tratar logo de passar à próxima.

– Sabia que ias dizer isso. – Largou-me. – Mas não serve de nada viver assim. Tudo passa tão depressa e não se consegue agarrar nada. Apenas se consegue *ser*.

Voltou a lançar-me aquele olhar, o *seu* olhar, e desta vez não desviei o meu, pois, entretanto, sabia ao que ela se referia.

No início do novo ano, inscrevi o Vincent num clube de futebol. A sua reação foi de pânico; a Luise, pelo contrário, achou que era uma injustiça, porque também queria fazer parte da equipa. No entanto, era importante para mim que o Vincent tivesse alguma coisa que fosse só dele e em que a irmã, tão dotada para tanta coisa, não pudesse superá-lo. Além disso, queria que o meu filho aprendesse a jogar numa equipa, e que não andasse mais tarde a correr sozinho na pista dos cem metros, a lutar contra si mesmo e contra o tempo.

Pouco a pouco, os momentos sombrios do ano transato resumavam e abandonavam-nos. Entretanto, eu via diariamente a Alva de novo sentada diante do seu portátil no escritório, a trabalhar na tese de doutoramento. Continuava a ameaçar que ia procurar cursos que pudéssemos frequentar juntos no semestre seguinte.

– A menos que *finalmente* me entregues alguma coisa do teu romance para eu ler.

– Ainda não cheguei a esse ponto. Mas hás de lê-lo, está prometido.

– Foi o que o Sacha sempre disse, e no fim não me entregou nada.

Entretanto, os nossos filhos haviam-se habituado à escola. Durante o dia tinham a sua própria vida, da qual eu ouvia falar, mas a que não assistia. Certa dia, à refeição, o Vincent contou que um professor lhes falara de «Muhma Dali». Quando perguntei do que se tratava, respondeu-me que tinha sido um jogador de boxe.

– Queres dizer Muhammad Ali! – exclamei. – Foi o melhor pugilista de todos os tempos.

O Vincent olhou para mim com uma expressão que soava a «se tu o dizes...». A minha filha também não fez o mínimo esforço por esconder o desinteresse.

– O Ali era fabuloso. Portava-se sempre como um fanfarrão. Escutem só. – Levantei-me da cadeira e, de olhos muito arregalados, desatei a gritar: – Sou o maior. A semana passada lutei com uma baleia. Assassinei um rochedo, feri uma pedra, mandei um tijolo para o hospital. Sou tão bera que até a medicina fica doente. Voar como uma borboleta, picar como uma abelha.

Pus-me a dançaricar de um lado para o outro da sala de jantar. Os miúdos ficaram a olhar, estupefactos, para aquele inesperado acesso do pai.

– E o Ali ofendia sempre os adversários. Fazia assim... – Cheguei-me perto da Luise, com atitude provocadora. – És tão feia que, quando choras, as tuas lágrimas te fogem para a nuca. – Ela desatou a rir. Dei uns quantos golpes meio apatetados no ar e dirigi-me ao Vincent. – E até aposto que morres de medo quando te vês ao espelho. És um urso feioso!

Tentei repetir o jogo de pés do Ali, aquela dança rápida no mesmo sítio, mas já não me saí lá muito bem. Não tardei a ficar ofegante, mas nem por isso parei. Os miúdos riam às gargalhadas, mas, uma vez que a Alva se limitava a abanar a cabeça, pus-me a dançaricar diante dela, até também ela desatar por fim a rir.

No fim de fevereiro, fui buscar o Marty à universidade para ir almoçar com ele. Quando o vi sair do edifício, vinha a discutir com um grupo de

estudantes, alguns dos quais teriam apenas metade da sua idade. Admirei o bom gosto com que, ao contrário dos tempos de juventude, o meu irmão se apresentava! Usava um fato cinzento elegante, com uma camisa azul, sapatos clássicos castanho-claros e, talvez para esconder a queda de cabelo, uma boina. Ouvia Springsteen, Talking Heads e Van Zandt, usava uns óculos que mal se dava por eles e transmitia a impressão de ser alguém em quem se podia confiar completamente.

– Que estavas a discutir com os alunos?

O Marty abriu a porta do restaurante.

– Ah, um deles perguntou no fim da aula se o livre-arbítrio existe.

– E então?

– Naturalmente, tem de existir. Mas a questão, em si, é menos importante que a atitude face a ela. Mesmo que a investigação sobre o cérebro conseguisse demonstrar que nunca temos conscientemente possibilidade de escolha, eu não o aceitaria. – Sorriu. – Mesmo que o livre-arbítrio fosse uma ilusão, continuaria a ser tudo o que tenho.

Quis responder-lhe, mas nesse preciso momento o meu telemóvel tocou. A Alva.

– Volta depressa para casa, por favor – pediu ela.

Senti um forte aperto no peito. Por uma qualquer razão, pensei de imediato no Vincent. Se tivesse acontecido alguma coisa, seria com ele.

– Passa-se alguma coisa com as crianças? – perguntei, ao chegar a casa. – O Vincent magoou-se?

– Não.

Senti alívio. Aproximei-me dela.

– Então, que se passa?

A Alva sorriu, mas não era um sorriso de verdade. Os olhos dela brilharam, de seguida desviou o olhar e foi em silêncio que me deixei cair sobre a cama, ao lado dela.

A vida não é um jogo de soma zero. Não deve nada a ninguém, e as coisas acontecem como acontecem. Por vezes de um modo justo e que faz sentido, por vezes de modo tão injusto, que se duvida de tudo. Arranquei a máscara do rosto do destino e por baixo encontrei apenas o acaso.

Desde que soubera que a doença da Alva voltara, limitava-me a arrastar-me pelos dias. O cancro espalhara-se, haviam-se formado metástases no fígado e no baço. Os médicos administraram-lhe tanto quimioterapia como radioterapia, em doses mais elevadas. Eram bombeadas quantidades imensas de substâncias tóxicas para o seu interior e, uma vez mais, se punha a questão de saber quem afinal se matava, se o cancro, se ela.

Durante esses dias, a Elena e o meu irmão mudaram-se para nossa casa e ocupávamo-nos os três das crianças. O Marty brincava com os dois, a Elena lia-lhes histórias à noite e, de manhã, antes de ir trabalhar, levava-os à escola, quando eu estava já a caminho do hospital. Esforçávamo-nos todos por irradiar otimismo, mas foi o Vincent o primeiro a aperceber-se do que se passava.

– Ela vai morrer? – perguntou.

Olhei para ele, estupefacto.

– Não, claro que não.

– Porque é que passa tanto tempo longe?

– Para poderem tratar melhor dela. A tua mãe é invencível, não te preocupes. Da última vez ela voltou a ficar bem, não foi?

A resposta pareceu acalmá-lo. Embora a Luise desse a impressão de ser um pouco mais confiante e esperançosa do que o irmão, sempre que podia ia visitar a Alva ao hospital e esgueirava-se para junto dela, dentro da cama. Ainda hoje vejo a Luise deitada ao lado da mãe, sem que nenhuma das duas diga o que quer que seja, uma por fraqueza, a outra por medo.

– Fazemos tudo o que for necessário – disse-me a Elena, vezes sem conta.

– Não precisas de te preocupar com as crianças.

– Obrigado.

– E quando quiseses conversar...

– Eu sei.

Até então, sempre pudera confiar no facto de a Alva não abandonar a esperança e seguir em frente, mas senti que ela não contara de todo sofrer uma recidiva tão cedo. Quis mostrar-lhe um exemplo, e por fim telefonei ao Toni.

Passado um mês, era entretanto maio, subi as escadas do hospital a correr e entrei de rompante no quarto da Alva. Ela estava a dormir, em cima da cama havia os livros que consultava para a tese. A primavera fora até então

arreatadoramente bela e também nesse dia o Sol brilhava radioso, aquele pequeno espaço quase parecia explodir de toda a luz que o inundava.

– Consegues levantar-te?

Conduzi a Alva até à janela e apontei para a moto que estava lá em baixo, no parque de estacionamento. Começou por olhar para a moto, depois para mim.

– Mas sempre tiveste demasiado medo.

– Agora acabou-se – afirmei. – Já não tenho medo.

Deu-me um beijo demorado e abraçou-me. Numa das mãos eu segurava ainda o capacete, que lancei para cima da cama. A seguir percebi que a Alva estava a chorar. Sem dizer palavra, voltei a abraçá-la.

– Mas eu tenho medo – segredou-me ela ao ouvido, como se me revelasse um segredo. – A quimio não está a dar resultado.

– Vão ter de aumentar a dose ou experimentar outra substância.

– Já passo aqui o tempo quase todo.

Precisou de algum tempo até conseguir acalmar-se, mas depois contei-lhe das lições de condução que tivera em segredo e de como o Toni me aconselhara aquando da compra da moto. Era sempre bom poder contar qualquer coisa à Alva. O olhar dela concentrava-se no meu, inclinava-se para a frente, sem se dar conta segurava no meu cotovelo e entregava-se por completo à curiosidade. Também nunca adormecia quando víamos filmes, mesmo quando estava exausta; queria sempre saber como a história acabava.

– Quando puderes sair novamente, levo-te a dar uma volta comigo de moto.

Olhou para mim com um ar cético.

– Mas sabes andar bem naquilo?

– Bem, consegui chegar aqui sem ter nenhum acidente...

Deitámo-nos na cama dela, que na verdade era demasiado estreita para ambos.

A Alva aninhou-se em mim.

– Gosto de estar aqui deitada contigo. – Os dedos dela iam-me afagando o queixo, a boca, passeavam-se pelas minhas sobrancelhas e têmporas. – Sabes que gosto muito das tuas orelhas pequeninas?

– Já me tinha dado conta disso.

– As tuas orelhas pequeninas são o melhor que tens.

Observou-me demoradamente, como se fosse a primeira vez que olhasse para mim assim de modo consciente. Por fim, tocou-me nos cabelos.

– Tão grisalhos... – comentou e, depois, não disse mais nada.

A minha irmã veio algumas vezes de visita aos fins de semana, tomava conta das crianças ou ia passear comigo e, obviamente, também passava pelo hospital para ver a Alva. No entanto, percebi que aquilo não lhe era fácil. A profissão aborrecia-a e debatia-se cada vez mais com a ideia de nunca vir a ter filhos. Certa noite, vimos na televisão um documentário sobre a Índia, e a Liz referiu que nunca lá tinha estado. Soou assim dito de passagem, mas vi a vontade de viver que lhe recrudescera nos olhos; soube então que ela não tardaria a *fazer* qualquer coisa. Quando desligámos o televisor, ela abraçou-me, num gesto consolador. Ou eu a ela, não ficou claro.

Entretanto, eu trabalhava sobretudo de noite, uma vez que, assim como assim, mal conseguia dormir. Disse aos médicos que deviam ser honestos comigo, mas eles tranquilizaram-me. Não havia ainda razão para perder a esperança. Foi o suficiente para eu conseguir continuar. Todas as manhãs corria pelo parque, frequentemente com o *husky* do meu irmão a fazer-me companhia. A seguir, tentava aproveitar cada segundo do dia para apoiar a Alva, arrumava a casa, tratava do que fosse preciso, andava para cá e para lá, entre casa e hospital, ocupava-me das crianças. O meu eu desapareceu por completo, face ao desejo de estar disponível para os dois. Porém, o Vincent e a Luise discutiam cada vez mais e, quando pretendia reconciliá-los ou levá-los para a cama, estes fugiam-me e punham-se a berrar e a chorar, dizendo que queriam a mãe de volta.

O Marty ajudava-me, esforçava-se por se mostrar confiante, mas por vezes eu dava-me conta do olhar sombrio e desanimado dele. Sabia que ele gostava muito da Alva e que, naquela sua mundivisão niilista, pouco havia que pudesse ser construtivo nesta situação. As pessoas nascem, vivem, morrem, os seus corpos apodrecem e a seguir tudo é esquecido. Eu, por meu lado, rezei um par de vezes para que a saúde da Alva se restabelecesse. Embora a religião nada me dissesse, nunca fora completamente descrente. Recordei-me de uma conversa que tivera com Romanov. Estávamos no seu gabinete de trabalho a discutir a teodiceia.

– Jules, pare com isso – dissera ele. – Há certas coisas para as quais não há resposta, é mesmo assim. Nós, os seres humanos, andamos aqui em baixo, entregues a nós mesmos. Que mundo seria este, se cada oração fosse ouvida e soubéssemos com toda a certeza que isto continua após a morte? Para que precisaríamos então da vida, se já estaríamos no paraíso? «Dá um peixe a um homem e alimentá-lo-ás um dia, ensina-o a pescar e alimentá-lo-ás a vida inteira.» Conhece este ditado? É precisamente assim que a coisa funciona aqui. Deus quer que aprendamos, que cuidemos de nós mesmos. Não nos dá o peixe e não atende todas as nossas orações; escuta-nos e observa-nos, vê como aqui em baixo lidamos com tudo, com a doença, a injustiça, a morte, o sofrimento. A vida serve para aprender a pescar.

Aquelas palavras serviam-me agora de consolo. Pensei na generosidade de Romanov quando me recebera em sua casa, no quanto ele devia ter amado a Alva, e propus-me visitar a sua sepultura um dia, em Lucerna.

Chegou o mês de julho, e embora a Alva se sentisse entretanto demasiado cansada para trabalhar, ainda ficava na cama a ler livros para a tese: Espinoza, Locke e Hegel. Era como se quisesse simplesmente ignorar o seu corpo, o mesmo que a estava a trair.

– Todas essas coisas difíceis – limitei-me a comentar.

– Eu gosto. Sempre me deu gozo ocupar-me com as ideias dos outros.

Não fui capaz de formular o que queria dizer-lhe, mas ela sabia-o.

– Se tiver mesmo de morrer – disse ela –, ao menos que seja de cabeça erguida. Tal como vivi, pelo maior tempo possível. A ler e aprender.

Nessa altura tinha a certeza de que ela sentia falta dos seus passeios noturnos. Imaginava com frequência a Alva a vaguear pelo hospital durante a noite, qual fantasma, quase cheguei a desejar que ela o fizesse. Que nunca desaparecesse de modo terreno, mas antes misteriosamente, para sempre, no meio da escuridão.

– Como estão os miúdos? – perguntou.

– A Luise está bem, tem só andado bastante taciturna nestes últimos tempos. Perguntou-me se podia faltar à escola e vir comigo. E o Vincent andou à pancada com um colega do futebol.

– Olha só, foi ele que pintou isto.

A Alva apontou para um desenho que estava em cima da mesa. Representava-a a ela com um cão, aparentemente o do meu irmão. Ao lado, o Vincent desenhara ainda um círculo preto. Devia ter usado os lápis todos para conseguir aquele tom de preto. O círculo escuro é a morte, ocorreu-me. Um pensamento perturbador.

– Acho que vamos ter de adiar o curso de Filosofia em conjunto – disse ela, num tom aparentemente divertido. – Parece que te vais safar.

Sorri por breves instantes, mas a seguir o medo invadiu-me, impetuosamente, corpo adentro, como um punho que se me enfiasse pelo estômago. Uma dor que apertava, que cingia o mundo inteiro num único nó.

A Alva segurou-me na mão. Uma sensação bela e familiar, segurar a mão dela na minha, adaptavam-se perfeitamente uma à outra. Já há muito, no *Fiat* vermelho diante do bar da aldeia, me apercebera disso. Fiquei com ela até se instalar o crepúsculo lá fora e, a seguir, sentei-me na moto. Não fui para casa, onde o Marty já deitara os miúdos, mas antes para fora da cidade. Na estrada, no meio do campo, abri a viseira do capacete. Cortante, o vento soprou-me na cara; adorava essa sensação.

Por vezes, olhava tão fixamente para a estrada que tudo o mais desaparecia. Via então como, na escola, ela se sentara ao meu lado. Ruiva, tímida, com óculos com armações em massa demasiado grandes, muito bonita, apesar do incisivo ligeiramente torto. A Alva, tão enigmática para mim.

Agora, sabia tudo o que então não sabia. Sabia que aquela rapariga perdera a irmã, que mais tarde iria para a Rússia e se casaria. Sabia que me iria reencontrar e que teria comigo filhos, sabia tanto dos seus passeios noturnos quanto que ela viria a ser uma ótima mãe, e sabia que acabaria por ficar doente e estar internada num hospital. Outrora, quando a Alva se sentara ao meu lado na escola, não poderia ter previsto tudo isso. Ela era simplesmente uma rapariga do campo, sentada junto de um rapaz da cidade que acabara de ficar órfão. O início de uma história. A nossa história.

A seguir, pensei na morte e como em tempos frequentemente a imaginava como uma vastidão interminável, como uma paisagem coberta de neve que se sobrevoa. E onde se tocava naquela brancura, o nada enchia-se das recordações, sentimentos e imagens que se transportam no interior, e ganhava um rosto. Por vezes, o que daí resultava era tão belo e singular que

a alma mergulhava para lá se deter, até por fim retomar o seu avanço por entre o nada.

Um dia, no final de julho, dei por mim completamente sozinho em casa. Era o início da tarde, aquela tranquilidade pareceu-me estranha, observei como o vento revolvía tudo no pátio e investia contra os arbustos. Durante as últimas horas chovera sem cessar, mas eis que largos feixes de raios luminosos penetravam por entre as nuvens da cor do xisto. Decidi procurar a carta que escrevera à Alva quando tinha dezanove anos, pouco antes de termos ido cada um à sua vida. Na altura, e depois de uma longa luta interior, decidira não lha entregar; parecera-me demasiado infantil e patética. Ao invés, citara o meu pai, aquele disparate de ela ser apenas a minha verdadeira amiga. Assim sendo, ela nunca lera estas linhas que lhe escrevi a 26 de maio de 1992:

Querida Alva,

Espero que os contos que escrevi te agradem. Se assim não for, peço-te que não sejas demasiado severa. No fim de semana, consegui terminar finalmente o O Coração É Um Caçador Solitário. Vejo agora por que gostas tanto do McCullers; também a mim a história me tocou. Agora, consigo perceber-te quando dizes que querias ser como uma personagem do livro e entrar num café depois da meia-noite. Na verdade, porém, todas as pessoas que lá se reúnem noite após noite são vítimas do desassossego e um pouco dilaceradas. Espero, pois, que não te tornes esse tipo de pessoa. De resto, tocou-me bem mais o modo como uma das personagens divide a sua vida em dois mundos, um exterior e o outro interior. Pensei muito sobre isso nos últimos dias, pois tomei consciência de que faço uma coisa semelhante.

O mundo exterior é aquilo a que as outras pessoas chamam realidade. Um mundo em que os meus pais morreram, em que não tenho amigos, em que os meus irmãos se afastaram, sem sequer olharem para trás. Um mundo em que vou estudar uma coisa qualquer, para depois trabalhar numa coisa qualquer. Um mundo em que não consigo abrir-me com as outras pessoas, em que talvez

transmita frieza e em que perdi algo de mim ou até tudo. Em que no final é a morte que me espera e em que por vezes tenho a sensação de simplesmente desaparecer.

O mundo interior, contudo, é diferente, existe apenas na minha cabeça. E afinal não é no interior da cabeça que tudo existe? Perguntaste-me diversas vezes em que estou a pensar quando sonho acordado, ou quando não presto atenção nas aulas. A verdade é que não estou a pensar: simplesmente estou. Às vezes, nessas alturas, imagino que cresci na América ou que a minha mãe e o meu pai ainda estão vivos. Hoje, por exemplo, passei a aula a viajar por Itália. Com os meus pais, a minha tia e os meus irmãos, todos juntos, numa caravana bem confortável. Foi uma sensação tão intensa que nem consigo exprimi-la por palavras. Éramos novamente crianças e viajávamos ao longo da costa de Amalfi, e seria capaz de te descrever com exatidão o cheiro do lugar, limões e algas, a cor das folhas, já outonais, e o tom vermelho com que as fatias de melancia que comíamos reluziam ao sol. Seria capaz de te dizer do que falávamos, os meus irmãos e eu, de te descrever os olhares que os meus pais nos lançavam, o pequeno restaurante italiano em que comemos, a minha irmã ter provado pela primeira vez vinho de um copo, fazendo de conta que lhe tinha sabido bem, quando na verdade tenho a certeza de que achou aquilo horrível.

É claro que tenho noção de que estas fantasias são infantis. E, no entanto, tenho a certeza de que há neste universo um lugar do qual se pode olhar para ambos estes mundos e considerar que são igualmente verdadeiros. O real e o imaginado. Pois quando tudo tiver sido esquecido e fizer já parte do passado, quando daqui a milhões de anos o tempo tiver deixado tudo isto para trás e já não houver prova seja do que for, então de nada interessará o que a realidade foi. Nessa altura, talvez as histórias que imaginei no interior da minha cabeça tenham sido tão reais ou irreais quanto aquilo a que as pessoas chamaram realidade.

Estás com certeza a pensar na razão por que te escrevo tudo isto. E decerto quererás saber por que te pergunto apenas se queres morar comigo em Munique, ao invés de simplesmente te dizer o que sinto por ti, muito embora isso seja provavelmente evidente. Não o faço para te

ofender, antes pelo contrário. A verdade é que não o posso fazer ainda. Porque não sei o que pensas a meu respeito e o que sentes por mim. E tenho medo de pôr em risco aquilo que temos e, depois de ter perdido os meus pais e os meus irmãos, vir a perder-te a ti.

No entanto, esta carta é, depois de todos estes anos, o meu primeiro grande passo no regresso ao mundo exterior. Confiei-te algo que nunca disse a ninguém. Sei que é errado retrair-me assim em mim mesmo. A realidade é que quero estar onde também tu estiveres.

*O teu
Jules*

Um dia de agosto, já não sei qual. A iluminação do teto do corredor do hospital tremeluzia, o que me incomoda terrivelmente. O cheiro a desinfetantes irrita-me o nariz, alguém atravessa o corredor em passo de corrida, os ténis guincham no chão. Observo os movimentos da boca do médico, que se me afiguram mecânicos, só lentamente as palavras penetram na minha consciência. A terapêutica não está a produzir efeito, formaram-se mais metástases, o combate tornou-se inútil. O cancro alastrou-se a todo o corpo da Alva, já enfraquecido pelos medicamentos, e tinha agora a vida facilitada. Os médicos propuseram parar com os tratamentos e prosseguir só com cuidados paliativos.

Deram-lhe poucas semanas. Repeti-o inúmeras vezes, na cabeça. *Poucas semanas.*

Ainda que secretamente há muito contássemos com isto, todos nós tínhamos depositado confiança na possibilidade de acontecer uma cura milagrosa. E, mesmo depois deste diagnóstico inconcebível, eu continuava incapaz de acreditar. Tinha de ser uma alucinação; no momento seguinte estaríamos todos sentados à mesa, a jantar, e a seguir dedicar-nos-íamos a um qualquer jogo de tabuleiro. Simplesmente não podia ser verdade. Não era possível.

Já quase não sentia nada, era como se tivesse o espírito esvaziado enquanto avançava pelo corredor do hospital. Abri a porta do quarto da Alva. Entrei naquele pequeno espaço, tal como fizera centenas de vezes naquelas últimas semanas, só que desta vez era tudo diferente.

– Parece que é desta... – disse a Alva quando me viu. – *Game over*.

Esperara encontrá-la lavada em lágrimas, não a ler. Continuava sem largar a tese de doutoramento, ainda que agora fosse certo que jamais a terminaria. Fui-me sentar a seu lado, em cima da cama, e quis abraçá-la, mas ela afastou-me com um gesto suave.

– Neste momento não estou capaz de suportar a proximidade – explicou.

– Tenho de enfrentar isto sozinha. Dá-me algum tempo, está bem?

Recuei.

– Claro que sim.

– Amanhã estarei decerto mais bem-disposta.

Desviou o olhar. Ainda a observei alguns instantes e depois deixei o quarto.

Na cidade, a claridade era demasiada para mim, o sol derramava-se sobre as ruas e os edifícios. Não telefonei a ninguém, deixei-me seguir à deriva na torrente de pessoas. O aroma a *pretzel* vindo de uma padaria. Trabalhadores que reparavam o pavimento. Um casal de idosos que seguia pelo passeio, de mãos dadas. *Poucas semanas*.

Em casa, a Elena cozinhará para as crianças, parecia já ter recebido a notícia, pois abraçou-me sem dizer fosse o que fosse. Os miúdos estavam sentados à mesa, em silêncio. Pressupus que ainda ninguém lhes tivesse dito nada, mas eles pareceram pressentir que se produzira uma alteração fundamental.

Abracei a minha filha, depois o meu filho, comi qualquer coisa, dirigi-me ao quarto e deitei-me no meu lado da cama. O outro ficaria para sempre vazio. Irritou-me de imediato a minha autocomiseração, uma reação patética. Por fim, adormeci.

À noite fui acordado pelo meu irmão. Sem dizer palavra, deitou-se na cama, ao meu lado, no lugar da Alva. O seu rosto estava lívido.

– Telefonei à Liz – disse ele. – Ela pouco ou nada disse, em todo o caso parecia extenuada. Com tudo o que se está a passar, quase nem reparámos que ela não está bem. Há pouco tempo, contou-me que o que lhe apetecia mesmo era despedir-se. Disse-lhe que viesse ter connosco nas férias. – Virou-se para mim. – E o Toni pediu-me para te dizer que estará sempre

disponível para ti, quando precisares dele. Se quiseres, ele larga tudo e vem para cá imediatamente.

Olhámos um para o outro.

O Marty abanou a cabeça.

– Não sei mesmo o que hei de dizer-te. Estive o dia todo a pensar em qualquer coisa que soasse consoladora, mas não há nada... Ao menos os teus filhos vão poder despedir-se. Não é muito, mas é mais do que nós pudemos fazer.

– Eles têm sete anos – respondi. – Daqui a trinta já quase não vão lembrar-se da mãe.

– Então cabe a ti falar-lhes dela.

Ficámos assim deitados alguns minutos, a seguir o Marty levantou-se. Nessa noite, juntamente com a Elena, ocupou-se das crianças. Eu mantive-me deitado no quarto, imóvel, ouvi a Luise e o Vincent perguntarem por mim e o ruído de pratos a retinir ou de água a sair de torneiras. Contudo, sentia-me incapaz de me mexer e de me levantar. Fiquei deitado até o apartamento mergulhar paulatinamente no silêncio e todos estarem a dormir. Então, acendi a luz e pus-me a ler o último livro de Romanov.

Não quero descrever aquilo que, no final, a doença fez ao corpo da Alva. Nem tão-pouco falar dos momentos em que ela perdeu a compostura e desesperou. Para mim foi como se ela estivesse pendurada sobre um precipício, presa já só pela mão à ponta da escharpa, enquanto a doença lhe ia desprendendo um dedo após o outro.

Contudo, aquele seu corpo em autodestruição albergava um espírito ainda forte. Após alguns dias de perplexidade e incapacidade de agir, a Alva decidira enfrentar a morte com valentia. Não sei onde ela foi buscar essa força, pois já mal conseguia levantar-se e cada vez estava mais entregue a uma sonolência induzida pela morfina. No entanto, quando ela acordava, essa força cintilava.

A Alva foi transferida para os cuidados paliativos. Não se tratava já de um espaço branco e monótono, era antes um quarto quase confortável, com pavimento laminado, aguarelas nas paredes e uma poltrona de cabedal vermelho. Sentava-me nela de manhã à noite, junto à sua cama. Aproveitava cada segundo em que conseguisse falar com ela, pretendia

acumular o máximo possível de recordações do tempo que ainda nos restava. Por vezes, durante essas conversas, dominado pela sensação de perda, eu ia-me abaixo, mas então ela sorria, ainda que não fosse já o seu sorriso de antes, e dizia que o melhor era eu conter-me, o que haveria a morte de pensar de mim? Comportava-se sempre como se ela ali estivesse presente no quarto.

– Podes falar sem rodeios – dizia ela. – Não tenho nada a esconder dela.

O mais difícil para a Alva eram as manhãs; ficava deitada na cama, rígida e em silêncio, incapaz de falar comigo.

– Quando sonho, tudo desaparece – murmurou, uma vez. – Depois acordo e todos os dias aprendo de novo que não tardarei a morrer. E depois, à noite, durante o sono, volto a esquecer tudo.

Entretanto, estava já demasiado fraca e cansada para ler e deixava os seus livros de filosofia pousados em cima da mesa de cabeceira. Em compensação, eu lia-lhe passagens de romances e também poemas. O seu preferido era de Rilke; entretanto, eu conhecia-o de cor.

A morte é grande.
Com o riso na boca,
Somos seus.

Quando julgamos estar no meio da vida,
A morte ousa chorar
No meio de nós.

O que a Alva mais gostava era quando lhe lia passagens das minhas histórias, as duas novelas do livro de Romanov. Acerca do homem que, nos seus sonhos, vivia outra vida, uma segunda vida. E acerca do outro que permanecera solitário até morrer porque roubava tempo às pessoas e não encontrava ninguém que abdicasse de uma vida longa para, em compensação, passar com ele uns poucos anos.

– Infelizmente, já não terei oportunidade de ler o teu romance nesta vida – disse a Alva numa das nossas últimas conversas mais demoradas.

Mais tarde, quando os médicos aumentaram a dose, passava a maior parte do tempo demasiado cansada, ou confusa por efeito da morfina, para poder conversar comigo, mas nessa tarde esteve bem desperta.

– Há tanta coisa que ainda gostaria de ter feito. Tantos sítios que gostaria de ter visto. – Olhou para mim. – Sempre quiseste cozinhar para mim.

– Cozinhei para ti muitas vezes.

– Mas nunca como querias ter feito, naquela altura, ainda na escola.

Tive de admitir que era verdade.

– E os dois pequenotes... – prosseguiu. – Queria vê-los crescer. Gostaria tanto de poder conversar com a Luise, quando ela chegar à puberdade e tiver problemas. Ou quando o Vincent se apaixonar pela primeira vez. – Agarrou-me na mão. – Terás de ser tu a fazer isso.

Nas semanas anteriores, eu andara a convencer-me de que arranjaria maneira de levar tudo aquilo a bom porto, mas de repente fui acometido pelo desespero e pela raiva. Levantei-me e pus-me às voltas pelo quarto.

– Não vou conseguir fazer isso tudo – disse eu em voz alta. – É claro que não consigo substituir-te. SIMPLEMENTE NÃO ESTOU PREPARADO.

– És um pai estupendo.

– Mas só porque te tive ao meu lado. Foste tu que os educaíste, foste tu que fizeste tudo o que é importante. Eu limitei-me a brincar com eles. Simplesmente não estou *preparado* para tratar deles sozinho. Os miúdos nem sequer ouvem o que digo, não me respeitam nesse papel.

Cansada, a Alva abanou a cabeça.

– Vais habituar-te a esse papel, tenho a certeza. Quando eles precisarem de ti, verás que estás preparado.

– Não quero que tenham a vida que eu tive, na mesma altura.

Deixei-me cair numa cadeira, o meu pé agitava-se nervosamente.

A Alva permaneceu calma.

– Eu entendo-te. Mas o que eu vejo em ti, enquanto pai, não é tanto o brincalhão alegre que és com as crianças mas mais o homem sério que sempre foste. E o teu irmão e a tua irmã vão apoiar-te.

– A Liz está na Índia – afirmei, ainda sem acreditar no que estava a dizer.

– Não sabia.

– Deixou o emprego há três dias e raspou-se simplesmente para Bombaim, em vez de ficar aqui a ajudar-me. Pôs-se a mexer, como sempre.

Durante um momento, a Alva não soube o que responder.

– Ainda assim – disse, por fim –, não sou capaz de imaginar pai melhor para eles os dois. Vais ter de acreditar mais em mim do que em ti próprio.

Sentei-me junto dela na cama.

– Está bem – respondi, em voz baixa.

A mão dela de novo na minha.

– Tens medo? – perguntei.

– Às vezes. Quando me sinto incapaz de aceitar que estou prestes a morrer, fico com medo. Mas, entretanto, também já consigo aceitá-lo com a mesma frequência e então sinto-me bem. Fosse como fosse, em alguma altura teria de acontecer.

Acenei com a cabeça. A nossa conversa era como uma corrida, queríamos ambos sempre acrescentar mais qualquer coisa.

– Foram apenas oito anos – disse eu. – Apenas oito anos em que estivemos juntos. Desperdiçámos tanto tempo...

– Também pensei nisso muitas vezes. – A Alva endireitou-se na cama, a custo, e observou-me. – Jules, lembras-te da nossa última conversa, quando ainda estávamos na escola?

– No baile de finalistas?

– Não, nem sequer olhaste para mim nesse dia. Antes disso.

– Tens razão – respondi. – Chegaste de repente ao pé de mim e perguntaste se podíamos fazer alguma coisa juntos no último fim de semana do ano escolar, precisavas de falar comigo. E eu depois não disse mais nada, fui demasiado orgulhoso. E, no entanto, é claro que queria encontrar-me contigo; só que, quando mais tarde te falei disso, já te tinhas esquecido. Era-te completamente indiferente.

Ela retraiu a mão.

– Não – afirmou ela. – Foi ao contrário. *Eu* é que falei *contigo* depois do fim de semana, a perguntar-te por que razão não ligaste, mas tu...

Já só conseguia ouvir a voz dela de modo abafado. Uma vez mais, a realidade apresentava uma ínfima fissura, e voltei a recordar com toda a nitidez, como se se passasse ali diante de mim, o meu velho eu, na sala de aula, com um sorriso presunçoso, a contar-lhe aquela mentira, que me tinha esquecido do que tínhamos combinado, que estivera numa festa e tivera um breve caso com outra rapariga.

A Alva fitou-me.

– Passei o fim de semana todo na esperança de que me telefonasses. Tinha finalmente conseguido... *entender-te*, Jules. Sempre que alguém ligava lá para casa, desejava que fosses tu.

– Isso é verdade?

– Sim. E como não o fizeste, fiquei triste e chateada, sobretudo comigo mesma. Depois disso, já só queria fugir.

Por instantes andei à procura de palavras. Quando me comecei a recriminar, a Alva interrompeu-me de imediato.

– Ainda não tinha chegado a altura para nenhum de nós.

– Mas teríamos tido muito mais tempo.

– Também assim tivemos o nosso tempo – ouvi-a dizer. – Antes oito anos contigo do que cinquenta sem ti.

Pousei a cabeça na cama dela. Ao fechar os olhos, consegui regressar àquele verão da nossa juventude e reconhecer os tímidos sinais que ela transmitira. O álbum de recordações que me oferecera, só porque sim, e onde só havia fotos de nós os dois, junto às quais ela escrevera pequenos poemas. Ou o tom trocista com que certa vez dissera que pretendia ir para o estrangeiro e que, para ficar, seria preciso apaixonar-se. Tínhamos andado sempre desencontrados, tínhamos sido amigos um do outro e só demasiado tarde havíamos reconhecido o que sentíamos. Podia agora corrigir os nossos erros, seria tão diabolicamente fácil. Onde quer que fosse, no *Fiat* dela, no meu quarto do internato ou na cabana de montanha, teriam bastado algumas palavras, alguns atos, e tudo teria corrido de maneira diferente...

No entanto, tive de voltar a abrir os olhos e confrontar-me com o que estava para vir. Era o inalterável.

Passaram pelo hospital alguns vizinhos e alguns colegas da Alva, para ainda poderem despedir-se dela; o pai dela vinha com regularidade de Augsburg e trazia-lhe flores. Já só muito para o fim é que disse que não suportava a ideia de, depois da primeira, perder também a segunda filha. Pediu-me que lhe entregasse uma carta.

E chegou, por fim, o dia em que os nossos filhos viram a Alva pela última vez. Como o médico estava no quarto nesse momento, esperámos sentados num banco do corredor. Ambos em silêncio, visivelmente subjugados. Com apenas sete anos, não tinham decerto consciência do quanto aquela despedida seria definitiva, mas a outro nível, mais profundo, percebiam até demasiado bem o que estava iminente.

Passaram duas enfermeiras a conversar diante do banco onde estávamos sentados e, de seguida, voltou a reinar o silêncio.

- Nangiyala existe mesmo? – quis saber a Luise.
- E o que é isso? – perguntei.
- É de uma história que a Elena nos leu.
- Chama-se *Os Irmãos Coração de Leão*² – acrescentou o Vincent, baixinho. – Nangiyala é uma terra para onde se vai quando se morre.
- E é bonita, essa terra? – perguntei.
- Sim – responderam ambos.

Olharam para mim, com uma expressão expectante, como se o destino da Alva após a sua morte dependesse exclusivamente de mim.

– Tenho a certeza de que, se assim quiser, ela irá para lá. Pode ser que queira antes ir para outro lado qualquer. Em todo o caso, onde quer que esteja, vai conseguir ver-vos bem.

Ambos acreditaram nisso de imediato e, por momentos, também eu acreditei. A seguir o médico saiu do quarto, e pudemos entrar.

Tive medo de que a Alva estivesse a dormir ou embotada dos medicamentos. Foi com alívio que a encontrei razoavelmente desperta. Quando viu as crianças, a sua expressão alterou-se. Começou por parecer satisfeita, mas quando entendeu a razão pela qual eu ali tinha levado os dois miúdos, houve uma dor que se instalou no seu olhar e que eu só a custo consegui suportar.

Sem dizer palavra, os nossos filhos pousaram os seus presentes na mesa de cabeceira. Em sinal de despedida, o Vincent fizera para a mãe um desenho com os seus animais favoritos e outro com ele e ela, ao passo que a Luise trouxera uma pedra particularmente bonita que encontrara enquanto brincava no jardim e que serviria para lhe trazer sorte.

Abraçaram a Alva, a seguir deitaram-se de novo ao lado dela, na cama. Quando por fim choraram, tive de virar a cara e abandonei o quarto. Com a visão turvada, sentei-me outra vez no banco do corredor, senti-me impotente, inútil. Senti um vazio que não experimentara sequer com a morte dos meus pais.

Passados uns minutos, a Luise e o Vincent vieram ter comigo ao corredor. Não me lembro do que fizemos ou dissemos a seguir.

Entretanto, eram o meu irmão e a Elena que quase ininterruptamente tomavam conta das crianças, para que eu pudesse estar com a Alva. As

horas de visita já nada significavam. Não queria deixá-la sozinha, nem mesmo durante a noite.

Íamos ouvindo música de um leitor de CD que eu trouxera, álbuns do Nick Drake ou o seu adorado George Gershwin. Ela passava a maioria desse tempo a dormir e eu deitava-me ao pé dela e por vezes falava-lhe, em voz baixa, das minhas inquietações, de como iria ser sem ela.

Quando ela estava consciente, contava-lhe que só me tinha inscrito na equipa de atletismo por ela admirar os desportistas, ou então falava-lhe daqueles meses de absoluta liberdade, quando nos tínhamos mudado para Munique. Como costumávamos ficar a olhar para os miúdos enquanto dormiam. E, claro, estava sempre a repetir que a amava e que ela era importante para mim e que um dia ia escrever acerca dela.

A Alva ficava ali, simplesmente deitada, a ouvir.

– Oh, não – disse ela certo dia, baixinho.

– Que foi?

– Acabei de me lembrar da raposa congelada, tal como em tempos disseste que aconteceria.

E no seu rosto emagrecido assomou uma fração do seu sorriso de antes.

No seu último dia, já quase não lhe larguei a mão. Não quis que ela se fosse e se sentisse sozinha, pois pressentia que ainda lhe estava a custar. A monstruosa noção de que ela poderia morrer a qualquer momento, que tinha de se desprender e deixar-se cair no incerto, tudo isso se tornara palpável. Lá fora o dia estava soalheiro, baixei as persianas, mas ainda assim a luz penetrava através das frinchas e projetava-se sobre o chão em estreitas tiras. Entretanto, a Alva mantinha os olhos fechados a maior parte do tempo, mas sempre que eu lhe apertava um pouco a mão, ela apertava também a minha. E, quando eu ia buscar um café, corria o mais depressa que conseguia, para logo voltar a dar-lhe a mão. E de novo me ela apertava brevemente a mão, depois era a minha vez, e ela ainda ali estava.

A última vez que abriu os olhos foi já de tarde. Olhou para mim e, quando viu que eu estava a chorar, em silêncio, pareceu-me triste, como se se sentisse responsável. E de novo me apertou a mão, e depois voltou a fechar os olhos. Quase consegui aperceber-me de como os seus pensamentos desataram a correr através do espaço e do tempo, em busca de

uma última preciosidade, de um último momento de beleza a que pudesse agarrar-se. Talvez a Alva tenha pensado nas crianças e em mim, ou na irmã e nos pais, no passado e no futuro. Uma última grande azáfama de pensamentos e sentimentos, de confusa ansiedade e confiança, e tudo isso voou com ela para longe dali, com surpreendente rapidez e estranheza, para infinitamente longe.

[6](#) Tradução de Margarida Vale de Gato, retirada de *Pela Estrada Fora – O Rolo Original*, edição Relógio D'Água. (N. do T.)

[7](#) Livro da autora Astrid Lindgren, não publicado em Portugal. (N. do T.)

Uma outra vida

E se o tempo não existir? Se tudo o que experienciamos for eterno e não for o tempo a passar por nós, mas antes nós a passarmos pelo que experienciamos? Questiono-me com frequência a esse respeito. Queria dizer que a perspetiva se alteraria, que nos distanciáramos de recordações que nos são queridas, mas que elas ainda lá estariam e que, se se pudesse voltar atrás, poderiam ser reencontradas onde tinham ocorrido. Como num livro que se folheasse para trás, porventura até ao princípio. O meu pai poderia então, até à eternidade, passear comigo à noite no parque, e a Alva e eu ficaríamos para sempre retidos na nossa viagem a Itália, no momento em que vamos no carro, durante a noite, e rumamos a um futuro repleto de esperança. Tento consolar-me com esse pensamento, mas ainda não sou capaz de o sentir. Mais não posso fazer do que acreditar no que sinto.

Demorou algum tempo até a Liz saber do meu acidente na moto; andava a viajar pela Índia sem telemóvel e só passadas semanas é que leu os *e-mails*. No dia do seu regresso vamos todos juntos ao Cemitério Norte de Munique. Coxeio, apoiado na bengala de Romanov, ao longo do caminho por entre as sepulturas, com os meus irmãos ao meu lado. A Liz do lado esquerdo, o Marty do direito. Por causa do acidente, as exéquias realizaram-se sem a minha presença, é a primeira vez que estou diante da campa da minha mulher. Uma pedra simples de mármore negro, onde foram gravados o seu nome e as datas de nascimento e morte. Dados para registo da sua história: *Alva Moreau, 3.1.1973 – 25.8.2014*.

Quando vejo tudo isto diante de mim, liberta-se a pressão que sinto no peito. *A morte é o oposto do abstrato*, penso. Quero ficar sozinho por uns momentos. O Marty afasta-se com os meus filhos e também a Liz se chega para o lado. No cemitério reina a tranquilidade, ouve-se apenas o suave

murmúrio do vento. De repente sinto-me envergonhado por, nas semanas anteriores, me ter refugiado, qual criança, no meu mundo imaginário. Só mesmo lá é que a Alva poderia estar viva. Lá, onde também podia ainda encontrar os meus pais.

A memória, último refúgio dos mortos.

E vejo de novo a Alva diante de mim e falo com ela, mas desta vez a imagem dissolve-se rapidamente e cede lugar a outra: eu montado na moto, a conduzir ao longo de uma estrada no campo. Oiço música nos auscultadores, levo a viseira levantada e não sei que fazer a seguir. Nessa manhã marquei a data do enterro, a seguir conversei com os meus filhos e, ao fazê-lo, tornou-se-me uma vez mais claro que simplesmente não estou preparado para isto tudo.

Acelero e conduzo cada vez mais depressa, e sim, é verdade, a sensação assemelha-se um pouco ao que será voar, tal como o Toni sempre afirmou que seria. Porém, tenho a certeza de que será possível subir ainda mais a parada. Nos meus ouvidos um som de guitarra baixinho, «Heroin» dos Velvet Underground, a seguir começam, cautelosas, a bateria e a voz, aumenta o ímpeto da música, esta torna-se mais desenfreada, a voz irrompe. Ponho o volume no máximo. A minha pulsação aumenta, o vento empurra-me o rosto para trás, e de repente tudo ressurge à superfície, a morte da Alva, a noção de não ser capaz de cuidar das crianças sozinho, a preocupação de perder tudo, e então vejo Romanov diante de mim, com um olhar repleto de angústia, a dizer-me que não é capaz de desprender-se, mas tal não irá acontecer comigo.

E nesse momento desprendo-me, deixo-me ir.

A moto não descreve a curva; segue em frente, deixa a estrada e penso então que essa sensação parece *mesmo* a de voar. Durante um segundo, sinto-me tão livre como nunca antes na vida, já nada está na minha mão, já nada posso controlar, o que tiver de acontecer que aconteça.

E então, por uma fração de segundo, vejo os meus filhos. No último momento, dou um puxão na moto para a esquerda, o meu corpo roça na árvore só lateralmente e tudo fica negro, até voltar a mim, já num quarto de hospital.

Pouco dias após a visita ao túmulo, recebo alta do hospital. A Liz está a viver em minha casa temporariamente, e também a Elena e o meu irmão aparecem por lá amiúde. Não podem ter filhos, por isso ocupam-se agora dos meus. Quando vou passear o cão, a Elena prepara o almoço; quando fico deitado na cama, como que paralisado, e me ponho a ligar para o atendedor de chamadas da Alva, para lhe ouvir a voz, o Marty fica a brincar com os miúdos no pátio. Um tempo em que me sinto feito de chumbo, em que simplesmente não consigo pôr-me de pé. Anos antes de morrer, a Alva disse-me que não queria sequer pensar se estaria a fazer alguma coisa pela última vez, e eis que dou comigo a pensar em coisas que ela fez pela última vez, quando e onde. O último beijo, na cama dela. A última vez que fizemos sexo, breve e fugaz, em casa, firmemente convencidos de que não tardaríamos a voltar a dormir juntos. A última vez que brincou com as crianças, no quarto do hospital, quando jogaram ao jogo da memória, e a Luise ganhou, com quatro pares de vantagem. Sim, ainda te lembras, penso, as inutilidades de que te recordas.

As crianças percebem que preciso de apoio, ouvem atentamente quando as vou deitar, ou querem que as ajude com os trabalhos de casa. Tal como outrora aconteceu comigo e com os meus irmãos, também eles vão a partir de agora ter uma outra vida. Terminou a vida que tiveram com a mãe, no seu lugar apresenta-se agora uma bifurcação. E, neste novo e mais penoso caminho, precisam de alguém que os conduza, e esse alguém serei eu. E entendo que talvez eu seja realmente a pessoa certa para essa tarefa, pois afinal de contas já passei pelo mesmo.

Este pensamento é suficiente para me dar esperança. Para ao menos conseguir funcionar. Consigo novamente rir quando tem de ser, ler para as crianças quando elas mo pedem, cozinhar para elas e dar conta do quotidiano. Certa vez, porém, passa na rádio uma canção que fala dos anos oitenta, altura em que eu era uma criança despreocupada. Basta-me ouvir dois versos do refrão e, por momentos, sou arrancado do meu equilíbrio:

*Things are better when they start,
That's how the 80s broke my heart*

Passados alguns meses, a nossa vida volta, tanto quanto possível, à normalidade. A certeza de que, porém, nunca mais virá a ser inteiramente

normal é determinada por as crianças e eu nos termos mudado para casa do Marty e da Elena, junto ao Jardim Inglês. Sempre tiveram quartos vazios a mais, e assim deixarão de estar sozinhos, tal como eu e os meus filhos.

No dia em que por fim deixamos a nossa velha casa, entretanto vazia, ponho-me a observar os quartos despídos e a pensar no que a Alva e eu teríamos mudado neles ao longo dos anos. Imagino como dos quartos das crianças resultariam mais tarde quartos de adolescentes, em pensamento deito paredes abaixo e aplico umas demãos de tinta à cozinha.

O Marty está lá fora, junto ao camião das mudanças, e chama-me.

– Jules, vens?

Deixo o meu olhar percorrer aquele espaço uma última vez, olho para o pátio interior, para o baloiço e a casa na árvore. De seguida, viro-me na direção do Marty e caminho para ele.

*

De início, a Luise opôs-se à mudança, mas o Vincent adora o tio e está felicíssimo de poder morar em casa dele. Costumam sentar-se os dois no quarto das crianças e, tal como dantes, o Marty passa horas a montar um carro de brincar, movido a gasolina, ou a dividir pequenas quantidades de líquidos por lamelas de vidro. Ofereceu o carrinho e o microscópio ao Vincent. E, de certo modo, a si mesmo. É, em geral, um tempo de desejos concedidos, a cada duas semanas vamos com os miúdos ao futebol ou ao jardim zoológico, visitamos o Museu Alemão e uma exposição sobre navios. Aos domingos ponho-lhes o televisor no quarto, faço-lhes cacau quente com cobertura de *chantilly* e tostas de pão com presunto, e ficamos a ver os seus desenhos animados favoritos.

Já a Luise, é frequente vê-la a lamentar a perda da mãe, para no momento seguinte estar de novo alegre; no Vincent, porém, os sentimentos florescem de modo oculto. Nunca o vemos sorrir, o que é uma pena, pois acho que o meu filho tem um sorriso muito bonito, capaz de, num instante, lhe afugentar do rosto qualquer vestígio de ensimesmamento. Largou entretanto a pintura, que o entusiasmou durante vários meses, e desde há pouco que tem medo do escuro. Agora, temos de deixar sempre a porta do quarto das crianças com uma frincha aberta, de modo que ele consiga ver a consoladora luz do corredor.

Apesar disso, há uma vez em que ele não consegue adormecer e vem com o seu cobertor pela mão à sala de estar, onde estou a ver televisão, como de costume. Tudo se desenrola sem que troquemos uma única palavra. O Vincent olha para mim com ar interrogativo, como que a perguntar se pode, mas quando lhe afago a cabeça com a mão, ele entende e aninha-se a mim. Está a dar um documentário sobre cristais de quartzo e como alguns deles só se formam em condições de escuridão e de penumbra. *Cristalização.*

De repente, o Vincent começa a chorar. Não produz, no entanto, qualquer ruído e continua a olhar para o televisor, como se quisesse escondê-lo de mim. Abraço-o, e só então é que ele desata a chorar copiosamente.

– Também sinto a falta dela – vou-lhe dizendo, várias vezes.

Passados alguns instantes, o Vincent volta a acalmar-se e adormece. Há muito que deixei de prestar atenção à televisão, já só o observo a ele. Volto a ver as velhas imagens. *Estar sentado sozinho, após a morte dos meus pais, no meu quarto do internato, ainda com neve nos cabelos. Estar de pé no recreio, durante o intervalo, e observar com uma sensação de insegurança as outras crianças a brincar. Sentir-me à deriva, cada vez mais distante, mais e mais distante.*

Levo o Vincent para a sua cama, tapo-o, sinto uma profunda comunhão. Revejo-me tanto neste rapazinho, que chega a ser doloroso.

No final do outono visito a Liz, em Berlim. Desistiu de vez da carreira de professora, para escrever e ilustrar ela mesma livros infantis. Considero-o uma boa ideia, sobretudo depois de ver os primeiros desenhos e esboços. O Marty e eu assegurámos-lhe que a apoiaríamos financeiramente.

– Arrependes-te de ter deixado o emprego? – pergunto-lhe.

– Nem por sombras. Os alunos já tinham deixado de me escrever cartas de amor. Foi então que percebi que estava na hora de acabar com aquilo.

A Liz mudou-se para um apartamento em Kreuzberg⁸, depois de dar a maior parte dos seus velhos pertences. Todas as caixinhas e cómodas, as bonecas e figurinhas, as chávenas asiáticas e os púcaros africanos. O seu novo apartamento é claro, luminoso e vazio. Só na cozinha é que se encontra pendurada uma velha fotografia dos tempos do internato. Tenho treze anos, a caminho dos catorze, sou minúsculo e tenho um ar absorto, o Marty tem dezasseis, parece um gigante com o seu casaco de cabedal e

cabelos compridos, a Liz tem dezassete. Sob o capuz da sua *parka* verde, com uma beata entre os lábios, lança um olhar rebelde à câmara. Indómita na sua juventude.

– Lamento ter-me simplesmente posto a mexer – ouço-a dizer. – Gostava de ser a irmã mais velha que toma sempre conta dos irmãos, mas em vez disso deixei-te entregue a ti mesmo duas vezes. E são duas vezes mais do que a conta. Não consigo mesmo deixar de ser como sou.

Desvio o olhar da fotografia.

– Está tudo bem.

– Dizes sempre «está tudo bem», mas podes perfeitamente queixar-te. Nada está bem, se pensares mais a fundo na coisa.

– Talvez. Mas isso não ajuda ninguém.

Ela concorda, acenando com a cabeça.

– A propósito, ando a dormir com ele.

– Com quem?

– Com quem haveria de ser?

Não estou mesmo a conseguir lá chegar.

– Com o Toni.

No primeiro instante, fico realmente tão surpreendido que não consigo fazer mais do que dirigir-lhe um ar trocista.

– E porquê agora?

– Porque quero um filho.

– E de resto...

– Não há nenhum de resto, é apenas para efeitos de reprodução. Sei como isto soa estranho, por sempre me ter irritado a conversa de ser mãe, e por sempre ter defendido que o sexo é qualquer coisa meio desenfreada que deve sobretudo proporcionar prazer. Mas agora é, no fundo, também aquilo para que terá sido pensado.

Quero dizer qualquer coisa, mas a Liz faz-me um sinal, dando-me a entender que devo ficar calado.

Não fico por isso surpreendido por, nesses dias, o Toni andar particularmente eufórico. Quando o aviso de que não deve ter demasiadas esperanças, faz como se não quisesse saber.

– *You can't be wise and in love at the same time.*

– Quem diz?

– O Bob Dylan.

Um sorriso largo preenche-lhe o rosto.

– Mas sabes que ela não te ama.

– Talvez passe a amar quando a criança chegar. – O Toni dá-me uma pancada ligeira com o cotovelo. – Acho bonito, estarem todos a viver juntos.

– Na verdade, aquilo lembra-me um pouco o internato. Começo a acreditar que, na vida, às tantas tudo volta a repetir-se.

– O internato... Como é que se chamava aquele barzinho onde jogávamos bilhar?

– O Jackpot.

– É verdade, o Jackpot. Como consegues lembrar-te dessas coisas todas? Tenho a sensação de que não te esqueces de nada. – O Toni aponta para a minha testa. – Está tudo guardado a sete chaves aí em cima.

«Recordas e conservas, sabes bem que é isso que fazes», disse-me a Alva há anos, e talvez tivesse razão. A sua irmã Josephine e as cambalhotas antes de se deitarem, a minha tia Helene, a nossa amargurada avó, antigos colegas de escola, simples conhecidos, o meu antigo chefe na editora discográfica e, claro, também a Norah: na minha cabeça existe todo um reino que se compõe desses companheiros de jornada com frequência já meio esquecidos. Quero livrá-los a todos do desaparecimento, tenho a sensação de que, se não os recordar, será como se nunca tivessem existido.

Assim, começo a reformular e rever o meu romance. Por vezes receio que possa vir a resultar demasiado melancólico e sei também que será difícil fazer justiça a todos, sobretudo a *ela*. Afinal de contas, é precisamente isso que pretendo fazer com a Alva: imortalizá-la enquanto figura de romance. No entanto, mesmo que jamais venha a terminar esta história, não mais pararei de escrever. Pois percebi que só assim conseguirei ser todos em simultâneo. Todos os que foram possíveis.

O rapazinho que tem medo de tudo, esse sou eu. O mesmo se aplica à criança que desce destemidamente a colina de bicicleta, que parte o braço e, apesar disso, trata logo de seguir em frente, na mesma senda. Sou o solitário que se recolhe em si mesmo após a morte dos pais e que já só passa a vida a sonhar. E também sou o aluno temperamental, querido entre as raparigas, cujos pais ainda estão vivos. Sou o adolescente que não se atreve a admitir o seu amor e que se deixa resvalar para a solidão. O estudante universitário alegre e seguro de si mesmo que assume o destino da sua vida. O tipo

desorientado que interrompeu os estudos e vai trabalhar para Berlim, numa empresa discográfica. O homem que nada soube a respeito dessa vaga e que se mudou para o estrangeiro, onde continua a viver. O fotógrafo que queria a todo o custo ser bem-sucedido e que entretanto o conseguiu. O escritor que pôde ainda reconciliar-se com o pai e que, portanto, não teve de andar a pedir perdão como fotógrafo. Nunca tive qualquer hipótese com a Alva, porque a irmã dela não desapareceu e, desse modo, ela não veio mais tarde a precisar de mim. A Alva não teve qualquer hipótese comigo porque, depois da escola, as coisas correram-me de feição e consegui esquecê-la. Encontrei a mulher da minha vida e voltei a perdê-la demasiado cedo. Consegui mantê-la junto de mim ainda jovem, aproveitámos o tempo juntos. Nunca mais voltei a encontrá-la, fiquei com a Norah, tivemos um filho. E cresci em Montpellier, casei-me e não tive filhos, sem nunca ter sequer conhecido a Alva.

Tudo isso foi possível e o facto de, a partir de milhares de variantes, ter vingado precisamente esta foi algo que durante bastante tempo me pareceu fruto do acaso. Ainda jovem, tinha a sensação de que, desde a morte dos meus pais, vivia uma vida errada, que não era a minha. Ainda mais do que os meus irmãos, questionava-me sobre o quanto os acontecimentos da minha infância e juventude me haviam determinado, e só mais tarde percebi que, na verdade, só eu sou o arquiteto da minha existência. Sou-o quando permito que o meu passado me influencie, e sou-o também de modo inverso quando me oponho a que isso aconteça. E basta-me pensar nos momentos passados com a Alva e com os meus filhos para perceber que esta outra vida, em que entretanto já deixei marcas tão nítidas, não poderá mesmo ser considerada a errada.

Pois é a minha.

Tal como dantes, o Marty lê-nos artigos interessantes do jornal ao pequeno-almoço. Entretanto, arranjámos uma mesa de bilhar para ter na cave.

— Não é curioso que nos tenhamos tornado amigos? — pergunto-lhe, quando uma noite ficamos a jogar um contra o outro. — Em criança, sempre achei que ia odiar-te.

Em jeito de resposta, o Marty afunda a bola verde no buraco. Dá-me uma breve e ligeira pancada no ombro e, de seguida, aparentemente imperturbável, fala-me de um aluno muito dotado. Consigo, no entanto, perceber algum constrangimento na sua expressão.

– Diz-me só... – interpelo-o. – Quando me puseram debaixo do chuveiro... Não me ouviste mesmo chamar-te?

– Quando é que foi isso?

– No internato. Gritei mesmo à porta do teu quarto. Afinal, ouviste-me ou não?

O Marty encolhe os ombros.

– Não me lembro.

Desato a rir.

– És um merdas. É claro que te lembras.

No rosto dele cintila por instantes um sorriso de culpa. A seguir, o Marty afunda mais uma bola com uma engenhosa pancada apoiada na tabela.

– Não te armes – digo-lhe.

Mais tarde, estamos na cozinha e o meu irmão, ocupado a preparar sanduíches de frango com salada e maionese, a sua especialidade. Estende o prato na minha direção, a seguir pousa um fervedor com leite sobre o fogão.

– Como é, vais-me fazer um leitinho com chocolate?

Ele limita-se a sorrir. Munidos dos nossos pratos, sentamo-nos diante do televisor.

– Tenho de admitir que a sanduíche está qualquer coisa de extraordinário.

Recosto-me confortavelmente e dou mais uma dentada, na televisão passa um filme a preto e branco, Charles Foster Kane a entrar na modorrenta redação do *New York Inquirer* e a virar tudo de pernas para o ar.

– Jules, lembras-te de estarmos os dois deitados no vosso quarto? Foi no dia em que recebeste a notícia de que a Alva não se ia safar. Quis dizer-te qualquer coisa que te consolasse, mas não me ocorreu nada.

Aceno com a cabeça, não me esqueci da situação.

– Na altura fiquei bastante aborrecido com isso – diz o Marty. – Sou o teu irmão mais velho, e embora na nossa idade isso já não seja tão relevante, ainda assim... Nas últimas semanas refleti bastante sobre o que poderia ter-te dito. Quando estávamos a visitar aquela exposição sobre navios, fez-se luz. Uma analogia, um pouco ridícula.

Dou um gole no cacau.

– Vá, desembucha.

– É como se... Desde que nascemos que estamos no *Titanic*. – O meu irmão abana a cabeça, sente-se pouco à vontade neste tipo de discurso. – O que quero dizer é que nos vamos afundar, não vamos sobreviver para sempre, isso já está decidido à partida. Nada pode alterá-lo. Podemos, no entanto, escolher andar por aí a correr, aos gritos e em pânico, ou fazer como os músicos que, com valentia e dignidade, continuaram a tocar, apesar de o navio se estar a afundar. Tal qual... – Baixa a cabeça. – Tal qual a Alva fez. – O meu irmão quer acrescentar mais qualquer coisa, mas depois volta a abanar a cabeça. – Lamento, não sirvo mesmo para estas coisas.

*

Só muito devagar me vou acostumando à morte da Alva. Entretanto, inscrevi-me na universidade e ando a frequentar aulas de Filosofia e Língua e Literatura Inglesas; dou muitos passeios durante a noite. A insónia é a minha nova companheira, por isso é frequente vagabundear pelas redondezas do quarteirão após a meia-noite. Os meus passeios terminam sempre da mesma maneira: regresso a um determinado café, um dos poucos ainda abertos àquela hora tardia. É um sítio com estilo e bom aspeto, onde há um senhor sentado ao piano a improvisar. «Ah, o entusiasta de Gershwin», declara ele ao ver-me, pois da última vez pedi-lhe que tocasse qualquer coisa de George Gershwin. Aceno com a cabeça, a seguir ponho-me novamente a observar os poucos clientes que, noite após noite, ali se reúnem e questiono-me por que razão estão ali no café e não em casa. Todos eles têm a sua história, os seus motivos, que gosto de tentar adivinhar em silêncio.

Entretanto, já não visito com tanta frequência o consultório da Elena; em vez disso damos uns passeios ocasionais pelo Jardim Inglês.

– Com que frequência é que pensas nela? – pergunta-me, num desses dias.

– Com bastante frequência – respondo de imediato. Ponho-me a pensar. – Mas não com tanta frequência como ainda há alguns meses. Há momentos em que é como se a tivesse esquecido, e depois sinto-me mal.

– Não tens de te sentir mal – diz ela. – É importante que comeces a olhar em frente, entretanto. O Vincent e a Luise vão precisar de ti nos próximos anos. Vão ter amigos, vão chegar à puberdade, apaixonar-se, vão sentir dificuldades e precisar de ajuda. Tudo isso te espera. E vais sair-te bem.

À medida que vai conversando comigo, tomo consciência de que, como tantas vezes acontece, a Elena tem razão. O passado desvanece-se a olhos vistos, mas o futuro ainda está longe. Só posso pensar no momento presente, nas crianças, nas preocupações relativas à escola delas, ou na tarefa que será educá-las a ambas. As necessidades delas avolumam-se de tal modo diante de mim, que mal consigo reconhecer o que está mais além, por exemplo o meu envelhecimento. O que, de certo modo, é tranquilizador.

Detenho-me e agarro na mão da Elena.

– Talvez nunca te tenha falado do contentamento que é ter-te connosco – declaro. – Gostava de saber como te agradecer, por tudo. Salvaste o meu irmão, e os meus filhos adoram-te.

Também a Elena se detém e afasta o cabelo escuro da testa.

– Quando soube que não podia ter filhos, foi como se qualquer coisa em mim se despedaçasse. É claro que acabei por aceitar, mas depois acreditei que me ia sempre faltar qualquer coisa. Uma eterna e muda sensação de pesar. Tu e os teus filhos fizeram essa sensação desaparecer, pouco a pouco.

Constato, divertido, que a conversa resulta num intercâmbio um pouco formal, como se cada um de nós tivesse acabado de entregar ao outro um qualquer diploma importante. Aceno uma vez mais com a cabeça, depois prosseguimos. Reparo que me sinto melhor.

Passamos o Natal em Munique e, para além da Liz e do Toni, junta-se-nos o pai da Alva. Quando vê os netos, fica bastante animado. Põe-se a decorar a árvore com eles e, bem-disposto, fala de uma espetacular expedição de alpinismo ao Monte Branco, mas pouco depois dou por ele sentado no sofá, absorto e remetido ao silêncio. No momento em que decido ir ter com ele, a Elena senta-se a seu lado e iniciam uma conversa.

Declaro com solenidade que vou cozinhar para todos, por isso passo o resto do dia na cozinha. Os meus filhos fazem-me companhia. O Vincent não tarda a sentir-se entediado e a fugir dali, mas Luise a põe-se a observar-me, interessada.

- Que estás a fazer?
- Vou rechear o peru. Isso aí vai ser o recheio.
- E que vais pôr lá dentro?
- Tâmaras, colorau, cebola, um bocadinho de salva e pimenta... Queres ajudar-me?

Ensino-lhe como se faz e, uma vez que aquilo parece agradar-lhe, mostro-lhe mais alguns truques. Passamos metade do dia na cozinha, ela ajuda-me a fazer o molho de ervas, as batatas gratinadas e mais tarde também o «Bolo Irresistível». Ponho-me a observá-la e fico todo sentimental, mas ela parece nem se aperceber, apressa-se até ao frigorífico, corre de volta para a bancada e, mantendo um olhar atento, deixa o chocolate a derreter num tacho. Recordo então como era quando, dantes, a minha mãe se punha a fazer este bolo, e volto a pensar: tudo se repete.

As imagens do passado já não me assaltam com tanta frequência, mas, quando isso acontece, surpreende-me sempre como a luz da memória consegue fazer com que certos momentos resplandeçam. Um vulgar serão no internato transforma-se, em retrospectiva, numa experiência maravilhosa. Vejo-me sentado junto ao lago com os meus colegas, estamos a beber qualquer coisa, gracejamos a respeito de um de nós, imaginamos como será o futuro. A minha memória aproxima-me dos outros mais do que essa proximidade efetivamente existiu, coloca-me afetuosamente no meio dos acontecimentos. De repente, desato a rir-me com os meus colegas, despreocupado, e no entanto sei bem que também houve outros momentos bem diferentes. Ainda assim, sou capaz de perceber que devo ter-me sentido satisfeito na altura. A memória é um jardineiro paciente. A pequena semente que plantei na cabeça, nessa noite passada no internato, foi crescendo ao longo dos anos e transformou-se numa magnífica recordação.

Antes da troca de presentes, cantamos: os adultos fazem-no entre olhares repletos de zombaria, as crianças com ar inocente e alegre. Depois da refeição, já confortavelmente sentados à mesa, de barriga cheia, o Toni apresenta alguns truques. Transforma cartas de jogar em notas, depois pega num dos garfos que estão em cima da mesa – o meu – e esfrega-o até conseguir dobrá-lo, como quem dá um nó numa corda. Ainda nós o fitamos, surpreendidos, e já o olhar do Toni se dirige para o seu sapato esquerdo, cujos atacadores se soltaram. Abana descontraidamente o pé e logo os

atacadores voltam a atar-se sozinhos, como que por magia, nada menos que um laço com duas voltas.

– Ah, grande maluco! – exclama Marty. – Conta já como fizeste isso.

Mais tarde, quando vamos deitar as crianças, também o pai da Alva se despede. Dá um abraço aos netos, breve mas afetuoso, e depois acompanho-o à porta.

– Obrigado pelo convite – diz ele, fazendo menção de se dirigir para o carro.

– Não tenho a certeza se saberá disso, mas, quando a Alva era criança, era consigo que ela mais gostava de patinar no gelo, no pequeno lago gelado.

Ele detém-se.

Constrangido, continuo a falar de cabeça baixa:

– Nos últimos anos, sempre que nos visitava, horas antes ela já andava de um lado para o outro, excitada e toda alegre. A Alva compreendia a sua dor e a razão por que aparecia tão raramente e porque, no final, já nem conseguia ir ao hospital. Ela sempre entendeu tudo isso. Amava-o, sei bem disso...

Sinto a mão do pai da Alva sobre o meu braço e levanto o olhar, perplexo. Pela primeira vez em toda a noite, olha-me diretamente. Os seus olhos são verdes, não tão claros quanto os da filha, mas bastante afáveis e melancólicos. Parece fazer tenção de dizer qualquer coisa, mas por fim limita-se a acenar com a cabeça.

Depois de ele se ir embora, o meu olhar repousa na cómoda italiana, no corredor, que veio do meu apartamento. A Alva tinha uma particular predileção por essa cómoda, sentando-se em cima dela como se fosse um animal estranho, recolhendo os pés debaixo das pernas cruzadas, perdendo-se em pensamentos enquanto lia, ouvindo música ou conversando comigo. E embora tivesse sido uma noite de Natal bastante bonita, de repente é como se tudo em mim se fosse abaixo, deixo de conseguir ver com nitidez. Mordo o lábio e não consigo deixar de pensar no quarto de hospital em que a Alva passou os seus últimos dias. Nesse momento, sinto *tanto* a falta dela, que, ao invés de voltar para junto dos outros, vou à varanda e me ponho a observar a noite. A geada cintilante nos ramos e galhos das árvores, o chão de pedra coberto com uma suave camada de cristal. Está frio, mas isso nem me incomoda.

Passados uns instantes, a Liz vai ter comigo lá fora. Coloca-me na mão um sobrescrito vermelho.

– O teu outro presente. Que te traga mais sorte a ti do que me trouxe a mim.

No interior do sobrescrito encontro uma pequena peça branca de madeira. Uma das pecinhas que se utilizam para jogar *Malefiz*. Comovido, ponho o braço em redor dos ombros da minha irmã.

– Não penses que és só tu que nos vês – diz a Liz, encostando-se a mim. – Também tu és visto. Penso com frequência no meu Jules, no que ele andarà a matutar e como será que as coisas lhe correm.

Ficamos a observar o céu estrelado. Essa visão proporciona-me uma sensação de profunda tranquilidade; pela primeira vez na vida, entendo a impassibilidade do Universo como algo consolador.

A Liz olha para mim de lado, os lábios franzidos, a esboçar um sorriso.

– Que se passa? – pergunto.

Não recebo resposta.

– Vá, diz lá, que se passa?

No entanto, ela volta simplesmente a entrar.

Mais tarde, quando os outros já dormem e pretendo iniciar o meu passeio noturno, a caminho do café, vejo a Liz de pijama, sentada no sofá da sala, com a guitarra no colo. Não se dá conta da minha presença e põe-se a tocar uma coisa qualquer, até por fim começar a entoar uma canção que me é familiar desde a minha mais tenra infância. Não reconheço logo a música, mas quando começo a ouvi-la cantar sei do que se trata.

*

Vindo da Liz, não é de estranhar que tenha mantido a gravidez em segredo durante várias semanas. O Marty e eu troçamos dela, dizendo que será a mãe mais velha do mundo, mas ela responde que é mesmo assim, que efetivamente precisou de todo esse tempo.

É claro que o Toni está encantado. Só o incomoda ele e a Liz já não andarem a dormir juntos.

– *Mission accomplished* – diz ele, na sua pronúncia vienense. – Isto connosco já deve ter dado o que tinha a dar. No entanto, nunca pensei que me abalasse assim.

– Sim, é mesmo surpreendente.

– Pois, diz o que quiseres – argumenta o Toni. – Ainda assim, estou convencido que ela volta para mim quando a criança chegar. Talvez depois ainda queira mais outra. E claro que trataremos de a mandar vir.

– Nessa altura ela terá quarenta e seis anos.

– Isso não interessa. Os pêndulos dos relógios andam ora para um lado, ora para o outro.

A amniocentese revela que está tudo em ordem. É menina. A Luise é quem mais se alegra com esse facto, fazendo planos de vir a «ensinar» à prima uma coisa qualquer, não querendo revelar ainda o quê ao certo. Entretanto, parece ter superado um pouco mais a morte da mãe. Vai todas as semanas à aula de acrobacias (e, por simples exibicionismo, põe-se a fazer rodas mesmo em casa), costuma trazer amigas para almoçar e a professora assegura-me que é uma criança alegre e estimada pelas outras.

O Vincent, por seu turno, tem mais dificuldades em lidar com a situação. As notas desceram a pique, já mal abre a boca para falar, as outras crianças começam a evitá-lo. Tem apenas dois amigos, igualmente reservados, que visita com frequência da parte da tarde, para jogarem videojogos. Sei que terei de fazer qualquer coisa para que ele não se torne tão taciturno e receoso quanto o pai era.

Não obstante, o rapaz demonstra tenacidade. Vou assistir a todos os seus jogos de futebol. A maioria das vezes fica sentado no banco e entra pouco tempo antes de o jogo acabar. Os outros miúdos parecem todos maiores, mais robustos, mais ambiciosos; ele deixa-se frequentemente ali ficar, com ar sonhador, no campo, o que deixa o treinador furioso. Põe sempre o Vincent a jogar à defesa, que definitivamente não é a posição que lhe assenta, pois ele é demasiado magro e leve, sendo facilmente afastado com um encontrão pelos atacantes da equipa contrária.

Uma vez, porém, num dia feio e chuvoso de finais de março, lá volta ele a entrar em campo perto do final do jogo. Ao invés de se deixar ficar atrás, o Vincent costuma avançar até à frente do campo. Do lado de fora, o treinador grita-lhe que deve recuar, mas o meu filho deixa-se simplesmente ficar mais à frente. Pouco antes de soar o apito, alguém da sua equipa chuta uma bola alta e comprida. Todos os quatro defesas da equipa adversária saltam para tentar interceptá-la, parece um número de *slapstick comedy*, e eis que de repente o Vincent se encontra sozinho diante da baliza. Dá um pontapé algo

precipitado, a bola acerta no guarda-redes, regressa para junto dele, ele volta a pontapeá-la, mas desta vez a bola entra na baliza e acerta na rede. O seu primeiro golo de sempre. O Vincent vira-se de olhos esbugalhados; mais do que qualquer outra pessoa, é incapaz de entender o que se passou. Os outros miúdos correm para ele e abraçam-no, o treinador felicita-o, depois de alguma hesitação, e ele continua parado, olhando em redor, sem acreditar no que aconteceu. Então, olha para mim e, de repente, sorri. É o seu sorriso bonito e raro, enigmático e, de certo modo, quase sábio.

Um sorriso com que consegue salvar tudo.

Aceno-lhe de volta, o que parece ser penoso para ele, pois desata de imediato a correr e limpa o nariz às mangas da camisola.

Nas férias da Páscoa, a Liz e o Toni vêm de visita e, seguindo uma velha tradição, pretendemos viajar até França. Estamos já sentados no carro, a bagagem toda arrumada. Só o meu irmão se demora ainda; como sempre é o último. Ocorre-me então que me esqueci da bola de futebol dos miúdos. Corro para a casa e, mesmo logo do alpendre, oiço um ruído que me é familiar.

Dou com o Marty na entrada, concentrado, a pressionar o manípulo da porta, uma e outra vez, seguindo sempre o mesmo padrão. Oito vezes depressa, oito vezes devagar, oito vezes depressa. Está tão imerso naquilo, que só dali a instantes se dá conta da minha presença. De início sente-se como que apanhado em flagrante. Depois, encolhe os ombros, envergonhado.

– Enfim, todos nós temos os nossos pequenos e obscuros segredos.

Olhamos um para o outro, sem dizer nada.

– Por favor não digas à Elena – diz ele, por fim.

– Quantas vezes fazes isso afinal?

– Ao todo, sessenta e quatro vezes. Oito é o meu número da sorte, por isso oito vezes oito trará o dobro da sorte. Dantes, fazia-o vinte e três vezes, mas não funcionava, em relação à sorte. Daí o oito multiplicado por si mesmo que uso agora. Primeiro pressiono depressa, para a rapidez na obtenção da felicidade, e depois outra vez devagar, para um contentamento permanente.

Mantenho-me em silêncio, a seguir entro em casa e vou buscar a bola.

– Sabes que terei de voltar a fazer tudo do início... – diz o meu irmão, junto à porta. – Lamento.

– Que queres que diga aos outros, se perguntarem onde estás?

– Inventa qualquer coisa.

– Sabes que podes sempre falar com a Elena a esse respeito, não?

O Marty limita-se a abanar a cabeça e dirige-me um sorriso impotente. Uma pequena centelha de loucura, o preço da normalidade. Sigo sozinho para o carro e vou batendo a bola no passeio. Entretanto, oiço o meu irmão pressionar novamente o manípulo da porta.

*

O sol primaveril incide nas árvores com uma força cintilante. Atraído pela natureza em flor do Languedoc, decido levar o Vincent e a Luise a passear. Enquanto caminhamos, eles querem saber a quem pertenceu a casa de Berdillac, por que razão quase nunca falo francês, quem é o melhor futebolista do mundo, se o tio Toni possui realmente poderes mágicos e se, tal como ele diz, estudou em Hogwarts. Respondo pacientemente às suas perguntas, gozando a satisfação de os ter a ambos comigo.

Chegamos a uma colina.

– O primeiro a chegar lá acima... – anuncia a Luise e desata a correr.

O Vincent dispara logo atrás dela, eu sigo-os a alguma distância. Por breves instantes parece que, depois de um longo esforço de recuperação, conseguirei ganhar; ambos desatam a guinchar quando vou para ultrapassá-los, até que, pouco antes da meta, os deixo passar à frente.

Paramos no topo da colina, ofegantes e a rir às gargalhadas. Abaixo de nós, o vale. Quando chegamos junto do carvalho ao pé do qual há um pequeno banco, os meus filhos reagem de modo semelhante ao que os meus irmãos e eu reagimos, outrora.

– Houve alguém que cortou ali um ramo. – O Vincent percebeu para onde eu olhava e aponta para uma parte da árvore ainda escavada e protuberante.

– Eu sei – respondo. – Creio que terá sido o teu avô a cortá-lo com as próprias mãos.

Não quero contar aos meus filhos a história que ouvi do meu pai.

– O teu papá cortou-o? – pergunta-me a Luise. – Mas porquê?

Encolho os ombros, mas sou percorrido por um ligeiro arrepio.

A Luise desenha com a mão, uma e outra vez, as letras gravadas na árvore. *L'arbre d'Eric*. Esculpidas na casca da árvore com um canivete, pelo meu pai, há mais de cinquenta anos.

As duas semanas em Berdillac passam num instante. Penso com frequência como os meus irmãos e eu nos afastámos e perdemos de vista, após a infância. Como desde cedo nos vimos obrigados a lidar com a finitude da vida, reagindo de modos bem diferentes a essa circunstância. A minha irmã, que saboreou a vida com avidez, o meu irmão, que vigiava a sua com receio. Contudo, após todos os anos em que cada um seguiu o seu caminho, estamos efetivamente de novo aqui sentados à mesa do pequeno-almoço. Quase não há lugares livres à mesa, os meus filhos implicam um com o outro, a Elena fala com eles no seu tom tranquilizador, a voz do Toni ressoa alegremente pela sala, o Marty lê o jornal e vai falando sobre um artigo, a Liz contradi-lo, cai uma cadeira, gera-se uma gritaria, uma confusão de vozes. Sou o único à mesa que permanece em silêncio, que tão-só fecha os olhos e se põe à escuta: adoro todo este ruído. Só juntos conseguimos superar a solidão que encerramos em nós mesmos.

No último dia, fazemos um piquenique no campo. O Sol brilha num céu desprovido de nuvens e parece queimar a erva do prado. Os meus irmãos estendem uma manta, o *husky*, agitado, fareja as sanduíches de presunto que a Elena preparou. Enquanto isso, os miúdos fogem do Toni, que os persegue no meio de forte gritaria, fazendo-os crer que é um monstro da floresta, que os vai capturar e devorar.

A Liz, entretanto já a rebentar de grávida, suspira.

– Ele é uma autêntica criança.

No entanto, ao dizê-lo, o seu rosto deixa transparecer um ligeiro sorriso.

Observo o meu filho, que foge do Toni com uma expressão séria e que, como sempre, sabe esconder o prazer que sente enquanto se diverte. E a minha filha, que vai dando guinchinhos. De manhã, tivemos uma discussão, porque a seguir às férias, para seu grande desagrado, vai ter de usar um aparelho nos dentes. Correu para o quarto, a chorar. Foi um daqueles momentos em que senti a falta da Alva e me questioneei sobre o modo como ela teria lidado com a situação. Continuei a refletir e perguntei-me se realmente sou assim tão diferente do meu pai.

A Luise, contudo, há muito que esqueceu a discussão dessa manhã, esconde-se atrás das minhas costas e grita para que a proteja do monstro da floresta.

O Toni aproxima-se de nós e aponta para mim.

– Sai da frente – ordena, de voz disfarçada, bastante grave.

– Pira-te daqui, malandro – digo.

Atrás de mim, oiço a minha filha a rir-se.

O Toni aproxima-se, ameaçador.

– Mais uma dessas e terás uma morte agonizante.

Faço tenção de lhe responder, mas eis que vejo o Vincent sozinho, avançando de mansinho pela orla do bosque. Murmuro que volto já e dirijo-me até ele.

– Mas não se demorem – diz o Toni. – Queremos ir jogar futebol.

Corro para o interior do bosque, onde o meu filho, indeciso, parte um ramo e o atira para longe. Pouso a mão sobre o seu ombro e avançamos os dois mais um pouco pelo bosque. Chegamos por fim ao rio pedregoso, sobre o qual se estende o tronco; de imediato, ressoam-me na cabeça as advertências do meu pai, que me diz que é demasiado perigoso.

O meu filho observa o tronco com curiosidade.

– Repara na altura a que está – diz ele.

– Mais de dois metros.

– Achas que já alguém o atravessou até ao lado de lá?

– De certeza que sim – respondo.

– Não acredito.

– Pois bem, meu caro, quando tinha a tua idade, costumava atravessá-lo.

Ponho-me a fazer contas de cabeça e não consigo evitar uma gargalhada.

– Foi há trinta e quatro anos.

O Vincent observa-me com uma expressão surpreendida.

– Não acredito – diz, de novo. – Podias cair e aleijar-te a valer.

Penso numa frase de Wordsworth: «O menino é pai do homem.» Olho para o Vincent, vejo o seu olhar receoso e eis que a decisão está tomada. Ainda ele pretende demover-me e já estou a subir para o tronco da árvore. O Vincent adverte-me, diz para deixar estar, mas continuo a avançar, um pé diante do outro. O tronco oscila, sinto uma vertigem e apercebo-me de que o medo se aglomera e concentra no meu peito. Recordo-me do modo como, vários anos antes, aquando da sua primeira visita a Berdillac, a Alva

avançou pelo tronco com os braços estendidos. Também por ela, tenho agora de o atravessar.

Mais ou menos a partir de metade do percurso, o Vincent percebe que não faz sentido tentar demover-me e começa a incitar-me. Olho para baixo, para os pedregulhos arredondados pela água que corre constantemente, que se erguem acima da superfície, e imagino-me de novo a passar uma temporada no hospital.

Só que tudo corre bem. Depois de atravessar, já do outro lado, olho para o meu filho. Vejo a expressão do Vincent, de novo aqueles olhos muito abertos, incrédulos; por momentos, fica sem palavras. O caminho de volta revela-se mais difícil, volto a atravessar o tronco escorregadio muito devagar e, às tantas, quase escorrego e caio. Sei, no entanto, que não há volta a dar, pois este momento é uma semente. Vou plantar esta cena na memória do meu filho e daqui a alguns anos ela irá, oxalá, dar frutos, permitindo que ele perca para sempre alguns receios.

Mesmo antes de chegar ao sítio de onde parti, volto a escorregar e acabo por cair no chão e até sujo a camisa. O Vincent olha para mim, assustado, mas levanto-me com um sorriso na cara.

– Não se passou nada. – Aponto para o tronco de árvore. – Estás a ver? Foi bem simples...

Na verdade, porém, o meu coração palpita a mil à hora. Tenho de tomar alento e recuperar desta ação ousada.

Entretanto, o Vincent desata a correr, para junto dos outros, que nos chamam do meio do prado, porque querem finalmente começar a jogar futebol.

– Também jogas? – pergunta ele ainda.

– Já vou.

Fico de pé, à sombra de umas quantas árvores na orla do bosque, a observá-los durante momentos. O Toni está à baliza, marcada por dois pulôveres. A minha filha dá um pontapé na direção dele, a seguir é o meu filho que assume a posse da bola. Com grande perícia técnica, ensaia um passe para o Marty, a seguir finta a Elena e chuta a bola, que embate na canela do Toni. A Liz está a afinar a guitarra, limita-se a observar toda a cena, e também o cão do meu irmão ali está sentado, um pouco mais

afastado. De vez em quando dá sinal de si, com um latido, mas nem sequer se levanta. Noutros tempos, ter-se-ia decerto posto a correr atrás da bola, só que entretanto envelheceu e tornou-se mais calmo. Se tiver sorte, viverá mais um ou dois verões. No final, terá tido uma vida preenchida; outro cão, há muitos anos, morreu afogado no rio, não muito longe dali. As coisas vão e vêm. Durante muito tempo, não consegui aceitá-lo; agora, porém, de repente, aceito-o com facilidade.

Quando por fim as crianças me veem, chamam-me e perguntam se estou finalmente pronto e se sempre vou jogar.

Saio do interior do bosque.

– Sim – respondo, enquanto limpo a camisa. – Estou pronto.

[8](#) Bairro de Berlim. (*N. do T.*)

AGRADECIMENTOS

Com este livro, quero antes de mais agradecer aos meus pais. Ao meu pai, pelo seu humor e todas as afetuosas e inspiradoras conversas. À minha mãe, pela sua tenacidade durante as fases difíceis e pela fé que deposita em mim.

Ursula Baumhauer apoiou-me imenso. Que sorte a minha, tê-la como editora. Quero também agradecer a Thomas Hölzl, Anna Galizia e Georg Grimm, bem como a Roger Eberhard, Tanja Graf, Clara Jung, Daniel Kampa, Ronald Reng, Muriel Siegwart, Veronika Vilgis, Daniel Wichmann, Anne Wiebung, Frieder Wittich e Klaus Cäsar Zehrer.

Philipp Keel deu-me tanto tempo quanto eu quisesse para este livro. A sua confiança e o seu empenho incansável são inestimáveis para mim. Um sonoro «*¡Muchas gracias!*» a todos os demais na editora Diogenes, em especial a Mario Schmuki e a Ruth Geiger, que esteve sempre disponível para mim.

Em memória de Daniel Keel, que em tempos me trouxe para a sua editora e, desse modo, se tornou um importante guarda-agulhas na minha vida. Tanta coisa bonita que desde então me foi dada viver. Por tudo isso, não poderia e nunca irei esquecê-lo.